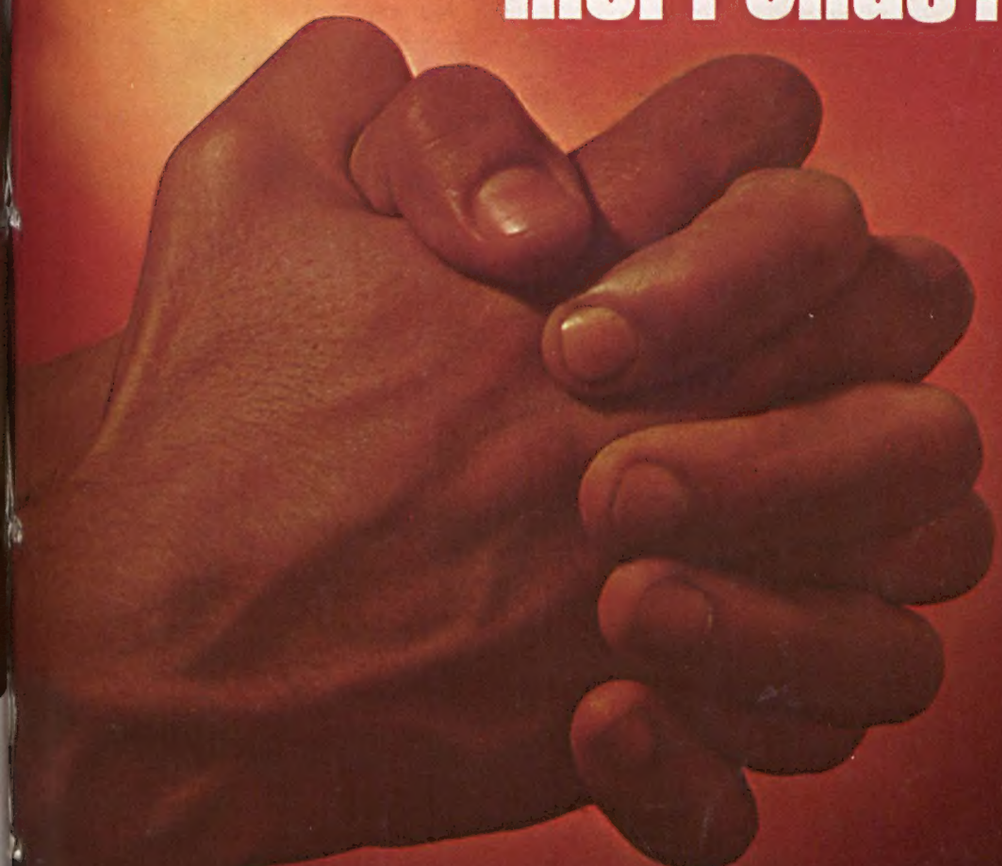
REALIDADE

DEZEMBRO 1966 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL CR$ 800

Deus está morrendo?



O INCRÍVEL TRANSPLANTE DE UM RIM

AMAZÔNIA: UM POVO ESTÁ SALVO

EDUCAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA

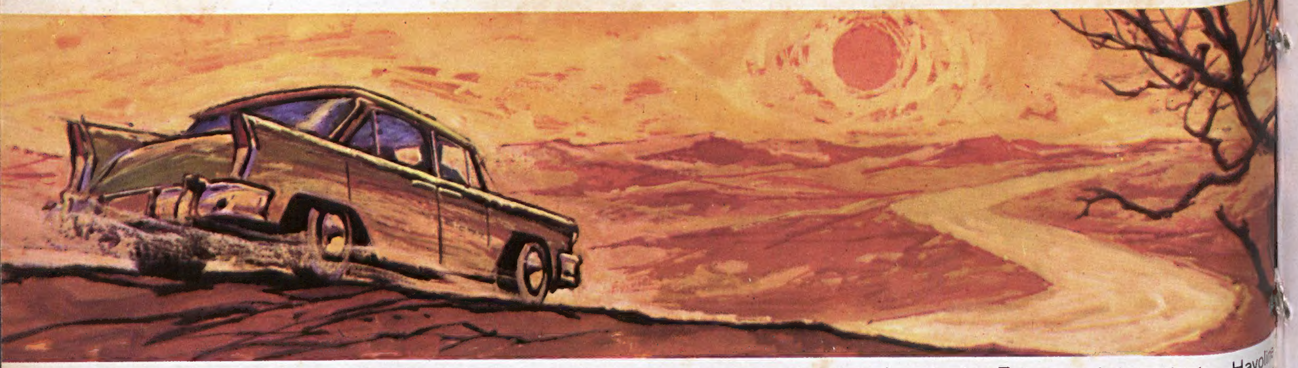
CHICO BUARQUE: O GÊNIO BRINCALHÃO

AVENTURAS E SEGREDOS DO TURFE

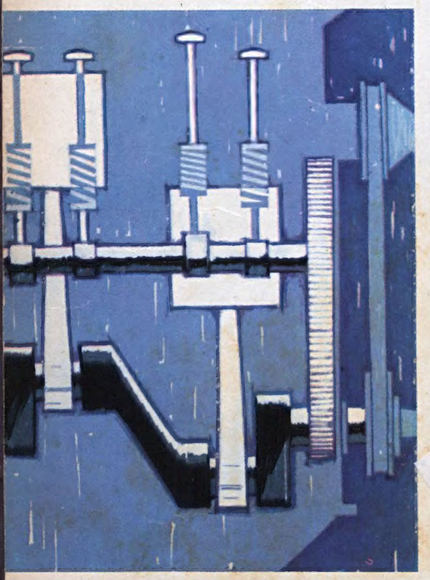
POR QUE RIO E SÃO PAULO SE DETESTAM

Quanto tempo sem ir à oficina?

É mesmo. Depois que o meu mecânico me aconselhou a usar sómente HAVOLINE
HAVOLINE ALL TEMP, acabou-se aquela história de passar fim de semana na oficina



Havoline não perde suas propriedades lubrificantes com o calor e os regimes elevados de rotação. E o que é importante - Havoline Motor Oil limpa enquanto lubrifica, mantendo desobstruida a passagem de óleo pelos condutos internos de lubrificação do motor



Formando uma película protetora nas partes internas, Havoline protege contra os depósitos e impurezas que podem danificar os mancais do motor. Lubrificação perfeita.

Seu carro merece o melhor:
Havoline e Havoline All Temp para motores a gasolina e Diesel satisfazem as especificações API: ML, MM, MS, DG e DM. Para sua comodidade, Havoline All Temperature Motor Oil 20W-40 atende simultâneamente SAE 20W, 30 e 40.

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco

TEXACO BRASIL S. A.

TEXACO

o melhor amig
do seu carro

IA - 24.139

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Roberto Freire Narciso Kalili, José Carlos Marão Luiz Fernando Mercadante José Hamilton Ribeiro, Mylton Severiano da Silva
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuem, Luigi Mamprin, Geraldo Mori Lew Parrella (chefe)
Sucursal, Rio: Paulo Henrique, Nélson Di Rago, Milton Coelho, Alessandro Porro (diretor)
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Silvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci
Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

*

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111. Administração: Rua Alvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo. Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913. Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778. Sucursal, Belo Horizonte: Av. Amazonas, 718, sala 503, fone: 2-3326. Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes, 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 800. Assinatura semestral Cr$ 4.800. Assinatura anual Cr$ 9.600. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. Todos os direitos reservados. Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo ate ser contrárias a êste.

REALIDADE

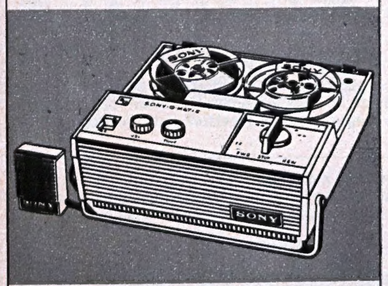
UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 9 — DEZEMBRO 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I00000 2228 4DL
2,058,01,03 DL
et. 87 8923 B. 213659

Capa		Mãos que se apertam retratam a ansiedade de milhões de homens em busca da fé. Milhões de homens que perguntam: Deus existe? Foto de Roger Bester.
Religião	26	**Deus está morrendo?** — Teólogos do mundo inteiro estão debatendo uma questão fundamental para todos nós: o mundo moderno não precisa mais de Deus?
Aventura	37	**Resgate de uma tribo** — Durante semanas, homens brancos enfrentaram a selva amazônica para salvar uns poucos índios. Com êles estavam dois repórteres.
Gente	68	**Chico dá samba** — Em seu mundo só cabe quem sabe brincar. E o seu maior sonho é um sanduíche chamado Holanda. Seu nome, Chico Buarque de Holanda.
Internacional	78	**Um país à espera do golpe?** — O Uruguai, até há pouco, era a "Suíça da América do Sul". Hoje, seus próprios governantes anunciam um golpe de estado.
Educação	92	**Êles devem saber a verdade** — "Papai, de onde vêm os bebês?" Para os modernos psicólogos e educadores, cegonha não pode nunca entrar na resposta.
Política	102	**O advogado da liberdade** — A vida do homem que já defendeu Arrais, Lacerda, Prestes, Julião, Juscelino e muitos outros. Tudo em nome da liberdade.
Mulher	124	**Poesia é mulher** — A beleza feminina existiria mesmo sem poetas. Mas o que seria dos poetas se não existissem mulheres? Ensaio fotográfico, a côres.
Turfe	136	**Foi dada a partida** — Tudo sôbre o turfe. A aventura e os segredos do esporte brasileiro que só perde para o futebol e movimenta bilhões de cruzeiros.
Medicina	148	**Uma vida por um rim** — Homens condenados à morte estão sendo salvos em São Paulo. Mas só escapam os que conseguem o grande presente: ganhar um rim.
Polícia	156	**Plantão policial** — Numa sala escura de um prédio antigo há um desfile de gente que não pára nunca. Por ela passam miséria, vício, violência e amor.
Economia	172	**O homem sério que empresta dinheiro** — Êle é presidente de um banco diferente, que não aceita depósitos e cujo lucro é o progresso de todo um país.
Humor	182	**Por que "brigam" paulistas e cariocas** — Dois jornalistas, um de São Paulo, outro do Rio, contam em tom de piada por que detestam a cidade alheia.

Tiragem desta edição: 485.700 exemplares

basta comparar
o gravador
SONY® TC-900
com seus similares
para compreender
porque êle custa
um pouco mais!!!



...a diferença de som
e sua versatilidade
é impressionante!

Conheça também o
TC-123
-um modêlo econômico
com a qualidade SONY

Solicite uma demonstração!

PORTAS
para
BOX
AMERICANBOX

Máxima perfeição em
BOX e PORTAS para
BANHEIROS
MODERNO-PRÁTICO
DECORATIVO
Exposição e Vendas

RUA BASILIO DA CUNHA, 1097 - 1101
"AMERICANBOX" - TEL. 63-3368 - SP
DISTRIBUIDOR EM BELO HORIZONTE:
"CASA DAS LOUÇAS E FERRAGENS"
PARAÍSO: AV. PARANÁ, 187
(DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL)

cartas

Atenção: está nascendo um líder

Sr. Diretor: O escopo da presente é externar a v.s., responsável pelos destinos dessa revista que já conquistou o nosso grande público leitor, os mais sinceros e calorosos agradecimentos pela distinção e honra que nos conferiu. A reportagem publicada na sua edição número 7, que representa madura técnica jornalística, prenhe de sinceridade e franqueza, representa a promoção máxima que puderam nossa pessoa e nosso govêrno merecer da imprensa brasileira, seja pelo conteúdo honesto do relato, seja pelo valor indubitável de uma revista que à simples citação já é simpática e benfazeja. Os nossos reconhecimentos são, ainda, extensivos a essa formidável equipe de imprensa que coleta, que redige, que compõe, que imprime e que distribui para todo o Brasil as páginas que levarão a quase meio milhão de lares a mensagem do mundo traduzida nas artes e nas ciências, no comércio e na indústria, nas cidades e nos campos. À oportunidade que se nos apresenta, ressaltamos a v.s. e a essa plêiade que compõe a REALIDADE os nossos protestos de alta estima e consideração.

ÍRIS REZENDE MACHADO
PREFEITO DE GOIÂNIA
Goiânia — GO

Sr. Diretor: A nossa administração municipal tem se mostrado tão eficiente que o povo, de hábito indiferente com as coisas públicas, colabora espontâneamente com o prefeito. Divulgando o trabalho do prefeito de Goiânia, REALIDADE passou a ter um lugar em nosso coração. E nós, do Clube dos Trinta, concedemos a ela, oficiosamente, o título de "Cidadã Goianiense".

ANTÔNIO EUSTÁQUI MACHADO DE AGUIAR
PRESIDENTE DO CLUBE DOS TRINTA
Goiânia — GO

Sr. Diretor: "Atenção: está nascendo um líder" se constitui numa extraordinária promoção para a nossa capital.

DR. LUÍS AUGUSTO SAMPAIO
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE GOÂNIA
Goiânia — GO

Sr. Diretor: Não posso deixar de protestar contra a reportagem feita com o prefeito de Goiânia, por sua tão comentada e elogiada REALIDADE. Afinal, qual foi o objetivo da entrevista com o prefeito? Enaltecê-lo ou rebaixá-lo.

MARIA TERESA DE MOURA E SILVA
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Li a respeito da reportagem "Atenção: está nascendo um líder". Achei-o terrìvelmente falso, desprovido de princípios. Aproveita da inocência do povo.

M. J. DOPP
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Não compreendi a razão por que êsse periódico publicasse a reportagem "Atenção: está nascendo um líder". Qual a causa de dar tanto destaque ao "Sr. Íris"? Pela reportagem, o leitor fàcilmente deduz que êle é um homem como inúmeros outros que existem espalhados por êsse Brasil afora: inteligente, esperto, capaz de fazer qualquer coisa para se destacar dos demais e ganhar nome. (Até pagar uma grande reportagem, na revista de maior evidência no Brasil, atualmente).

ANTÔNIO JOSÉ NUNES DA SILVA

REALIDADE não vende reportagens. Nem para o prefeito de Goiânia, nem para ninguém.

Revolução na Igreja:

Sr. Diretor: Êsses dominicanos não passam de uns falsos padres que pregam a revolta social.

MARIA ANUNCIADORA RIBEIRO
Uberaba — MG

Sr. Diretor: Parabéns pela reportagem "Revolução na Igreja". Muita gente precisava saber que os Dominicanos são os "cobrões" da nossa Igreja.

CLARICE SALOMÃO
Belo Horizonte — MG

Sr. Diretor: O senhor não imagina a repercussão que tiveram os artigos "Sou padre e quero casar" e "Revolução na Igreja", sobretudo entre o clero gaúcho. REALIDADE é uma revista aberta que não se inclina nem tanto à terra nem tanto ao mar.

IRMÃO FÁBIO LOURENÇO DE JESUS
DA CONGREGAÇÃO DOS IRMÃOS
DAS ESCOLAS CRISTÃS
Pôrto Alegre — RS

Vale a pena ser brasileiro?

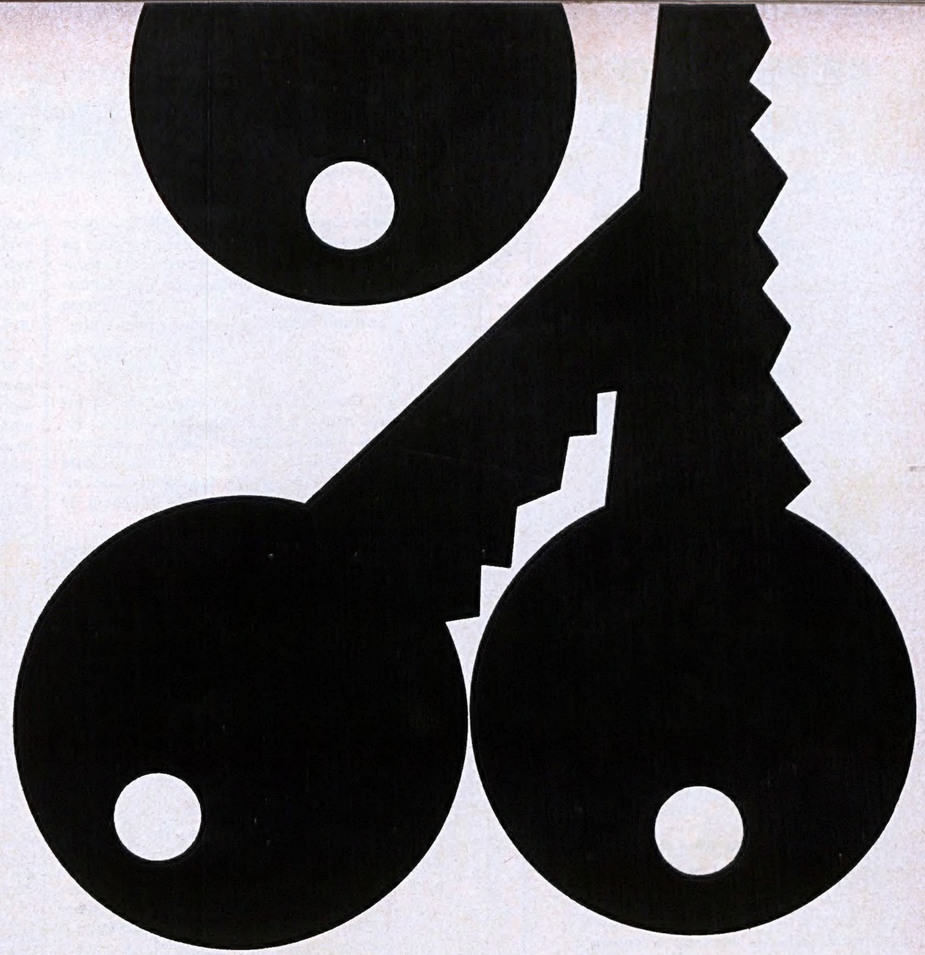
Sr. Diretor: Em nome da Liga Pró-Direitos dos Brasileiros Naturalizados quero congratular-me com a sua revista pela interessantíssima reportagem sôbre os problemas dos naturalizados no Brasil. Com referência aos "46 impedimentos" mencionados por REALIDADE, tomo a liberdade de chamar a sua atenção para um lapso que ocorreu com referência à atuação dos brasileiros naturalizados em emprêsas jornalísticas: a Constituição deixa bem claro que podem ser proprietários das mesmas.

ARNOLDO FELMANAS
São Paulo — SP

Indinho brinca de índio

Sr. Diretor: Para desilusão e revolta minha, vejo a minha revista eleita, na sua quinta edição, pegar o filho do todo-poderoso cacique e a família do abastado pajé para fazer uma reportagem sôbre os índios do Xingu. Eu sei, e o senhor também deve saber, da miséria e penúria em que vivem os índios. Basta citar que, quando o vírus do sarampo

SEGUE



só falta dar
uma chave aos nossos
clientes para que êles se sintam donos
do Banco Nacional da Lavoura
e Comércio S.A.

(êles sabem que "nossobanco" é muito mais
que um simples "slogan")

O tratamento que dispensamos aos nossos clientes faz com
que êles se sintam donos do Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A.
Sempre temos um tempinho para atender a todos.
E ficamos satisfeitos quando podemos ser úteis.
Afinal de contas, a prosperidade de nossos
clientes está intimamente ligada ao nosso progresso!

BANCO NACIONAL DA LAVOURA E COMÉRCIO S.A.
"NOSSOBANCO"
MATRIZ: RUA DA QUITANDA, 85/93 - SÃO PAULO

W/Publicidade

EXPLOSIVO
EXCLUSIVO
sexy

"Play-Dress" Mod. Pat.

QUEM VIU, SE ENAMOROU,
QUEM VESTIU "ABAFOU"

Isto é PLAY DRESS, um ESTOURO!
Criação exclusiva da EXPECIAL, em renda preta de Helanca extensível, modela deliciosamente, é leve e agasalha com a suavidade de uma pluma.

Sexy, diferente, sedutor e elegante, PLAY DRESS, como uma segunda pele, cobre numa só peça o corpo inteiro.

Em casa, nas tardes de praia ou em reuniões íntimas, com PLAY DRESS você conquista num instante as atenções e a admiração masculina.

Compre pelo
Reembolso Postal

29.500

ACOMPANHA CATÁLOGO
DOS DEMAIS PRODUTOS

Preencha o cupom abaixo
e envie-o a

EXPECIAL
Cx. Postal 1933 - CURITIBA - Pr.

"Enviem urgente um Play Dress para:"
Nome: .....
Endereço: .....
Cidade: .....
Estado: ..... Manequim: ☐

cartas

ataca um membro da tribo (de qualquer tribo e em qualquer estado), a virose se prolifera dizimando centenas de guerreiros, mulheres e crianças, sem que nenhuma providência seja tomada, em tempo oportuno, pelas autoridades competentes.

JOÃO PINTO FERREIRA
Goiânia — GO

Sr. Diretor: A reportagem sôbre os índios não é a expressão da verdade. Somos, mato-grossense e goiano, testemunhas oculares do que verdadeiramente acontece com nossos índios: elevado índice de mortalidade, grande afluência de doenças e precária assistência.

ANTÔNIO JAJAH NOGUEIRA
E ANTÔNIO FLORYVALDO LIMA

Os índios brasileiros estão, realmente, sendo dizimados pelas doenças e pelo contato com o branco hostil. Exceto no Parque Nacional do Xingu, local da reportagem "Indinho brinca de índio". Ali, há 23 anos, os irmãos Vilas Boas defendem 14 tribos (cêrca de mil índios) da pressão da nossa civilização. Vejam outra reportagem sôbre o Xingu a partir da página 37 dêste número.

A Juventude Diante do Sexo

Sr. Diretor: Acuso o recebimento das fotocópias de cartas enviadas a REALIDADE contendo manifestações sôbre a decisão dêste Juizado relativamente à publicação da reportagem "A Juventude Diante do Sexo". Devo informar a V.S. que êste Juizado recebeu, por seu turno, grande quantidade de manifestações de apoio. Destaco as seguintes: Federação das Congregações Marianas do Rio de Janeiro, Campanha Nacional da Mulher Pela Democracia, Movimento de Arregimentação Feminina de São Paulo, Movimento Apostólico de Schonstatt, de Londrina, Damas de Caridade de Londrina (400 mães), Clube Amizade de Londrina, Prefeitura Municipal de Santo Anastácio (São Paulo), Mário Toldi, João Cruz, Laura Franco, Têmis Dores, Maria Lúcia Fernandes, Vera Cunha Pereira, Luísa Ribeiro Mesquita, Cecília Lima, Maria Lins Martins, Geny de Paula, Maria Andrade Lemos, Clara Correia, Marise de Faria, Francelina Castro, José Mazzucatto e outras manifestações que estão chegando a êste Juízo. Como a direção de REALIDADE vem tratando o assunto com seriedade — o que se reconheceu na decisão, condenando-se, apenas, a forma de veicular tais problemas em revistas de acesso a tôdas as idades — seria justo que se divulgasse, também, os pronunciamentos públicos favoráveis à decisão judicial.

Penso, ainda, que a divulgação da própria decisão seria de grande utilidade para que os leitores dessa conceituada revista se apercebessem de que o Juizado de Menores da Guanabara não prega puritanismo, nem idéias anacrônicas, apóia sua decisão nos melhores princípios pedagógicos, aceita educação sexual idônea e gradativa, segundo a capacidade de compreensão nos vários níveis de idade, e bate-se mesmo pela implantação dessa educação sexual.

Se atender, como creio que atenderá, à solicitação que ora faço, terá a sua prestigiosa e útil revista procedido com espírito de objetividade, como é de esperar de um moderno órgão de informação que se propõe a divulgar a realidade dos fatos sociais do nosso tempo e os esforços humanos para alcançar a verdade.

ALBERTO AUGUSTO CAVALCANTI DE GUSMÃO
JUIZ DE MENORES
Rio de Janeiro — GB

Foi a seguinte a decisão do Juizado da Guanabara, referente a proibição da segunda parte de "A Juventude Diante do Sexo":

"A Lei 2083 autorizando o Juiz de Menores a declarar o caráter obsceno de quaisquer publicações não fornece conceito de **obscenidade.** À falta de definição legal deve-se criar uma conceituação doutrinária, procurando atender aos fins sociais a que a lei se dirige e às exigências do bem comum.

Segundo os léxicos, **obsceno** é o que fere o pudor (Dic. Buarque de Holanda). "Diz-se **obsceno** o ato que atrita, abertamente, grosseiramente, com o sentimento médio de pudor ou os bons costumes" (Nélson Hungria — Com. ao Cod. Penal vol. VIII pág. 283 — 1.ª ed.).

Acrescenta Nélson Hungria que "não é indispensável que o ato represente uma expansão erótica ou vise à excitação da lascívia alheia" (ob. cit. loc. cit.). Realmente, a satisfação pública, sem qualquer resguardo, de determinadas necessidades orgânicas, constitui prática de ato obsceno. A condição indispensável para a configuração do ilícito está na **publicidade**, o que, verificado, dá lugar ao surgimento do ultraje público ao pudor (art. 233 do C. P.). O conceito do **obsceno**, portanto, quer na lei penal quer na lei de imprensa (art. 53) não pode deixar de ser o mesmo.

A sensibilidade humana é variável. Casos haverá em que se torna difícil afirmar que o sentimento médio de pudor foi atingido. É particularmente significativo que a lei tenha atribuido ao juiz de Menores, e não a outro magistrado, competência para declarar a obscenidade. Há neste fato, de maneira implícita mas inteiramente desvelada, uma recomendação especial, um intuito pedagógico. O pronunciamento judicial, em jurisdição tão especializada, há de atender ao espírito que norteou o Código de Menores. É totalmente indispensável que o juiz tenha presente, ao decidir, aquelas circunstâncias que "façam ter influência prejudicial sôbre o desenvolvimento moral, intelectual ou físico de menores e possam excitar-lhe perigosamente a fantasia, despertar instintos maus ou doentios, corromper pela fôrça de suas sugestões" (art. 128 § 4.º do Cod. Menores).

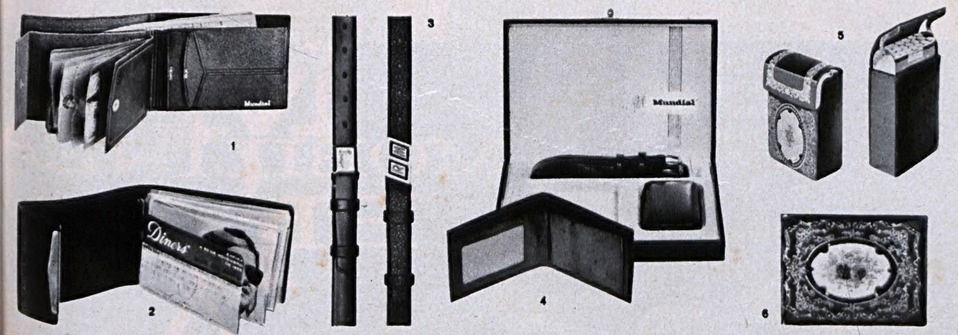
Parece evidente, em face dêsse raciocínio obrigatório, que a lei, ao induzir à conceituação do **obsceno**, foi mais severa e colocou o conceito ao nível da minoridade. Já não seria possível dizer, com Nélson Hungria, que "obsceno é o que atrita com o **sentimento médio** de pudor ou os bons costumes". Ao foi mais longe e colocou o julgador em guarda, também, contra o atentado pedagógico.

Ora, firmado êstes pressupostos, é evidente que a matéria publicada na revista REALIDADE de agôsto corrente, sob o título "A Juventude Diante do Sexo", é de natureza obscena.

Neste Natal e Ano Novo presenteie com os famosos produtos da linha Mundial. Você estará oferecendo o que existe de mais moderno. Presentes de classe. Artigos de qualidade inconfundível, confeccionados em couro finissimo... couro mesmo.

Presentes... sempre presentes!

Mundial
ARTEFATOS DE COURO S. A.
RIO: R. Leopoldina Rêgo, 647 - Tel.: 30-4211 e 30-6673
S. P.: R. Barão de Itapetininga, 255 gr/611 - Tel.: 36-4069



1 CARTEIRAS MODULUS "DUAS EM UMA". Finíssima em todos os sentidos. Uma parte é removível e... como cabem coisas!

2 COMPACTO PARA DOCUMENTOS MODULUS. Com apresentação instantânea de fotos, carteiras de identidade, credit-cards, etc.

3 CINTOS MUNDIAL. Esportes ou Sociais. Diversos modêlos, distintos, elegantíssimos, personalizados!

4 ESTOJOS DE ALTA CLASSE. Belíssimos conjuntos de cintos, carteiras, abotoaduras, chaveiros, cigarreiras. Várias combinações à sua escolha.

5 CIGARREIRAS MODULUS. Para êle e para ela. Patenteada, com dispositivo automático exclusivo.

6 CARTEIRAS "LINHA ITALIANA" Douradas, com delicados motivos florentinos.

bmd 20020

exclusiva

om a estante desmontável Mobilinea,
poderá guardar seus livros, discos,
rola, caixa acústica, bar, TV,
ém de um espaço para um escritório improvisado
nha outras idéias para aproveitá-la!).

perfeição

O tamanho? à sua escolha.
Tudo dando o aspecto decorativo
ideal para sua sala
(principalmente como divisão de ambientes)

mobilinea

Procure conhecer a estante desmontável
Mobilinea, terá uma surprêsa agradável
quando souber seu preço!

MOBILINEA S.A.
ão Paulo
. Augusta, 875
. São Luiz, 258 - Lojas 34 e 36
io
Montenegro, 74

Revendedores
Salvador
Moveis Ralf Ltda
v. 7 de Setembro, 249 - tel. 5-0205
Belo Horizonte
Morada Arq. Int. Ltda.
. Tamoios, 200 - 7. and. - tel. 4-7321
Goiania
Taba Moveis e Decor. Ltda
23, esq. r. 4

Nova loja Mobilinea
Shopping Center
em Sao Paulo
rua Iguatemi, 1191
Loja 56

MOBILINEA

LENTES DE CONTATO

•AGORA É A VEZ DELAS•

Nos Estados Unidos e na Europa todo mundo já usa. As elegantes chegam a ter diversos jogos, de côres diferentes, que é para combinar com os sapatos e ás luvas, ou com a côr das jóias (esmeraldas com olhos verdes devem ficar uma beleza!), vestidos do Cardin, carros de luxo etc. Bibi Ferreira inaugurou a moda de lentes coloridas no Brasil, usando umas azuis quando fêz "Alô, Dolly" - coisa que deu até notícia de primeira página.

Nos grandes centros, como no Rio e São Paulo, as lentes de contato foram entrando de mansinho e hoje começam a ser cada vez mais e mais procuradas. É verdade que muita gente tem receio, pensa que é incômodo, mas é uma reação comparável àqueles mêdos que a gente sentia quando era criança e que depois de encarados de frente se via que eram bobagens. E é só conversar com quem usa lentes de contato - primeiro tem que perguntar, porque notar ninguém nota - que a pessoa se encarrega do desmentido e parte para os elogios.

O pessoal que usa lentes de contato é unânime em afirmar que até se esquecem delas. Depois de um pequeno período de adaptação, as lentes começam a mostrar o que valem. Existem dois tipos de lentes de contato. As que se podem chamar de comuns, as "pupil lentes Sohnges", que é para pessoas que precisam apenas de determinado grau, seja para verem de perto ou de longe. E tem as multifocais, criadas pela maior autoridade mundial em lentes de contato - o alemão Sohnges, de Munique. Essas lentes multifocais, chamadas "pupil lentes multifocais Sohnges", são a última palavra na matéria e permitem visão continua e perfeita do mais próximo ao infinito, isto é, servem para "vista cansada". Ambos os tipos de lente são discretos, absolutamente invisíveis e evitam aquêle negócio de põe óculos, tira óculos.

Usa sim, senhor. E muitos têm 2 pares: um comum, outro para o sol. Afinal, essas coisas práticas, como as lentes de contato, não são previlégio do mundo feminino. Muito embora, diga-se de passagem, sejam "elas" as que inspiram e exigem a maioria dessas novidades. Que depois o homem, muito sàbiamente, aproveita para si.

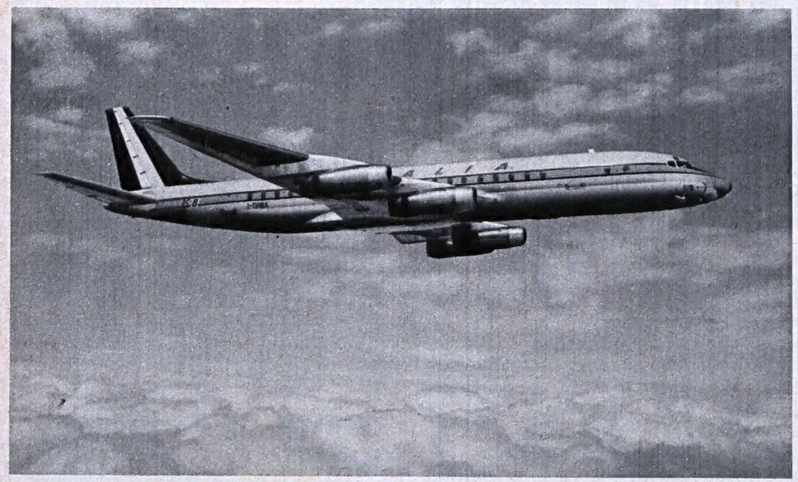
Mesmo as lentes tipos multifocais não apresentam maiores dificuldades para serem adquiridas. Uma organização do Rio com filiais em Munique, Nova York e São Paulo - as Óticas Fluminense - se encarregou de introduzir no Brasil as "pupil lentes multifocais Sohnges". Com a receita na mão, não tem problema. Em pouco mais de uma hora êles colocam as lentes e ainda ajudam você no curto período de adaptação.

Diga-se o que se disser, o certo é que a hora e a vez das lentes de contato já chegou. Aos poucos elas se impõem - por serem práticas e cômodas, protegerem perfeitamente os olhos, e até por questões estéticas. E se você quiser continuar atualizado, é bom providenciar logo as suas.

ÓTICAS FLUMINENSE

Rio: Av. Rio Branco, 156 Av. N. Sra. Copacabana, 1.058 São Paulo: Av. São Luiz, 162

o restaurante italiano mais alto do mundo



Eis um super DC-8 Jet
da Alitalia
num vôo intercontinental.
Sua "altitude média"
alcança 10.000 metros
(conhece outro restaurante
a essa altura?).
Em quanto voa aproximando-se
da velocidade do som,
aeromoças e stewards
da Alitalia oferecem aos 142
passageiros um típico e completo
almôco italiano, regado com
vinhos escolhidos. Atrás
deste almôço há o trabalho de
nada menos de 200 cozinheiros!
Talvez não seja o caso
de subir num DC-8 sòmente
para almoçar... mas
se já planejou uma viagem aérea,
eis a grande oportunidade!
Preferindo a Alitalia estará
utilizando os serviços
de uma das maiores e mais
apreciadas linhas aéreas do mundo.

ALITALIA

cartas

Note-se, desde logo, que a Editôra Abril, ao realizar a pesquisa cujos resultados foram publicados sob aquêle título, fê-lo escolhendo amostras de 1.000 jovens — môças e rapazes — do Rio e de São Paulo, cuja idade ficou compreendida **entre 18 e 21 anos.** Procedimento correto porque abaixo dêsse nível de idade, até por presunção legal, não seria de esperar a necessária **capacidade de compreensão** para o exame de problema dos mais delicados.

Aplicou, portanto, a Editôra Abril em sua pesquisa — que considero inteiramente válida — um dos princípios fundamentais ditados pela moderna pedagogia e já consagrado por êste Juízo ao aprovar as "Normas Para Classificação de Espetáculos Para Menores" (Portaria 509/63 de 12/7/63) qual seja: "Serão proíbidos para menores de, respectivamente, 18, 16, 14 e 10 anos, os espetáculos que, pelo assunto e pelo tratamento dado aos mesmos, ultrapassarem a **capacidade de compreensão** de cada um dêsses níveis de idade, permitindo interpretações errôneas e prejudiciais dos fatos apresentados e uma falsa concepção de valôres morais e sociais relativos a importantes aspectos da vida" ("Normas" — cap. V 5. 1 letra a).

Esta regra salutar, de nítido conteúdo pedagógico, foi lembrada pela Editôra Abril ao planejar a sua pesquisa. Entretanto, foi completamente esquecida quando se tratou de divulgar os resultados do estudo.

Colocada nas páginas da revista REALIDADE, de acesso fácil e indiscriminado a **tôdas as idades,** a matéria, evidentemente, tornou-se proibida. Se divulgada em livros técnicos, debatida em aulas, conferências ou reuniões de adultos, poderá ser útil.

Creio que, dentro desta concepção pedagógica, não há que falar em **moralismo** ou **puritanismo** quando se trata de apreciar a literatura, o teatro, o cinema e outras formas de arte relativamente à juventude e à infância. Analisa-se apenas o **fato moral** e procura-se fazer adequação do **conhecimento em si** à capacidade de assimilação, nas várias idades, sem desvios (interpretações) prejudiciais aos jovens ou à criança.

No caso vertente, o problema se torna mais simples porque não interfere qualquer elemento artístico no debate. Tem sido a arte a responsável por grandes confusões neste terreno, havendo quem afirme que onde há arte não há obscenidade. Emílio Zola afirmava que os livros obscenos eram, apenas, os mal escritos.

No caso, todavia, trata-se apenas de conhecimentos científicos. O trabalho da Editôra Abril é um estudo sério, tanto assim que êste Juízo não se julgou capacitado para mutilá-lo, suprimindo capítulos ou cortando perguntas e respostas. Sérios também são os estudos de medicina. Entretanto, jamais alguma pessoa sensata lembrou-se de entregar os textos realistas de medicina aos menores de 10 ou 12 anos. Por que isto? A sabedoria antiga, hoje rediviva, já consagra o princípio: **natura non facit saltus.**

A orientação do Juízo de Menores fica, portanto, a salvo de qualquer crítica que possa atribuir-lhe **moralismo** rebarbativo ou **puritanismo.** Se ao Juizado cabe a função eminentemente pedagógica, na pedagogia terá que procurar inspiração e conselho.

Atento ao exposto, declaro obscena a edição de REALIDADE do mês de agôsto (ano I n.º 5) tendo em vista a divulgação da reportagem "A Juventude Diante do Sexo". Na impossibilidade de efetuar a apreensão dos exemplares, a esta altura já distribuídos na Guanabara, determino a intimação do responsável por precatória, para que fique ciente da presente decisão e de que a continuidade da divulgação em causa (matéria de fls. 14 a 19) importará em transgressão da proibição e conseqüente aplicação, na Guanabara, das medidas previstas no art. 53 e seguintes da Lei de Imprensa (Lei 2083 de 12/11/1953).

Rio de Janeiro, 27 de agôsto de 1966"

Você já ouviu falar muito bem d'êle:

-eis o TeleKing

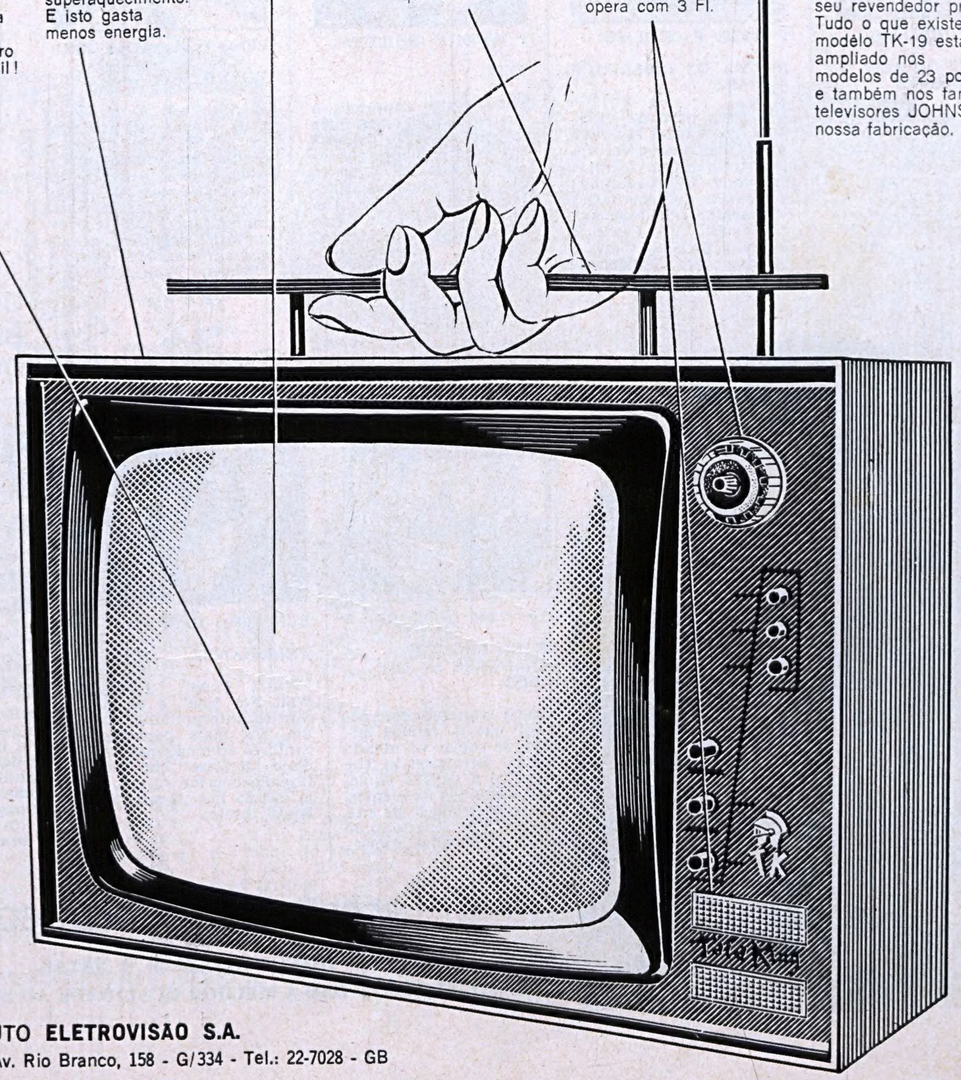
Há muito para se ver e conhecer num TeleKing. Olhando-o assim por fora, nem se imagina... Como tem inovações e aperfeiçoamentos técnicos... Também pudera: êle representa a maior experiência brasileira em televisores. É produzido pela Eletrovisão, que fabricou o primeiro televisor no Brasil!

Êste, por ex. é um modêlo TK-19 pole gadas, o primeiro semitransistorizado da América do Sul. Aqui faz tempo frio para as válvulas, porque foram introduzidos circuitos transistorizados nas áreas mais sujeitas ao superaquecimento. E isto gasta menos energia.

Não precisa de regulador de voltagem. A famosa e exclusiva unidade VDR comanda o circuito eletrônico, compensando as desagradáveis variações de voltagem, que deformam as imagens em outros televisores.

Você carrega a diversão por tôda a casa. É portátil mesmo! Pêso e tamanho bem menores. Foram eliminados volumosos componentes tradicionais. Isto faz TK o televisor mais econômico que existe!

Som frontal de alta fidelidade e sintonização instantânea em todos os canais. MemoMatic é a sua "memoria automática", que ajusta diretos: o som e a imagem. Extraordinária sensibilidade para os sinais fracos. É o único que opera com 3 Fl.



Procure o TeleKing em seu revendedor preferido. Tudo o que existe no modêlo TK-19 está ampliado nos modelos de 23 polegadas e também nos famosos televisores JOHNSON de nossa fabricação.

UM PRODUTO **ELETROVISÃO S.A.**
Esc. Central: Av. Rio Branco, 158 - G/334 - Tel.: 22-7028 - GB

VIVA O SOM!

Um elenco que reune os mais populares artistas nacionais e internacionais; o repertório mais atual, selecionadíssimo; equipamentos modernos que possibilitam a mais apurada qualidade técnica e uma tradição do melhor som em discos: eis porque nos orgulhamos de existir e porque "VIVA O SOM" é agora o nosso "slogan" O de você, também.

P 765.004 P (PHILIPS)

O SORRISO DO JAIR — JAIR RODRIGUES

O sorriso o talento do melhor cantor do ano. Jair Rodrigues, depois de "Tristeza" segue firme em sua carreira de sucessos. E o sucesso agora é "Disparada", consagração definitiva de um grande intérprete. Mas o disco é todo excelente!

P 765.003 P (PHILIPS)

MANHÃ DE LIBERDADE — NARA

Um disco nôvo de Nara: notícia que todos esperam. Aqui, Nara interpreta um repertório (como sempre) excelente. De "Ladainha" a "Manhã de Liberdade", de "Menina de Hiroshima" a "Favela", tudo é bom, é ótimo, é popular. Como a "Banda", que também está no LP.

P 765.001 P (PHILIPS)

ELIS

Elis Regina cantando o que há de melhor na mais recente produção de nossos melhores compositores: Edú Lôbo, Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Velloso e outros. Um disco que não pode faltar em qualquer discoteca. Ouçam...

LPNG 44.001 (POLYDOR)

RONNIE VON

O nôvo rei do iê iê iê brasileiro no seu primeiro LP. Ronnie Von, um autêntico idolo que se tornou o maior cantor de iê iê iê em poucos meses de nossa juventude, canta as melhores canções do seu repertório, inclusive os já consagrados "Meu Bem" e "Pequeno Principe".

COMPANHIA BRASILEIRA DE DISCOS

RLP 77.000 (REPRISE)

FRANK SINATRA — STRANGERS IN THE NIGHT

Sinatra reaparece com êste LP que já vendeu milhões de cópias no mundo inteiro. "Strangers in The Night" é a canção título. Mas são tôdas excelentes, dentro da tradição de alta qualidade do repertório do maior cantor das Américas.

RLP 77.001 (REPRISE)

TRINI LOPEZ

"Trini's Tune", "I Will Wait For You" e outras canções interpretadas por um dos mais populares cantores do momento. Um disco "Reprise" que está fazendo enorme sucesso e já desfila nas paradas do Brasil inteiro.

LPNG 44.000 (POLYDOR)

PASSAPORTE — OS CARIOCAS

O melhor conjunto vocal da música brasileira moderna, interpretando músicas dos nossos melhores compositores. "Lunik 9" de Giberto Gil, "A Banda" de Chico Buarque e outras. O máximo em música brasileira.

DISCOS ALEGRAM O NATAL.

DISCOS PHILIPS DÃO A MELHOR QUALIDADE AO SEU PRESENTE!

LPNG 4.125 (POLYDOR)

OS NOVOS REIS DO iê-iê-iê — THE BRAZILIAN BITLES — MARITZA FABIANI — FERNANDO PEREIRA — OS SANTOS — ORQUESTRA SOM BATEAU — RONNIE VON

O fino em iê-iê-iê, os melhores intérpretes brasileiros de música jovem. Um LP completamente brasa!

LPNG 4.124 (POLYDOR)

A SENSAÇÃO — JACQUES SASSON

A revelação do ano foi, sem dúvida, Jacques Sasson. Lançado em compacto simples com "Les Cornichons" (sucesso absoluto), tornou urgente a necessidade do lançamento de um LP todo seu. Pois aqui está êle: ouçam bem e concordem conosco: Sasson é um dos melhores cantores do momento.

LPG 84.053 (POLYDOR)

STRANGERS IN THE NIGHT — BERT KAEMPFERT

O autor de "Strangers in the night" e sua orquestra famosa no mundo inteiro. Trata-se de um disco de extrema qualidade, para ouvir ou dançar, para o (bom) gôsto de todo mundo. Não há faixas a destacar: são tôdas excelentes.

RLP 77.002 (REPRISE)

HOW DOES THAT GRAB YOU — NANCY SINATRA

Nancy Sinatra num LP para a juventude. Alguns sucessos internacionais, como "Bang-Bang" e "Shades" ao lado de outros, inéditos no Brasil. Um LP que sem dúvida fará o maior sucesso entre o público jovem. Como "Boots", seu primeiro disco, relançado agora e ainda sucesso absoluto.

LP 30.029 (MGM ESTÉREO 300.002)

MÚSICA DA TRILHA SONORA DO FILME DOUTOR JIVAGO

A trilha sonora do filme que vem alcançando absoluto sucesso no mundo inteiro. O destaque é, sem dúvida, o belíssimo "Tema de Lara". Mas o disco (quem viu o filme sabe muito bem) é todo bom, todo de primeira qualidade.

LPNG 44.003 (POLYDOR)

TOP HITS n.º 2 — ORQUESTRA SOM BATEAU

O primeiro da série já vendeu milhares de cópias e continua nas paradas de sucesso. A orquestra Som Bateau, uma das melhores do país, com um som inteiramente próprio e muito bom, executa novos sucessos consagrados pela juventude.

P 632.792 L (PHILIPS)

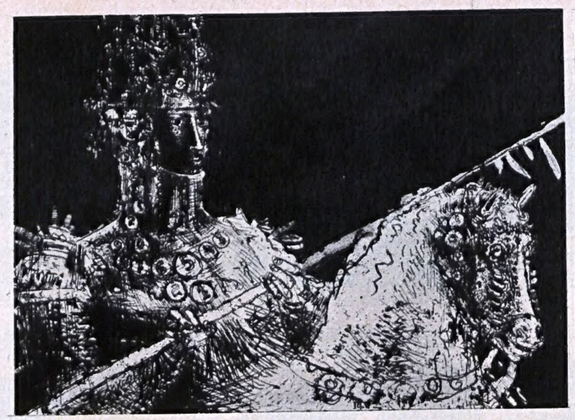
2 NA BOSSA n.º 2 — ELIS REGINA E JAIR RODRIGUES

Elis e Jair, a dupla mais famosa do Brasil, repete nêste disco o sucesso alcançado com o primeiro "2 na Bossa" récorde absoluto de vendas em todo o país. "Louvação", "Upa Negrinho", "Amor até o Fim" são algumas faixas do LP.

NÃO PODE HAVER PRESENTE MELHOR!

arte

Emprêsas estão fazendo arte



Desenho de Marcelo Grassmann para a exposição "O artista e a máquina"

Faz poucos meses, a ópera **Fosca,** de Carlos Gomes, esquecida há mais de 30 anos, era incluída na Temporada Lírica de São Paulo e levada pela televisão a milhares de espectadores; patrocinador da iniciativa: a Philips do Brasil. Pouco depois, a capital paulista aplaudia o Festival de Música de Câmara Contemporânea; patrocinador: a Olivetti. E no mês passado, o oratório **Paulus,** de Mendelssohn, era apresentado pela primeira vez na televisão; patrocinadores: a Rhodia e a Willys Overland do Brasil.

Existem muitos outros exemplos, mas êstes três bastam para mostrar um fenômeno comum de nossa civilização, que não é estranho ao Brasil: o encontro entre a emprêsa e a cultura. Até passado recente, as duas coisas pareciam ignorar-se. As exceções nasciam do esfôrço pessoal de uns poucos pioneiros, e algumas vêzes tentativas mais generosas logo se tornaram insignificantes por causa da inflação. Êste foi o caso, por exemplo, da doação da Livraria Francisco Alves à Academia Brasileira de Letras, que hoje tem apenas valor simbólico. Outras vêzes, a elevação de custos e o êxito dos empreendimentos levou os patrocinadores a pedir socorro aos poderes públicos. Isto aconteceu com a Bienal de São Paulo, que no comêço era da inteira responsabilidade do industrial Francisco Matarazzo.

O financiamento da cultura já existia desde a antiguidade clássica. Mecenas amparou Horácio e Virgílio. A Casa de Han, na China, auxiliava os poetas, 200 anos antes de Cristo. Na Idade Média e na Renascença, muitos papas estimularam as atividades artísticas. Voltaire teve vários protetores; Haydn só pôde produzir grande parte de sua obra musical com o apoio que lhe deu o príncipe Esterhazi. E são ainda recentes os exemplos de grandes fortunas americanas patrocinando manifestações artísticas.

O nôvo mundo criado pela técnica, porém, mostrou que um mecenas aqui, outro ali, são insuficientes, e que é necessária uma aproximação maior entre a emprêsa e a vida cultural.

Literatura, artes plásticas, música, teatro, cinema, pesquisa científica — tôdas as formas de atividade cultural são atualmente estimuladas e amparadas por grandes organizações da economia nacional. Em 1955, comemorando seu cinqüentenário, o Moinho Santista criou uma fundação que premia anualmente a quem, "nos últimos sete anos, haja prestado relevantes serviços às ciências, artes ou letras". O prêmio êste ano, foi de dois milhões de cruzeiros, ganhos pelo poeta Manuel Bandeira (Literatura) e o filólogo Antenor Nascentes (Lingüística). Antes, haviam sido distinguidos, entre outros, o prof. Eugênio Gudin (Economia-62), Alceu Amoroso Lima (Artes e Letras-59) e Lúcio Costa (Artes em Geral-65).

A música, o teatro e as artes plásticas também vêm recebendo estímulos semelhantes. O patrocínio da Orquestra Filarmônica de São Paulo pela Rhodia e Willys Overland, em programas de televisão, tem levado a milhares de pessoas maestros como Howard Mitchell e Felix Prohask; solistas do nível de Malcuzynski e Guiomar Novais; e peças modernas como as de Anton Weber e de Xenakis.

A Air France, no Rio e em São Paulo, distribuiu o Prêmio Molière aos que mais se destacaram na temporada teatral; e a Olivetti encarregou os cineastas Joaquim Pedro de Andrade e Jan-Claude Bernardet de realizar um filme de 30 ou 40 minutos sôbre Brasília e sua função na sociedade brasileira.

O Salão de Arte de Crianças organizado pela Ciba reuniu há pouco 1.221 trabalhos; e a exposição "O Artista e a Máquina", patrocinada pela Olivetti, mostrou obras de 17 artistas nacionais, entre êles Di Cavalcanti, Wesley Duke Lee, Marcelo Grassmann, Manabu Mabe, Fayga Ostrower, Maria Bonomi e Heitor dos Prazeres.

Outras iniciativas vêm aí. A Esso, que instituiu o Salão de Artistas Jovens, que distribui anualmente os maiores prêmios do jornalismo nacional e que ainda recentemente lançou o prêmio de Literatura para Universitários — vai criar êste mês um Prêmio de Ciência ao melhor trabalho "técnico ou científico, não-publicado, relacionado com o desenvolvimento brasileiro".

Parece, assim, que os artistas e intelectuais brasileiros estão encontrando novos mecenas, nas grandes emprêsas de hoje — com resultados positivos para todo o país.

música

Do fox ao caos em 20 anos

O Brasil dançou bastante, nestes últimos cinco anos. Para alguns moralistas, dançou até demais e principalmente o que não devia dançar.

Já vai longe o tempo, é certo, em que, para proibir a entrada de uma môça nos saraus das famílias de respeito, era suficiente às comadres do bairro cochichar:

— Ela dançou tango, outro dia, na casa dos Meireles.

Hoje, os moços chamam-se jovem-guarda, os novos ritmos têm nomes muitas vêzes desagradáveis e êles dançam sob os olhares, senão entusiastas, pelo menos tolerantes de papai, mamãe e titia. E alguns vovôs mais sinceros chegam a dizer que tôda essa onda de **monkey** e **let-kiss** é inocente como os brinquedos de roda, perto das audácias do **corta-jaca,** uma espécie de primo pobre do samba e filho maroto do maxixe, que chegou a ser exportado.

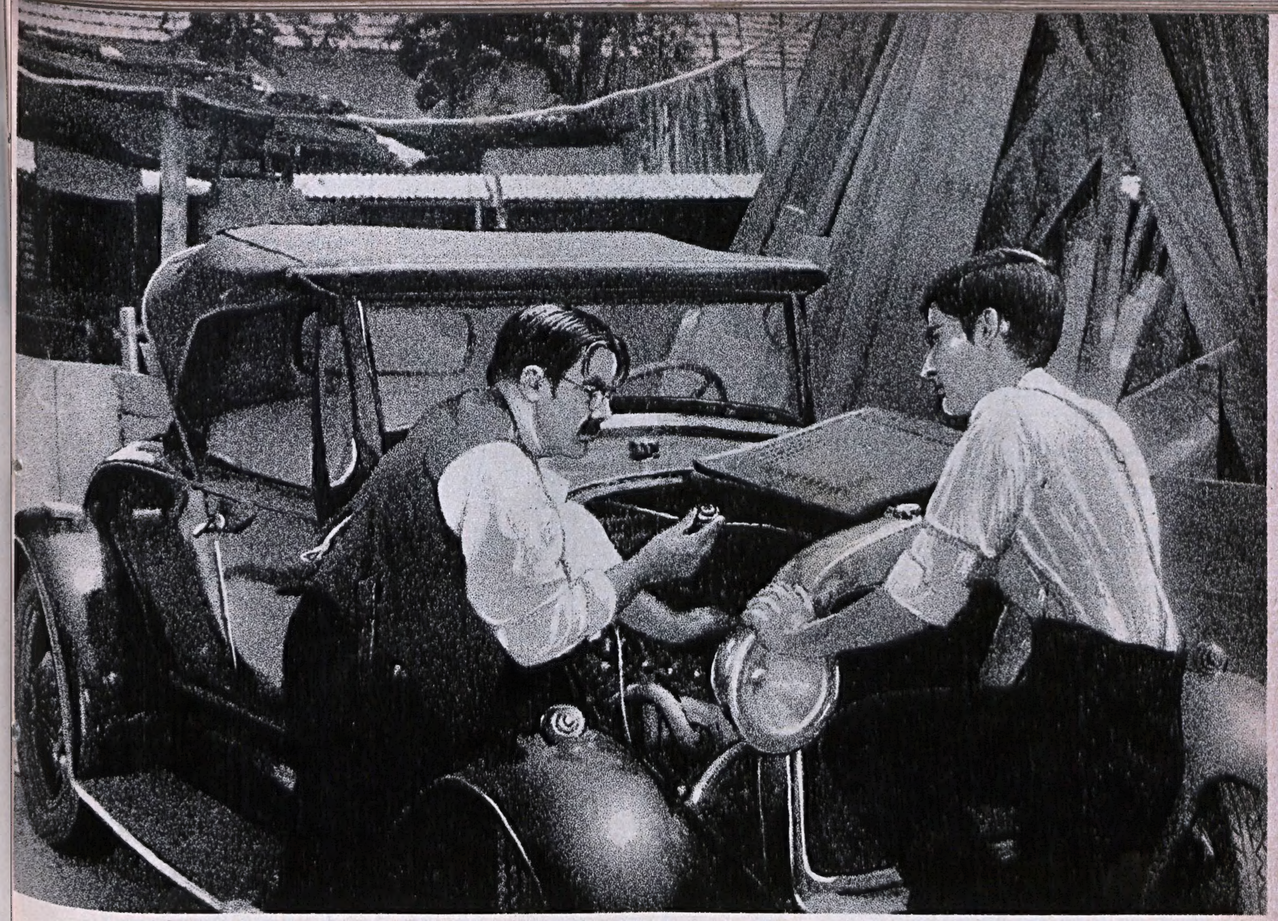
A geração que hoje chega aos quarenta foi alegre dançando o **swing** e foi romântica dançando o **fox-trot.** É dessa época a grande explosão do disco, com os 78 rotações de Glenn Miller, Art Shaw, Tommy Dorsey e Harry James.

Vez por outra aparecia uma novidade que não tardava muito a sumir: uma foi o **lambeth-walk,** e outra foi a **conga.** A rumba conseguiu fixar-se a partir de 1940 ao lado dos ritmos americanos. Ernesto Lacuena ("Siboney") e Xavier Cugat ("Para Vigo me Voy" e "Bim Bam Bum") marcaram época até 1945. O que aconteceu no Rio quando Cugat chegou com sua orquestra, para alguns é comparável às recepções hoje reservadas em todo o mundo aos Beatles ou aos Rolling Stones.

A partir do fim da guerra é que os ritmos começaram a se complicar. No princípio em ritmo lento, com um **boogie-woogie** aqui, um **jiherburg** ali, até que uma avalancha cresceu e, em 20 anos, o mundo da dança rolou para a confusão.

O **mambo,** veloz, irrequieto, com suas mil e uma variações, surgiu em 1950, com Perez Prado, lembrando a alguns a excitação da rumba. **Mambo Jambo** foi sucesso no mundo inteiro.

SEGUE



a oficina no fundo do quintal

Muitas indústrias começaram suas atividades em toscos galpões. A habilidade artesanal, a tenacidade em levar avante um projeto iam superando os sacrifícios dos primeiros tempos e acabavam dando à pequena oficina mal aparelhada, em local mais apropriado, as dimensões de uma fábrica.
A êsse pioneirismo deve o nosso parque industrial muitas de suas mais importantes realizações. Com o rápido desenvolvimento industrial do País, a instalação de novos centros de produção passou a exigir mobilização de vultosos capitais e aplicação de técnicas mais avançadas.
Nesse campo, como em tantos outros, a ação do Banco Agrícola-Mercantil se faz sentir a cada passo, na concessão de créditos e financiamentos às pequenas indústrias que necessitam de capitais para sua expansão. A oficina de fundo de quintal é, hoje, um simples pretexto para os que pretendem exercer as suas habilidades manuais nas horas de folga.

Banco Agrícola-Mercantil S.A.
— um bom vizinho
Rio Grande do Sul • Santa Catarina • Paraná • São Paulo • Brasília
Guanabara • Minas Gerais • Bahia • Pernambuco

mpm

No Brasil, chegou mesmo a marcar o carnaval de 1951. Mas era ainda uma dança a dois.

Com o **chá-chá-chá** os brasileiros aceitaram, pela primeira vez nas suas boates, a solitária exibição do parceiro.

Pouco antes, Elvis Presley jogara o **rock-and-roll** na praça, fizera muito barulho, vendera discos aos montes, mas não conseguira entrar pela porta estreita das boates. A dança ficara mesmo por uns poucos apartamentos da Zona Sul, no Rio, e em uma ou outra festinha de brotos no resto do país.

As últimas resistências afinal seriam vencidas pelo agitado e rebelde **twist,** de Chubby Checker. Foi êle quem, enfim, separou de vez os dançarinos, jogando-os cada um para o seu canto e impondo-lhes a frenética agitação do corpo todo.

A partir daí, as danças começaram a se suceder com uma rapidez vertiginosa. Para surgir nôvo ritmo, não se esperava que o último desse mostras de cansaço. O balanço do **hully-gully** ainda não estava assimilado e já o dançarino era convidado a bambear os braços em tempo de **surf.** Ou, no mês seguinte, em tempo de **madison.** Ou, na semana depois, de **let-kiss** e de **monkey.** O caos, enfim, que chegou disfarçado sob o estranho nome de **bostelá,** a única dança em todo o mundo que nunca teve passos marcados ou regras e que, ainda hoje, no **Kilt Club** do Rio, é dançado na mais completa euforia. É o **happening** musical.

Eis a opinião de uma universitária carioca, ao fim de uma exaustiva sessão da **coisa:**

— Depois da fenomenologia de Husserl e do evolucionismo transcendentalista de Teillard de Chardin, o **bostelá** é a última tentativa do homem para a compreensão e posse de um universo em desintegração.

Para o garçom que a servia, não é nada disso:

— Faz 20 anos que estou no ofício e sempre conheci êsse troço. Com uma diferença: antigamente acontecia depois da sexta dose; hoje, vem logo com a primeira.

Expressão de angústia ou simples pileque, o **bostelá** de qualquer forma coloca uma questão no ar: como dançará o mecanizado mundo de amanhã? É possível que a dança venha a ser considerada uma atividade ultrapassada, incompatível com a nova ordem das coisas. Como é possível, também, que acabem todos por redescobrir a excitante aventura de uma quadrilha bem marcada.

livros

Uma revolução tôda semana

Como era a vida na Pré-História? Como será o desembarque dos primeiros sêres humanos na Lua? E como pode um cristão conciliar sua fé nos textos bíblicos com a afirmação científica de que o homem primitivo descendia dos macacos?

Tôdas as semanas, mais de 500 mil fascículos são colocados nas bancas de jornais de todo o Brasil, a fim de satisfazer a curiosidade do público sôbre êsses e todos os outros assuntos que preocupam o homem moderno. Trata-se de uma revolução no campo editorial, pois até um ano e meio atrás nada disso existia.

Hoje, de cada sete revistas vendidas no país, uma é um fascículo para colecionar. A pioneira no gênero foi a **Bíblia,** lançada pela Editôra Abril Cultural. E não era apenas mais uma edição do livro sagrado e sim uma nova tradução, preparada por categorizada equipe de teólogos e estudiosos, e ilustrada com centenas de reproduções das maiores obras de arte religiosa do mundo inteiro.

O êxito foi além de tôdas as previsões, mostrando que existe no Brasil um amplo mercado para os empreendimentos os mais ousados, no campo editorial. Repetia-se aqui o que já ocorrera em outras partes do mundo. Na Itália, por exemplo, só uma editôra — Fratelli Fabbri — edita semanalmente cêrca de quatro milhões de fascículos, com obras que vão desde **Os Grandes Pintores** ao **O Homem no Espaço** e incluem uma enciclopédia de conhecimentos gerais, já lançada também na França, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Israel, Portugal e quase tôda a América Latina.

No Brasil, hoje, cinco são as publicações semanais em fascículos: **Tecnirama, Naturama, Segunda Guerra Mundial, Bíblia** e **Conhecer.** Calcula-se que — para comprá-las — os brasileiros vão gastar, só êste ano, o equivalente à quarta parte de tudo o que o Govêrno aplicou no ensino médio.

Qual a razão dêsse sucesso? Pegue-se para exemplo o caso de **Conhecer,** a nova enciclopédia semanal ilustrada da Abril Cultural. Uma boa enciclopédia, inteiramente ilustrada a quatro côres, como é o caso de **Conhecer**, custaria um mínimo de 800 mil cruzeiros. Comprando em fascículos semanais, entretanto, o leitor gasta apenas 650 cruzeiros por exemplar. O que significa que, ao fim da coleção de 180 fascículos, divididos em 12 volumes (pois a cada 15 exemplares uma capa especial é posta a venda), o preço total da obra será de pouco mais de 150 mil cruzeiros, incluindo as 12 capas. E o leitor terá tido a oportunidade de absorver uma enciclopédia inteira — com mais de 3.600 páginas — em pequenas doses semanais.

Além do baixo preço e do pagamento da enciclopédia em prestações semanais, também a honestidade intelectual da publicação está entre as razões do seu êxito. A preparação de **Conhecer** levou um ano e o primeiro fascículo foi escrito 11 vêzes, até chegar ao nível de simplicidade e precisão desejado pelos editôres. Mas o resultado de tanto esfôrço é animador: os fascículos chegam hoje, com suas informações ilustradas, às mãos de dez em cada cem brasileiros, mostrando-lhes que aprender é fácil e fascinante.

Presente velho sempre novo

No Natal, como sempre acontece, milhares de pessoas vão ganhar livros de presente. E, como em tôdas as outras vêzes, serão muitos os livros que não receberão dos presenteados mais que um olhar distraído ou um rápido folhear de páginas.

Há tempo, um livreiro carioca estimava em 30% os livros que não chegavam a despertar o interêsse dos que os ganhavam e apontava duas razões para isso. Primeiro que quem oferece não leva em conta o gôsto de quem recebe.

— A minha experiência, em conversas com os fregueses — dizia o livreiro — mostrou-me que as pessoas procuram sempre o livro de que gostam e não o de que poderá gostar quem vai ganhá-lo.

A segunda razão está no hábito de dar um livro quando não há mais tempo para a compra de outro presente.

— O livro, no caso, é apenas a solução mais cômoda — explicava.

De uma forma ou de outra, o fato é que livreiros e editôres esperam alcançar bom volume de vendas neste Natal. SEGUE

-não, isso êle já tem...

-também não serve

-êle já ganhou no ano passado...

-ah! pela 1ª vez, posso oferecer um presente assim...

Sabe por que?
Porque Tergal Kivinco Aurora foi criado em 1966.
Assim, ofereça um corte de Kivinco Aurora, "o tecido que nunca perde a forma".
É original, é lindo, é atualíssimo.
E, acima de tudo, é o seu presente! Só seu!

TERGAL
KIVINCO
AURORA
o presente ideal para tôda hora!

É que o movimento editorial, em 1966, foi bom, e grande de quantidade de títulos novos foi posta no mercado.

É verdade que a qualidade nem sempre acompanhou a quantidade, mas o número de bons lançamentos ainda permite que se faça uma lista de indicações para quem pretende fazer do livro o presente de fim de ano:

Ficção estrangeira — cinco obras poderão dar visão segura de algumas das principais tendências da moderna literatura americana, que êste ano teve presença forte no movimento editorial: "O Apanhador no Campo de Centeio" de J.D. Salinger, "O Grupo" de Mary Mc Carthy, "A Sangue Frio", de Truman Capote, "Um Sonho Americano", de Norman Mailer e "Numa Terra Estranha" de James Baldwin. Morris West, que durante todo o ano manteve bom índice de vendas, deverá estar entre os autores mais procurados, com "O Embaixador", "A Filha do Silêncio" e, ainda, "As Sandálias do Pescador" e "Advogado do Diabo". São boas indicações, também, "O Lôbo da Estepe" (Herman Hesse), "O Colecionador" (John Fowles), e "A Convidada" (Simone de Beauvoir). Finalmente, "Minha Vida no Tribunal", de Louis Nizer, — apesar de tratar de casos reais — é tão emocionante quanto um grande romance.

Ficção Brasileira — Jorge Amado ("Dona Flor e seus dois Maridos") e Érico Veríssimo ("Senhor Embaixador") foram os dois lançamentos de maior sucesso durante o ano. Não são ponto alto na obra dos dois autores, mas valem por fixar um instante na sua evolução artística. O segundo semestre marcou o aparecimento de dois novos romancistas: Roberto Freire e Fernando Correia da Silva. "Cleo e Daniel", de Freire, é livro forte que dá a visão pessimista de um mundo que não tem lugar para o amor. "A Côr dos Homens", de Correia da Silva, com uma narrativa estranha e carregada de símbolos, é uma denúncia dos preconceitos raciais, partindo de um enfoque realmente original. Dalton Trevisan, tido como um dos grandes contistas contemporâneos, tem nas livrarias "Novelas Nada Exemplares".

Poesia — Há muitos poetas novos, mas as indicações mais seguras ainda são as obras de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima e João Cabral de Melo Neto, que ganhou mais evidência, êste ano, com a encenação do seu poema "Morte e Vida Severina".

Teatro — Num ano que pertenceu a Bertolt Brecht, o lançamento de sua obra completa, em quatro volumes, é oportuno. A edição é portuguêsa. Em lançamento nacional, há uma boa tradução de Millor Fernandes para "O Senhor Puntilla e seu Criado Matti".

Cinema — "Elementos de Estética Cinematográfica", de Umberto Bárbaro; "Cinema de Circunstância", de J.C. Ismael; "Cinema Nôvo no Brasil", de David E. Neves; "Compreensão de Cinema", de Maurício Rittner; "Fronteiras do Cinema", de Walter da Silveira; e "Trajetória do Cinema Moderno", de Enéias de Souza, autor gaúcho editado pelo Instituto Estadual do Livro, de Pôrto Alegre.

Música — "Jazz na Garoa", de Eduardo Vidossich, editado pela Associação dos Amadores de Jazz de São Paulo; "Música Popular — um tema em debate" é um bom trabalho do jornalista José Ramos Tinhorão. Para uma visão da música de todos os tempos, pode ser indicado "Los Músicos Célebres", da Editorial Gustavo Gili, que apresenta 1.500 nomes, classificados por épocas, países, gêneros e escolas. Tem ilustrações de Henri Matisse.

Esporte — Para quem gosta de futebol: "Brasil, Futebol Rei", com texto de Araújo Neto, fotos de George Torok e desenhos de Aldemir Martins; e "Gigantes do Futebol Brasileiro", de Marcos de Castro e João Máximo, com biografia de grandes craques nacionais, de Friedenreich a Pelé.

Artes Plásticas — Ainda da Editorial Gustavo Gili: "Los pintores celebres". Em três volumes estuda a vida dos grandes pintores e a história da pintura, com 200 reproduções a côres e 300 em branco e prêto. De artistas nacionais, há boas edições da Cultrix (Emanoel Araújo, Portinari, Caribé, Di Cavalcanti) e da Civilização Brasileira (Goeldi).

Edições raras — As livrarias Parthenon e Calil, em São Paulo, têm à venda grande estoque de livros antigos, edições esgotadas e muitas raridades bibliográficas. A Calil tem uma edição da "Suma Teológica", de Santo Tomas de Aquino, que é de 1698, em cinco volumes **in-folio,** encadernados em pergaminho. Só o preço é que difere um pouco dos livros comuns: Cr$ 1.800.000.

cinema

"The end" para o jornal da tela

Há 20 anos, sua voz era uma das mais famosas do cinema. É certo que não vendia tantos discos como Bing Crosby ou Mário Lanza — mesmo porque nunca os gravou. Mas nos programas de calouros era um dos mais imitados, e não havia na platéia dos cinemas quem não lhe reconhecesse a voz, fanhosa e escorregadia:

"Aqui fala Aimberê, da BBC."

Era a idade de ouro das atualidades cinematográficas. Da bênção do papa aos peregrinos do Ano Santo, ao lançamento do "New Look" em Paris; da sessão inaugural da ONU, à decisão da Taça da Inglaterra em Wembley — os acontecimentos do mundo inteiro chegavam a tôda parte através dos jornais da tela.

Mas, hoje, uma emprêsa nacional coloca em nossos cinemas os jogos do Campeonato Mundial 48 horas depois de disputados, e ninguém liga. Porque no mesmo instante — senão antes — os mesmos jogos podiam ser vistos pela TV.

No Brasil, como no resto do mundo, a TV asfixia o cinema e já matou o jornal da tela.

Esta solidariedade de destinos começou quando o próprio cinema nasceu, pois foi com uma **reportagem A Saída das Usinas Lumière,** feita em 1895, que Lumiére documentou o pedido de patente para sua invenção. E nove meses depois, no primeiro espetáculo público em Paris, também não faltava um exemplo do mais puro jornal da tela: **A Chegada para o Congresso de Fotografia em Lyon.** Em 1896 apareceu o primeiro repórter de cinema. Chamava-se Felix Mesguich e, contratado pelos irmãos Lumière, correu a Europa à procura de "imagens sensacionais".

Nos EUA não foi diferente, e são americanos os primeiros repórteres cinematográficos que brigaram com a censura militar, em 1898. O país havia entrado em guerra contra a Espanha, em Cuba, e os militares não viam com agrado os **estranhos** aparelhos de fazer cinema: os repórteres foram proibidos de chegar às frentes de combate. SEGUE

Mamãe agora está felicissima! Já não somos os "incríveis gastadores" de sapatos. Sabem por que? Só usamos...

Vicrom - com sola injetada - muito mais econômico !

É diferente mesmo. A sola injetada é à prova de descolagem e desgaste. Vicrom é bonito, moderno, elegante, resistente e econômico.

Vicrom

UM PRODUTO ANCORA IND. E COM. LTDA.
CA'XA POSTAL, 2592 - SÃO PAULO

Ancora
SIMBOLO DO BOM CALÇADO

aeromodelos
e autoramas

NOVIDADES EM
MINIATURAS E
BRINQUEDOS
FINOS

Diplomata

CASA AERO-BRAS
R. Major Sertório, 192 - T. 34-1971 - S. Paulo
HOBBYLÂNDIA
Av. Rio Branco, 156, s/loja 212
Tel.: 42-9469 - Rio de Janeiro
ENVIE Cr$ 200 EM SELOS PARA RECEBER
CATÁLOGO ILUSTRADO S/ AEROMODELISMO

CADEIRA
DE RODAS
baumer QBS

- Modelos para adultos e crianças
- Fecha e abre
- Grande mobilidade
- Rodas dianteiras de 8" para locomoção externa

- SÃO PAULO — R. Nicolau Ancona Lopez, 47
  R. Sto. Amaro, 275
  R. Senador Feijó, 121
  R. Minerva, 25
  R. Benjamin Constant, 166
  Crediário: Mesbla
- RIO — Av. Almte. Barroso, 90 — 7.º andar
  R. Gal. Caldwell, 243
  R. Conde do Bonfim, 143
  Crediário: Mesbla
- NITERÓI — Av. Amaral Peixoto, 171
- PORTO ALEGRE — R. dr. Flores, 378
- CURITIBA — R. Lourenço Pinto, 68
  R. 15 de Novembro, 279 — 4.º — s/ 407
- BELO HORIZONTE — Praça Raul Soares, 28
  R. Castes, 343
- BELÉM — Trav. Padre Eutíquio, 467
- RECIFE — R. Rosário da Boa Vista, 46
  R. Floriano Peixoto, 83 — 3.º — s/ 315
- GOIÂNIA — Av. Anhanguera, 108
- MANAUS — R. Marcílio Dias, 66-68
- CAMPINA GRANDE — R. João Pessoa, 531 33
- RIBEIRÃO PRETO — R. Tibiriçá, 535
- FLORIANÓPOLIS — R. Saldanha Marinho, 2
- FORTALEZA — R. Floriano Peixoto, 814

Garantia baumer QBS

Por causa da proibição nasceu o primeiro filme de reconstituição histórica. Na banheira de sua casa, Amet ou Albert filmou a explosão do couraçado Maine, em Havana. Três anos depois, em Paris, seguindo o exemplo, Meliés reconstituiu no cinema a coroação de Eduardo VII, rei da Inglaterra.

Aos jornais da tela o cinema também deve o uso da iluminação artificial. Ela foi utilizada pela primeira vez em 1899, quando duas emprêsas filmaram a luta de boxe entre Jeffreis e Sharkey, em Coney Island.

Em 1898 o Brasil já tinha seu primeiro filme de atualidades, que passou à história com o nome de **O Cortejo do Marechal Floriano Peixoto.** Mas os grandes dias dos jornais da tela, então enriquecidos pelo som, chegaram com a Segunda Guerra Mundial. Todo o povo queria saber o que acontecia na Europa. E quando a guerra acabou o povo tinha se acostumado e queria mais: queria saber o que ia pelo mundo todo. Muitos narradores ficaram famosos — Luís Jatobá, Macedo Soares, Aimberê, Gaspar Coelho, todos em jornais da tela estrangeiros.

No Brasil, até 1939, existia só o jornal da Botelho Filmes, que tinha como símbolo um menino com chapéu de palha, varinha na mão e um cachorrinho de lado. Foi então que um decreto tornou obrigatória a projeção de um jornal nacional para cada filme estrangeiro. A publicidade era proibida, a não ser que "atendesse aos interêsses nacionais".

Mas como o decreto não obrigava os exibidores a um pagamento que compensasse os gastos dos produtores, êstes voltaram-se para a filmagem de matéria paga de "boa qualidade".

Isto chegou a tal ponto que, em 1960, um cinejornal paulista distribuiu aos possíveis clientes uma relação de 1.057 casas exibidoras, do Rio Grande do Sul ao Amazonas, que estariam prontas a projetar suas mensagens de publicidade, disfarçadas em jornais da tela.

Para cortar os excessos, nôvo decreto, em 1961, proibiu qualquer espécie de publicidade. Mas um ano depois outro decreto permitia publicidade, desde que limitada a um único produto por cinejornal. Baseando-se nisso, o produtor Carlos Niemeyer vendeu à Shell seu jornal esportivo que, com êste suporte financeiro, melhorou de qualidade e ainda hoje atrai público aos cinemas. Além do Canal-100, de Niemeyer, são produzidos ainda os jornais de Herbert Richers, da Atlântida e o Ecran, no Rio.

SEGUE

da turma do clube êle era o único que ainda não usava

ZORBA

(mas depois daquela gozação êle acabou aderindo)

O único vestuário masculino que não evoluia era a cueca. Até aparecer Zorba. Elegante, porque se ajusta anatômicamente na medida de seu corpo. Agradável, porque é tecido termo-estável, ventilado, macio e leve. É prática, porque é Ban-lon: fácil de lavar, seca ràpidamente e nunca precisa passar. Hoje, é Zorba.
(Vale a pena conhecer também camisetas e sungas Zorba.)

ZORBA®

PRODUTOS DE
"Modasport"
Rua Guaicurús, 1325 e 1329 São Paulo

Nossos Representantes ZORBA:
RIO DE JANEIRO: Ismar A. Matos - Rua Gonçalves Dias, 10 - Telefone: 22-2309
PÔRTO ALEGRE: Bias Gurski & Cia. - Rua Marechal Floriano, 91 - Telefone: 9-2390
BELO HORIZONTE: Rep. Cagial Ltda. - Rua Rio de Janeiro, 462 - 12.º andar - sala 1215 - Telefone: 4-3554
RECIFE: René Vasconcelos - Rua da Praia, 153 - Edifício Cunha Rego - 6.º andar - sala 606
INTERIOR DE SÃO PAULO: Carlos Alberto Mourão - Hotel Central - São José do Rio Preto
CURITIBA: Mauricio Gleiser - Avenida João Pessoa, 103 - 8.º andar - sala 829
SALVADOR: Org. Norte Sul - Rua Rui Barbosa, 19 - 4.º andar - sala 406

De Johannus Sandoz, artesão suíço, teve início, no ano de 1530, em Locle, a descendência de artífices que ainda hoje fabrica um dos mais famosos relógios de precisão do mundo.
Essa tradição de quatro séculos de artesanato, encerrada em modernissimas e elegantes caixas é o que você coloca no pulso ao adquirir um SANDOZ.

Modernissimos modelos para senhoras e cavalheiros.

Sandoz

— ELEGÂNCIA E PRECISÃO —

Nas boas casas do ramo.

Representante exclusivo para o Brasil

RUDOLF HERRMANN S.A.

Rua Buenos Aires, 101 - tel. 52-2687
RIO - GB

No resto do Brasil, há outros ainda, mas que se dedicam apenas à promoção exclusiva de produtos e personalidades. Os estrangeiros pràticamente sumiram. A concorrência com a TV os matou na própria fonte. Americanos e europeus não precisam mais esperar uma semana para ver o que acontece do outro lado do mundo. No mesmo dia, vêem na TV as últimas batalhas do Vietnã e as enchentes da Itália. Mesmo no Brasil, os filmes para noticiários de televisão chegam com rapidez.

Há 62 anos, em crônica para a revista **Kosmos,** Olavo Bilac já previa de certo modo êste estado de coisas: "Talvez o jornal do futuro, para atender à pressa, à ansiedade, à exigência furiosa de informações completas, instantâneas, e multiplicadas, seja um jornal falado e ilustrado com projeções cinematográficas, dando a um só tempo a impressão auditiva e visual dos acontecimentos, dos desastres, das festas."

Um único reparo na profecia do poeta: onde fala em cinema, corrija-se para televisão.

fábula

O peixe e o caranguejo

O peixe grande caçoava do caranguejo:

— Com tantas pernas, andas tão devagar: por que não compras uns pares de muletas para ajudar?

Ia o caranguejo responder quando uma rêde os pegou.

O caranguejo safou-se sem dificuldade e o peixe grande ficou prêso.

Moral — Tamanho não é documento.

Gerda

Você sabe o que é "Piaçaba"?

Piaçaba-da-Bahia, ou apenas piaçaba, popularmente conhecida pelo seu emprêgo na confecção de vassouras, é a melhor fibra vegetal para o fabrico de cordames e cabos usados em navios e na estiva. Até bem pouco, não figurava entre as exportações brasileiras. Desde 1964, porém, cresce a demanda externa dessa valiosa matéria prima da Bahia.

O Banco Lar Brasileiro, S.A., entusiasta incentivador de atividades pioneiras no setor da exportação, orgulha-se de financiar a venda de mais êsse produto baiano. E para que essa venda seja bem orientada, o gerente coordenador de nossas duas agências em Salvador estudou tanto o assunto que se tornou verdadeiro "especialista em piaçaba".

E continua estudando todos os aspectos e particularidades de inúmeros outros produtos que, em breve, certamente, farão parte da lista de exportações para maior prestígio e riqueza do Brasil.

BANCO LAR BRASILEIRO S/A

Associado ao The Chase Manhattan Bank, N.A.
Capital e Reservas: Cr$ 23,2 bilhões

Rio □ S. Paulo □ Santos □ Campinas □ Sto. André □ Salvador □ Niterói □ P. Alegre □ B. Horizonte □ Recife □ Curitiba □ Fortaleza □ Brasília □ Vitória

VALE A PENA CONHECER A *NOVA*

GELADEIRA GENERAL

custa menos e tem a qualidade G.E. • garantia de 5 anos e

ELECTRIC 67

odos os modelos • assistê técnica da própria fa

88 ANOS DE LIDERAN M

— Ah! Vou abrir um crediário e fazer uma surprêsa à Dorinha! Esta é a G-E, que ela quer.

...e lembre-se: geladeira começa com G. E.

DEUS ESTÁ MORRENDO?

Texto de
Duarte Pacheco
Fotos de
Olivier Perroy

A velha senhora olha intrigada, sem atinar bem com o sentido da pergunta:

— Claro que não. Deus não pode morrer.

— Então a senhora acredita em Deus?

— Naturalmente. Acredito porque assim fui educada e porque vivi sempre na religião.

Uma dona de casa, mais jovem e com formação universitária, procura explicar:

— Acredito em Deus por uma necessidade de dar resposta às grandes perguntas. Deus é para mim a tábua de salvação dos problemas da vida.

Um operário da indústria têxtil também ficou surprêso:

— Se acredito em Deus? Que dúvida! Bastante. Porque êle é todo-poderoso, tem poder tanto no céu como na terra, é o espírito criador de tôdas as coisas, e só êle pode nos inspirar confiança. Depois, eu examinei as escrituras sagradas e creio no que elas dizem. Além disso, a religião é muito importante na minha vida diária. Pelo fato de acreditar, posso pedir qualquer coisa em plena confiança, porque êle é Deus, e recebo benefícios através das minhas orações.

A grande maioria dos brasileiros conserva, com tranqüila certeza, a crença simples e tradicional em Deus. Mas há indicações de que o número dos que são assaltados pela dúvida ou simplesmente já não acreditam na sua existência está aumentando. Um jovem estudante universitário argumenta:

— O problema religioso sempre surgiu como um esfôrço do homem para explicar a si mesmo. E as explicações místicas apareciam em função da própria ignorância do homem. Hoje, o problema deve ser reformulado, pois o homem já tem a ciência para se explicar e explicar seu mundo. A minha procura de Deus passou por várias fases. Já aceitei a idéia de Deus sem discussão, numa religiosidade tradicional; já o enquadrei em função de uma ética individualista; e já o compreendi como um Deus-pessoa. A crise dessa minha visão de Deus foi muito importante porque através dela despertei para o problema social. E, hoje, é na busca de uma solução para os problemas do homem que procuro a resposta para o problema de Deus.

segue

"Não o vejo; mas sinto-o"

Outro estudante vai mais longe:

— Não acha mais possível admitir-se o Deus bíblico, mesmo com características humanas melhoradas. Talvez a divindade possa ser identificada com a própria dinâmica do universo.

Um terceiro estudante já nem se importa com a questão:

— O problema da existência ou não de Deus não me preocupa. E o fato de não questionar êsse ponto tem-me permitido tratar de modo objetivo os problemas humanos.

"Uma época de irreligiosidade"

O processo de crise religiosa, refletido por êstes depoimentos, se estende à medida que a industrialização, a urbanização e a socialização crescentes vão acabando com a sociedade rural e com as formas patriarcais de autoridade. E tudo indica que a crise de fé é maior nos grandes países do Ocidente. Já em 1948, uma revista francesa fazia um levantamento significativo: as pessoas que acreditavam em Deus representavam 94% da população nos Estados Unidos, 84% na Inglaterra e 66% na França. Mas sòmente 68% nos Estados Unidos, 58% na França e 49% na Inglaterra acreditavam na imortalidade da alma. Mais recentemente, um inquérito apurava que 97% dos americanos declararam acreditar em Deus, mas apenas 44% assistem regularmente aos serviços religiosos e só 27% se confessam profundamente religiosos. Entre os nossos vizinhos, uma pesquisa indica que 46% dos argentinos seguem alguma religião, sobretudo a católica, 31% vivem em dúvida e 23% não crêem em Deus. Isto para falar apenas dos países tidos como cristãos, sem mencionar que, aproximadamente, um de cada dois habitantes da Terra vive no mundo comunista, onde se adota oficialmente o ateísmo militante, e que outros milhões de pessoas na África, na Ásia, na Oceânia e na América do Sul parecem destinadas a viver sem nunca ouvir falar no Deus único das grandes religiões monoteístas.

Tudo isto parece confirmar a advertência que o pastor luterano Dietrich Bonhoeffer, herói da luta antinazista da Alemanha, fêz em carta a um amigo, da sua cela de prisão em Berlim, durante a última guerra mundial: "Estamos caminhando para uma época de total irreligiosidade."

Para alguns, êsse pensamento é fonte de profunda angústia existencial. A escritora francesa Simone de Beauvoir escreve: "Seria mais fácil para mim pensar num mundo sem criador do que num criador às voltas com tôdas as contradições dêste mundo." Para outros, o problema de Deus é simplesmente irrelevante. Um dêstes ateus, Claude Lévi-Strauss, professor de antropologia social em Paris, confessa: "Pessoalmente, nunca me defrontei com a questão de Deus. Acho perfeitamente possível passar tôda a minha vida sabendo que jamais conseguiremos explicar completamente o universo." O conhecido escritor existencialista Jean-Paul Sartre é incisivo: "Eu não tenho necessidade de Deus nem saberia o que fazer com êle." E o argumentista cinematográfico Edward Anhalt é mais taxativo ainda: "Deus é uma fantasia infantil que foi necessária enquanto os homens não sabiam o que era o relâmpago."

Muitos pensadores religiosos acham que a causa principal dessa crise de fé é a própria concepção de Deus que se teve até hoje. Para um operário brasileiro, Deus "é uma fôrça sobrenatural com forma humana. Não posso vê-lo", acrescenta, "mas posso senti-lo pela fé." Um levantamento internacional encontrou concepções paralelas no mundo inteiro. Para um comerciário de Tel Aviv, Deus o tirará "da porcaria dêste mundo algum dia. Êle é um Deus de misericórdia, todo vestido de branco e sentado num trono dourado". Para uma empregada doméstica na Holanda, "Deus é um espírito que flutua no espaço". E um porteiro grego acha que "Deus é uma chama ardente, tão branca que pode cegar". Um seminarista em Roma: "Deus é tudo que não posso entender". Um funcionário público americano: "Vejo Deus mais ou menos como nos ensinaram quando éramos meninos — um velho justo mas que pode ficar zangado conosco. Sei que esta não é a verdadeira imagem, mas é a única que consigo ter." Há os que procuram abandonar a imagem tradicional de um Deus velho e barbudo, mas continuam presos à tentativa de materializar a idéia de Deus. Nos Estados Unidos, um cientista de Boston descreve Deus como "a totalidade da harmonia do universo", enquanto um jovem cientista de Washington sugere que "Deus, se é alguma coisa, é uma mistura de hidrogênio com carbono, ou talvez uma forma de fissão nuclear, já que êste fenômeno é que torna possível a vida em nosso planêta."

Não serão êstes tipos de concepção responsáveis pela recusa de Deus por parte de muitos? Um professor argentino acha que sim: "Os fatôres que antes arrastavam o homem para Deus, como a ignorância, o sofrimento, a pobreza, a opressão, hoje o afastam da fé com a mesma fôrça, porque apareceram os santos da terra que prometem, em vez de consôlo, soluções." E um padre sociólogo italiano sustenta que "a atual apresentação do cristianismo foi feita para uma sociedade rural e não é adequada para uma sociedade industrial." O padre John Courtney Murray, jesuíta americano, tem a mesma opinião. E para êle a questão decisiva "é saber se a civilização industrial contemporânea conseguirá ou não construir símbolos que nos ajudem a entender a Deus".

Entretanto, o rabino Marshall Meyer, de Buenos Aires, lembra que as igrejas ainda não estão se dedicando intensamente a esta pesquisa de novos símbolos para falar de Deus. Por isso, conclui: "O fato de ir a uma sinagoga ou a uma igreja não é nenhuma garantia de que se vá encontrar Deus. Muitas vêzes sucede o contrário. Para sermos francos, teríamos que considerar sèriamente que a ausência de Deus em nosso mundo é culpa principalmente das igrejas, sinagogas, templos e mesquitas."

Assim, ao lado dos que negam a existência de Deus e dos que não se importam com o problema, existem ainda os que formam uma idéia tão imperfeita de Deus que o desfiguram. Muitos pensadores cristãos estão atualmente dispostos a ampliar o conceito de ateísmo para aplicá-lo também às pessoas que, embora tendo fé, fazem de Deus uma idéia tão equívoca que involuntàriamente o transformam num ídolo. E, como afirma o filósofo Bruno de Solages: "Muitas vêzes é justamente um ídolo que o ateu rejeita, e não Deus."

A fé ainda tem lugar na grande cidade?

Ateus nas igrejas

Por outro lado, o historiador luterano Martin Marty observa: "Muitos bancos de igreja são, aos domingos, ocupados por ateus disfarçados que vivem durante o resto da semana como se Deus não existisse." Analisando o comportamento dêsses **ateus práticos,** o padre Henrique Vaz, jesuíta brasileiro, diz: "Sua vida é associação monstruosa de um teísmo decorativo e de um ateísmo real: um ateísmo que determina a linha do seu agir. Foi sob o signo do ateu prático que se operaram, no mundo cristão, as mais estranhas perversões: a pessoa humana foi atingida nos seus direitos mais fundamentais. E por isso o maior dos equívocos pesa, nessa conjuntura histórica, sôbre o nome santíssimo de Deus."

Mas a forma de descrença que talvez seja a mais difundida em nosso tempo é a que Courtney chamou **ateísmo da distração:** o ateísmo das pessoas que estão ocupadas demais para andar cuidando do problema de Deus ou do sentido último da existência humana.

Dessas pessoas Dostoievski escrevia: "O perfeito ateísmo está no tôpo da escada, sôbre o penúltimo degrau que conduz à fé perfeita, enquanto o indiferente não tem fé alguma."

Há um século o filósofo alemão Nietzsche anunciava a morte de Deus: "Deus está morto, os homens o assassinaram..." E acrescentava: "É verdade que, se nos tornarmos como as criancinhas, poderemos entrar no reino dos céus. Mas nós não queremos entrar no reino dos céus. Nós nos tornamos homens: queremos o reino da terra." Muitos dos que estudam a situação religiosa de nossa época ficam convencidos de que a profecia se cumpriu: a Fé está desaparecendo cada vez mais da sociedade contemporânea.

O que surpreende, porém, é encontrar um número crescente de cristãos decididos a aceitar êsse fato. E êsse número aumentou depois que o teólogo protestante GabrielVahanian escreveu o livro **A Morte de Deus.** Nos Estados Unidos, um grupo de teólogos protestantes, liderados por J. Altizer e William Hamilton, propõe uma teologia sem Deus e por isso estão sendo chamados **ateus cristãos.** E ainda recentemente, num debate público com marxistas, na França, o dominicano Jean Cardonnel, depois de salientar que "não existe maior falsificação da fé cristã que a identificação do verdadeiro Deus com o autor despótico e arbitrário de um universo de homens confiados à obediência servil", concluía: "Estou convencido de que há um equívoco desastroso entre o monoteísmo bíblico, que exige uma luta constante contra a injustiça, e o deísmo que não vai além de um conceito de Deus que não compromete nem engaja."

SEGUE

caminhão
para qualquer
trabalho,
caminhão
para transportar,
durar e dar lucro

é caminhão fenemê

FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES S.A.

DEUS CONTINUAÇÃO

"Êle toma conta de mim e atua em minha vida"

ARQUIVO ABRIL

Entendido em sentido deísta, Deus é um ídolo. E, acrescenta Cardonnel: "Dêsse Deus eu não hesito em me declarar ateu!"

"Eu já falei com Deus"

Se a premissa básica da fé sempre foi a existência de um Deus pessoal — que criou o mundo e o sustenta com seu amor — como seria possível escrever uma teologia sem Deus? Qual a diferença entre a tese da morte de Deus e a velha afirmação de que Deus nunca existiu? Que significa, para quem tem fé, sustentar que Deus está morto?

Não se trata, evidentemente, de uma morte **física** de Deus. Para alguns teólogos quem está morto é o Deus de uma tradição envelhecida. E sustentam que a grande tarefa da teologia, hoje, é encontrar uma concepção e uma imagem de Deus que falem mais diretamente à inteligência e à sensibilidade do homem moderno. "Morre, não Deus, mas a sua imagem" — exclama o padre Ernesto Balducci, teólogo italiano. E o pastor João Parahyba da Silva, secretário do órgão que representa o Conselho Mundial de Igrejas no Brasil, esclarece: "A indagação — Deus está morto? — só pode ser compreendida como discussão não da existência de Deus em si, mas das diversas concepções religiosas de Deus."

Para os teólogos mais radicais, porém, não só a concepção está em jôgo, mas também a realidade de Deus: não discutem a existência de Deus, em si, mas sua existência para o homem. Thomas Altizer escreve: "Deus morreu no corpo de Cristo. Depois de Sua morte, foi ressuscitado de forma abstrata pelo cristianismo. E quando esta forma entrou em crise, então a realidade da morte de Deus se tornou manifesta." Em suma, êstes teólogos afirmam que morta a imagem tradicional de Deus e, como esta imagem não foi substituída, é o próprio Deus que — para o homem contemporâneo — está morrendo. Assim, a tarefa da teologia não é apenas renovar o conceito de Deus, mas sobretudo repor em debate o próprio significado e o papel da fé.

Naturalmente, nem todos sentem o problema com esta mesma gravidade de urgência. Billy Graham, o conhecido pregador evangélico americano que já estêve no Brasil, diz: "Sei que Deus existe por experiência pessoal. Sei que o conheço. Já lhe falei e já passeei com êle. Êle toma conta de mim e atua em minha vida diária." O dramaturgo católico William Alfred também é taxativo: "Para mim, as pessoas que dizem que não existe Deus são como um rapaz de dezesseis anos declarando que não existe essa coisa de amor apaixonado — simplesmente êle ainda não o experimentou." No Brasil, o rabino Rachmil Blumenfeld, chefe da comunidade israelita do Rio de Janeiro, embora admita "a transformação dos meios de comunicação da mensagem divina", sustenta que "não haverá alteração na concepção de Deus da fé hebraica." E o padre Vladimir Panko, assistente do bispo da Igreja Ortodoxa Russa no Brasil, afirma: "A Igreja Ortodoxa não discute o problema. O mistério de Deus não pode ser desvendado, mas apenas apreendido através da fé. A concepção de Deus tem se mantido a mesma através dos séculos, porque o problema fundamental da Igreja diz respeito à purificação da alma. O homem vive na terra temporàriamente e deve preparar-se para a vida futura."

Mas os grandes teólogos de nossos dias estão de acôrdo que "o problema teológico básico hoje", como diz Langdon Gilkey, professor da Universidade de Chicago, "é a realidade de Deus." Por isso, o papa João XXIII, no discurso de abertura do Concílio, depois de sugerir que uma coisa é definir, outra é conhecer, dizia: "Uma coisa é a substância da antiga doutrina, o depósito da fé, e outra é a formulação do seu revestimento."

"Eu não entendo Deus"

Mas não é fácil descobrir uma nova formulação para a eterna realidade de Deus. O filósofo Michael Novak confessa: "Eu não entendo Deus, nem o modo como êle age. Se ocasionalmente levanto o meu coração em prece, é para um Deus que não consigo ver, nem ouvir, nem sentir." E o dedão episcopal da Catedral Nacional de Washington reconhece: "Estou confuso a respeito do que é Deus, mas confuso está também o resto da América."

Por que, para tantos, se tornou tão difícil acreditar em Deus? A resposta só pode ser encontrada na história longa, complexa — e ainda não concluída — do esfôrço humano para compreender a idéia de que o mundo tem um criador.

Ninguém sabe quando a idéia de um deus único passou a fazer parte da herança espiritual da humanidade. Parece certo, no entanto, que os homens mais primitivos já eram religiosos. Acreditando no govêrno do universo por algum poder divino, êles adoravam qualquer manifestação dêsse poder: árvores, animais, a terra, os astros. Para as sociedades mais evoluídas do mundo antigo, o mistério do universo era prova de que havia muitos deuses. A velha Babilônia, por exemplo, adorava pelo menos 700 divindades. Porém, mesmo os deuses que ocupavam os postos mais altos na hierarquia divina não passavam de super-homens invisíveis. O Zeus da antiga Grécia, embora supremo no Olimpo — mito em que culminou a concepção antropomórfica e politeísta da antiguidade — estava sujeito aos caprichos do destino, além de ser afligido por acessos de cobiça e sensualidade tão constantes que se tornava tanto alvo de pilhérias quanto de adoração.

Mais próximo da divindade do monoteísmo moderno era Aten, o deus-sol dos egípcios, que o faraó Amenófis IV impôs a seu povo politeísta como "o único deus, além do qual nenhum outro existe". Mas a idéia do faraó morreu com êle, e a mensagem de que só existe um Deus verdadeiro seria levada ao mundo por um humilde vizinho do Egito, Israel.

Para muitos pesquisadores, não foi uma revelação repentina. Há indícios de que Jeová foi originalmente uma divindade tribal — um deus a quem os hebreus adoravam e consideravam apenas superior aos deuses adorados pelos povos pagãos. É inclusive discutível para alguns se Moisés via Jeová como o único Deus de tôda a humanidade, o supremo senhor da criação inteira. E a Bíblia conta como os profetas eram obrigados constantemente a repreender o povo escolhido por abandonar seu Deus pelos deuses estrangeiros.

A fé, dom de Deus e esfôrço do homem.

O Deus de Israel estava tão além da compreensão humana que os judeus não ousavam pronunciar nem escrever seu nome sagrado. Ao mesmo tempo, o judaísmo tem um sentido extraordinário da presença pessoal de Deus. O Velho Testamento narra como êle passeou no jardim do paraíso com Adão, conversou familiarmente no monte Sinai com Moisés e manifestava às vêzes uma alegria e uma ira quase humanas.

O cristianismo viria acrescentar uma dimensão ainda mais misteriosa à concepção de que o infinitamente distante está infinitamente próximo: a doutrina de que Deus se fêz homem entre os homens, na pessoa de um carpinteiro chamado Jesus. O Deus dos cristãos é ao mesmo tempo um homem. SEGUE

A região Rio-São Paulo servida pela Light ocupa menos de 1% do território nacional

reune apenas 17% da população

mas produz 70% da renda nacional.

É a região mais desenvolvida da América Latina. Sabe porque?

Porque é a região que possui maior disponibilidade de energia elétrica. Logo, é a mais industrializada. E, no mundo moderno, o desenvolvimento econômico e o bem estar geral só se processam plenamente através da industrialização.

Assim, em apenas 0,4% do território nacional vieram se concentrar 17% da população, que aqui construiram, com seu esfôrço, dinamismo e determinação — e com o aproveitamento intensivo da energia elétrica fornecida pela LIGHT —, o maior parque industrial da América Latina e os dois maiores centros urbanos, comerciais e financeiros do país, contribuindo com 70% da renda nacional.

Êsse quadro começou a configurar-se no início do século, quando a LIGHT inaugurou as suas primeiras usinas, no curso do Rio Tietê, em São Paulo, e no Ribeirão das Lajes, no Estado do Rio. Hoje, a região fabrica 65% de tôda a produção industrial brasileira.

A LIGHT — que se orgulha de sua contribuição decisiva ao desenvolvimento nacional — está agora investindo meio trilhão de cruzeiros na expansão de seus sistemas de transmissão, transformação e distribuição de energia elétrica, indispensáveis ao desenvolvimento da indústria, ao progresso do comércio e ao confôrto da população da região Rio-São Paulo por ela servida.

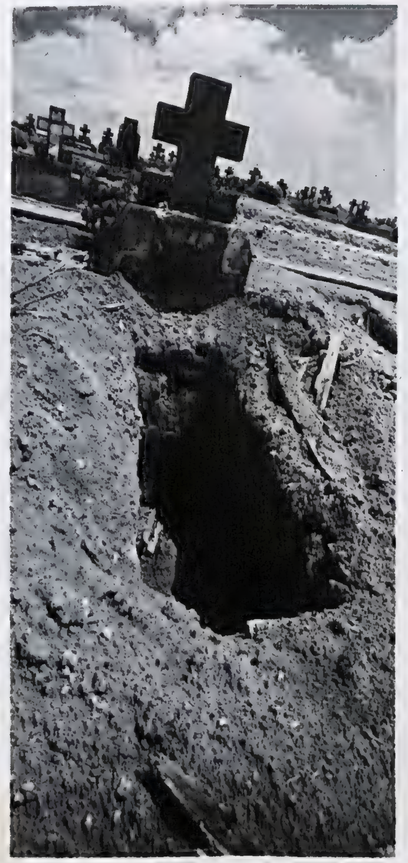
LIGHT
A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

"A realidade de Deus escapa a qualquer fórmula"

Os pensadores cristãos respeitam, hoje, as religiões não-cristãs como formas históricas de relacionamento espontâneo com Deus. Frei Bernardo Catão, dominicano brasileiro, vê na declaração do Concílio Vaticano II a êsse respeito o propósito de evoluir "de um conceito de religião pagã falsa ao conceito de atitude religiosa não-cristã, verdadeira, embora incompleta." Ao mesmo tempo, porém, êsses pensadores tratam de marcar a profunda originalidade do cristianismo. As religiões antigas eram religiões de Estado, justificando o poder ou exercendo-o diretamente. Para o mundo antigo, a identificação entre os dois poderes era natural. O romano Cícero escrevia: "Nunca nossos antepassados foram mais sábios nem mais bem inspirados do que quando decidiram que as mesmas pessoas presidiriam a religião e governariam a república." Cristo, ao contrário, pregou a distinção entre os dois poderes e dirigiu sua mensagem sobretudo aos pobres. Por outro lado, os deuses dos antigos eram sempre poderosos e ciumentos. Os deuses do Olimpo, por exemplo, condenaram Prometeu porque se atrevera a roubar o fogo dos céus para dá-lo aos homens. Cristo é um Deus que se deixa matar pelos homens e que se humaniza — esta é a essência do Natal — justamente para divinizar os homens.

Era uma fé difícil de definir ou defender, e a igreja primitiva, em sua luta contra as heresias, acabaria voltando-se para uma arma intelectual que se encontra já forjada: a metafísica dos gregos. Por outro lado, os cristãos terminaram sucumbindo à tentação de fazer do cristianismo uma nova religião de Estado. A aliança da fé bíblica com a filosofia grega culminou na Idade Média. Embora admitissem que não se pode conhecer Deus perfeitamente, os estudiosos medievais escreveram páginas e páginas para provar racionalmente que Deus existe e para discutir seus atributos: onipotência, onisciência, imutabilidade, perfeição, eternidade. Para êles, havia também uma ordem natural imutável e objetiva, a que os homens estavam submetidos, já que podiam conhecê-la e contemplá-la, mas não transformá-la profundamente. E, embora infinitamente acima dos homens, Deus passou a ser visto por muitos cristãos como o vértice de uma grande pirâmide de sêres e o soberano supremo de um mundo de ordem, governado de comum acôrdo pela Igreja Cristã e pelo Estado cristão. Deus era também um juiz rigoroso, que recompensava os bons e castigava os maus, e que parecia mais interessado em punir do que em salvar. A vida era passageira e a terra, um vale de lágrimas; o homem deveria sacrificar as alegrias da vida se quisesse servir a Deus e salvar a própria alma, evitando os castigos eternos na vida futura. Assim, naquela época, a fé cristã diluía-se nessa visão pessimista, estática e abstrata do homem, tão afastada da visão bíblica, concreta, dinâmica, otimista e humanista, que valoriza o mundo e as relações entre Deus e os homens.

"É totalmente impossível aprisionar a realidade de Deus numa fórmula, num conceito", recorda o pastor João Parahyba, "pois sua realidade escapa aos limites de qualquer conceituação. Por isso, a Bíblia não procura conceituar Deus, mas testemunhar e descrever sua atuação." A cristandade primitiva, ao contrário, reduziu Deus inconscientemente à condição de parte de uma cultura histórica. "Nada mais natural então — comenta o teólogo dominicano Edward Schillebeeck — do que o desaparecimento de Deus quando essa cultura desaparecesse."



A morte continua sendo o grande mistério.

No fim dos tempos medievais começaram as grandes transformações que iriam, pouco a pouco, transfigurar a face do mundo e a realidade da vida humana. Da revolução científica nasceria uma nova forma de análise e explicação do mundo: a ciência de nossos dias. Com base nessa ciência, a revolução tecnológica forjaria uma nova técnica, científica e em contínuo aperfeiçoamento. O fruto maior dessa revolução tecnológica seria a revolução industrial: a invenção da máquina, a progressiva substituição do trabalho manual pelo trabalho mecânico. Em conseqüência, a organização econômica e política da sociedade passa também por grandes modificações.

As riquezas se acumulam — e a miséria também. Os horizontes geográficos e culturais do homem se ampliam. Êle desvenda a realidade social diferente dos outros povos — e o próprio pluralismo religioso se torna evidente. Até então, a referência de Deus ocorria espontâneamente pela necessidade natural de explicar os fenômenos do mundo e resolver os problemas do homem. Essa religiosidade natural entra em crise com o desaparecimento do mundo pré-científico. O homem moderno se percebe como um ser criador e percebe a história como livre criação do homem. Afirma seu poder sôbre o mundo na interpretação **científica** do universo **natural** e na sua transformação **técnica** em universo **cultural.** Por aí o homem moderno se descobre, como criador de um mundo de possibilidades ilimitadas.

A visão medieval era, por influência cristã, **teocêntrica:** Deus era o centro de referência e o fim de tôdas as coisas. E era também, por influência da metafísica grega, **cosmológica:** o princípio básico para a explicação da realidade era a idéia de cosmos, de um todo organizado, de uma ordem natural, estática, imutável, acabada, onde o homem aparecia como uma peça — mais nobre, mas sempre uma peça. A visão moderna, em contraposição, é **antropológica** e dinâmica: tem como conceito fundamental não mais o conceito de uma ordem já estabelecida, mas de uma ordem a estabelecer, de uma ordem a ser criada pelo próprio homem. A visão moderna é, além disso, **antropocêntrica:** tem o seu centro de referência no homem, que se afirma como sujeito, fim e norma de si mesmo. Êsse mesmo humanismo histórico e antropocêntrico se volta contra Deus, porque o Deus da tradição clássica era um Deus que limitava o poder criador do homem, esmagava sua autonomia, e o reduzia à mera condição de instrumento dos desígnios divinos arbitrários e impenetráveis.

Resposta ao desafio humanista

Deus foi assim atingido pelas grandes transformações que deram início aos tempos modernos. Isto fica ainda mais claro quando se analisa o processo chamado de secularização. Começou com a laicização do Estado: o Estado deixou de ser Cristão e passou a ser leigo, não reconhecendo oficialmente nenhuma religião e afirmando sua autonomia em relação à Igreja. E se estendeu pouco a pouco a tôdas as áreas onde o homem ia conquistando sua autonomia e tornando desnecessário o recurso a Deus como meio de explicar, resolver ou justificar seus problemas. Quando Napoleão perguntou a Laplace porque não havia menção de Deus em seu tratado sôbre as estrêlas, o astrônomo francês respondeu friamente: "Não tive necessidade dessa hipótese."

Logo o Deus — que começara sendo pôsto de lado — passava a ser formalmente negado e terminou por ser combatido. Porque se Deus não existe, existe pelo menos a idéia de Deus, e esta impede que o homem se torne plenamente senhor de si mesmo e de seus destinos. Surgiu o ateísmo mais característico dos tempos modernos: o ateísmo militante ou antiteísmo, como o chamou Henri Lubac, jesuíta francês. SEGUE

Não é possível falar de Cristo sem falar de Deus

É que o ateísmo moderno não passa da outra face do humanismo moderno. Referindo-se à forma mais aguda dêsse ateísmo militante, o pastor francês André Dumas lembra: "Os marxistas estão convencidos de que o ateísmo é condição necessária para a plena humanização do homem."

Nesta mesma linha, o escritor Dietrich Heinrich Kerler disse: "Mesmo que fôsse possível provar matemàticamente que Deus existe, eu não quero que êle exista, porque êle limitaria a minha grandeza."

Durante muito tempo, limitados a uma atitude de defesa indignada, os pensadores cristãos não sabiam como responder ao desafio humanista do ateísmo moderno. Foi necessário um processo demorado e penoso para que a reflexão cristã conseguisse repor a questão de Deus em têrmos novos e atuais.

Hoje os teólogos parecem ter diante de si quatro opções básicas: continuar falando de Deus na forma tradicional; deixar de falar de Deus por algum tempo; formular uma nova visão de Deus, com imagens e conceitos do pensamento contemporâneo; ou simplesmente indicar áreas da experiência humana que assinalam a presença de alguma coisa além do homem, e que permitem assim reintroduzir o problema de Deus dentro de uma cultura que reijeita o transcendente.

"Cristo é o meu tipo de sujeito"

Continuar ainda por muito tempo falando de Deus nos têrmos tradicionais parece impraticável. Por isso, não só os chamados ateus cristãos, mas muitos outros pastôres, sacerdotes e teólogos sugerem que se deixe de empregar por algum tempo a palavra Deus, até que ela se liberte do pêso de suas deformações tradicionais e adquira um significado mais preciso. Enquanto isso, partindo sobretudo de Karl Barth — o iniciador da moderna teologia protestante — e de Dietrich Bonhoeffer, que procurou elaborar uma "interpretação não-religiosa do cristianismo", êles acham que a teologia deveria falar quase exclusivamente de Jesus Cristo, caracterizado, segundo Bonhoeffer, como "o homem que viveu para os outros". O pastor americano William Sloane Coffin relata a confissão de uma jovem estudante: "Não sei se ainda acredito em Deus, mas Cristo é o meu tipo de sujeito."

Para outros cristãos, contudo, uma teologia baseada ùnicamente em Cristo suscita mais perguntas do que respostas. Pois, se não é possível nenhuma doutrina **cristã** de Deus sem a figura de Jesus Cristo, por outro lado também não parece possível falar de Cristo em profundidade sem falar de Deus.

Pois a essência e a grande novidade da pessoa histórica de Cristo não é justamente o fato de êle ser ao mesmo tempo homem e Deus?

Daí que muitos pensadores cristãos achem indispensável tentar reinterpretar o conceito de Deus em têrmos filosóficos contemporâneos. O bispo anglicano A.J.T. Robinson, cujo livro **Honest to God** mais do que nenhum outro contribui para a divulgação da polêmica atual sôbre a morte de Deus, é dos que se batem por uma nova imagem de Deus. Outro bispo anglicano, James A. Pike, da Califórnia, sugere que a Igreja abandone a doutrina da Trindade, que êle considera baseada em pressupostos metafísicos que o homem moderno já não consegue entender. Seu ponto de vista é que, atribuindo ações específicas às pessoas da Trindade — a criação ao Pai, a redenção ao Filho e a inspiração ao Espírito Santo — a Igreja leva, na prática, muitos cristãos a pensar e agir como se existissem três Deuses, e não um só.

Outros filósofos cristãos estão empenhados principalmente em reexaminar o problema das relações entre a transcendência e a eminência de Deus, como o caminho para reconciliar o teocentrismo cristão com o antropocentrismo moderno. Criticam a concepção tradicional, que o jesuíta francês Teilhard de Chardin caracterizou como uma "concepção extrinsecista de Deus", justamente porque dá a impressão de que Deus é um ser **ao lado** ou **acima** do mundo. Êste modo de entender a transcendência divina está na origem de muitos equívocos. Como indica o marxista francês, Gilbert Mury, ao escrever: "Um ser transcendente é ao mesmo tempo **exterior** e **superior** ao mundo." Já Nietzsche proclamava: "Fui vencedor no combate com o Grande Outro". "Ora" — comenta o pensador católico Romano Guardini — "é precisamente atribuindo a Deus o papel de Outro que a revolta se consuma. Mas Deus não é o **Outro.** Deus é o único ser do qual não posso dizer que eu seja Êle — mas do qual não posso dizer também que se oponha a mim como Outro. A fórmula — "não é eu, portanto é outro" — pode aplicar-se a todos os sêres; mas não pode aplicar-se a Deus. Se Deus fôsse o Absolutamente Outro, o homem deveria empreender uma luta terrível pela sua libertação e Nietzsche é que teria razão. Mas Deus não é o Outro e isto porque é Deus."

No fim, todos reconhecem que seus esforços para repensar o conceito de Deus só poderão chegar a resultados parciais e aproximativos, pois, como diz Jerry Handspicker, do Conselho Mundial de Igrejas, "não é possível definir o indefinível". Neste ponto, aproximam-se curiosamente de Santo Tomás de Aquino, que declarava: "Não podemos saber o que Deus é, mas antes o que êle não é."

Cristo: homem e Deus para os cristãos.

"A fé é uma esperança"

Na opinião de muitos, porém, mais importante do que encontrar um nôvo conceito de Deus é descobrir uma forma de continuar interessando o homem moderno pela dicussão da questão Deus. Alguns acreditam que essa discussão é inevitável, porque surge do próprio debate do sentido último da existência humana. Mas outros julgam necessário que o homem se veja lançado em situações que Ian Ramsey, da Inglaterra, chamou "situações de discernimento", para que êle possa tomar consciência do problema dêste significado. Para alguns, essas situações de discernimento seriam sempre situações-limite de desespêro e sofrimento. Mas outros sustentam que uma situação de discernimento tanto pode surgir diante da morte e doença, como no amor, lendo um livro ou combatendo pela justiça. E cresce o círculo dos que acreditam que a grande área em que o homem moderno pode abrir-se à transcendência é sobretudo o seu futuro. Concordam com Teilhard de Chardin quando sustentava que o homem moderno pode entender mais fàcilmente um Deus **à sua frente** na história, do que um Deus **lá fora** no espaço.

Santo Agostinho já ensinava que "a fé é procura de compreensão". Procura, não posse. Em nossos dias, o ateu cristão William Hamilton repete que "a fé não é uma posse, mas uma esperança", e Gabriel Vahanian sugere que não existe fé verdadeira sem alguma medida de dúvida. Hoje, mais do que nunca, muitos cristãos, que têm uma fé madura e consciente, sabem que não têm as respostas prontas e finais para todos os problemas e reconhecem que a revisão do conceito de Deus está apenas no começo, com resultados provisórios e parciais. Mas não desanimam. Ao contrário, encaram com otimismo e confiança a crise religiosa de seu tempo. Já aprenderam que Deus não é propriedade privada da Igreja, mas o Senhor do mundo.

E sabem que Êle está agindo na história não só através dos cristãos, mas também dos não-cristãos. Assim, não vêem na dissolução da visão tradicional de Deus uma ameaça. Longe disso, vão ao encontro do ateísmo moderno como uma provocação providencial para a purificação de sua fé e estão certos de estar vivendo o processo da revelação e descoberta de uma imagem ainda mais fiel e perfeita de Deus e de seus desígnios.

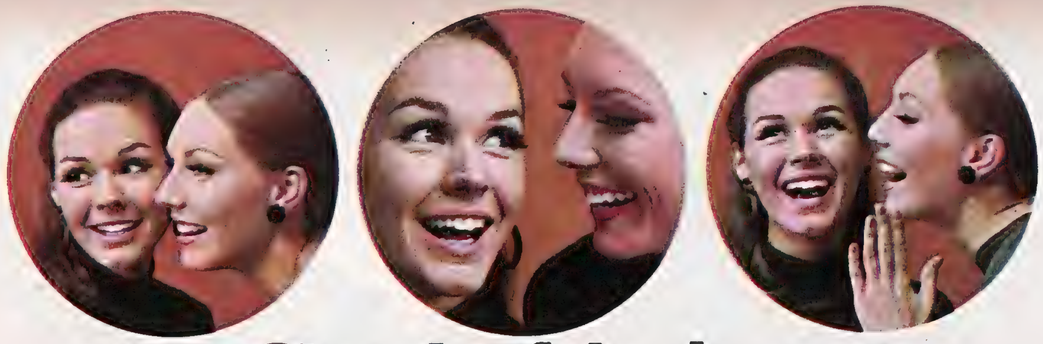
Por isso, o teólogo William Clebsch pôde terminar um de seus ensaios sôbre a fé no mundo contemporâneo com a frase, aparentemente contraditória, mas cheia de significado e de fé: "Estou certo de que os cristãos amadurecidos, ao ouvirem a frase — **Deus está morto** — responderão: **Graças a Deus, amém."**

FIM

A qualidade e alta classe do TERGAL SCURACCHIO levam as vêzes, a êstes pequenos exageros... é lógico. Os nossos concorrentes costumam dizer que seus tecidos nada deixam a desejar dos similares estrangeiros. No nosso caso é diferente, os fabricantes estrangeiros esforçam-se para igualar nossa qualidade. Veja... se tergal já é bom, imagine TERGAL-SCURACCHIO.

TERGAL (MR)

Scuracchio



Use Signal e fale de perto.

Sòmente Signal tem listas vermelhas. Nas listas vermelhas está o hexaclorofeno. Signal é garantia de hálito puro.

O hexaclorofeno de Signal é um moderno antisséptico que purifica o hálito. Enquanto isso, o elemento branco limpa e clareia os dentes. Signal é gostoso, refrescante.

Inclua publicidade internacional

Os dois jornalistas de REALIDADE — Carlos Azevedo e Luigi Mamprin — partiram bem equipados: barraca, rêde de dormir, fuzil, facão, proteção contra mosquitos, cobertor, mantimentos. Ao deixarem a redação tudo estava acertado: — "Até daqui a dez dias". A viagem durou 40, e, para trazer esta reportagem, êles sofreram fome e doença ao atravessar mais de 300 quilômetros — a pé e de canoa — da floresta a noroeste de Mato Grosso, em plena Amazônia. A missão era muito importante: a cobertura de uma história de solidariedade humana, a salvação de um povo ameaçado de desaparecimento — os índios caiabis. Os repórteres acompanharam o sertanista Cláudio Vilas Boas, sete índios e onze pára-quedistas que a FAB cedeu para participar da operação. Muitos imprevistos os esperavam. Ao final da dura marcha, todos os homens, inclusive os índios, tinham-se esgotado. Luigi Mamprin foi atacado pela malária, acompanhando parte da caminhada apoiado sòmente em sua fibra. E, até onde êle conseguiu resistir, sua máquina fotográfica não perdeu um único fato. O calor sufocante e a umidade — que acabaram prejudicando parte de seu material — as longas remadas, os tombos no cipoal, nada influiu em seu ânimo. Carlos Azevedo, a salvo da malária, sofreu um acidente que lhe valeu um corte na testa, passou fome e sêde e gastou dois pares de sapatos de tanto caminhar. Quando os mantimentos chegaram ao fim e os próprios índios adoeciam, caçou e preparou macacos e jacus para os companheiros. A certa altura da marcha, desligou-se da coluna e viajou 12 dias por um rio para acompanhar dois índios e um pára-quedista a uma aldeia mais distante. Apesar dos perigos, ambos se sentem agora compensados por poder mostrar, nas páginas seguintes, êste documento do

RESGATE DE UMA TRIBO

LUIGI MAMPRIN

CARLOS AZEVEDO

ESTAS CRIANÇAS ESTÃO SALVAS

Começa a dura operação-Caiabi

Quando o índio Ipepori despediu-se de seu filho Tirauon não esperava ficar sem vê-lo por mais de uma semana. Chorando mansamente, o menino de nove anos foi seguindo o pai enquanto êste apanhava a espingarda num canto do rancho e enfiava a rêde no saco, junto com o cobertor, um par de botinas novas, três cachimbos e os óculos **ray-ban.** Depois, os dois caminharam juntos até o avião.

Ipepori é chefe e pajé entre os caiabis, 130 índios que falam um dialeto tupi e vivem nas terras do Parque Nacional do Xingu, reserva indígena no noroeste de Mato Grosso. Ipepori é o reunificador de seu povo. Há anos vem trazendo para o parque os caiabis que conseguem escapar de um inimigo que vem destruindo suas tribos: o seringueiro, o homem branco que representa a violência, as doenças, a morte. Nesse trabalho Ipepori já correu sérios riscos. E era por isso que naquela manhã de 5 de setembro, ao partir do Pôsto do Diauarum para uma nova missão de resgate, sua mulher, Carolina, sentia vontade de chorar junto com Tirauon.

No DC-3 da FAB Ipepori viajou quieto e sério. Mais velho que os outros seis caiabis, seus companheiros de viagem, não participava da algazarra que êles faziam ao reconhecer rios e matas lá embaixo. Nem se preocupava em disfarçar seu mêdo de voar. Ao seu lado sentava-se Cláudio Vilas Boas, o chefe do Pôsto do Diauarum.

Faz muito tempo que Cláudio e seu irmão Orlando — que dirigem o Parque Nacional do Xingu — sabem que os índios do rio Tatuin estão sofrendo. Há 15 anos tentaram removê-los para o Xingu, mas a distância é muito grande, o contato foi perdido. Mais tarde, um religioso — o padre João — foi lhes fazer uma visita e contou que os caiabis estavam em atrito com os civilizados. Ir buscá-los seria muito trabalhoso, mas, como Ipepori e outros líderes da tribo sempre lhes pediam que fôssem buscar seus parentes, os irmãos Vilas Boas se decidiram.

Orlando conseguiu que a FAB, sua velha aliada na proteção aos índios, os ajudasse. Dias depois, os pára-quedistas do PARA-SAR da FAB, tropa de eleite especializada em salvamentos, chegavam ao Pôsto de Diauarum. No dia seguinte êles saltaram sôbre um chapadão situado a 350 quilômetros a oeste do parque e reabriram um campo de pouso feito há muitos anos pelos Vilas Boas. Estava iniciada a **operação-caiabi.**

Agora, enquanto o pilôto do Douglas observava os sinais que os pára-quedistas faziam, e sobrevoava a pista preparando-se para o pouso, Ipepori mostrava a Cláudio o rumo que a missão deveria tomar em sua viagem até as aldeias dos caiabis. Alisando com os dedos a longa cabeleira arrepiada, Ipepori estendia os olhos sôbre a mata. Andara por ali na infância e — depois disso — há 15 anos pela última vez. Hoje não é mais um jovem; sua primeira neta nasceu há pouco. SEGUE

Quando os alimentos lançados pela FAB acabaram, os homens comeram mel e carne de macaco, sempre atacados por milhares de abelhas.

É nos rios que se vence a floresta

Mas quanto ao rumo estava seguro. Bateu na cabeça com o dedo indicador e disse sorrindo:
— O caminho está aqui.

Ipepori e seus seis companheiros, 11 pára-quedistas, Cláudio Vilas Boas e dois jornalistas — 21 homens — partiram na manhã seguinte rumo ao rio Tatuin, em cujas margens estavam as aldeias avistadas num sobrevôo feito na véspera. Ficavam a 40 quilômetros da base, em linha reta, no sentido sudoeste.

A partida foi alegre. Estava longe a suposição de quanto a marcha seria longa, dura e cheia de imprevistos.

A floresta não demorou a mostrar que era bem diferente do tapête repousante visto do avião. Na sombra das grandes árvores a temperatura podia variar ràpidamente; de fresca e agradável para um abafamento opressivo que precedia rápidas pancadas de chuva. Eram raros os trechos em que a mata se apresentava limpa, permitindo um caminho natural entre as árvores. O que se enfrentava quase sempre era um denso cipoal, apoiando-se nas árvores e trançando-se a espinhos e arbustos.

O aço dos facões dos índios retinia na madeira dura. E a marcha emperrava, prosseguindo em curtas arrancadas e esperas aborrecidas. Fôlhas e galhos formavam uma grossa camada de húmus que escondia um chão perigoso, cheio de buracos e raízes.

O ritmo febril em que tudo nasce e morre na floresta amazônica impressionava os brancos: assistia-se a fragorosas quedas de imensas árvores, sem nenhum motivo aparente, levando consigo para o chão as 20 ou 30 outras árvores que a ela se ligavam entrelaçadas por cipós. É impossível manter uma linha reta naquela confusão de paus e raízes, que — arrancadas pelas tempestades — apodrecem para já brotar outra vez. O canto de mil passarinhos, os gritos de um bando de macacos passando, o estalo das fôlhas sêcas que não param nunca de cair completam a sensação de que a mata está viva. E a mistura desordenada de todos os tons do verde ou um doce perfume de flor podem emocionar.

A marcha não progredia nem mesmo quando a coluna alcançava descampados. Capões de taboca — taquara fina, dura de cortar — impediam a passagem. Aqui, a grama que cobria o solo dava-lhe uma enganosa aparência de firmeza. Pois êle cedia, pantanoso, ao pêso dos homens. Surpreendida pela dureza do mato a coluna andou pouco no primeiro dia. Ainda mal adaptados os homens tiveram de almoçar cedo — farofa de veado — e acampar antes das quatro horas da tarde.

Desde que topara com o córrego Quatá, o grupo tinha passado a acompanhar seu curso porque não havia certeza de outras águas por perto e, sendo êle afluente do Tatuin, estava sempre seguro do rumo. Além disso, é mais confortável acampar em margem de rio. SEGUE

Rio acima ninguém ajuda e as pedras atrapalham, mas nada conseguiu segurar os índios: fizeram jangadas com troncos amarrados por c

não esqueceram a comida: na hora do descanso, no acampamento, um churrasco de anta.

É duro começar vida nova, mas Temioni estava cansado de sofrer. Moreirum preparou beijus para a viagem. Na pele de Tabá marcas da blastomicose. Embaixo é Peim, que chora: sua mãe morreu há sete dias.

Agora índio velho vai ter que partir

Ali só havia um inconveniente: a grande quantidade de abelhas que, atraídas pelo suor dos homens, cobriam-lhes o corpo e tornavam impossível o descanso antes do pôr do sol, hora em que desapareciam. A quantidade de abelhas era tamanha que pequenos objetos — relógio, caixa de fósforos — postos para secar ficavam inteiramente cobertos por elas.

Segundo a previsão de Ipepori a etapa até o rio Tatuin deveria ser coberta em dois dias, mas foram necessários quatro, apesar de que do terceiro dia em diante a marcha rendeu mais: os homens já tropeçavam menos nos cipós, caíam menos, resistiam andar mais e iam-se tornando indiferentes às formigas de fogo e aos carrapatos que lhes subiam pelas pernas. A coluna chegou ao rio cansada, com muita sêde, depois de um último trecho longo e sem água, em que andou sob um sol terrível. Alguns, menos preparados, estavam tensos e sofrendo de insônia. Sentado à beira do fogo, fumando um de seus cachimbos, Ipepori lhes falava num tom de quem conhece as reações causadas por sofrimentos na mata:

— É preciso paciência porque o mato é duro, caraíba.

Caraíba quer dizer homem branco.

Durante a marcha, os índios nunca haviam deixado faltar carne fresca à cozinha: veado, macaco, porco do mato e aves como o jacu (um frangão) ou o mutum (do tamanho do peru) eram abatidos diàriamente. Êles colhiam mel e frutos também e ainda carregavam a maior parte dos alimentos.

Mas foi no dia seguinte à chegada ao rio — no domingo — que êles deixaram os homens brancos espantados. De manhã começaram a cortar grossos troncos e a transportá-los para o rio. Às quatro da tarde tinham acabado de construir duas jangadas. Uma grande, de seis metros por quatro, e a outra pequena, de uns três metros por dois.

O naufrágio da jangada grande na manhã de segunda-feira impediu que a viagem continuasse naquele mesmo dia. Dezessete pessoas e suas mochilas foram pesadas demais para a embarcação. Mas a pequena deslizou rápida, rio abaixo, com quatro passageiros. Era a solução, e os índios gastaram mais um dia construindo outras seis jangadas como aquela.

Na têrça-feira, afinal, a **frota** se deslocou. Cada embarcação levava quatro ou cinco passageiros, sua bagagem e um pedaço da anta assada que tinha sido morta na véspera. A água do Tatuin cobria a jangada e alcançava os tornozelos dos homens. Era preciso viajar quase imóvel, em pé ou sentado, um passageiro em cada ponta. A carne da anta era rosada e tenra, mas em compensação havia os **piuns,** mosquitinhos que picam deixando uma marca de sangue e coceiras na pele. Para fugir dêles o melhor era saltar na água e deixar-se rodar agarrado à jangada. A média horária no rio foi calculada em três km, mais ou menos a mesma que a coluna desenvolvera andando na mata cerrada.

No começo o rio favorecia a descida, pois era raso e correntoso. Mas aos poucos iria ficando mais estreito — menos de 100 metros de largura — parado, formando poços fundos e remansos. Então eram usadas as **zingas,** longas varas que se apóiam no fundo do rio para impulsionar a embarcação.

Nesse dia o grupo acampou num barranco de mata limpa e enfrentou uma noite fria, com fogueiras ao lado das rêdes. O dia seguinte — era o oitavo da viagem — amanheceu belíssimo. Navegando juntas desde a aurora, as jangadas eram envolvidas por uma neblina fina, dourada de sol.

Logo depois de uma sucuri escapar prudentemente de um tiroteio, uma anta enorme tentou atravessar à frente da **frota.** Assustada, mergulhou procurando voltar por onde viera. Reapareceu, mas um tiro de fuzil que bateu na água a meio palmo de seu focinho obrigou-a a mergulhar outra vez. Ela só voltou a aparecer na margem 50 metros adiante. Quando ia entrando no mato, porém, recebeu o primeiro tiro. Cambaleou. Outros cinco tiros bateram em cheio no seu corpo. Ela caiu de joelhos e depois rolou mansamente para o rio, morta. Pesava uns 200 quilos. SEGUE

Êles têm pressa de chegar ao parque

As 11 horas a coluna chegou a uma roça semi-abandonada. Numa enseada, cinco canoas ancoradas. Pára-quedistas e índios gritaram alegremente enquanto procuravam ancorar as jangadas. Emocionado, Ipepori encostou a sua **zinga** para colocar os óculos **ray-ban,** símbolo de sua prosperidade e que, êle sabia, ia impressionar os outros. Um caminho largo saía do pequeno pôrto e subindo o barranco suave ia dar em duas palhoças 100 metros adiante. Do terreiro três cachorros latiram tìmidamente para os desconhecidos. Não aparecia ninguém. Mamoeiros, bananeiras e uma pimenteira cercavam as duas palhoças: a da frente, quadrada e pequena. A outra, retangular e tão grande que — além de seus moradores — iria acolher também tôdas as rêdes da comitiva.

Cláudio Vilas Boas avançou até a porta da primeira cabana e chamou. Um homem magro — as tatuagens no rosto o identificavam como caiabi — saiu ao seu encontro. Vestia calça e camisa de brim azul, tinha um cigarro nos lábios e uma criança escanchada nas ancas. O índio respondeu às perguntas de Cláudio em bom português, mas num tom ao mesmo tempo desanimado e desconfiado.

Aos poucos apareceram algumas mulheres e crianças vencidas pela curiosidade. Por último, um velho se aproximou. Devia ter uns 70 anos, coisa rara, pois os índios em contato com os civilizados morrem mais cedo. Não falava português, mas suas palavras em caiabi, pronunciadas em voz baixa e rouca, tinham um tom cordial. Apesar da roupa suja e desbotada que lhe enfeiava a figura, mantinha um ar imponente, um jeito de quem se acostumou a mandar. Pois o velho era um chefe. Era Temioni, o último **uriat** (de linhagem nobre) dos caiabis do rio Tatuin.

Alegrou-se de ver os caiabis que chegavam. Convidou tôda a coluna a se hospedar em sua casa. Mandou armar a rêde de Ipepori, que também é uriat, ao lado da sua. E contou uma história que os outros caiabis iam traduzindo para os homens brancos. Disse singelamente:

— Outro dia um homem branco quase me matou. Êle fingiu ser meu amigo, mas amarrou-me com cordas a um tronco e arrastou minha mulher para o mato.

Indicou uma índia jovem e bonita, sentada numa rêde perto do fogo. E continuou:

— Êle disse que eu tinha sorte, pois se não tivesse esquecido o revólver no seu rancho teria me matado. Seu nome é Paulo, o seringueiro chefe do **barracão.**

Barracão é o nome dado ao entreposto do seringal.

Quando o velho terminou houve um silêncio indignado. Cláudio rompeu-o ao voltar-se para o major Lessa, comandante dos pára-quedistas:

— Nossa viagem já está justificada. SEGUE

Cupeap leva Peim para uma vida melhor; Iput rema. Temioni e Moí: adeus à humilhação.

elegante. Donaire. Distinção. (*Lat. ele*

Elegantemente, *adv.* De modo elegante, com elegância, com Karibê.

Elegantismo, m. Qualidade de elegante

KARIBÊ

RHODIANYL

compre com tôda a confiança

KARIBE

Promessa de liberdade faz índio dançar

Enquanto Ipepori, sentado na sua rêde ao lado da rêde do velho Temioni, lhe explicava que tôda aquela gente tinha vindo até ali para transferi-lo com sua tribo para uma terra "onde os civilizados não entram", Ipó, Cuá e Tapiucap faziam fogo na sombra das bananeiras para preparar o almôço.

Os outros três índios da coluna, Meauí, Iput e Tuin, foram juntar lenha e em poucos minutos uma panela chiava sôbre três pedras chatas.

Naquela aldeia moravam umas 20 pessoas. Havia uma outra, muitos quilômetros rio abaixo, onde, segundo o pessoal dali, morava muito mais gente.

Os sinais de decomposição da tribo eram evidentes. Tabá, o caiabi desanimado que tinha aparecido à porta quando da chegada da coluna, não parecia um índio. Ficara observando os desconhecidos com ar idolente. Pedira-lhes pinga e em resposta ouvira um conselho:

— Pinga faz mal para índio.

Um jovem de uns 17 anos perguntado sôbre seu nome respondera:

— Balduíno.

Cláudio quis saber seu nome caiabi. Depois de resistir um pouco êle informou, afinal, mas envergonhado:

— Inavé.

O estado de saúde de todos na aldeia também não era bom. Tabá estava muito magro. Cupeap, um homem môço, filho do velho chefe Temioni tinha o corpo recoberto por grandes feridas cheias de pus. É a blastomicose, uma rara doença de pele, que no Brasil só aparece na população caiabi, e que os médicos da Escola Paulista de Medicina — que dão assistência ao Parque Nacional do Xingu — têm conseguido tratar com sucesso. A mulher de Cupeap morrera uma semana antes, de pneumonia, sem nenhum recurso senão a pajelança de Tamacaí, um outro índio da triste aldeia. E era longa a história das gripes e sarampos que há anos vinham matando aquêles caiabis.

O prolongamento da viagem já começava a criar problemas. No almôço daquele dia foi consumida a última porção de macarrão, acompanhada de pato e jacu ensopados. Arroz e óleo já tinham acabado e o leite estava no fim. Felizmente ainda havia um pouco de sal. A esperança de que os índios tivessem alimentos para fornecer, como acontece normalmente nas aldeias caiabis, desaparecera ao se ver a situação de penúria em que viviam. E a anta morta pela manhã e rebocada por uma jangada tinha-se decomposto sob o sol forte. O jantar foi uma sopa simples que os índios da aldeia compartilharam. No dia seguinte, alguns dos caiabis da coluna teriam de sair para caçar. Do rio não se poderia esperar nada, pois ali não há senão pequenos peixes.

O avião tinha sido tão esperado: o pára-quedista Guaranis e o índio Ipó estão felizes.

À tarde, Cláudio resolveu que o índio Iput iria até a outra aldeia convidar o resto da tribo a se mudar para o parque. Guiando-o iria Inavé. Para acompanhar os dois, os pára-quedistas escolheram o sargento Geraldo. Um dos jornalistas também resolveu ir.

De noite, depois que explicaram ao pessoal da aldeia como era a nova terra — o parque — uma terra só dos índios, de fartas roças, muita caça e peixes, médicos e remédios, os caiabis da coluna cantaram e dançaram na frente da casa do chefe Temioni. Durante horas desfiaram suas canções que vêm de tempos tão velhos que ninguém mais sabe o significado de suas palavras.

E Tabá contou vantagens: era caçador de peles. Mostrou orgulhosamente os seis sabonetes Gessy, tamanho grande, que conseguira dos seringueiros em troca de uma pele de jaguatirica. Em Cuiabá a pele vale 150 mil cruzeiros.

Na manhã seguinte (nono dia de viagem) uma canoa de tamanho médio começou a descer o rio, com quatro passageiros, em busca da outra aldeia. A ida demorou quatro dias. Durante a viagem caçou-se pouco para não haver maior atraso e então a comida nesses dias não passou de alguns jacus, um macaco e castanhas do Pará encontradas na margem, além de algumas conservas que o grupo levava. Logo no primeiro dia, um aguaceiro violento quase interrompeu a viagem, mas os quatro homens tiraram a roupa, guardaram-na embaixo de um plástico junto à bagagem e continuaram remando até encontrar um ranchinho onde se abrigar. Inavé informou que era uma **feitoria** — rancho de seringueiros — e acrescentou que havia um rancho daquêles de seis em seis quilômetros.

A casinha estava abandonada. Pela aparência, há algum tempo. No terreiro espalhavam-se centenas de copinhos de alumínio. São os copos que se utilizam para recolher o leite das seringueiras. Um dos quatro passageiros estranhou:

— Onde estarão os seringueiros?

— Foram embora — respondeu Inavé sem explicar mais nada.

Êle não parecia muito comunicativo, mas daí para a frente se revelaria um bom amigo.

O grupo tinha remado 10 horas e meia no primeiro dia. No segundo, remou 14 horas. Nesse dia, depois de atravessar bem várias corredeiras perigosas, a canoa ameaçou afundar. Foi ao entardecer, quando a chuva voltou e com ela um vento muito forte. Grandes ondas se formavam e só havia uma saída para evitar que a embarcação fôsse inundada: ancorar.

Então Inavé falou de si. Saiu menino da aldeia, para estudar numa escola religiosa em Diamantino, cidadezinha de Mato Grosso. Ficou lá sete anos e quando voltou soube que seus pais tinham morrido numa epidemia de gripe.

Com o longo afastamento, Inavé esqueceu a língua dos caiabis, nem se lembrava mais das canções, das danças e dos deuses de seu povo.

— No comêço eu não conseguia nem pronunciar os sons de minha língua. Os outros me ensinaram tudo de nôvo. SEGUE

Lafer não quer que V. ache esta poltrona bonita.

Lafer quer que V. sente-se nela.

Esta é a poltrona da nova linha Lafer MP 13.

O revestimento é de Plaviroy, da Plavinil, plástico reforçado de luxo, que supera as qualidades do couro natural.

A estrutura é de jacarandá da Bahia, maciço.

A poltrona Lafer MP 13 foi cuidadosamente estudada, como todos os produtos Lafer MP.

Se depois de saber disso, e de ver esta poltrona de perto, V. não sentir vontade de comprá-la, sente-se nela.

Largue o corpo, afunde-se, e peça para o vendedor mostrar o sofá e a mesa, que completam o conjunto.

Adivinhe o que vai acontecer.

plaviroy

Plavinil – Lafer MP

Standard Propaganda

Dentro do avião, Ipepori sorri, enquanto Puiacá admira a beleza do rio Xingu. Agora êle está pago pela vida gasta em libertar seu povo.

AVENTURA CONTINUAÇÃO

O longo caminho até a terra prometida

Contou também que tinha sido um bom meia-armador no time de futebol do **Operários,** de Diamantino. Falava de Pelé. Quando se entusiasmava remando, gritava:

— Sou duro, sou campeão do mundo.

Participava da guerra-fria:

— Eu conheci um russo. Os russos são comunistas.

Inavé já vivia dentro do universo dos civilizados. Sabia ler e escrever corretamente. Trazia consigo um caderno e nêle escrevia cartas de amor para uma noiva, uma índia pareci, que também estudava em Diamantino. Cartas que não mandava.

— E agora, Inavé, o que você pretende fazer?

— Quero voltar para a escola. Falta estudar o corpo humano.

— E depois?

— Vou matar muita ariranha e jaguatirica, vender as peles, ganhar dinheiro e tomar umas pingas em Cuiabá.

Há 400 anos, apesar de sua indiscutível boa intenção, as missões religiosas repetem o mesmo êrro na catequese dos índios brasileiros. Em Inavé havia sido destruída a consciência de ser índio. Em troca, ganhou nebulosas noções do nosso mundo. Noções que lhe permitiam manter a ilusão de pertencer à sociedade brasileira, mas que eram insuficientes para êle encontrar um lugar dentro dela. Ensinaram-no a ler e a escrever. Terminado o curso tinha sido mandado de volta ao sertão mais distante. E ali ler e escrever não lhe serviam para nada. Fazia-lhe muita falta não saber atirar flecha, construir canoa e casa, conhecer as plantas medicinais; fazia-lhe falta não saber dominar o seu meio. Resultado: marginal para a sociedade brasileira, marginal para a sociedade indígena.

Para essa questão as missões religiosas não têm resposta. Lembram que é uma obrigação cristã impedir que os índios morram pagãos. E se esquecem de que, apesar de cristãos, dois milhões de índios morreram miseràvelmente em quatro séculos de catequese.

Na manhã do terceiro dia, Inavé, Iput, o sargento Geraldo e o jornalista tiveram que deixar a canoa — uma série de cachoeiras interrompia o rio tornando impossível o prosseguimento da viagem. No mesmo ponto em que deixava o barco, o grupo topou com uma sólida casa de madeira, coberta com telhas de tábuas, de muitos quartos e com dois galpões ao lado. Cercavam-na bananeiras, limoeiros e pés de abacaxi. Aqui também estava tudo abandonado: numa árvore em frente, araras tinham feito ninho.

Dentro do casarão havia uma grande quantidade de remédios, rolos de fumo, bruacas (sacolas para transporte de carga em burros) de couro cru e arreios. Vários fardos de borracha já sêca no fogo estavam abandonados nos galpões.

Os quatro homens seguiram viagem: ia ser a pé, através de morros escarpados e pedregosos por uma extensão de 20 quilômetros. Do outro lado dessa serra foram encontrados mais dois ranchos sem ninguém. A floresta começava a recuperar terreno invadindo as casas. No terreiro de uma delas uma placa de madeira apodrecida ainda anunciava: "Pensão — comida a qualquer hora — quem não pagar leva bronca". Lá dentro, panelas, uma lamparina com um resto de querosene, facões, machados.

A impressão era de que os moradores tinham partido com muita pressa. Em algumas seringueiras ainda se viam copos cheios de leite, esperando pela colheita que não viria. Borracha que não tinha sido coalhada na fumaça se perdia, largando mau cheiro. E todos aquêles objetos? Quando se muda, o sertanejo não costuma deixar nada para trás.

Os quatro homens estavam cansados e a comida acabando. Ao entardecer Iput ouviu barulho de fôlhas nas copas das árvores. Pegou a espingarda e saiu andando devagar dando assobios curtos. Do mato vinham assobios em resposta. Ouviu-se um tiro. Cinco minutos depois o índio limpava um macaco-prego no terreiro. Cozida por pouco tempo e só no sal, a carne do macaco ficou rija, fibrosa e sêca. Prato difícil para os homens brancos.

Ao pôr do sol do 13.º dia de viagem, o grupo chegava à aldeia de baixo. A sorte ajudara-os — tinham encontrado três caiabis num bote e ganharam transporte até a aldeia. Isso poupou-lhes uma caminhada de mais 30 quilômetros por dentro da mata. À chegada, foram recebidos por um jovem louro, de grandes barbas. Chamava-se Jorge Grünberg, era um austríaco, estudante de antropologia. Grünberg ganhou a gratidão dos viajantes exaustos por lhes ter servido, assim que chegaram, um café bem quente.

SEGUE

HÁ ALGUMA COISA DE ESPECIALMENTE FEMININO NO NÔVO TALCO LUX, QUE O TORNA PERFEITO PARA MULHERES QUE FAZEM QUESTÃO DE FICAR REFRESCADAS, DISCRETAMENTE PERFUMADAS E TOTALMENTE FEMININAS.

Na realidade conseguimos criar um talco extremamente fino e com um perfume sutil e agradável.

linhas publicidade internacional

No Xingu o solo é fértil e só dêles

A aldeia tinha uma estranha forma de L, não usual entre índios. Mas era antes um pôsto do que uma aldeia: o pôsto da missão religiosa do padre João. Sua existência era desconhecida pelo comando da **operação-caiabi,** embora morassem ali cêrca de 50 pessoas. O L partia da cozinha e continuava com dois quartos grandes, despensa, farmácia, uma sala de aula, a **casa dos solteiros** e quatro casas de família. O pôsto era visitado quatro ou cinco vêzes por ano pelo padre João, que de cada vez ficava de três a cinco dias.

Padre João é um homem de 68 anos e cuida dessa tribo e mais duas outras no rio Jurueña. Naquela noite Iput, investido de suas funções de embaixador, conversaria até altas horas com os outros índios, fazendo-lhes o convite para se mudarem.

Foi Jorge Grünberg, no dia seguinte, quem informou o que acontecia no seringal, as casas abandonadas que o grupo tinha encontrado pelo caminho. A emprêsa do seringal, depois da morte de seu proprietário, passou a ser mal dirigida pelos herdeiros. Cada vez mais endividada com o Banco da Borracha, acabou falindo por falta de novos créditos. Os seringueiros foram deixados até sem comida durante vários meses. Afinal, fizeram uma greve, deram tiros, destruíram um motor de pôpa a machadadas e partiram às pressas, prometendo matar seus patrões. Isso tinha acontecido no início de 1966. Depois, o seringal fôra vendido e agora se prometia o reinício da exploração.

Grünberg contou ainda que, além das 50 pessoas que estavam morando ali no pôsto, a tribo tinha mais 11 rapazes e môças que estudavam em Utiariti, uma escola da missão religiosa onde também viviam algumas famílias caiabis. E que três môças haviam fugido com seringueiros e dois homens tinham-se mudado com suas famílias para a região do rio Jurueña para trabalhar na extração da borracha. O processo de destribalização estava em marcha.

O pôsto do padre João se organizou num sistema cooperativo. Os índios trabalham numa roça comunitária que fornece mandioca, arroz, milho, amendoim, feijão e frutas à tribo. Quem quiser pode ter também sua roça individual. O produto do trabalho entregue à comunidade é creditado ao indivíduo que assim tem direito de receber óleo comestível, leite em pó, açúcar prêto, sal, roupa e munição. O óleo, o leite em pó e parte dos remédios existentes no pôsto são fornecidos pelo programa **Alimentos para a Paz** do govêrno dos Estados Unidos. A farmácia é pequena, mas bem organizada e especialmente farta em vitaminas. Contudo, embora não houvesse doentes graves na aldeia, a população estava magra, apática tanto quanto qualquer comunidade sertaneja brasileira, mas sem a animação e o vigor do índio não-integrado. E, na verdade, a cada dia êles eram menos índios, acabocados na forma de viver: há muito tempo não se realizava no pôsto do padre João uma festa caiabi.

O padre não permitia que os índios trabalhassem como seringueiros. Mas êles eram estimulados pelos civilizados a caçar ariranhas e jaguatiricas e essa atividade estava se tornando cada vez mais importante em suas vidas. Em troca das peles recebiam perfumes, sabonetes, brilhantina, lanternas, roupas enfeitadas, espingardas baratas e, naturalmente, cachaça. A comunidade era levada a sentir cada vez mais necessidade de novos bens de consumo. E foi exatamente assim que outras tribos foram escravizadas ao branco explorador.

As terras que margeiam o rio Tatuin e onde os caiabis vivem há muitos anos foram tôdas vendidas sem que o govêrno tivesse se preocupado em lhes deixar uma reserva. A tomada dessas terras ainda não se iniciou, mas a frente de ocupação tem-se aproximado ràpidamente nos últimos tempos, e a previsão é de que a região esteja totalmente ocupada por camponeses e criadores de gado dentro de dez anos.

O padre João sabia que seria impotente para conter essa pressão. Planejou então organizar uma fazenda para os caiabis mais ao sul, na margem do rio Arinos, próximo do povoado chamado Pôrto dos Gaúchos. Pensava evitar a destruição da tribo apressando sua integração. A amarga experiência de centenas de tribos — os canelas, do Maranhão, os xavantes, ali mesmo no Mato Grosso, os bororós, os carajás, os craôs, entre elas — mostra que o padre estava enganado. Aproximando os caiabis de uma povoação civilizada para evitar sua destruição, êle os estaria destruindo de uma outra maneira.

O próprio Marechal Rondon, após integrar muitas tribos, dizia no final de sua vida: "A tendência atual é afastar o índio, quanto possível, do contato pernicioso dos brancos. Já não se compreende a idéia errada de que o índio deva ser incorporado à nossa civilização." E o indianista dizia isso porque tinha verificado, durante tôda uma vida em defesa dos índios, que êles não se integram ao entrar em contato com a nossa sociedade, mas simplesmente desaparecem.

O que Iput, naquela noite da chegada, tentava dizer aos caiabis do rio Tatuin é que havia um lugar onde êles poderiam sobreviver. Uma terra imensa — 22 mil quilômetros quadrados, o tamanho do estado de Sergipe — inteiramente isolada de contato com civilizados, muito fértil, cortada de rios e onde já moram 14 diferentes tribos totalizando cêrca de mil indivíduos. É o Parque Nacional do Xingu, onde essas tribos vivem como sempre viveram, recebendo da civilização apenas os benefícios da técnica. Dois aviões da FAB por semana ligam o parque a Brasília, Goiânia, Rio e São Paulo; e a assistência constante da equipe de médicos da Escola Paulista de Medicina, através de convênio que inclui até leitos no Hospital São Paulo, que pertence à escola.

Além disso, o parque tem dotação de verba federal, com a qual vem-se equipando: possui duas emissoras de rádio, trator, jipe, motores de pôpa, barcos e fornece roupa, agasalho, munição, armas e ferramentas conforme as necessidades dos índios. SEGUE

A chegada ao Pôsto de Diaurum foi simples: as grandes alegrias não têm nem sorrisos.

Aqui, o homem branco é um amigo

Lá, os caiabis do Tatuin não iriam mais ter perfumes, mas teriam uma fartura que nunca conheceram. Nada saberiam de Pelé, mas voltariam a dançar e cantar suas velhas canções nas longas noites estreladas, perfeitamente integrados dentro da sociedade tribal. A direção do parque diz que sua principal missão é a de conservar íntegras as culturas dos índios. Pois ali se considera que se a medida para julgar as sociedades humanas fôr a sua capacidade de fazer felizes os membros da comunidade, então a sociedade indígena vale tanto como qualquer outra sociedade. Equilibrada e harmônica, ela se realiza plenamente: produz homens felizes.

Era isso que Iput queria transmitir quando se esforçava na missão que Cláudio Vilas Boas lhe confiara e repetia:

— Lá é bom, não tem caraíba. O rio bonito, muito peixe, muita caça, tudo bom.

Apesar de tudo, só três índios aceitaram o convite de Iput: Quassiari, atraído pelo chamado de Ipepori, seu cunhado, e os jovens Puiacá e Moaian, disponíveis para aventuras. Os outros estavam apegados demais às suas pequenas coisas para poder partir com tanta urgência.

O grupo agora era de sete pessoas e começou a viagem de volta com sorte: um barco a motor levou-o até a cachoeira. Neste barco vinham outros sete homens, que se diziam caçadores de peles. Tinham trabalhado no seringal falido. Contavam que havia 46 fardos de borracha, valendo três milhões de cruzeiros, abandonados pelo seringal. E diziam que iam encontrá-los.

Ao anoitecer, os dois grupos acamparam lado a lado nas proximidades da cachoeira. E, sussurrando, Inavé disse que um daqueles homens era Paulo, o que havia violentado a mulher do chefe Temioni. Cláudio tinha agido sàbiamente ao impedir a vinda de Ipepori, pois êsse encontro teria sido desastroso.

Da cachoeira até a aldeia de cima, onde a coluna tinha ficado à espera, o grupo levou mais cinco dias e meio. Dessa vez houve fartura de comida. Grande atirador, Moaian não deixava faltar carne. Mas isso não impediu que os mais debilitados, incluindo o próprio Moaian, adoecessem devido ao duro esfôrço de remar contra a corrente. Como fôra previsto na descida, os encachoeirados deram trabalho na volta. Para atravessá-los, os sete homens tinham de descer da canoa e empurrá-la. Num dêles, a embarcação quase virou.

Ao meio-dia do domingo — era o 20.º dia da **operação-caiabi** e 12.º desta etapa guiada por Inavé — o grupo chegou de volta à aldeia de cima. Foi recebido com tiroteio, gritos e abraços efusivos. Mas todos os que haviam ficado estavam mais magros, tinham vivido momentos dramáticos e tinham passado um pouco de fome. Agora, porém, estava tudo bem, pois um avião lhes jogara alimentos.

Naquele resto de domingo e na segunda-feira os índios se aprontaram para a viagem. Uma família — Tamacaí, sua mulher e três crianças — já havia seguido na frente. Com a coluna seguiriam os outros moradores da aldeia, exceto Tabá, a mulher e dois filhos. Tabá resolvera esperar Quassiari, que no domingo mesmo voltara à aldeia de baixo para buscar sua família.

Na têrça-feira, a coluna iniciou a viagem de volta acompanhada de oito caiabis do rio Tatuin: o chefe Temioni e Moí, sua jovem mulher; o viúvo Cupeap e seus dois filhos; Inavé, Puiacá e Moaian. Viajaram de canoa até uma picada onde acamparam. Era o último acampamento na margem do Tatuin.

Para a caminhada, que se iniciou na manhã seguinte, a coluna se dividiu. Acompanhados de Ipepori, Cuá e Ipó, os pára-quedistas seguiram na frente, dispostos a fazer uma marcha rápida. Os outros ficaram para trás, pois carregavam a volumosa mudança do chefe — panelas, cabaças, flechas cerimoniais — e, além disso, tinham que acompanhar os passos do velho e das crianças. Os pára-quedistas chegaram em três dias. Os outros demoraram sete.

A dura viagem acabou: agora Cláudio Vilas Boas tem mais crianças a quem dar seu amor.

A carga dos homens era muito e êles se enfraqueceram. Havia dias em que o velho chefe mal agüentava andar. Os que tinham malária latente, como Meauí e Tapiucap, tiveram acessos violentos de febre. A gripe de Moaian voltou e o ameaçou de pneumonia. A malária também atacou um dos jornalistas. Adoentados, os índios não conseguiam caçar: começou a haver fome de nôvo.

Cláudio mandou que aquêles que estivessem com carga pesada, mas em condição de caminhar, seguissem. Os doentes iriam mais devagar. Iput, Meauí, Tapiucap e Puiacá se adiantaram. Os outros passaram a caminhar cada vez mais lentamente. Incansável, Cláudio dividia e redividia a comida. Preparava sopinhas para os dois doentes — Moaian e o jornalista. Dava às crianças as últimas porções de leite. E, com algum resto de farinha, um pouco de sal, muita água, ainda aparecia com sopas para os outros. Apresentava-as em tom animador:

— Esta sopa está um absurdo de forte. Seria aceita em qualquer grande restaurante de Paris.

A fome acabou na segunda-feira, 28.º dia da **operação.** Cuá, Ipepori e Jesco, um cinegrafista brasileiro que trabalha para a BBC de Londres, vieram ao encontro do último pelotão da coluna. Traziam um panelão de farofa de carne sêca de veado com batata, temperada com cebola e gordura. Traziam também cachaça e cigarros. Não fôsse a violenta febre do jornalista e a festa teria sido completa. Finalmente, no dia seguinte, êste último grupo chegava ao campo de pouso onde se iniciara a **operação,** um mês atrás.

O avião iria demorar oito dias para vir buscar a coluna. Confortàvelmente instalados num bom acampamento na beira de um córrego de águas geladas que corriam entre pedras, com comida farta e roupa limpa, os homens começaram a se recuperar enquanto esperavam, impacientes, a chegada do avião.

Os que tinham emagrecido começavam a engordar. Inventavam-se doces de frutas silvestres, saía-se para caçar. Com a fartura de remédios e os cuidados do doutor Santos, médico dos pára-quedistas, já não havia mais doentes. A **operação-caiabi,** bela missão de boa-vontade, estava terminada.

Tinha exigido grande esfôrço — estendera-se por 300 quilômetros de floresta virgem — e era uma pena que outros índios além dos 13 que vieram não tivessem aceitado o convite e resolvido se mudar para o parque. Tinham recusado uma oportunidade, talvez única, de trocar uma vida triste e sem esperança por um mundo nôvo, melhor. Mas isso não diminuía os méritos da operação. Mesmo porque, a viagem ainda reservava uma surprêsa. Na tarde do penúltimo dia, um homem louro e de grandes barbas chegou ao acampamento. Era Jorge Grünberg, o estudante de antropologia, que vinha ao encontro da coluna. Adiantara-se a um grupo de 18 caiabis que, influenciados pela mudança de seu chefe Temioni, se deslocavam no rumo do campo. Vinham devagar (chegariam só no dia 26 de outubro), por causa das crianças, e muito carregados.

Não chegaram a tempo de aproveitar o avião que veio no dia 12 de outubro, 37.º dia de viagem. Mas Cláudio deixou bastante comida para quando êles chegassem e antes de embarcar, abraçado a Ipepori, prometeu:

— Nós viremos buscá-los.

FIM

Cara nova em corpo forte

DKW-VEMAG 67

Êle mudou para você! Mudou assim porque carro
é mais ou menos como gente. Tem que evoluir também.
Daí, cara nova naquele corpo forte.
Frente redesenhada, faróis duplos, nôvo estofamento,
novas côres, pára-choques, pára-lamas, lanternas e
pisca-piscas laterais acompanham a nova estética do carro.
O sistema elétrico também mudou: agora é de 12 volts e tem
alternador de corrente. Permaneceu o que sempre foi
bastante evoluído: o feroz motor de 50 HP, 2 tempos, econômico
e adequado ao desempenho do carro; também o chassi em "X"
aliado à robustez de uma suspensão que não liga para buraco;
e aquela estabilidade que só o DKW-VEMAG tem
(tração dianteira é tração dianteira, ponto final!).

DKW-VEMAG 67 — o carro lógico (equilibrado até no preço)

Êle mudou para você.
Mude para êle!

BELCAR - VEMAGUET

6

novas côres

cinza prata • bege areia
azul noturno • cinza sereno
verde mar • vermelho cereja

E agora, encarando de frente todos os aspectos que demonstram a evolução de um carro e de seu dono, você já tem meio caminho andado para fazer uma escolha lógica: passar para um automóvel adequado a você e sua família. Ideal no tamanho, no confôrto, na economia. Um verdadeiro convite para quem se atualiza como a vida exige.

DKW-VEMAG

67 — o carro lógico

(equilibrado até no preço)

êle nasceu para transportar 6 pessoas

O DKW-VEMAG é assim: confortável sem esbanjar espaço nem espremer quem viaja no banco da frente ou de trás. Equilibrado. E o nôvo estofamento está espetacular, tanto para os olhos como para o corpo de quem guia ou viaja. São 4 versões de estofamento combinando com as 6 novas côres do carro.
Não dá vontade de ser dono de um carro assim?
Na Vemaguet você já sabe - é só abaixar o banco traseiro para ganhar 2,2m² de espaço útil E o banco dianteiro tem agora encostos reguláveis em 3 posições.
Só a Vemag lhe oferece esta real opção em matéria de automóvel.

evoluiu onde devia evoluir

Na parte elétrica você não vai mais encontrar dínamo. Há um alternador de corrente no lugar dêle, que carrega a bateria até mesmo com o motor em marcha lenta. O sistema elétrico passou a ser de 12 volts. A frente foi redesenhada para comportar faróis duplos que proporcionam luz mais intensa e maior segurança à noite.

Por falar em segurança, você notará também as lanternas de sinalização dianteiras e traseiras, dimensionadas de acôrdo com a nova tendência. Estas são apenas algumas das razões para você mudar para êste carro que

continua absoluto onde sempre foi evoluído

Daqui para diante você vai encontrar as outras razões que só um carro lógico coloca ao seu alcance, para você mudar para êle em 1967. (Vamos virá-lo no avêsso só para provar?)

feroz motor de 50 HP

Arranque! Velocidade! Em 5 anos êle conseguiu 87 vitórias nacionais e internacionais, homologadas, marca até hoje não superada. E estabeleceu ainda a 1.ª Marca Nacional de Velocidade Pura, com 212,903 km/h (Projeto Carcará). ÚNICO COM APENAS 7 PEÇAS MÓVEIS (OS MOTORES CONVENCIONAIS TÊM NO MÍNIMO 72). Isto quer dizer economia de uso e manutenção. Sempre bravo, feroz.

corpo forte. todos sabem

Êsse chassi em "X" deixa o DKW-VEMAG tão reforçado que não tem comparação. E como pode um carro tão macio no rodar ser tão forte quando topa buraqueira! Coisas de molejo estudado... provado!

êle puxa, não empurra

Com sua exclusiva tração dianteira êle puxa direto dos 50 HP do motor para as rodas sem desperdiçar potência. E com uma estabilidade de dar gôsto: entra e sai de curva com os 4 pneus grudados na estrada. E a roda livre, então, como ajuda a economizar combustível!

óleo, automàticamente!

O **Lubrimat**, sistema que mistura o óleo à gasolina automàticamente, mantém o motor lubrificado sempre com óleo nôvo. Dispensa a preocupação das incômodas trocas de óleo.

ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS BELCAR-VEMAGUET 67

MOTOR

3 cilindros em linha, 2 tempos
cilindrada: 981 cm³
potência: 50 HP (SAE) a 4.500 r.p.m.
taxa de compressão: 7,25:1
lubrificação: com óleo sempre nôvo, em mistura através de dispositivo automático (**LUBRIMAT**)
velocidade máxima: 125/130 km/h
consumo: 8,6 litros cada 100 km

TRANSMISSÃO

4 marchas à frente (tôdas sincronizadas)
1 marcha à ré
roda livre desligável
tração dianteira
relação das marchas: 1.ª — 1:3,82
2.ª — 1:2,22
3.ª — 1:1,31
4.ª — 1:0,91
ré — 1:3,45

SUSPENSÃO

dianteira: mola transversal com fitas de polietileno para melhor lubrificação, em conjunto com 2 amortecedores telescópicos de dupla ação e braços de suspensão triangulares de aço forjado.
traseira: eixo flutuante Auto Union, mola transversal com fitas de polietileno em conjunto com dois amortecedores telescópicos de dupla ação.

DIMENSÕES

distância entre eixos	2,45 m
bitola dianteira	1,29 m
bitola traseira	1,35 m
altura livre do solo	0,21 m
comprimento	Belcar: 4,32 m / Vemaguet: 4,17 m
largura	Belcar: 1,69 m / Vemaguet: 1,64 m
altura	Belcar: 1,48 m / Vemaguet: 1,49 m

PÊSOS E CAPACIDADES

pêso vazio	Belcar: 940 kg / Vemaguet: 975 kg
carga útil	Belcar: 410 kg / Vemaguet: 480 kg
tanque de combustível	45 litros
caixa de câmbio	2,50 litros
radiador e sistema de resfriamento	8 litros

EQUIPAMENTO ELÉTRICO

bateria de 12 volts com 35 ampères - hora
alternador de corrente

PNEUS

5 (1 sobressalente)
rodagem — 560 x 15, superbalão, cap. 4 lonas

A VEMAG S.A.
VEÍCULOS E MÁQUINAS AGRÍCOLAS,
no interêsse constante de evolução de seus veículos, reserva-se o direito de alterar especificações, como o fêz agora em 67, a fim de que você seja beneficiado no que diz respeito à economia e melhoria de desempenho, conservando as características básicas que tornaram famosa a marca DKW-VEMAG em mais de 100.000 veículos de sua fabricação.

Êle mudou para você. Mude para êle!

Belcar ou Vemaguet?
Só a Vemag lhe oferece esta real opção em matéria de automóvel. Vá ao seu Revendedor Vemag Autorizado, na certeza de fazer uma boa compra ou uma vantajosa troca. Porque nenhum outro carro lhe dá tanto em troca de seu dinheiro. Agora, como depois.

DKW-VEMAG — o carro lógico

norte sul leste oeste norte sul leste oeste

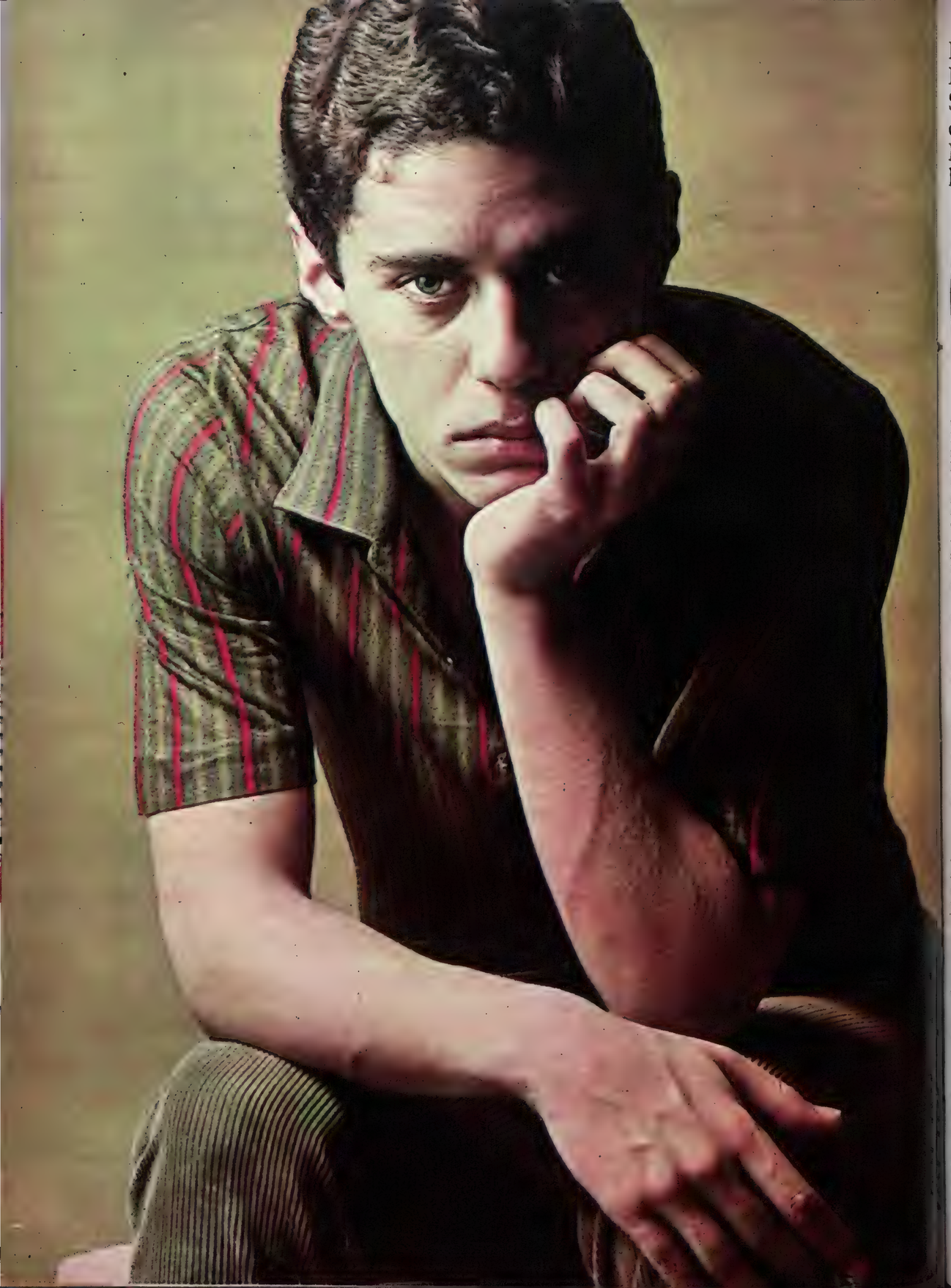
Para nós é o roteiro do dia-a-dia. Nossos aviões voam diàriamente para todo o Brasil, em tôdas as direções. No rumo sul, nós lhe oferecemos São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Pôrto Alegre. Para o norte-nordeste, Manaus, Belém, Recife, Fortaleza, Natal, Aracaju, Maceió, São Luís. Para o centro-oeste, Brasília, Goiânia, Cuiabá, Campo Grande. Corumbá. Para o leste, Rio, Salvador, Belo Horizonte, Vitória. Mas não é só. Mais 44 cidades espalhadas pelo Brasil completam a rêde VASP.

Para onde quer que você vá, conte com a VASP para viajar bem!

viaje bem... viaje **VASP**

MEMBRO ASSOCIADO IATA
QUALIDADE EM TRANSPORTE AÉREO

vsp 07866



Êle tem 23 anos. Não chega a 20 o número de suas composições mais conhecidas. Mas já ganhou um prêmio internacional, com as músicas do espetáculo "Morte e Vida Severina". É comparado a Noel Rosa pelos críticos e, de repente, fêz o Brasil inteiro cantar uma marchinha que fala muito de amor. Tem-se escrito muito sôbre êle. Mas, mesmo assim, pouca gente conhece Francisco Buarque de Hollanda tão bem - e há tanto tempo - como o repórter Roberto Freire, que explica aqui porque

CHICO DÁ SAMBA

O teatro superlotado. Televisões ligadas em tôdas as casas. Acabava o Festival de Música Popular Brasileira. No teatro, nas casas, nas ruas, no trabalho, um suspense: **A Banda** ou **Disparada?** Cartazes são erguidos na platéia, as torcidas se organizam. Os 11 homens do júri vão para uma pequena sala. Faltam minutos para a proclamação da vencedora. Os votos são contados e recontados: **A Banda** — 7, **Disparada** — 4. Os jurados preparam-se para sair da sala e entregar o veredicto. Nesse instante surge o diretor da emissora de televisão com um problema sério:

— Chico Buarque nega-se a receber sòzinho o primeiro lugar, caso isso aconteça...

— Já aconteceu — comenta um jurado.

— Estava com os olhos cheios de lágrimas... pede-lhes pelo amor de Deus que isso não aconteça.

— Mas por que, ora?

— Gosta muito de **Disparada** e sente que o mesmo ocorre com o público.

Houve um curto silêncio. Mas era impossível resistir ao apêlo do compositor.

— Êle pede que vocês dividam o prêmio, pois se o fizer diante do público parecerá demagógico.

E fizeram o que êle pediu. Chico é assim.

* * *

Espero durante uma hora por Francisco Buarque de Hollanda em seu apartamento em Copacabana. Ao ver-me êle ri, meio moleque:

— Você por aqui, Gilberto *Freyre?*

— Onde é que você estava Chicória?

— No Castelinho...

— E precisava ficar todo êsse tempo lá?

— Só vendo o pôr do sol no Arpoador, cara. Lindo, devagarinho...

— Deixa pra lá. Eu vim entrevistá-lo.

Primeiro arregalou os olhos espantados, depois começou a dar risada:

— Jura?

— Juro.

— Sentou-se, fêz ar de importante, fingindo acreditar. Mas acabou convencendo-se. Aos poucos assumiu a posição em que a gente fica — meio encolhido e amedrontado — na sala de espera dos dentistas.

Conheci Chico quando êle ainda era menino. Ficamos amigos em sua adolescência. Por causa de seus pais e de seus sambas. Depois trabalhamos e viajamos juntos. Tivemos boas e longas conversas, a pé, de ônibus, de carro, de avião. Até já brigamos, mas fizemos as pazes meia hora depois, comovidos e às gargalhadas. Ficou um saldo disso: muda o meu nome quando nossos assuntos ficam sérios ou pressente que vão ser.

* * *

Por volta de 1960 alguns cantores e compositores de música popular foram convidados a participar de um **show** de adolescentes do Colégio Santa Cruz, em São Paulo. Terminadas as apresentações dos profissionais, os alunos começam a berrar:

— Ca-ri-o-ca! Ca-ri-o-ca! Ca-ri-o-ca!

Custa muito a aparecer um môço de 15 anos, todo encabulado, com o violão debaixo do braço. Fazem piadas com êle, que ri e desconcertado quase desce do palco. Afinal acaba cantando uma composição sua que não fôra batizada, mas era um misto de coisas de João Gilberto e de Sérgio Ricardo.

Depois de seu número, o môço foi apresentado aos artistas presentes. Recebeu elogios, não disse nada e sumiu o mais depressa que pôde. Mas Carioca era irmão de Heloísa que tocava muito bem violão, cantava e compunha. E a casa dêles era freqüentada por muitos artistas, inclusive alguns dos que aplaudiram o môço naquele **show.** Foi numa dessas reuniões que Carioca acabou lançando seu primeiro sucesso. Começava assim:

"Eu quero ver um dia/ nascer sorrindo/ e tôda a gente/ sorrir um dia/ com alegria/ do sol e do mar/. Criança brincando/ mulher a cantar/."

Nesse dia alguma coisa mudou na vida do rapaz, inclusive o apelido. Francisco Buarque de Hollanda, de Carioca, passou a ser chamado simplesmente de Chico. A música era a **Marcha Para um Dia de Sol.** Por causa da segunda parte, porém, que tem uma proposta conciliatória entre o rico e o pobre, o crítico de música popular Válter Silva chamou: **Marcha para João XXIII.** Mas Chico não concorda e não gosta dessa parte da letra, deixando definitivamente de cantá-la.

— Nem João XXIII concorda com aquêle tipo de ecumenismo social. Não adianta conciliar pobre e rico, o negócio é não haver a distinção — comenta quando insistem para que cante a marcha.

O importante é que essa marcha foi a semente de **A Banda.** Aquêles primeiros versos — de que êle gosta — foram atendidos: nasceu sorrindo o dia seguinte ao que **A Banda** passou pelo Brasil.

— Que tal se a gente fôsse jantar, hem?

— Depois, Chico. Como era mesmo o nome daquela droga de musiquinha que você cantou no show *do Colégio Santa Cruz?*

— Sei lá. Acho que morreu pagã.

Foi para a vitrola e pôs um disco.

— Se fôr A Banda, *desliga, que eu não agüento mais!*

— Já ouviu as paródias que andam fazendo por aí? É incrível, mandaram até imprimir algumas e distribuem pelas ruas.

Entra a música da vitrola: Tomaso Albinone, um concêrto para arco e órgão, século XVIII. Fico lendo as paródias irreverentes ao som do adágio romântico.

* * *

O gôsto pela música começou muito cedo em Chico. Não falava direito ainda, mas já cantava. E a primeira vez que cantou uma música inteira foi aquela assim:

"Chorava que dava pena/ por amor a Madalena/..."

Talvez não se lembre disso, mas está em seu subconsciente quando hoje manda perdoar a pecadora evangélica, numa de suas músicas de maior sucesso:

"E é preciso não chorar,/ maldizer não vale a pena/ Jesus manda perdoar/ a mulher que é Madalena/."

Aos oito anos, através de fotografias de revistas, Chico conhecia todos os cantores famosos da época. Um dia estava passeando com a mãe numa das ruas do Rio, quando de repente puxou-lhe o vestido, nervoso:

— Mãe! Olha só! É a Linda Batista!

A cantora olhava uma vitrina. Era tal o encantamento do menino que a mãe resolveu denunciá-lo.

— Meu filho é seu fã, Linda.

A cantora não teve dúvida: deu um demorado beijo no rosto do menino. Chico passou o dia todo meio aéreo, de ôlho arregalado.

Pouco antes do Festival que o consagrou, Chico jantava com uns amigos num restaurante em Copacabana. Insistiram e êle cantou-lhes **A Banda.** Alguém o ouvia com extrema atenção, sorrindo. Era Linda Batista, que não conhecia Chico Buarque de Hollanda e não podia se lembrar de tôdas as crianças que beijara na vida.

Chico é de boa paz. Às vêzes tem repentes impulsivos, mas suas explosões não vão muito longe. Na infância, quando brigava com alguém da família, saía sempre com esta frase: Vou-me embora desta casa! SEGUE

Em seu mundo só cabe quem sabe rir e brincar

E, com ar digno e ofendido, apanhava o brinquedo predileto — um bondinho — e ia para a rua. A dignidade e o ar ofendido dissolviam-se na primeira esquina. Era só alguém ir atrás dêle que voltava sorrindo, satisfeito, arrastando o bondinho pela calçada.

* * *

Com o violonista Toquinho e Paulinho da Viola, o autor de Canção Para Maria, *passeávamos pela avenida Nossa Senhora de Copacabana.*

Finjo perguntas indiscretas, mas sôbre mulheres. Chico não perde uma brincadeira dêsse tipo. Então inventa casos, paixões com os nomes femininos mais famosos. Já descobriu o sucesso que faz com as garôtas. Seus amigos brincam muito com isso. Os rapazes do conjunto MPB-4, que o acompanham no show *da buate Arpège, no Rio, comentaram uma vez simulando indignação:*

— São fogo êsses olhos verdes! O jeito é a gente usar lentes de contato coloridas... Também somos lindos, altos, simpáticos, cantamos o fino e, mesmo quando a luz está só na gente e o cara no maior escuro, elas *ficam adivinhando o Chico ou esperando êle voltar.*

Passamos por uma loja de discos. Está tocando A Banda. *Um fotógrafo aproxima-se e consegue apanhar Chico fugindo das vendedoras e das freguesas que o descobriram. Toquinho imita a voz de famoso locutor esportivo paulista:*

— É pena, senhores e senhoras, que as fotografias ainda não sejam sonoras...

* * *

Chico não gosta de falar em público, mas não é por timidez. Quem o conhece melhor sabe quanto é falsa essa imagem. Êle se sente inteiramente à vontade na vida "seja você quem fôr, seja o que Deus quiser", como afirma no **Rancho dos Mascarados.** Não gosta é de sair de seu mundo e tem muita dificuldade em agüentar situações ou gente formais, principalmente quando não pode brincar ou rir. Com seu espírito crítico, mas simpático, procura evitar o constrangimento e a seriedade pelo caminho da brincadeira inteligente.

Ao se formar no Colégio Santa Cruz, foi eleito orador da turma. E saiu-se muito bem, mas a seu jeito. Apresentou-se para a solenidade com seis fôlhas de caderno, escritas a mão. Algumas passagens do discurso, feito em 1962, ainda são lembradas — com risadas — por seus colegas e mestres:

"O orador sobe ao palco, declara velhos lugares-comuns, repete elogios muito antigos e se retira, glorioso. Todos aplaudem, todos sorriem. É verdade que ninguém acredita muito em coisa alguma, mas isso não tem importância. Formatura é formatura; o ator (o orador) representou seu papel e tudo correu conforme as conveniências. A platéia geralmente se comporta bem, e não costuma atirar tomates no orador... No dia da colação de grau tudo se perdoa, quando o discurso não é comprido demais. É dia colorido, é dia risonho, quando os pais são muito mais corujas e, os padres, um pouco menos urubus... Mas formatura é dia de festa, convém afirmar que os sermões que recebemos durante o curso foram justos, os problemas de química, ah, até divertidos, as segundas épocas úteis e instrutivas, e as bombas, eu achei gozado, e você papai? Papai não achou gozado... Os garotos inocentes iam aprendendo coisas que não constavam do programa. Os mistérios, os segredos, as tímidas experiências e os pequenos vícios. O primeiro cigarro ali atrás da serraria, onde ninguém vê. Por outro lado, desde cedo os padres se incumbiram de nos apresentar faces diversas do mundo que, apesar de tão vizinhas, preferimos, às vêzes, ignorar. A mendicância, o desabrigo, a fome e a promiscuidade das favelas, a miséria nos vilarejos do litoral, tudo vimos de perto... E não é necessário ter lido o **Pequeno Príncipe** para compreender que não somos casos de eternos adolescentes, como se pode julgar, quando não levamos a sério certos assuntos de gente grande. Somos, isso sim, uma turma alegre, bem humorada, bem brasileira, que faz questão de agir de acôrdo com a sua idade... Nós nos veremos sempre, após o almôço no colégio, batucando à espera das aulas da tarde. Uma escola de samba completa, pastorinhas, porta-estandarte e tudo, desafinando em ré maior um barulhento "tristeza, não tem fim, felicidade sim", pondo fim, aliás, à felicidade e à sesta de um dos padres que por sinal é boxador. E que, ignorando os dizeres do samba de Vinícius de Morais, não acorda alegre como o dia e, muito menos, oferecendo beijos de amor. Pelo contrário, a situação fica escura como a noite, alguns chegam a ver estrêlas, enquanto o reverendo, pecando contra a cadência do bom samba, vai rachando mesas em ritmo de chá-chá-chá."

O reverendo a quem Chico se referia era o padre Eugênio Charbonneau.

* * *

Chico não é de acordar cedo, mas em dia de jôgo de futebol — do Fluminense, sobretudo — até se concentra. *Iríamos ao Fla x Flu e êle foi o primeiro que apareceu ao encontro que marcamos na cidade. Em todo o trajeto até o Maracanã, os carros passam com bandeiras dos dois clubes. Debruçado na janela se vê outro carro com bandeira do Flu, Chico aplaude, dá vivas, mas se é do Fla, xinga, provoca, ameaça.*

Assiste ao jôgo jogando. *Quem fica a seu lado está arriscado a levar caneladas. Quando há gol, reage como se fôsse êle o autor ou o goleiro vencido.*

— Você era bom de bola, Chico?

— Meio cavalo, mas era... Cavalo!

De pé ameaça Almir que fêz falta num jogador do Flu. A torcida do fluminense ofende a virilidade do juiz que não apitou a falta. Chico perde a raiva e ri encabulado como se fôsse o causador da xingação.

O Fluminense perdeu. Quando saímos do estádio, uma senhora o reconheceu. Seu filho levava bandeira flamenguista. Comentou em voz alta com o garôto, para todo mundo ouvir:

— O Chico veio ao Maracanã pra ver o Flamengo passar...

Logo que entrou para a Faculdade de Arquitetura, e depois de um curto período como professor de português no cursinho da faculdade, Chico funda com um grupo de colegas o **Sambafo, show** íntimo de universitários que ficou famoso. Após as aulas, numa sala do grêmio, o grupo se reúne para tocar e cantar, sempre acompanhado de umas **loiras** (cervejas) e daí o bafo. O hino do grupo é o **Bafo da Onça.** O **show** começa sério e ali foram ouvidas pela primeira vez muitas das composições de Chico. Mas logo passam para as paródias e os desafios impublicáveis.

Chico é bom desafiador e de experiência internacional. Em Lisboa, na casa do adido cultural do Brasil, Odilo Costa Filho, participou de um desafio com famoso especialista português. Dizem que terminou empatado por interferência do anfitrião, "antes que fôssem criados problemas diplomáticos entre os países irmãos." Vitório Gassmann, quando estêve recentemente no Brasil, assistiu a um desafio entre Chico e Ari Toledo, sem entender nada. E isso foi bom, pois os dois o espinafraram o tempo todo.

Além de Chico, os mais notáveis **sambafistas** são Manini (atabaquista), Walandro (pintor), Mané, Menor Ainda, Pinduca, Afanadora, Sueli. Entre êles estão alguns dos seus mais íntimos e queridos amigos. Para ser sambafista, a receita é a seguinte: estudante, sambista, **loirista,** gostar de rir, não ter hora e, sobretudo, estar à tôa na vida enquanto é tempo e fôr possível. Outro detalhe importante é estar sempre disponível para viagens curtas ou longas **pela aí** — como êles dizem — sem dinheiro. Vão a Santos e à Suécia com a mesma facilidade, passando horas ou anos.

Uma das manias brincalhonas de Chico é dar ou mudar o nome das coisas e pessoas. O carro dos pais é **Wilson.** Êle já teve um, ao qual se refere sempre como "o falecido **Clóvis.**" Na Semana Santa do ano passado, o grupo viajou no **Wilson** para Santos. Sem dinheiro, dormia na praia e trabalhava para comer. Assim: Mimi e Mané faziam relações públicas, isto é, **cantavam** garôtas para que Chico lhes compusesse de improviso um samba enquanto Pinduca lhes desenhava o retrato. Tudo isso pela módica quantia de 500 cruzeiros. Na última noite, a da Aleluia, tantas fizeram que acabaram dormindo como **hóspedes** na casa de um delegado de Polícia.

Ao falar de polícia, o grupo lembra de um sambafo de brilhante memória, quando nasceu uma das melhores composições de Chico Buarque. Tudo começou na faculdade, onde se realizava uma exposição do pintor Fernando Lemos. De repente, os sambafistas improvisaram uma escola de samba, dentro do próprio salão da exposição. Aos poucos, os presentes foram se contagiando, até que a certa altura estava todo mundo olhando os quadros e rebolando ao mesmo tempo. Quando chegou a hora de fechar a faculdade — e a exposição — o carnaval estava no auge. Então foram para o escritório de arquitetura de Tozzi. SEGUE

Maior sonho: um sanduíche que tenha seu nome

Tozzi é um sambafista que, por seu ar de Nazareno, Chico apelidou de **Sôbre as Águas.** Lá a alegria era tanta que os vizinhos resolveram chamar a Polícia. Enquanto os guardas **convidavam** o grupo a deixar o prédio, Chico improvisou uma quadra que depois virou samba. Cantavam todos, empurrados para fora:

"O Delegado é um bamba/ Na Delegacia/ Mas nunca fêz samba/ Nunca viu Maria/."

A Bahia sempre foi alvo de excursões **artísticas** do grupo. Há algum tempo, numa boate grã-fina de Salvador, os sambafistas tentaram ganhar dinheiro fazendo um **show.** Mas apenas Chico é afinado e não era nem um pouco conhecido por lá até êste ano. Foi um desastre: logo na primeira noite, no meio da apresentação, o dono da boate foi obrigado a cortar o som para acabar com as vaias. Então Chico inventou uma saída: ninguém cantaria e êle lançaria ao mundo um nôvo e sensacional instrumento musical misto, o **violau** — uma mistura de violão com berimbau. Mas o dono da boate estava muito desconfiado com as vaias e não quis nem ouvir a demonstração. Para que o grupo pudesse continuar em Salvador, Chico procurou outra solução: apelar para o coração baiano. Diante do elevador Lacerda, de óculos escuros e com um boné de motorista de ônibus ao lado, Chico fazia-se de cego-cantador. Os outros sambafistas serviam de **farol,** isto é, fingindo-se de transeuntes comuns, estimulavam os generosos, atirando notas dentro do boné. Quando Chico estava cantando, um jovem simpático parou e ficou olhando desconfiado. Até que explodiu num grito:

— Virge, é o Chico!

Às gargalhadas os dois se abraçaram. O jovem era o compositor Gilberto Gil, que Chico chama de **Todo Redondo.** Haviam se tornado amigos em São Paulo. Depois dos abraços, os dois resolveram continuar juntos a seresta, mas sem óculos, sem boné, e com a féria entregue a um mendigo de verdade.

O sambafo não ia ficar restrito apenas à faculdade. Os sambafistas conseguiram ser a atração da Arquitetura num **show** de universitários: o **BichUSP,** uma festa de calouros. Foi em 1965, no Teatro Paramount, em São Paulo. Os sambafistas aguardavam impacientes a hora de entrar em cena; eram os penúltimos. Quando se apresentava a Politécnica, com coisas muito sérias, êles descobriram atrás do palco uma mesa de rodas, hospitalar, que servira para o **show** dos estudantes de medicina. Chico deitou-se na mesa e cobriram-no com um cobertor. Os futuros engenheiros representavam o seu quadro. De repente, a mesa aparece, deslizando mansamente até a bôca do palco. Tudo pára, susto geral. Chico descobre a cabeça, sorri para a platéia e cumprimenta:

— U... u...

Não por essas, mas por outras razões, os sambafistas nunca foram bem vistos por um grupo radical de outra faculdade. Logo após a Revolução de 1964, alguns dêsses jovens encontraram Chico e Manini num bar. Os dois estavam com seus instrumentos, pois iam ensaiar para um **show.** Naqueles dias havia verdadeira caçada aos **subversivos.** E o encontro no bar foi violento. Chico e Manini foram ameaçados com revólveres:

— Cantem, senão levam chumbo!

— Assim, na marra?

— Já, e durante uma hora, sem parar!

Os revólveres eram de verdade e as caras eram feias:

— Pois não...

E tome atabaque e violão. Chico cantou: "Dizem que sou subversivo/ um elemento ativo/ feroz e nocivo ao bem-estar comum/."

Hoje Manini comenta:

— Foi uma delícia de ameaça. Imagine eu e o Chico sermos **obrigados** a tocar e a cantar... Só que a platéia não era muito seleta... Mas aproveitamos para adiantar o ensaio.

Há dois anos os sambafistas tentam eleger Chico presidente do grêmio. No ano passado êle pegou o terceiro lugar, perdendo por meia dúzia de votos apenas. Seu discurso — lido na solenidade de posse do presidente eleito — está transcrito nos anais do grêmio e é considerado um clássico pelos seus colegas.

O sucesso de Chico na música alegra o grupo, que continua a acompanhá-lo com o carinho bem humorado de sempre:

— Quando **A Banda** estourou, nós já estávamos cheios dela.

— Todo mundo diz agora que é **pai** do Chico. Nós achamos que é mesmo o doutor Sérgio Buarque de Hollanda.

— Só nós podemos pichá-lo. Quem ousar morre! De morte natural: envenenado de inveja.

— Êle fêz bem em trancar a matrícula. Vivia levando mordida da régua T. Bota isto na reportagem, êle vai rir e gostar.

— O Chico é gago de mão. Já viu êle escrevendo, desenhando ou gesticulando enquanto fala? Só desentorta a manopla no violão.

— Já viu êle se coçar quando acorda? Parece um macaco, é engraçado.

No jardim da Faculdade de Arquitetura, os amigos de Chico falam dêle como se o seu sucesso fôsse a coisa mais natural do mundo. Não dizem, mas fica clara uma certa saudade do tempo em que êle estava mais à toa na vida. Quando falam, por exemplo, da brincadeira que êle gosta de fazer com seu próprio sobrenome:

— Sabe qual e o maior sonho do Chico? É um dia poder entrar em qualquer bar do país e pedir: me dê um Hollanda. E o garção gritar para a cozinha: "salta um Hollanda, caprichado!" Acho que daria a **Viola de Ouro** para êsse garçom.

Já conseguiu realizar êsse sonho. Viajava de carro para Belo Horizonte. Ia parando em quase todos os bares e pedindo o **Hollanda.** Ninguém conhecia êsse sanduíche e Chico explicava como era feito: pão de forma, queijo quente e rodelas de tomate. Na volta, passava nos mesmos bares: "um Hollanda, por favor." Sorria feliz quando o garçom trazia o seu sanduíche de queijo, sem perguntar nada.

* * *

Embarcamos no Electra para São Paulo. Não fumamos, apertamos os cintos fingimos coragem, lemos *jornais. A certa altura da viagem, por umas frestas da parede do avião começa a subir intensa fumaça.*

— Que é isso?

— Fumaça, não está vendo?

— Fumaça de quê?

— Ora, onde há fumaça há...

Damos berros. A aeromoça aproxima-se assustada. Vê Chico e vibra.

— Você não Chico Buarque?

— E gostaria de continuar sendo... olha essa fumaceira aí...

A môça ri e explica que é vapor d'água, pois há pequeno defeito no aparelho de refrigeração. E pede-lhe um autógrafo na revista que tem sua fotografia na capa. A assinatura, que pôs em cima do nariz dêle mesmo, saiu meio tremida.

* * *

Chico cresceu numa casa grande, confortável, no Pacaembu, São Paulo. Além de Heloísa, que é casada com o cantor João Gilberto, tem dois irmãos e mais três irmãs, todos solteiros. Dona Maria Amélia e doutor Sérgio, pais de Chico, estão felizes com o sucesso do filho. Dr. Sérgio Buarque de Hollanda é professor de História na Universidade de São Paulo, considerado um dos maiores historiadores brasileiros — com importantes obras publicadas — e membro da Academia Paulista de Letras.

— Assim que fôr possível — diz Chico — eu farei tudo para que seja mesmo possível, começarei a me preparar para o vestibular numa Faculdade de Letras.

Chico teve até hoje quatro violões. Aprendeu a tocar sòzinho, ouvindo discos de João Gilberto. O primeiro ganhou de sua mãe, quando entrou para a faculdade. Logo a batizou: **Nélson.** De parceria com **Nélson** com pôs suas primeiras músicas. Depois da **Marcha Para um Dia de Sol** veio **Tem Mais Samba** "Tem mais samba no encontro que na espera/ Tem mais samba a maldade que a ferida/ Tem mais samba no pôrto que na vela/ Tem mais samba no perdão que na despedida/ Tem mais samba nas mãos do que nos olhos/ Tem mais samba no chão do que na Lua/ Tem mais samba no homem que trabalha/ Tem mais samba no som que vem da rua..."

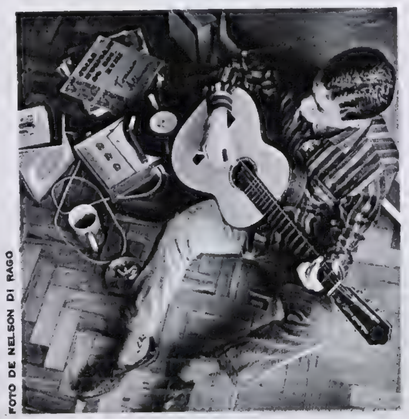


FOTO DE NELSON DI RAGO

Chico com "Julieta", "Ivone" e "Geraldona".

FOTO DE NELSON DI RAGO

Numa boate do Rio, Chico lançou duas músicas: "Rancho dos Mascarados" e "Morena dos Olhos D'Água". A primeira é sucesso certo.

Certa ocasião Chico foi convidado por um amigo para participar como ator e cantor de um capítulo de telenovela. Ainda não tinha contrato com a televisão. Deveria contracenar com Eva Wilma e John Herbert. Durante a cena cantaria **Teresa (oh Teresa, essa tristeza não tem solução)** e só tocaria **Malandro (Malandro quando morre vira samba).** Mas Chico havia perdido o **Nélson.** Um amigo então emprestou-lhe um violão. Chico o batizou de **Joaquim** e pediu para ficar com êle, depois de gravada a cena, pois estava sem dinheiro para comprar outro e tinha novas composições na cabeça. Não devolveu o violão. Bem mais tarde, durante os ensaios de **Morte e Vida Severina,** o TUCA — Teatro da Universidade Católica, de São Paulo — precisava de um violão. Chico a essa altura ganhava bem. Procurou o amigo — que, além de trabalhar na televisão, era um dos responsáveis pelo TUCA — e propôs:

— Olha eu compro um violão para o TUCA e você me dá o **Joaquim.**

— Que **Joaquim?**

— O teu violão. Gostaria de ficar com êle, pois compusemos juntos **Pedro Pedreiro, Sonho de Carnaval, Olé, Olá.**

O amigo aceitou. Mas **Joaquim** teve vida curta. Chico perdeu-o na Europa, quando excursionava com o próprio TUCA. Logo depois, na Espanha, comprou um violão especial que batizou ainda na loja de **El Cordobés,** em homenagem ao toureador que êle vira atuar na véspera. **El Cordobés** não chegou a ser seu parceiro, mas deu-lhe muita emoção executando em Portugal as suas melodias feitas para **Morte e Vida Severina.**

— **El Cordobés** — diz Chico — não era muito de samba, não...

Foi roubado de seu carro depois que êle voltou para São Paulo, na porta do Teatro Record. Então Chico descobriu que violão macho não tem vida longa. O que o ajudou a compor **A Banda,** por exemplo, é feminino: **Julieta.**

Na Europa Chico comprou também uma máquina de filmar. Perseguia todo mundo fazendo tomadas indiscretas. Numa situação delicada, eu tentava acalmar o porteiro da casa do estudante que abrigou os rapazes e as môças do TUCA e que estava furioso com as brincadeiras e falta de horário dos brasileiros. Chico nos perseguia, filmando. O homem ficava cada vez mais bravo. Tive de chamar sèriamente a atenção de Cihco, mas êle, indiferentemente, ia me filmando enquanto eu falava. Nunca vi êsses filmes e sou capaz de jurar que a máquina estêve vazia. Agora estou vingado. Não o deixei em paz com as fotos para a reportagem. No estúdio foi enfiado debaixo de uma enorme tuba:

— Sorria!

— Não acho graça nenhuma!

— Sério, agora.

— Só forçando, você mesmo vive dizendo que eu...

— Então, ar de quem está cheio de fotos.

— Ah, pode bater à vontade...

— Debruça um pouco...

— Onde? Na Alice?

SEGUE

"É o compositor mais maduro e mais moleque"

— Que Alice? Na tuba!
— Pois é... na Alice, a discreta.
Acaricia a tuba e beija-a no bocal.

* * *

O trabalho de Chico na montagem do espetáculo **Morte e Vida Severina** pode esclarecer muito seu processo criador. Êle mesmo escreveu isso para a contracapa do seu primeiro **long-play.** "É preciso confessar que à experiência com a música de **Morte e Vida Severina** devo muito do que aí está. Aquêle trabalho garantiu-me que melodia e letra devem e podem formar um só corpo."

Chico trabalhou durante três meses com o diretor Silnei Siqueira e o cenógrafo José Armando Ferrara, na concepção, elaboração e ensaios para a montagem de **Morte e Vida Severina.** Trabalho que envolveu muito estudo, pesquisa e experiências. Chico só começou a compor as músicas quando o poema já era tão seu quanto do autor João Cabral de Melo Neto e o espetáculo também não pertencia mais a êle, Siqueira e Ferrara, mas ao povo, ao público de teatro. Primeiro se indetificaram nos pontos fundamentais. Serviriam o poema com humildade, não lhe acrescentando nada. Partiriam, nos seus trabalhos específicos, de onde partiu João Cabral: do regional para o universal. No que diz respeito à música, além de servir para que certos versos fôssem cantados, ela deveria sublinhar subjetivamente (por corais) os diálogos, os recitativos e mesmo as marcações. Auxiliados pelo maestro Zuinglio Faustini, os arranjos corais eram ensaiados com a supervisão de Chico que, inclusive, modificava as músicas em função do efeito que era buscado pelo conjunto da montagem. Foi um trabalho duro e ao mesmo tempo emocionante. Era tudo nôvo, ousado, e a juventude de seus criadores colaborava para que assumissem os maiores riscos à procura de maior beleza e comunicação. Na véspera da estréia estavam exaustos e temerosos, apesar de tudo. As dúvidas eram estas: o que lhes parecia beleza seria comunicável? E João Cabral? Haviam mesmo servido à obra do grande poeta?

Momentos antes da estréia do espetáculo, Chico contou ao diretor Siqueira o sonho que tivera aquela noite:

— No meio do espetáculo o público vaiava a gente. E jogava tomates em você.

— Em mim? Por que só em mim?

— O sonho era meu, né?

A tremedeira era geral. Chico escondeu-se no balcão, o mais longe possível do palco.

Ovação igual à que recebeu aquela noite só se repetiu quando a peça estreou no Festival de Nancy — na França; no Festival de Música Popular — em São Paulo; e no Festival Internacional da Canção — no Rio — na hora em que seu nome foi lido como membro do júri, e depois oito mil pessoas cantaram em côro **A Banda.**

Logo após a estréia do TUCA, Nogueira Moutinho, crítico literário da **Fôlha de São Paulo,** descobriu o segrêdo de Chico naquele trabalho: a música havia sido **extraída** do poema e não composta **para êle.** Todo verso contém, de forma latente, a sua música, e Chico havia descoberto e revelado a de **Morte e Vida Severina.** Mais tarde, quando das apresentações do espetáculo em Lisboa, João Cabral de Melo Neto, numa conferência que fêz na Faculdade de Letras, confirmou as palavras do crítico e ainda foi mais longe. Para João Cabral seu poema jamais poderá ser representado com outras músicas e com outra **mis-en-cène.** Aquêle espetáculo era a única forma de se **ouvir** e **ver** seu poema.

— Nem eu mesmo — afirmou — consigo repeti-lo de memória sem as músicas de Chico.

O primeiro encontro entre Chico e João Cabral é sempre lembrado pelos dois. Depois dos elogios mútuos, logo se entenderam, e na linha de Chico: bom humor, piadas, brincadeiras. Como os sambafistas não estavam na Europa, Chico havia fundado o grupo dos **Bandidos** com os jovens mais alegres e brincalhões do TUCA. Quando João Cabral se despediu do pessoal em Lisboa, foi agraciado com a **Ordem dos Bandidos,** numa solenidade cômico-musical em que o poeta cantou as músicas de seu poema e foi obrigado a beber à sua própria saúde, **como o único poeta bandido da velha geração.**

— É um monstro êsse Chico! Consegue ser o mais maduro dos compositores que conheço e, ao mesmo tempo, o mais moleque e alegre que já houve — comentou João Cabral, que agora Chico considera um dos seus amigos mais ilustres.

Quando Odete Lara gravou o **Funeral do Lavrador** ("nesta terra em que estás, com palmos medidos", também conhecida como **Latifúndio)** Chico ficou apavorado:

— Não tem cabimento sair no sêlo do disco assim: **Chico Buarque de Hollanda e João Cabral de Melo Neto.** É muita pretensão de minha parte... só se o João autorizar. No teatro, vá lá, mas em música popular é fogo!

Isso, no entanto, foi antes de se conhecerem pessoalmente. Depois que João Cabral aceitou a **Ordem dos Bandidos,** então Chico sentiu-se à vontade em ser seu parceiro:

— Além de me sentir honrado, acho até muito bacana.

* * *

Alguns amigos criticavam Chico por haver dividido o prêmio do Festival. Êle ouviu calado, não fêz comentário algum e mudou logo de assunto:

— Sabem que o João Gilberto telefonou de Nova Iorque elogiando A Banda?

— Só tinha de gostar, ora.

— Pois era minha maior preocupação. Senti um bruto alívio quando soube disso. O João não costuma elogiar nada de que não goste mesmo. Das minhas coisas, até agora, só sé referiu a Sonho de um Carnaval.

Não faz muito tempo, quando João Gilberto estêve no Brasil, houve quem o criticasse, dizendo que sua arte estava decadente ou morrendo com a bossa nova. Porém os novos compositores — sobretudo Chico e os baianos — acabam de mostrar que, nesta fase de renovação de nossa música, o ponto de partida foi encontrado nas harmonizações e nas pesquisas de João Gilberto.

— É que João — comenta Chico — nunca se preocupou com a moda, mesmo quando era um ídolo e fazia a moda naquela época. Retirou-se para estudar. Logo estará aí de volta com coisas importantes e novas. Nós temos de fazer o mesmo. O sucesso de uma música para o compositor pode fazer mais mal do que bem, se êle insistir na linha encontrada. Já me perguntaram se vou continuar A Banda, *ou eu mesmo respondê-la. Seria o meu fim. Estou pesquisando coisas inteiramente diversas.*

— O quê?

— Dá para botar pauta e notas na reportagem?

Sorri, pega o violão e toca o que está procurando. É de fato diferente de tudo o que já fêz. Sobreudo, mais maduro.

Conversávamos essas coisas enquanto Chico se preparava para fazer o show daquela noite. Quando chegamos, na boate não cabia mais ninguém.

SEGUE

FOTO DE NELSON DI RAGO

O futebol é uma paixão de Chico. Dia de Fluminense é dia de sofrimento ou alegria.

Êle quer que um dia a banda venha para ficar

Os artistas subiram para o estrado, cantaram, mas não se ouvia nada. Havia defeito no sistema de som. Foi pedida paciência ao auditório e nós fomos para um bar vizinho enquanto era providenciado o consêrto. O assunto era a nova geração na música popular.

— Os baianos são ótimos, todos. Estão descobrindo, procurando, mas com simplicidade, tornando nosso o jeitão poético que era só dêles.

— Mas tem muita gente ruim e pretensiosa por aí, não? — perguntei.

— Tem.

— Quem são?

— Êles mesmos sabem. O público acabará descobrindo.

— Há quem diga que uma pessoa que sempre viveu em São Paulo e no Rio nunca viu uma banda passar.

— Não só já vi como não precisava ter visto para gostar do que ela significa. Existe um negócio chamado poesia que serve justamente para isso.

— Mas não é assunto de gente velha a banda? — insisto, provocando-o.

— O que é nôvo? Uma guitarra eletrônica? Tem gente nova que é muito velha e vice-versa, apesar de proclamarem o contrário. Há idéias ou imagens esquecidas ou afastadas que se fôssem revividas e postas em prática fariam muito bem à gente. Beleza não tem tempo. Mas quem decide isso não somos nós que andamos à sua procura.

— Acha que encontrou a beleza com A Banda?

— Quando a compus eu não sabia.

— E agora?

— Não é a mim que deve perguntar.

O show *recomeça, consertado o aparelhamento de som. Abrem com* Meu Refão. *Chico ri um pouco antes de começar seu canto, olhando maliciosamente para o produtor: "Eu cheguei contente/ estava tudo bom,/ mas eis que de repente/ acabou-se o som..."*

* * *

Uma das grandes alegrias de Chico, após o sucesso de **A Banda,** foi ler o artigo que Carlos Drumond de Andrade dedicou a êle.

— Só isto vale ter feito essa música. Preciso visitá-lo para agradecer.

Chico diz isso como se devesse um favor. Mas Carlos Drumond foi o que melhor entendeu o que êle quis dizer com sua banda. A mensagem de amor contida no poema não é, de fato, a do amor de um homem por uma mulher. O sentido de fraternidade, de união, pelo melhor, da esperança de que um dia a banda não passe, mas fique dentro de cada um e unindo todos para que não haja mais injustiça, tristeza, discriminação e venha a paz, tudo isso Drumond viu na obra de Chico.

— O negócio é ler e reler sempre o Fernando Gente.

— Quem?

— O meu Fernando Pessoa.

Essa mania de dar nomes próprios às coisas e às pessoas, em Chico, significa seu jeito de ser carinhoso. E, ao mesmo tempo, de trazê-las para mais perto, respeitosamente, com simplicidade, dimensionando-as ao seu mundo de muito sonho de coisas bonitas, mas sem nenhuma pretensão. Esta notícia de jornal dá uma boa medida disso: "O compositor Chico Buarque de Hollanda, convidado a fazer parte do júri do Festival Internacional da Canção, procurou a direção do Festival e o secretário de Turismo, comunicando que se sentia demasiado jovem para fazer parte de um júri de categoria e para participar do julgamento de um certame internacional."

Mas Chico acabou sendo presidente do júri, por indicação de dois famosos compositores estrangeiros.

No fundo, êle não quer se afastar demais das coisas de sua idade e das que criam os motivos para sua obra: o cotidiano, a convivência com amigos, os livros, a música de rádio e vitrola, a de seus colegas no violão à noite, a rua. Não quer que o sucesso roube a espontaneidade de sua vida jovem e o à toa da poesia sem importância que tanto ama.

Seu apartamento em Copacabana é minúsculo. Tudo fora de ordem, mas munido do essencial. Ivone, a vitrola; Alcântara, o gravador; Julieta, o violão; Geraldona a caneca de chope de pedra-sabão; e Frida, a geladeira. Com o dinheiro do prêmio e com o que está ganhando pretende comprar um apartamento na lagoa Rodrigo de Freitas:

— Lá não vou sair e nem receber visitas às tardes. Só se forem sambafistas... para poder ouvir música, compor, ler... não fazer nada, um período do dia que seja só meu.

Chico se preocupa com a vida que esta levando: **show** em boate, programas de televisão, apresentações em outras cidades, publicidade, entrevistas. Acha tudo isso necessário e bom, mas precisa ser ordenado. Tem mêdo de ficar sem tempo não só para compor, mas para viver e sentir as coisas que o levam a criar.

Quanto ao conteúdo de suas composições, sente que uma obra poética, em samba mesmo, reflete o que o homem é e quer. Tem sua ideologia, sua visão política e procura participar da sociedade de acôrdo com ela mas dentro de sua função específica. Êle não acha necessário usar chavões nas letras para que tenham conteúdo social. A canção de protesto, panfletaria, não o interessa. Não fala de terra porque é um homem urbano e nas cidades há motivos semelhantes. O tema do amor e o cotidiano das grandes cidades é o que está mais próximo e palpita dentro dêle. Sem sinceridade e vivência completa dêsse amor, Chico não acredita ser possível uma consciência e uma atuação coerente e útil nos outros planos da vida social.

FOTO DE NELSON DI RAGO

O sorriso de Chico é aberto como seu samba.

Às tentativas de transformá-lo em líder, ídolo ou **rei,** Chico responde como o fêz numa entrevista, no lançamento de seu disco:

— Mas que líder, **seu!**

Até agora Chico só foi censurado uma vez. A Censura (depois de um protesto do Ministério da Marinha) não o deixou cantar no **show** o samba Tamandaré. ("Zé qualquer estava sem sombra, sem dinheiro,/ sem Maria qualquer,/ sem qualquer paradeiro,/ quando encontrou um samba/ inútil e derradeiro/ numa inútil e verdadeira nota de um cruzeiro./ Seu marquês, seu almirante/ do semblante meio contrariado/ que fazes disparado/ no meio desta nota de um cruzeiro rasgado? Seu marquês, seu almirante/ Sei que antigamente era bem diferente./ Desculpe a liberdade/ e o samba sem maldade/ dêste Zé qualquer./ Perdão marquês de Tamandaré./ Pois é, Tamandaré/ a maré não tá boa/ vai virar a canoa/ e êsse mar não dá pé, Tamandaré/ meu marquês de papel/ cadê seu troféu, cadê seu valor?/ Meu caro almirante/ o tempo inconstante roubou./ Zé qualquer tornou-se amigo do marquês/ solidário na dor que contei a vocês./ Menos que queira ou mais que faça/ é o fim do samba e é o fim da raça./ Zé qualquer ta caducando,/ desvalorizando/ com o tempo que passa, pasando,/ virando fumaça, virando/ caindo em desgraça, caindo/ sumindo, saindo da praça").

Na estréia, cantando **Meu Refrão,** êle improvisou alguns versos, respondendo à proibição:

"Você me procura/ pede explicação/ depois me censura/ o que é de coração./ Mesmo assim não brigo/ não me importo não/ pois quem canta comigo/ canta meu refrão..."

Sua vida está amadurecendo ainda e sua música apenas começa a ganhar vulto. A publicidade em tôrno de seu nome, êle acha, não vai melhorar em nada suas composições. Nunca lhe faltou dinheiro para ter o que necessitou e agora vai ganhá-lo à custa do seu talento para poder continuar a ser jovem e livre para encaminhar sua vida no futuro:

— Não serei usado e não vou usar ninguém.

Chico já conseguiu a coisa mais difícil e preciosa: ter acesso à beleza e ser amado por todos, de tanto amor por êles. Só precisa mesmo é de um violão, uma morena e o amor "antes que o amor acabe", como diz seu **Amanhã Ninguém Sabe.**

FIM

não esperamos
que v. saiba o nome
de todos
os nossos produtos...

mas de algum modo
a Pfizer contribui para
seu bem-estar.

Aliás, não haveria mesmo razão para você saber os nomes de nossos produtos farmacêuticos. Sendo todos de venda sob prescrição médica, basta você confiar, como sempre confiou, na receita de seu médico. Ele os conhece.
O fazendeiro também conhece a Pfizer. Ela participa da sua vida de todos os dias, através dos seus produtos veterinários e de proteção à colheita.

E até na sua segurança noturna nas estradas, há a presença da Pfizer: na maioria dos carros nacionais, por exemplo, as lanternas traseiras são fabricadas com plásticos da Pfizer.

P. S. Sua espôsa com tôda a certeza conhece os nomes de muitos dos nossos produtos...
São os produtos da nossa nova divisão - Coty

Pfizer

URUGUAI

UM PAÍS À ESPERA DO GOLPE?

Texto de José Carlos Marão Fotos de Geraldo Mori

A *batalha do crepúsculo*, afinal, acabou. Os velhinhos aposentados, que ficavam parados na frente do Palácio do Govêrno todos os dias, na hora do crepúsculo, conseguiram um pequeno aumento. A inflação do Uruguai tinha reduzido as aposentadorias a quase nada. Já ia longe o tempo, de 15 anos atrás, em que muita gente considerava o pêso uruguaio tão forte quanto o próprio dólar.

Mas é só acabar um movimento, e começam outros. Os meninos do Uruguai tiveram a seguir duas semanas de folga: greve dos professôres primários. E, ao mesmo tempo — embora por motivos diferentes — houve greve dos pedreiros, e greve de bancários, e greve da Caixa de Aposentadorias, e greve de um dia dos jornais. A avenida 18 de Julho, principal rua de Montevidéu, está sempre cheia de trabalhadores, protestando, distribuindo folhetos de explicação ou pedindo apoio.

O Uruguai era chamado a "Suíça da América do Sul" e o seu sistema de colegiado considerado um exemplo de democracia forte e estável. Agora, o país está para voltar ao presidencialismo e os próprios políticos do govêrno anunciam um golpe de Estado, a qualquer momento, "se não forem votadas certas reformas necessárias ao bem-estar da nação".

Apesar disso, o povo uruguaio é um povo que canta. E o Uruguai ainda é o mais desenvolvido dos países subdesenvolvidos.

SEGUE

DURÁN

Êste país é assim

O Uruguai surgiu da disputa entre portuguêses e espanhóis, pelo domínio do rio da Prata. Deveria ser território brasileiro ou argentino. Mas a mediação da coroa inglêsa fêz com que surgisse como país independente.

O Peñarol, o clube de maior torcida no Uruguai, deve ser, proporcionalmente, o de maior torcida no mundo. Tem 90% da população.

O ensino no Uruguai é um dos orgulhos nacionais. O curso primário, "obrigatório", tem 6 anos. Mas apenas 30% dos alunos chegam a receber o diploma.

O país todo tem 2,5 milhões de habitantes. Mas 300 mil habitantes já estão aposentados.

A carne é a comida de todos. Dizem que uruguaia não sabe cozinhar sem ela.

Sobrou pouco da Suíça

URUGUAI CONTINUAÇÃO

Para que fique um pouco mais clara a atual situação do Uruguai é necessário que se diga antes de mais nada alguma coisa sôbre êste povo e êste país. O Uruguai é um pampa imenso, encravado entre Brasil e Argentina, onde as maiores altitudes não vão além de 700 metros. E Montevidéu, no dizer um pouco maldoso mas também muito carinhoso de alguns brasileiros que moram por lá, é a sede de uma grande estância que tem seu gado, seus carneiros e seus gaúchos.

Para brasileiro, acostumado com sol quase o ano inteiro, o Uruguai é um país frio. Na primavera venta tanto que quase não se pode andar na rua. Mas basta aparecer um pouco de sol que o povo lota as praias de Montevidéu, com qualquer roupa: uns vão de terno e gravata, outros de traje esporte, as senhoritas de calça comprida e há quem vá até em traje de banho.

O Uruguai tem 186.926 quilômetros quadrados de área, um pouco menor que o Estado de São Paulo. E moram lá 2.592.000 pessoas, menos de dois terços da população da Guanabara. Metade dessa gente mora em Montevidéu. O resto no interior, que é dividido em 19 **departamentos.** Departamento é o que seria, para nós, um município.

O uruguaio vive de três coisas: carne, lã e turismo. Come e vende bastante carne, veste e vende bastante lã, e está muito bem preparado para receber, tratar bem e deixar de bolsos vazios qualquer turista.

Beirando os pampas e as coxilhas, no sul do Uruguai, existe uma praia de areia muito branca. É aí o turismo, em cinco ou seis cidades balneárias, com Punta del Este aparecendo em primeiro lugar. E quando estoura o verão, as praias se enchem, de Montevidéu até a divisa com o Brasil, desta vez com todo mundo em traje de banho mesmo. E, junto, os turistas argentinos e brasileiros.

Montevidéu, uma cidade

Um montevideano que estiver precisando de uns trocados pode pegar as coisas velhas que tiver em casa — roupas, cadeiras, dentaduras usadas, meias furadas, velhas cuias de mate e mais o que bem entender — e tentar vender tudo na **Féria Municipal,** que se faz aos domingos, na rua Tristán Marvaja, no centro de Montevidéu. É só chegar lá, espalhar as coisas pelo chão, que certamente aparecerá um comprador. Ou alguém querendo trocar um sapato velho por algum outro produto.

Mas é só nesse dia e nessa feira. As outras são como as nossas.

Montevidéu é a metade do Uruguai, pelo menos em população. Tem 1,2 milhão de habitantes. A cidade velha — onde estão o pôrto os bancos, os importadores e atacadistas — é a região onde Montevidéu começou a se expandir. Prédios antigos, ruas estreitas, e uma côr cinza predominando, até nas roupas dos uruguaios.

A espinha dorsal de Montevidéu liga essa cidade velha ao resto e chama-se avenida 18 de Julho. São três quilômetros de anúncios luminosos, lojas enfeitadas e edifícios com os escritórios das principais emprêsas do país. Em cada quadra, pelo menos cinco ou seis bares. A cidade tôda tem cinco mil bares, ou seja, um para cada 240 habitantes, inclusive velhos, crianças e donas de casa.

Depois vêm os bairros abastados — Pocitos e Carrasco — com as praias. Aos brasileiros, os uruguaios costumam sempre perguntar se Pocitos não é uma Copacabana pequena. Mas isso foi de tanto os cariocas que aparecem por lá dizerem:

— Isso não é nada. Vocês precisam ver Copacabana.

Que ninguém estranhe, ao passear por Montevidéu, o número de praças, verdíssimas, nem o número de pessoas que por ali ficam, a não fazer nada além de viver. O uruguaio gosta de ir sentar na praça. E leva a família inteira, com suas cadeiras e seu lanche.

Quem acha as praças monótonas vai ao futebol. E, provàvelmente, não há povo no mundo, nem o brasileiro, que goste tanto de futebol como os uruguaios.

Nos dias de semana, os bares da 18 de Julho estão sempre cheios. Todos têm muitas mesas, porque tomar um café, para o uruguaio, é um ritual. É preciso, pelo menos, meia hora sentado numa mesinha. Nos bares e cafés de Montevidéu, o povo conversa, lê jornal, os estudantes estudam, os que não têm nada para fazer jogam baralho (e garantem que não é a dinheiro). O Uruguai e, mais diretamente, êsses cafés, têm uma tradição de acolher asilados políticos. Um dêles era conhecido como ponto de reunião dos asilados espanhóis, depois da Guerra Civil. Os argentinos também costumam reunir-se num bar. E até os brasileiros têm o seu pontozinho de encontro.

A hora de comer o uruguaio leva muito a sério. Tem de ser carne. Aliás, costumam dizer que as donas de casa não sabem cozinhar, se não houver carne. Verdade que agora o principal produto do Uruguai está racionado. Às sextas, sábados e domingos não é vendido. Mas quem tem dinheiro compra antes e guarda para êsses dias.

A carne **a la parrilla,** na grelha, é a preferida, e o grande prato nacional é a **parrillada,** onde entram costela, **chinculin** (intestino), tripa grossa (mais intestino), úbere da vaca, rins, fígado, **mollejas** (glândulas salivares do animal), **cuajo** (o tecido interior da bexiga), coração, chouriço, **morcilla** (sangue e gordura de porco, feito lingüiça) e outras coisas que apareçam na hora. Toda essa comida pode ser consumida por um uruguaio em menos de uma hora, mas custa caro: de 3.500 a 8 mil cruzeiros, dependendo do restaurante, da qualidade da carne e da cara do freguês. No mercado do pôrto, onde comem os estivadores, uma **completa** pode ser encontrada até por 2.200 cruzeiros, servida numa tábua de cortar carne, em vez de prato.

Depois de comer carne, uruguaio gosta de mais três coisas: tomar mate, defender seus direitos e jogar. Acredita-se que 90% dos uruguaios tomam mate todos os dias, de manhã e à noite. Ninguém faz nada que não ache direito, sem muita discussão antes. E o cassino popular de Montevidéu está aberto o ano inteiro com a sua infinidade de mesas sempre cheias.

De corridas de cavalos, nem se fala. O Uruguai, país dos pampas, gosta de cavalos por natureza. Depois, uma forte influência no desenvolvimento da nação fêz com que o turfe de lá seja um dos melhores do continente. Nos sábados e domingos, o povo lota as três tribunas do Hipódromo de Maroñas.

A música que se ouve hoje, nas boates ou nas lojas de disco, é importada. Mas o tango é uruguaio, conforme todos juram de pés juntos. E dizem os folhetos de turismo: "O tango é tão nosso como o futebol. O tango é parte do Uruguai, não só porque todos o cantam, mas também porque aqui nasceu **La Cumparsita,** genial inspiração do desaparecido uruguaio Matos Rodrigues".

O povo uruguaio não é dos mais religiosos. Montevidéu tem menos de 20 igrejas, ou seja, uma igreja para cada 60 mil habitantes. Apesar disso, e apesar da lei do país permitir o divórcio, existem para uma média anual de 16 mil casamentos apenas 100 divórcios, número muito inferior, proporcionalmente, à média de separações e desquites no Brasil, país muito católico.

Turismo, para quem sabe

Vivendo num país onde uma das três principais fontes de renda é o turismo, o pessoal que atende os turistas está muito bem preparado. Por exemplo: a maioria dos visitantes são brasileiros ou argentinos e todo uruguaio sabe que existem rivalidades entre brasileiros e argentinos, desde os tempos de colônia; como sabem aproveitar isso, falam mal de uns para outros e vice-versa. O povo uruguaio adora o seu futebol e tem certeza de que é o melhor do mundo. Mas se um brasileiro falar de futebol com um motorista de táxi, um garçom ou um porteiro de hotel, todos especializados em turistas, ouvirá, certamente, a história de que a Copa de 50 foi apenas uma falta de sorte para os brasileiros, que o Uruguai nunca teve futebol para enfrentar o Brasil e coisas assim. Depois, dão uma risadinha de lado, escondida do **macaco** (nome genérico para todos os brasileiros). Mas, de modo geral, o povo uruguaio gosta simpàticamente dos brasileiros. Mais do que dos argentinos, que êles consideram esnobes.

Punta del Este, uma cidade de 20 mil habitantes o ano inteiro e 200 mil na temporada de verão, é o símbolo da indústria do turismo uruguaio. Seus restaurantes ficam abertos só até as horas determinadas e são caríssimos. Na temporada, as fichas correm em milhões de pêsos, nos dois cassinos da cidade. Fora de temporada, só um dêles funciona, e mesmo assim, apenas nas sextas, sábados e domingos.

O impressionante em Punta del Este é a urbanização bem planejada, os riquíssimos palacetes com jardins imensos e bem cuidados, fechados dez meses por ano, e os bangalôs bem tratados, que dão a impressão de uma cidade feita por homens empenhados em atrair o maior número possível de visitantes. As construções de Punta del Este são quase tôdas controladas por uma só firma, que diz gastar em promoções do Uruguai no exterior mais do que o próprio govêrno uruguaio.

Punta del Este é o que sobrou da Suíça da América do Sul. Hoje, está cercada de agitação, desemprêgo e subdesenvolvimento por todos os lados, menos o do mar. SEGUE

Montevidéu está com 1,2 milhão de habitantes. As duas cidades que a seguem, Paiçandu e Salto, têm 70 mil.

Há indústria e pecuária. Mas, 150 mil desempregados.

O pêso igualava o dólar. Agora é moeda fraca.

Os jornais estão descontentes com a situação no Uruguai. O povo também está. Por isso, os políticos sugerem reformas, para salvar o país.

Fôrrobranco instantâneo: já vem pronto para usar.

Sem rebôco, sem telas de arame, sem precisar encher a casa de jornais. Eucatex Fôrrobranco já vem pronto e pintado com tinta plástica (Adivinhe de que côr...). Portanto é fácil de lavar. Pode ser aplicado numa questão de horas: mas se você desconfia das coisas feitas com muita rapidez, saiba que Eucatex Fôrrobranco dura muito mais do que forros que demoram dias para ser instalados. E além disso protege sua casa contra o calor e o frio excessivo: êle é antitérmico. Protege contra os ruídos: é acústico. Protege contra grandes gastos: é econômico.

À Eucatex S. A. Indústria e Comércio - Av. Francisco Matarazzo, 530
Caixa Postal 1683 - São Paulo.
Desejo receber mais informe sôbre Eucatex Fôrrobranco
Nome: .....
Profissão: .....
Endereço: .....
Cidade: ..... Estado: ..... R 3

eucatex fôrrobranco
60x60 cm - 10 mm de espessura

Uma história agitada

URURUAI CONTINUAÇÃO

Foi com a Primeira Grande Guerra que o Uruguai virou Suíça. Os Aliados compraram enormes quantidades de produtos sul-americanos, carne principalmente, e, pelas ligações com os comerciantes inglêses, o pêso uruguaio foi se fortalecendo cada vez mais. Na área social e política houve um homem, José Batlle Orduñez, que foi presidente do Uruguai em 1903 e depois voltou ao poder em 1911. Nas suas gestões, Batlle fêz as leis trabalhistas, limitou o dia de trabalho a oito horas, regularizou as aposentadorias, criou o ensino dirigido e atendeu às necessidades de atualização da agropecuária.

Em 1917, Batlle, conseguindo vencer alguns opositores, obteve uma reforma da Constituição, estabelecendo uma forma híbrida de presidencialismo e do colegiado a que êle aspirava. O poder executivo era exercido por um presidente e por um Conselho Nacional de Administração. Em 1934, o Uruguai voltou ao presidencialismo. Em 1942, houve outra reforma da Constituição (nessa época, já era tido como a **Suíça** dos pobres). Finalmente, em 1953, com as finanças em ordem, as repartições públicas funcionando bem e as escolas ensinando exemplarmente, o Uruguai reformou novamente a Constituição, por um pacto de partidos, e instituiu outra vez o sistema do colegiado. Mas hoje, o colegiado é moribundo, pois os dois principais partidos, Blanco e Colorado, (e também o Partido Comunista, de votação inexpressiva), querem voltar ao presidencialismo.

Boa educação, boa saúde

O ensino no Uruguai é gratuito e obrigatório, assim como no Brasil. Só que a porcentagem de analfabetos lá não chega a 9% da população, em geral velhos ou pessoas dos meios rurais mais afastados. Êsse sistema de ensino, com curso primário de seis anos, mais seis para quem quiser entrar numa faculdade, ajudou também a fama de **Suíça.** Mas uma informação importante é pouco divulgada: apenas 31% dos matriculados terminam o curso primário, sendo a maior parte das deserções no primeiro e no segundo ano. Em compensação, não tem havido problema de matrículas, pois em geral há vagas para tôdas as crianças.

No ano passado, houve um número absurdo de inscrições nas escolas noturnas de Montevidéu. As autoridades, interessadas em saber o motivo, fizeram uma pesquisa entre os alunos, perguntando, entre outras coisas, porque tinham voltado a estudar. Responderam que queriam entrar numa universidade 2%; 10% queriam alfabetizar-se; e 88% queriam apenas pagar metade da passagem de ônibus, que a inflação tinha feito aumentar no comêço daquele ano.

SEGUE

Esta é a riqueza do Uruguai: o gado. Mas os processos de criação continuam arcaicos.

Este é o lugar onde os velhos esperam a aposentadoria. Um processo pode demorar 15 *anos.*

A prova dos nove

URUGUAI CONTINUAÇÃO

O curso secundário, no Uruguai, é dividido em duas partes. Um primeiro ciclo, de quatro anos, é o que seria o ginásio, no Brasil. Mas brasileiros residentes no Uruguai afirmam que o quinto ano primário do Uruguai equivale à nossa segunda série ginasial. No liceu, nome que dão ao secundário de quatro anos, há distribuição de livros aos alunos, como empréstimo, mas normalmente sòmente para os mais pobres, pois nem sempre há livros para todos. Êsses livros, o aluno devolve no fim do ano.

O segundo ciclo do curso secundário são os preparatórios, e já se subdividem conforme a faculdade que o aluno queira cursar. Os uruguaios são tão orgulhosos do seu sistema universitário e dos seus doutôres quanto são do futebol que praticam.

Médico e remédio o uruguaio sempre arranja, também. Cêrca de 700 mil pessoas, mais de um quarto da população, são filiadas às chamadas sociedades mutualísticas. Nessas sociedades, por uma mensalidade que vai de 7 a 10 mil cruzeiros, o sócio recebe assistência médica gratuita e, em alguns casos, remédio também; depois de um ano passam a ter direito às intervenções cirúrgicas.

Entre os sindicatos, só um, o dos operários em construções, tem serviço de assistência médica. As demais camadas da população recorrem aos hospitais gratuitos do Estado, onde, para ser recebido, o pai de família tem de levar um cartão, provando que sua renda mensal é inferior a uma quantia pré-determinada pelo govêrno. No Uruguai não há um salário-mínimo oficial, e alguns trabalhadores ganham menos de 50 mil cruzeiros.

O Uruguai, depende quase exclusivamente da produção da pecuária. Calcula-se que 90% das fazendas são grandes propriedades, nas mãos de cêrca de 1.200 famílias.

Para a sua produção de carne, o Uruguai encontra fortes concorrentes no mercado exterior, principalmente Austrália e Argentina, e a Inglaterra é seu principal consumidor. Além disso, uma parte da população afirma que a exploração do gado é feita em sistemas arcaicos, e os fazendeiros não pensam em melhorá-la por estarem satisfeitos com o que estão ganhando.

Os campos uruguaios produzem, atualmente, nas terras exploradas, um bovino e quatro ovinos por hectare. O Departamento Técnico e de Investigações do Ministério **de Ganaderia y Agricultura** realizou uma experiência, em terras do govêrno, provando que, nessa mesma área, pode-se criar dois bovinos e quatro ovinos, obtendo-se ainda carne e lã de melhor qualidade. Para obter-se isso em todo o Uruguai, seria necessário, segundo a Comissão de Inversões e Desenvolvimento Econômico do Uruguai, um investimento de 100 milhões de dólares. Os favoráveis aos sistemas modernos afirmam que só em casas na região das praias foram investidos até agora 500 milhões de dólares, sendo a indústria do turismo menos rendosa que a de carne e lã.

A principal indústria é a da própria carne. A lã é exportada **suja,** isto é, como é cortada do carneiro. Apenas uma pequena percentagem é classificada ou manufaturada no país. Outras indústrias — tecidos, conservas, azeite, cigarros, malte, cerveja, materiais de construção — são apenas para consumo interno e mesmo assim não suprem o mercado.

Uma razão a mais

A dívida externa do Uruguai é de cêrca de 700 milhões de dólares, dos quais 400 milhões a serem pagos em 10 anos. E é êste deficit, de alguns anos para cá, que causou tôda a decadência da **Suíça da América do Sul.**

Para grande parte da população uruguaia, principalmente os partidos Blanco e Colorado, a culpa de todos os males, da inflação e da dívida externa também, é só do sistema de colegiado. Afirmam que, quando são nove a dar palpites, nenhum pode mandar.

O govêrno Uruguaio, atualmente, funciona assim: o poder Executivo são nove **conselheiros,** dos quais um é eleito — cada ano — presidente do **Consejo.** O Legislativo são 99 deputados e 33 senadores.

A camada da população constituída por homens de classe média, em geral de nível universitário, já proprietários ou lutando pela casa própria e pelo automóvel, está descontente com o colegiado porque lhe atribui a ascensão das classes operárias até quase o mesmo nível dêles. Afirmam que, com um govêrno centralizado, as posições oficiais, diante das greves e movimentos reivindicatórios, poderiam ser mais fortes, com conseqüências melhores para a economia. Já os sindicatos acham que, proporcionalmente, os operários ganham menos do que ganhavam anos atrás, e o pessoal dos escritórios, a classe média, ganha ainda menos, exatamente porque tem vergonha de fazer greve. Mas a maioria dos trabalhadores também está contra o sistema de colegiado, pois atribui a êle o aumento dos preços e do custo de vida.

Para um terceiro grupo, o Uruguai não depende de reformas políticas ou administrativas, mas de duas coisas: "Troca dos homens corruptos que estão no govêrno e atualização do sistema arcaico da produção pecuária do Uruguai." Os que defendem êsse ponto de vista acham que, com uma reforma econômica estrutural, a situação do país melhorará, sem depender de presidencialismo ou colegiado. Para êles, a economia do Uruguai decaiu durante o colegiado como decairia se o regime fôsse presidencialista, pois a decadência "foi provocada apenas pelos sistemas arcaicos de produção e pelos preços dos produtos uruguaios no mercado exterior, que é determinado por outros".

Eleições e partidos

O Uruguai tem 16 partidos políticos, pelo menos. Mas, fundamentalmente, são dois os partidos, o Blanco e o Colorado, tradicionais, e, em linhas gerais, com as mesmas ideologias e propósitos. A ligação a um ou a outro é apenas emocional. Mas — segundo os próprios observadores uruguaios — pode-se dizer que os blancos representam os latifundiários e pessoas em geral ligadas à pecuária, na sua origem. E os colorados estão mais ligados aos bancos, à indústria e ao grande comércio.

Em seguida, há o Partido Comunista, que segue a linha soviética; o Movimento Republicano Oriental, comunista na linha de Cuba; o Partido Socialista, de linha independente, sem ligações internacionais; o Movimento de Izquierda Revolucionária, linha chinesa; o Partido Obrero Revolucionário, trotskista. Há mais seis partidos de esquerda sem linha internacional definida. E há o PDC e um Movimento Cívico Cristão. Todos partidos oficiais, mas que não representam mais de 12% do eleitorado.

SEGUE

Ela sorri. Ela adora Chopin. Ela lê. Ela conta estrêlas.
Ela dança. Ela ama o mar. Ela esquia. Ela viaja. Ela pinta.
Ela é linda. Ela guia. Ela canta. Ela sonha. Ela escreve.

É para mulheres assim
que Atkinsons faz perfumes há 167 anos.

E lembre-se: é Natal.

Linhas publicidade Internacional

Mas o que vale é o Peñarol. A festa pelo bicampeonato interclubes durou a noite tôda.

Alegria, só no futebol

URUGUAI CONTINUAÇÃO

Todos êsses partidos, cada um com seus candidatos (há 14 candidatos à Presidência da República, caso o povo aprove a volta ao presidencialismo), se encarniçaram para disputar as eleições de novembro.

O Partido Blanco apresentou seu projeto de reforma. O Partido Colorado também. O Partido Comunista e o MRO (Cuba) resolveram do mesmo modo apresentar sua reforma de Constituição, apoiando o presidencialismo. A orientação do PC é "enfrentar a reação com suas mesmas armas e no seu próprio campo". Os demais partidos, ou não têm fôrça suficiente, ou são favoráveis à continuação do colegiado.

Os blancos e colorados, para enfrentar a **Frente Izquierda** do PC e do MRO, desprezaram seus dois projetos iniciais de reforma e elaboraram uma reforma conjunta, não por mêdo de perder as eleições, mas para garantir o estabelecimento do presidencialismo. Assim, sòmente uma divisão imprevisível do eleitorado poderia fazer com que a reforma não atingisse os 50% de votos exigidos para entrar em vigor (conforme a constituição atual).

A grande bandeira dos partidos conservadores, blancos e colorados, é combater a ameaça do comunismo. Mas os comunistas, que representam no máximo 4% do eleitorado, respondem que os dois maiores partidos só mantêm o poder na mão porque estão de posse dos empregos para os eleitores, estão nos postos-chave para os favores políticos, e assim por diante. No Uruguai, como no mundo inteiro, quando um político consegue um emprêgo ou uma aposentadoria para alguem, está conseguindo, também, todos os votos da família.

Um povo mais politizado

Com tôdas essas discussões, os uruguaios elaboraram, para as eleições de novembro, um sistema bem complicado.

As eleições foram previstas para três fases, ou três listas. A primeira obrigação era votar num conselho para o colegiado, nos deputados e senadores, nos administradores dos departamentos, como se fôsse continuar o colegiado, mesmo para os que queriam presidencialismo.

Para os colegialistas, a eleição termina aí. Para os presidencialistas, há uma segunda fase: votar numa chapa para presidente e vice, noutra para os deputados, outros senadores e também outros dirigentes para os departamentos. A terceira fase é a da reforma, em outra cédula, em que o uruguaio deveria dar o **sim** a um dos quatro projetos de reforma constitucional apresentados pelos três partidos.

Enquanto isso, o povo fala em golpe de Estado e intervenção armada de outros países, para "eliminar o perigo comunista". Os jornais comunistas e trotskistas denunciam a direita, os jornais de direita denunciam os comunistas. O govêrno convidou dois diplomatas soviéticos a abandonar o país, deixando claro que os considerava culpados de terem supervisionado a infiltração comunista nos sindicatos e nas universidades.

O presidente da Câmara dos deputados declarou, aos jornais: "Se neste país não houver reformas, vai imperar a fôrça". E um senador, ex-presidente do Conselho, num almôço entre jornalistas estrangeiros, em Buenos Aires, disse: "Se no Uruguai não sair a reforma, sairá um golpe de Estado."

Tanto o deputado como o senador são blancos. Mas dois Colorados também falaram de golpe. Alberto Abdala, conselheiro do govêrno, em uma homenagem que recebeu no dia 22 de outubro, disse: "No Uruguai, corre-se o risco de, se os colorados ganharem as eleições, os blancos não entregarem o poder". E Aníbal Vasconcelos, colorado, mas de uma facção dissidente, por defender o colegiado, afirmou aos operários dos frigoríficos que o Uruguai deveria ficar atento à possibilidade de um golpe. Finalmente, PDC, os grupos de esquerda e os sindicatos repetem a mesma advertência diàriamente.

Um povo que chora

Enquanto isso acontece, nas ruas, as passeatas de grevistas crescem. No dia 26 de outubro, de manhã, seis operários têxteis foram feridos a bala, por uma minoria, no seu próprio sindicato. Os operários do Frigorífico Nacional, quando distribuíam folhetos num bairro de Montevidéu, foram dispersados a balas e pauladas pela cavalaria da Polícia. Com as obras paralisadas, os operários da construção civil também foram à praça pública apresentar suas reivindicações e esclarecer porque pararam de trabalhar.

E os velhos continuavam a lutar, dentro da Caixa de Aposentadorias (**Caja de Jubilaciones**), para fazer andar o seu processo. Um trâmite de papéis de aposentadoria, no Uruguai, demora até 15 anos. Mas, com sorte e a apresentação de um político, pode-se conseguir receber a aposentadoria em dois anos. E a Caixa de Aposentadorias está sempre lotada, com milhares de velhinhos que continuam tentando. Mas nem todos os dias, porque, no mês de outubro, os funcionários da Caixa também fizeram greve.

O Uruguai, com uma população de 2,5 milhões, tem 150 mil desempregados e 300 mil aposentados. E são 220 mil os funcionários públicos. Além do conflito patrão-empregado, Montevidéu assistiu, também no mês de outubro, à luta dos inquilinos contra proprietários de casas. Os inquilinos faziam passeatas, protestos, e os proprietários também, cada um defendendo em público o que acha que é seu direito. Às vêzes cruzaram-se nas ruas.

Um povo que canta

No mesmo dia 26 de outubro, em que foram feridos os seis operários têxteis, quando chegou quatro horas da tarde, a avenida 18 de Julho, centro de Montevidéu, tinha qualquer coisa no ar. Os grevistas não estavam distribuindo folhetos. As mocinhas do Partido Trotskista não estavam conclamando os sindicatos a unirem-se numa frente sindical. Os vendedores de cigarros contrabandeados não estavam nas esquinas. Nos cafés as pessoas falavam muito pouco. Alguns ouviam rádio de pilha, encostado no ouvido.

Às cinco e meia, os vendedores de cigarros reapareceram, sem cigarros, segurando na mão flâmulas de côr preta e amarela. Os professôres, os pedreiros, os bancários, os funcionários, a classe média, os desempregados, todos foram aparecendo na avenida, aos poucos. Todo mundo esperando alguma coisa.

Exatamente às seis horas, aquêle povo todo, de 50 a 100 mil pessoas, tomou conta da avenida, gritando, cantando e dançando, sem pensar quem era inquilino ou proprietário, patrão ou empregado. E o povo cantou e dançou, no ritmo negro do **Camdombe** uruguaio, até alta madrugada. Exatamente às seis horas, terminara o jogo em que o Peñarol tinha conquistado o título de bicampeão Mundial de Futebol.

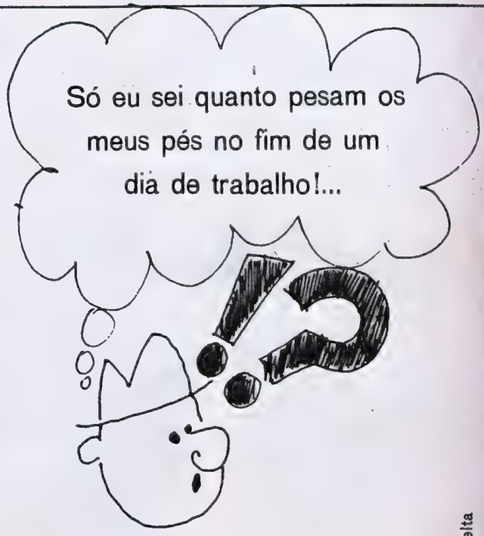
7:00 horas

11:00 horas

14:00 horas

18:00 horas

21:00 horas



delta

7:00 horas

Porisso, eu exijo um sapato super leve com solado micro celular especial para o trabalho.
resistente econômico

HERCULES S.A.
R. Honório Maia, 447
São Paulo

Agora tudo anda bem com

CIAL

super leve

CIAL é leve

leve CIAL

Alguns dos lançamentos de automóveis Ford causaram efeitos imprevisíveis.

Aconteceu nos Estados Unidos. Na Inglaterra. No Canadá. Na Alemanha. Aconteceu em todos os lugares em que lançamos o Ford "Mustang".*

A jovem guarda daqueles países olhou, dirigiu e se apaixonou pelo nosso Mustang. E de repente, de maneira totalmente inesperada (para nós pelo menos...), começou a nascer a moda "Mustang". Mini-saias mais curtas, em côres a combinar com o próprio carro, efígies do Mustang bordadas ou decalcadas em blusões, bonés "a la Mustang", e armações de óculos sugerindo os ousados contornos do "potro selvagem".

O Mustang tornou-se o modêlo de mais rápido sucesso em vendas de tôda a história automobilística. Um carro para os jovens de idade e os jovens de coração. Um carro cuja mecânica e linhas impetuosas simbolizam muito bem o espírito da jovem Ford. Dessa jovem Ford que venceu com seus Cobras, Lotus e GTs, as principais corridas automobilísticas dos últimos dois anos. A Ford dos "Falcons", "Fairlanes", "Thunderbirds" e "Galaxies".

É dessa jovem Ford que faz parte a Ford brasileira. A mesma que, dentro de poucos meses, lançará em nosso País o Ford Galaxie. O automóvel que colocará o Brasil em dia com o que há de mais moderno no mundo automobilístico internacional.

*"Mustang" significa potro selvagem (do espanhol "mesteño" = selvagem)

HÁ UM FORD GALAXIE BRASILEIRO EM SEU FUTURO

Ford

FORD MOTOR DO BRASIL S.A.

— "Papai, de onde vêm os bebês?" — Houve tempo em que uma cegonha entraria na resposta. Mas, hoje, educadores e psicólogos asseguram que não se pode mais mentir aos filhos.

ÊLES DEVEM SABER A VERDADE

Texto de Jaime Negreiros **Fotos de Jorge Butsuem**

Quando um pai ensina que é a cegonha quem traz os bebês no bico, está traindo a confiança do filho e contribuindo para que êle seja um complexado para o resto da vida. Esta afirmação pode assustar muita gente, mas a psicologia moderna vem provando que as crianças precisam receber respostas francas, naturais e imediatas a tôdas as suas perguntas sôbre os problemas do sexo.

Se perceber, por exemplo, que seu filho já está notando, muito mais curioso que preocupado, aquela diferença entre êle e a irmãzinha, explique com simplicidade: "Menino tem pipi para fora e menina tem para dentro."

Responder na medida das necessidades, com linguagem simples e direta, é não só um dever para com as crianças, como a melhor maneira de evitar que as preocupações sexuais tomem conta da consciência e se tornem obsessivas. As crianças recebem as explicações com uma naturalidade que espanta o adulto.

SEGUE

Primeira descoberta: "por que ela é diferente?"

EDUCAÇÃO SEXUAL CONTINUAÇÃO

Informadas natural e corretamente, elas apenas anexam os conhecimentos novos aos que já possuem, e não lhes dão a importância exagerada que lhes dariam se os adultos cercassem as conversas de cochichos e rodeios.

Lembram os educadores que não se deve confundir **educação** sexual com **informação** sexual. A educação contém a informação e começa pràticamente no berço. Educação sexual é parte da educação global; e não se educa apenas quando se está com intenção de educar, pois tudo quanto é percebido pela criança é elemento educativo, positivo ou negativo, minuto a minuto, em tôda a vida: um beijo de namorados; o palavrão do homem da rua; o beijo inocente da mãe no filhinho — tudo se reflete na educação sexual.

A educação é negativa, tanto no campo sexual como no campo afetivo, em situações como estas:

1 — quando a mãe deseja uma filha e vem um filho, e ela, inconformada, o trata como se fôsse uma menina;

2 — quando a tia solteira projeta seus anseios amorosos, mesmo inconscientemente, dando "cheirinhos" intermináveis na barriga do bebê, apertando-o como faria ao seu amado (se o tivesse);

3 — quando alguém brinca com o menino, ameaçando arrancar seu pipi;

4 — quando pai e mãe se permitem intimidades ousadas diante dos filhos pequenos;

5 — quando a mãe, frustrada no casamento, se permite intimidades com outro homem, diante do filho, supondo-o incapaz de compreender **estas coisas;**

6 — quando a babá acaricia o sexo da criança para evitar seu chôro incômodo;

7 — quando adultos da família acham graça e valorizam o comportamento de um garôto que é encontrado em jogos sexuais com a filha do vizinho e comentam: "Tão pequenino e já tão macho"; ou quando um pai ensina palavrões ao filho e se diverte, ouvindo-o repeti-los.

Todos, segundo os psicologistas, estão educando negativamente, impedindo o contrôle dos impulsos, favorecendo a homossexualidade e provocando traumas; e, em todos os casos, querendo satisfazer o seu próprio **eu,** em prejuízo da criança. Da mesma forma estão educando mal os complacentes e superprotetores (que tiram dos filhos as oportunidades de desenvolvimento); os rígidos (que desejam modelar a personalidade dos filhos — como se êles fôssem anjos).

A boa educação manda que o sexo seja tratado com naturalidade, como função igual a qualquer outra, que precisa ser controlada, mas que não é má nem suja. E mais: meninos e meninas devem viver lado a lado, pois se viverão unidos quando adultos, por que separá-los na infância?

O professor Silveira Pontual lembra: "A primeira condição para educar bem é formar um ambiente sadio na família, sem o excesso quer para a extrema esquerda — a malícia — quer para a extrema direita — a rigidez puritana."

Os psicólogos acham que a tarefa de educação está apenas começando para os pais: há muito por fazer, quer porque a educação básica não chama a atenção para êstes assuntos, quer porque é difícil obter os esclarecimentos, dada a escassez de cursos, livros e especialistas realmente preparados. Entretanto, para agir conscientemente diante do filho, não é necessário — adiantam — uma cultura extensa nem profunda em psicologia educacional. Basta conhecer certos princípios básicos e aplicá-los com bom senso. Além disso, não há receitas ou normas fixas para educar, pois cada filho apresenta aos pais um problema nôvo.

Quando uma situação inesperada se apresenta e não é encontrada fàcilmente uma solução os pais devem procurar orientação, e não agir por meio de tentativas.

Educadores têm pensado mesmo em criar uma escola para futuras mães, para que elas próprias possam educar corretamente o filho e evitar que êle descubra o sexo com a babá ou amiguinhos fora de casa. Mas o importante é lembrar que quando os pais atendem às indagações de seu filho, dando-lhe informação sexual, êle a receberá com muita naturalidade.

O psicanalista Hélio Pellegrino acrescenta que "se tudo é belo na criação do homem, a sexualidade dos criadores também o é, não sendo chocante nem ilógico falar de amor sexual ou do amor no sentido geral com crianças de 2 a 11 anos". E, recorrendo a Freud e à Psicanálise, lembra o princípio de que desde o nascimento o homem está carregado de uma fôrça que o impele a aproximar-se de outros sêres, de preferência de outro sexo. Esta fôrça não espera absolutamente pela maturidade sexual para manifestar-se. Pelo contrário, já circula da criança à mãe e desta ao filho.

O amor, em sua mais ampla concepção, inclui o amor sexual. E embora a algumas pessoas possa parecer chocante que as formas mais elevadas do amor se relacionem ao amor carnal, tudo vem do mesmo amor primitivo, que no entanto perdeu o encanto porque os homens, desde o começo, o condenaram. Por quê?

A psicóloga Ofélia Boisson Cardoso diz que "é uma pergunta que, para ser respondida, exigiria uma extensa e complexa pesquisa histórica". Mas procura explicar esta atitude envergonhada do homem diante de tudo quanto se refere às coisas do sexo, lembrando a maldição sôbre Adão e Eva (no Antigo Testamento) quando, desobedecendo ao Senhor, provaram o fruto da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Então, "conhecendo que estavam nus, coseram fôlhas de figueira e fizeram para si umas cintas". E Deus condenou o homem a sustentar-se à custa da fadiga e a mulher a ter filhos sofrendo dores. É bem provável que a interpretação incorreta dêste texto bíblico, escrito para gerações que viveram há milênios, através de múltiplas traduções e comentários dos mais diferentes, tenha levado os homens a associar o ato sexual à maldição e ao pecado, lançando mais a culpa sôbre a mulher, porque "foi ela quem pôs o companheiro em tentação".

O círculo de ferro com que a moral tem limitado os temas sexuais projeta suas sombras até na atitude dos pais diante dos filhos. Desde pequenina, a criança vai descobrindo as partes do corpo numa investigação necessária e à qual nenhum ser normal escapa; e, embora haja orientação compreensiva que lhe indique cuidados com os órgãos genitais, tem havido um exagêro bastante nocivo à educação sexual. É comum ouvir-se a mãe dizer muito naturalmente ao filhinho de dois anos que está nu: "Esconda essa vergonha!" Então, a criança vai associando seus órgãos genitais ao que é sujo e vergonhoso, quando os pais poderiam habituá-la a manter-se vestida dizendo simplesmente: "Ponha a calça porque está frio", ou "porque se você bater aí no pipi vai se machucar".

O que importa é que a criança compreenda que a roupa, acima de tudo, é uma proteção.

Segundo psicólogos, é necessário que pais e educadores saibam que ao descobrir o corpo no primeiro ano de vida a criança não tem consciência moral, que só adquire por influência do ambiente, passando a aceitar mais tarde as normas que seu grupo aceita. Portanto, quando a criança pesquisa as diferentes partes do seu corpo, está agindo naturalmente, de modo a ir conhecendo o **mapa** do homem, o que lhe permitirá localizar na mente qualquer daquelas partes do corpo. (Não precisamos realizar uma inspeção para indicar, por exemplo, em que parte sentimos uma dor, mesmo que êste local fique fora do nosso campo visual). E com a mesma naturalidade com que a criança leva a mão à bôca, leva-a ao sexo, sem que haja nisso malícia alguma.

Assim, se um menino de quatro anos exibe o sexo de maneira inocente e pergunta: "Por que ficou assim, papai?"; o pai pode responder-lhe: "Ficou assim porque você já está ficando homenzinho"; e o garôto — satisfeita a curiosidade inicial — não mais procurará repetir a ereção provocada naturalmente e sem malícia. Mas, se mais tarde um pouco, o menininho chegar no meio da sala de visitas e exibir o sexo dizendo "papai, basta pensar um pouco para êle ficar assim, quer ver?", ninguém deve ralhar com êle, nem deixá-lo trancado num quarto escuro, de castigo. O pai deve explicar-lhe com simplicidade: "Filhinho, você já está ficando homem, mas não faça isso na frente dos outros porque irão dizer que você não tem educação." E se êle perguntar "papai, quando é que eu posso fazer isso?", o pai lhe dirá: "Quando puder, papai avisa."

Indicam os educadores que depois de três anos (dois e meio para crianças mais evoluídas), deve-se ocupar as mãos das crianças com modelagem, desenho, pintura, construção, recorte e colagem, para evitar que elas se masturbem, no sentido nocivo da palavra.

A observação psicanalítica concluiu que a masturbação é fenômeno não só natural na evolução sexual, como sua inexistência deve ser considerada anormal. O fenômeno pode ser dividido em duas etapas: 1 — nos primeiros anos, quando é uma excitação física que proporciona prazer (o simples contato do sexo do menino de dois anos no fundo da banheira, ao tomar banho, por exemplo); e 2 — nas etapas posteriores, quando se apresenta acompanhado de fantasias.

Os psicanalistas dizem que o prejudicial não é a masturbação em si, mas o sentimento de culpa que permanece associado a ela, na primeira etapa em razão da atitude dos pais; e, na segunda, pelas fantasias que a acompanham.

Os pais devem evitar irritação nos órgãos genitais dos filhos, inclusive a produzida pela roupa justa. SEGUE

Natal
dá sêde

FLORIO

Natal
dá sêde

FLORIO
é a bebida
corretíssima
para o Natal

Florio é um delicioso vinho tipo Pôrto, especial para acompanhar nozes, avelãs, amêndoas, castanhas, pêssegos, morangos, figos, ameixas, bôlos, panetones, tortas, balas etc.

Grande dúvida: "por que eu não posso entrar?"

EDUCAÇÃO SEXUAL CONTINUAÇÃO

Devem, por isso, dar-lhes roupas adequadas na idade pré-escolar e na primária; a calça não deve facilitar a introdução da mão da criança para atingir o órgão genital ou estimular outra criança a tocá-lo, o que acontece na masturbação a dois. Psicólogos censuram certas escolas maternais ou jardins de infância que adotam calças e maiôs, principalmente em meninas, que deturpam completamente o fim de proteção a que se destinam, deixando de fora o que deveria ser protegido, ou ainda causando mal-estar na criança, pois que a tira estreita de pano introduz-se, com o andar, entre as partes genitais, e pode causar prazer ao menino ou à menina.

Êste prazer surge muito antes da puberdade e da maturidade sexual, quando os órgãos que servirão à reprodução já têm certa sensibilidade. E isso contribui para que a criança toque nos órgãos genitais com maior satisfação do que quando mexe na orelha ou no pé.

Esquecidos de que também realizaram estas experiências há educadores que a consideram até hoje como um vício, e ameaçam a criança, às vêzes perigosamente, criando nela complexos que comprometem seu comportamento futuro.

No laboratório de psicologia da Secretaria de Educação da Guanabara foi examinado um rapaz de 25 anos que aprensentava um "tremor intenso na mão direita tôda vez que se preparava para realizar com ela qualquer trabalho ou mesmo segurar uma caneta ou outro objeto". Descobriu-se que a avó o havia surpreendido masturbando-se, quando criança, e ameaçara cortar-lhe a mão.

Ao analisar o fenômeno da masturbação, é necessário considerar, ao lado de causas físicas que podem produzir a excitação, as causas psíquicas.

Tôda insatisfação afetiva, todo sentimento de solidão, o ciúme e o sofrimento moral podem ser o ponto de partida da masturbação praticada como consôlo, da mesma maneira que a sucção dos dedos é um consôlo para todos os vazios afetivos que uma criança pode sentir. A masturbação, quando muito acentuada, uma vez que funciona como sinal de um desequilíbrio afetivo, exige cuidados médicos.

O psicanalista Alfred Adler disse que a orientação sexual direta começa quando aparece a primeira curiosidade. É uma curiosidade natural, que a criança demonstra diante de tudo quanto é nôvo e a surpreende.

Quando José Elias tinha três anos, deixou um dia o brinquedo e perguntou à mãe:

— Mamãe, quem fêz **eu?**

Ela explicou:

— Você era muito pequenino e estava guardado em minha barriga para não se perder.

— De que tamanho?

— Menor do que uma môsca — respondeu a mãe.

—E que é que eu comia?

A mãe levantou a camisa de José Elias e, mostrando-lhe o umbigo, disse:

— Aqui havia um buraquinho e de tudo que mamãe comia uma parte ia por um tubo por êsse buraquinho até a sua barriguinha.

— Ah — fêz José Elias, como se tivesse realizado um grande descoberta, e voltou tranqüilo ao brinquedo.

Quando, tempos depois, José Elias perguntou à mãe "por onde foi que eu saí de sua barriga?", ela lhe disse:

— Por uma portinha que mamãe tem aqui.

E à pergunta.

— Como é que você teve **eu**?

Disse-lhe a mãe:

— Seu pai pôs uma semente na mamãe.

— Como? — insistiu José Elias.

— Com o pipi dêle no pipi da mamãe.

E a criança sem malícia alguma não foi buscar respostas duvidosas no mundo da fantasia, a que fatalmente recorreria se não fôsse atendida com simplicidade.

Uma boa orientação sexual é produtiva quando se respeitam indicações como:

1 — esperar que a curiosidade se manifeste e não querer dar explicações que não foram pedidas; pais que souberem inspirar confiança e amor aos filhos serão sempre procurados para explicar-lhes o que desconhecem;

2 — responder sempre de maneira natural ao alcance da compreensão infantil;

3 — ter o cuidado de orientar a criança a respeito das lendas, para que não assuste os companheiros com o que sabe, ou seja mesmo mal compreendida na escola.

Pedro Paulo, de cinco anos, voltando do jardim da infância, disse à mãe:

— José Carlos é bôbo; êle anda contando na escola que uma cegonha vai trazer o irmãozinho dêle.

Disse-lhe a mãe:

— Não, meu filho, o José Carlos não é bôbo; é que costumam contar essa história de cegonha que traz criancinhas no bico e êle pensa que é verdade.

Entretanto, tratar de sexo com naturalidade dentro de casa não quer dizer excitar a curiosidade da criança, como acontece com os pais que deixam os filhos dormir em seu quarto ou até em sua cama de casal. Então acontecem casos como o da menina vítima de "neurose de angústia", porque surpreendeu durante a noite pai e mãe em ato sexual, e pensou que o pai estivesse matando a mãe.

A sinceridade evita também que surjam curiosidades doentias, atitudes maliciosas e perversões sexuais.

Se os pais não fazem uma cena emocional só porque o pequeno de quatro anos, ao entrar no banheiro ou no quarto, os surpreendeu sem roupa, o caso não tem importância nenhuma; o que perturba a criança é o ambiente carregado pelas reações adultas quando o assunto é sexo ou simplesmente a nudez.

SEGUE

um inigualável presente de fim de ano!

3 volumes que formam verdadeiro museu gráfico e que se constituem na mais apaixonante leitura

LOS PINTORES CELEBRES

185 autores internacionais - 1000 páginas de texto - 550 lâminas formato grande em côr e preto - 212 biografias escritas pelos mais famosos críticos de arte, historiadores e diretores de museus do mundo - 4500 notas biográficas.

Uma obra para se conservar como uma preciosidade

Da mesma coleção oferecemos ainda:
LOS MUSICOS CELEBRES
LOS INVENTORES CELEBRES
LOS DESCUBRIDORES CELEBRES
LAS MUJERES CELEBRES (2 volumes)

3 volumes em luxuosa encadernação tipo pergaminho com gravações em ouro fino

vendas facilitadas

Consulte seu livreiro habitual ou envie êste cupom à
EDITORA GUSTAVO GILI DO BRASIL S/A
Rua 24 de Maio, 35 - 2.º - conj. 214/216
Caixa Postal 2211 - Fone: 32-3787 - São Paulo
Solicito que me remetam sem compromisso, informações e condições para a compra à vista ou à prazo de:
LA GALERIA DE LOS PINTORES CELEBRES
NOME
PROFISSÃO
ENDEREÇO
CIDADE ESTADO

EDITORA GUSTAVO GILI DO BRASIL S.A.
S. Paulo: R. 24 de Maio, 35 - 2.º - conj. 214/216 - tel: 32-3787
Rio: (filial) Av. Rio Branco, 37 - 6.º - s/ 601 - tel: 23-5252
Salvador: (representante) Livraria Universitária, Praça da Sé, 8
B. Horizonte: B. Oliveira Santos - R. Rio de Jan, 1023 - apto. 404

Carinho: "como vai meu irmãozinho na sua barriga?"

EDUCAÇÃO SEXUAL CONTINUAÇÃO

Lògicamente, dizem os psicanalistas, não devem os pais ficar expostos nus diante dos filhos por pura exibição, mas se forem surpreendidos não devem chocar a criança, dando-lhe a impressão que a nudez é vergonhosa.

Vendo a mãe nua, Maria Eugênia, de três anos, apontou os seios e perguntou:

—Por que isto aqui meu é menor que o seu?

— É porque você é pequenina. Quando crescer, terá o seu do mesmo tamanho.

Os pais devem também preparar a criança para compreender como é maravilhoso o processo da reprodução, principalmente quando se espera o "pequenino que vai chegar".

O fato de saber que seu irmão é por enquanto fraco e tão pequeno que está guardado na barriga da mãe desperta na criança bem orientada uma atitude protetora que abrange a própria mãe. Naturalmente, o momento de ensinar — é bom repetir — deve ser criado pela pergunta da criança, e nunca sugerido pelos pais. O essencial é lembrar que não se deve mostrar surprêsa ou aborrecimento diante de qualquer pergunta. Outro ponto importante: se as possibilidades econômicas da família não permitem que o filho tenha quarto próprio, é melhor fazê-lo dormir num divã ou num bercinho na sala, que deixá-lo dormir na cama do casal.

Depois de satisfazer com simplicidade a curiosidade sexual da criança na segunda infância — entre dois e cinco anos — os pais devem fazer o máximo para evitar, na pré-puberdade, o choque da menstruação na menina, ou da primeira ejaculação no menino. No fim do curso primário, segundo os educadores, seria útil uma informação científica, ampla e segura.

Quem pensar um pouco no assunto, e verificar a crescente igualdade dos sexos no mundo em que vivemos, tem de chegar necessàriamente à conclusão de que ambos os sexos devem ser educados de maneira igual e preparados para enfrentar os mesmos problemas.

As meninas, naturalmente, são preparadas para a maternidade. Eis portanto outra questão: paralelamente à maternidade, os meninos devem ser preparados para quê? Psicólogos opinam que os livros ensinam muito pouco sôbre a paternidade e a vontade do homem de fundar uma família e ter descendentes. E são êstes os ensinamentos aconselhados como ideais para que os pais dêem explicações acêrca da finalidade do sexo, dependendo sempre da idade de cada criança curiosa.

Pela falta de informação sexual conveniente, vê-se todos os dias a decepção de jovens que se casaram cheias de idéias falsas, lançando-se à vida conjugal sem nada conhecer do ato sexual, simplesmente porque "a mãe teve vergonha de lhes falar no assunto".

O psicólogo Maurice Herzog declarou num congresso da Sociedade de Psicoprofilaxia: "Devemos desmistificar o problema sexual. Desmistificação é a palavra que convém. Um episódio autêntico mostra a que ponto isto é necessário. Numa cabina de trem uma jovem gestante senta-se acompanhada de sua filha de três anos, em frente de duas senhoras. Sùbitamente, a criança joga-se carinhosamente na barriga da mãe e pergunta: "Como vai meu irmãozinho?", o que provocou revolta nas duas senhoras, que se retiraram da cabina como se tivessem sido ofendidas."

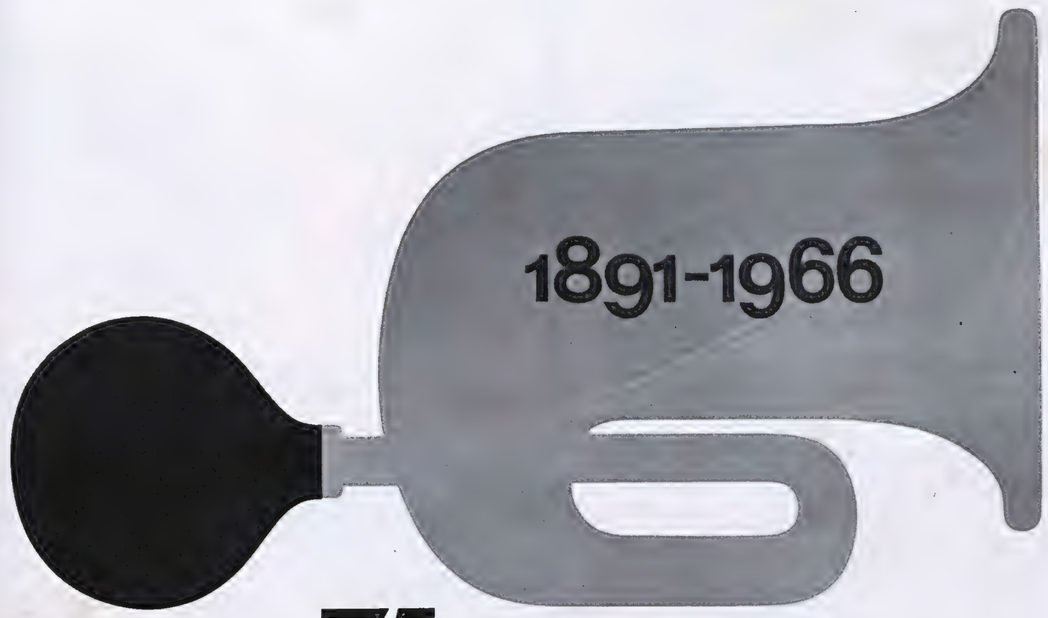
Acrescenta Herzog:

— Todo o problema da iniciação sexual está naquele exemplo, não sendo difícil imaginar quão erradas foram a educação e a informação sexual das duas senhoras. Um passado de preconceitos e equívocos formou gerações de homens e mulheres frustrados para a vida, pois desconhecia-se o valor da educação e da informação sexual.

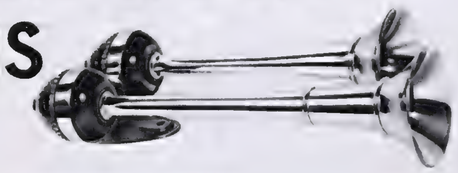
A verdade é que o jovem mal educado sexualmente sai da adolescência desarmado e sem rumo. Não tem poder de afirmação e deixa-se levar pelas "estranhas correntes" do momento, numa guerra diária contra a sociedade. É então que se transforma nos **provos** de Amsterdã, nos **beatniks** de Nova Iorque, nos **rockers** de Londres, nos **houligans** de Varsóvia — nas ovelhas negras de todos os países.

Lembram os psicanalistas que "cada geração imatura agrava os riscos por que têm de passar as seguintes", e é importante "ensinar às crianças como viver, dando-lhes segurança e fazendo-lhes ver que só a elas pertence o mundo em que vivem. E que é necessário, portanto, para poderem gozá-lo melhor, amparar-se na experiência dos mais velhos que não tenham mêdo de ensinar o que sabem."

FIM



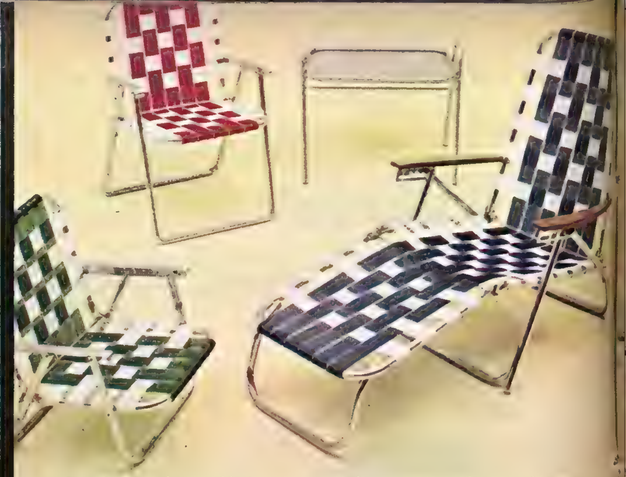
75 anos separam estas duas buzinas



A buzina de cima foi usada nos veículos fabricados no século XIX. Para nós é uma relíquia. Por isso, foi escolhida para símbolo comemorativo dos 75 anos de existência da Scania-Vabis da Suécia. A buzina de baixo é vista hoje nos veículos mais modernos de sua classe: os ônibus e caminhões Scania-Vabis.

SCANIA-VABIS DO BRASIL S.A.
—Veículos e Motores—
Fábrica e Escritório Geral: Av. José Odorizzi, 151 - (Via Anchieta, km 21)
Fone: 43-2333 (Rêde Interna) - São Bernardo do Campo - Est. de S. Paulo
Caixa Postal 30551 - São Paulo - Endereço Telegráfico: "SCANIAVABIS"

Rochedo é o indispensável para um jovem casal...
Conjuntos MAYFAIR (33 e 35 peças) e ARISTOCRATA (de 3, 5 e 7 peças). A beleza você vê, e a qualidade você conhece: é ROCHEDO.



Rochedo é confôrto que se leva a qualquer lugar...
Mesa, "chaise-longue" e cadeiras, para praia, terraço e jardim. Confortáveis, levíssimas e nunca enferrujam.

Rochedo é algo nôvo para a cozinha moderna...
Caçarola e frigideira elétricas ROCHEDO-MATIC, um presente de alta classe.

Rochedo é nôvo conceito em frituras...
A frigideira antiaderente ROCHEDO faz frituras quase sem gordura, sêcas e saudáveis.

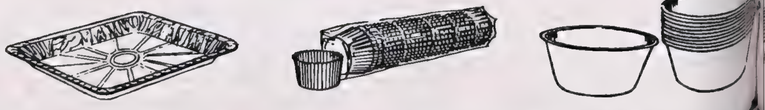
Rochedo é economia de tempo e dinheiro na cozinha...
A nova panela de pressão ROCHEDO, de alumínio extraduro, leve, super-resistente, a mais moderna e aperfeiçoada.

Rochedo também é prazer no fim de semana...
Barco de alumínio ROCHEDO, fácil de transportar. Levíssimo: apenas 53 kg. Dispensa manutenção.

Rochedo simplifica muitas tarefas...
Escada ROCHEDO: a mais leve das escadas portáteis. Alumínio extraduro, com 1,20 m de altura.

Rochedo é mais beleza em qualquer presente...
O moderno papel fantasia ROCHEDO valoriza uma lembrança. Em várias côres e desenhos.

onde há festa, há Rochedo



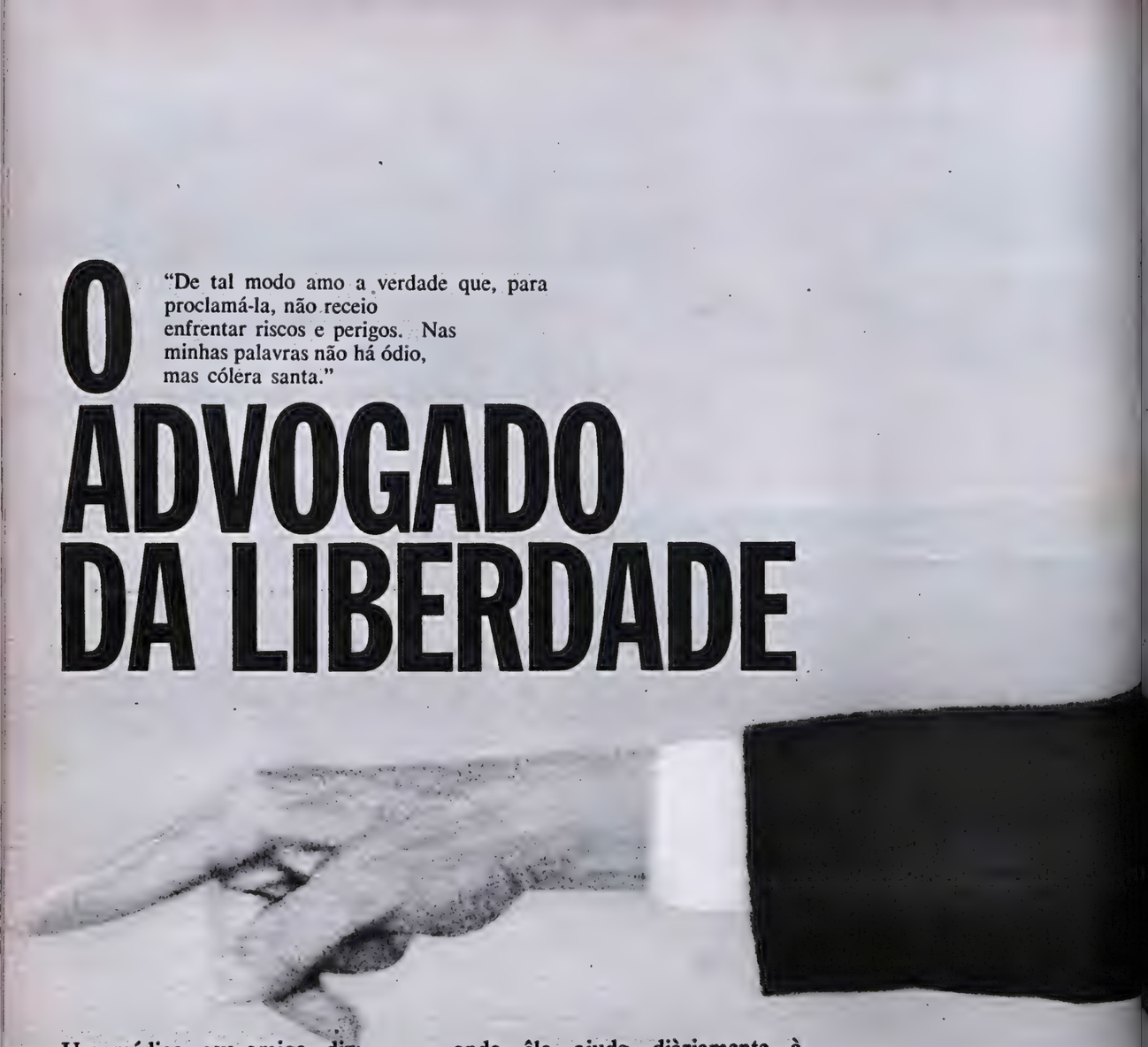
Êste ano demonstre seu carinho com

Rochedo
ALUMÍNIO PARA TÔDA A VIDA

produto de
ALUMINIO DO BRASIL S. A.

O ADVOGADO DA LIBERDADE

"De tal modo amo a verdade que, para proclamá-la, não receio enfrentar riscos e perigos. Nas minhas palavras não há ódio, mas cólera santa."



Um médico, seu amigo, diz:

— Êle é o Dom Quixote.

Um jornalista, que o admira, contesta:

— Não, êle é D'Artagnan. Êle tem até cara de D'Artagnan.

Um intelectual de Recife escreve:

— Êle é Cid, o Campeador.

Cunha, motorista de praça, confessa:

— Sempre que o vejo me lembro do Zorro.

E uma freirinha, do convento onde êle ajuda diàriamente à missa, faz questão de frisar:

— O que êle é mesmo, é um santo, um santo moderno.

Realmente, êle — que já defendeu Lacerda e Juscelino, Alceu Amoroso Lima e Luís Carlos Prestes, Arrais e Adauto Lúcio Cardoso, Julião e Hélio Fernandes — é obstinado, romântico, épico e valente. Êle, que é tudo isso, é Heráclito Fontoura Sobral Pinto, o advogado.

SEGUE

Reportagem de Luiz Fernando Mercadante

Plantou um pinheirinho e ficou ali deitado,

esperando êle crescer...
Era um menininho dêsses
que a gente já foi um dia,
e que ainda não sabia
medir nada com o tempo
(nem com a saudade..)
Ah, meu menino, minha infância.
Árvore é como gente, é vida
e você vai ver
que crescer
só é um minuto
quando a gente já cresceu!
Abra bem os olhos e veja:
o presente que você queria dar
a todo o mundo
você já deu
é mais que presente
é mais que Natal.
A árvore que você plantou
é um ser profundo, essencial.
E naquela noite, gente até chorou
quando êle abraçando a cada um
repetia:
"o meu presente, não comprei não,
plantei no chão.
É uma árvore, que bonita, mamãe."

Com esta estória inventada com muito carinho, aqui vão os nossos melhores votos de Feliz Natal e Ano Bom.

Olinkraft CELULOSE E PAPEL LTDA.
RUA D. JÚLIA, 132, 2.º - SÃO PAULO, S - CX. POSTAL 7677 - TELS. 70-1280, 70-1282
END. TELEG. OLINKRAFT - FÁBRICA EM IGARAS (CANOAS) - LAGES - S.C.

pág propaganda

É um homem que nasceu para a resistência

Dia 5 de novembro passado, Sobral Pinto, o advogado, fez 73 anos de idade. Em 1967, completará 50 anos de advocacia. É, pois, um homem idoso e um velho advogado. Mas muito jovem é o seu espírito. E sua alma de moço o impulsiona sempre: quer quando dispara em largas passadas rumo ao escritório; quer quando desata com gesto abundante e palavra quente suas defesas magníficas; e quer quando, altivo e humilde, tenta uma síntese:

— Nasci para a resistência. Por isso, resisto.

— Nasceu foi para escrever cartas — zomba um político que o considera adversário.

Também é verdade. Nos últimos 40 anos, Sobral Pinto sustenta como ninguém uma incansável correspondência com os homens públicos brasileiros: cartas e telegramas aos quais dá publicidade para fugir ao anonimato das cestas de lixo.

Nessa correspondência êle suplica, exige, conforta, fere, proclama, clama, brada, agride e exorta. Ora a favor de alguém, que julga atingido em um Direito; ora a favor de um Direito, que julga ameaçado. Sempre pelo Direito.

Abraçando os livros e os cadernos, o menino vai andando pela rua do Barão, em Jacarepaguá, subúrbio do Rio.

— Onde você vai com essa pressa, garôto?

— Vou à escola.
— Qual a sua escola?
— Aquela ali — diz êle, apontando.
— Como se chama a sua escola?
— Num tá vendo não? Olha bem lá! Está escrito: Ginásio Estadual Sobral Pinto.
— Ah! E quem é êsse Sobral Pinto?
— É um homem que solta os outros.
— Como?
— A professôra de Português falou que êle é um lutador; meu pai já disse que êle é o melhor advogado do Brasil; e, há dois dias, eu mesmo li no jornal que êle libertou três estudantes. Fiquei orgulhoso. Afinal eu estudo no ginásio que tem o nome dêle.

Por que Ginásio Sobral Pinto?

Carlos Lacerda, ao assinar o decreto que criou o Ginásio Estadual Sobral Pinto a 5 de novembro de 1963, dia em que o advogado completou 70 anos, respondeu à pergunta com três justificativas:

É bem cedinho. A rua Pereira da Silva ainda dorme. Mas o dia de Sobral já começou.

"1 — O advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto tornou-se, no consenso público, um símbolo vivo do advogado brasileiro. Na sua paixão pela Justiça e pela Lei tem sido, mesmo com ocasionais erros de julgamento, um lutador infatigável e, por vêzes, é como a própria consciência do país.

"2 — Sua integridade, sua honradez, sua vida nobremente dedicada ao próximo, sua fé cristã e seus exemplos de altivez e de humildade constituem patrimônio moral do povo brasileiro.

"3 — Não são apenas os episódios de sua vida o que importa, mas a constante que lhe imprime caráter. O entusiasmo nunca abatido. A fé em Deus e no que o homem pôde criar de mais próximo de sua própria origem, que é o Direito. O amor à Justiça. O respeito pela inteligência. A intransigência quanto aos princípios e à compreensão para com os homens, nascida do sentimento de sua imperfeição. A sua vida exemplar de advogado e cidadão, neste país carente de exemplos e de testemunhos, dos quais sobreleva o dêsse cristão combativo e generoso".

Cinco horas e 15 minutos — a janela que se acende denuncia: Sobral está de pé.

5 horas e 30 minutos — êle reza suas orações da manhã.

5 horas e 45 minutos — êle tenta lembrar todos os compromissos do dia.

6 horas — êle olha o céu, pela porta entreaberta, e toma ou dispensa o guarda-chuva.

6 horas e 1 minuto — êle sai de casa, ladeira abaixo.

A montanha ao fundo, os casarões, as pedras da calçada — tudo lembra Barbacena, sua terra natal. Mas a cidade é o Rio; o bairro, Laranjeiras. E a rua Pereira da Silva ainda dorme. Os passos de Sobral seguem sempre o mesmo rumo — a capela de um convento, a 300 metros. Ali êle ajuda à missa e comunga.

6 horas e 40 minutos — êle prossegue sua marcha até a rua Laranjeiras.

6 horas e 41 minutos — êle compra pão. Bem torradinho, que é como gosta.

6 horas e 42 minutos — êle compra os jornais. Quase todos.

6 horas e 43 minutos — êle retoma a rua Pereira da Silva, com disposição de subi-la a pé, de volta à sua casa. Não consegue.

Como em todos os dias, ao passar pelo ponto de táxi na esquina, um motorista o convida:

— Aceite uma caroninha aqui, doutor.

E êle aceita.

No caminho, uma parada para apanhar sua secretária, dona Cecília Vieira, que mora num pensionato a meio caminho. Dona Ceci — é assim que Sobral a chama — trabalha com o advogado, no escritório de casa, há 43 anos.

7 horas e 5 minutos — Sobral começa a ditar. Êle nunca escreve. Dita uma carta para um deputado. Começa assim: SEGUE

A Sra. Lia Leme tem uma ótima razão para usar o melhor produto que existe.

Aqui está:
(Terezinha Leme)

Não é uma boa razão? Por isso é que a Sra. Lia Leme só usa Claybom. Claybom é enriquecido com 30.000 unidades de vitamina A por quilo. É o que existe de mais saudável para as crianças passarem no pão, nas bolachas, nas torradas. Quantas crianças a Sra. tem em casa? Ou melhor: quantas razões a Sra. tem para usar Claybom?

Um produto
ANDERSON CLAYTON

Usa a verdade como uma pedrada certeira

"Tôdas as grandes civilizações, da antiguidade aos nossos dias, atingiram o seu apogeu, em matéria de govêrno, com a afirmação de que a dignidade humana exige que os povos tenham o seu aperfeiçoamento moral e o seu progresso temporal na dependência do estabelecimento de leis sábias e prudentes, que coíbam o arbítrio dos governantes e assegurem o trabalho livre, honesto e fecundo, fonte de virtudes morais e de bem estar geral".

Às 11 horas, êle ainda estará ditando: petições, defesas, pareceres e cartas. Hoje está num dia excepcional. Sua nevralgia do trigêmeo — que por causa de uma operação mal sucedida insensibilizou uma de suas faces e que, volta e meia, atormenta a outra — não virá com suas dores insuportáveis. Quando o tempo está bom, Sobral quase a esquece. Mas se o tempo vai virar, o advogado sente no rosto.

O poeta Cassiano Ricardo, que de seu inimigo se tornou amigo ao descobrir que Sobral o defendera em uma polêmica, compara-o aos meninos:

— Quando êle desanca os poderosos com a verdade, mais parece um menino, um daqueles meninos de pé no chão e estilingue, certeiros na pedra, valentes e puros. É olhar bem nos olhos do velho e encontrar o menino. São olhos arteiros que piscam alegres enquanto êle ri.

— Ah! Meus tempos de menino! Sou capaz de lembrar como hoje — recorda Sobral, com saudade entre doce e contida.

Sobral Pinto cresceu em Pôrto Nôvo do Cunha, cidade para onde seu pai, Priamo Cavalcanti Sobral Pinto, agente da Estrada de Ferro Central do Brasil, fôra transferido dois anos depois do nascimento do filho. Nos colégios particulares do maestro Firmino Silva e de dona Josefina Braga aprendeu a ler, escrever e contar. Gostava mais de contar. Matemática era o seu forte e, especialmente em matemática, foi aluno brilhante na Escola Pública, depois num ginásio particular e, mais tarde, no Colégio Anchieta, dos padres jesuítas, em Friburgo.

Mas o menino que gostava de matemática, gostava de outras coisas também. Discutir arte, por exemplo, quando surpreendia os adultos com seus conhecimentos.

Tinha doze anos quando a guerra entre o Japão e a Rússia apaixonava e dividia o mundo. Acompanhava-a dia a dia, pelos jornais. Torcia pela Rússia.

— O Japão atacou a Rússia de surprêsa. Bastou isso para que eu tomasse minha posição. E Pôrto Nôvo era um campo de batalha: todos discutiam a guerra. E eu fazia intermináveis defesas das razões russas contra as razões japonêsas. Cheguei até a arrancar aplausos em discussões com marmanjos. Mas, enquanto eu ganhava as discussões, a Rússia perdia a guerra na batalha naval do estreito da Coréia. Me lembro como se fôsse hoje.

E sem esfôrço, mas com um ar de vaga melancolia, Sobral recorda que uma tarde, ao chegar em casa às carreiras em busca dos jornais, encontrou a terrível notícia: a esquadra russa se espatifara no estreito da Coréia. A guerra ia chegando ao fim. Para seu desespêro, o agressor tornava-se vencedor. Sua irmã, naquele instante, tocava a **Patética,** de Beethoven, ao piano.

— Até hoje — conta Sobral — não posso ouvir a **Patética.** Sinto um nó na garganta, uma opressão no peito e tenho que segurar as lágrimas. A Rússia estava com o Direito. Não podia perder.

Em 1913, com 19 anos, Sobral já estava no Rio, empregado como auxiliar de escritório na Repartição Geral dos Telégrafos e cursando Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Um dia, enquanto trabalhava, uma gritaria na praça Quinze chamou sua atenção. Foi até a janela e viu alguns soldados batendo num prêso enquanto a multidão, em volta, protestava com gritos. Sobral desceu, correu à praça e se pôs entre os soldados e o prisioneiro. Depois seguiu com êles até a delegacia onde, diante do delegado, foi testemunha única e vibrante a denunciar a violência policial. O delegado ouviu e se deixou vencer pela simpatia e pelo arrôjo do jovem. Acabou até soltando o prêso. Mas advertiu o môço que vencia, então, sua primeira batalha:

— Ouça, meu filho. Volte para seu trabalho e seu estudo e não fique a comprar brigas alheias.

Sobral voltou ao trabalho e ao estudo. Mas não seguiu o conselho do delegado.

Em 1917, formou-se advogado. Passou 1918 esperando o diploma. Queixa-se disso até hoje:

— Houve demora no fornecimento do diploma. E ainda maior demora no registro.

Em 1919, abriu seu primeiro escritório, na rua da Quitanda. No começo de 1920 foi demitido dos Telégrafos por abandono de emprêgo. E em 1922, com 28 anos de idade, casou-se com Maria José de Azambuja.

Gostava muito de jogar bilhar. Quando ia jogar com os amigos, chegava em casa tarde, a uma da madrugada. Sua mulher se conformava. Enfim, era a única distração do marido.

SEGUE

Está sempre em defesa de réus políticos

Luís Carlos Prestes

Miguel Arrais

Adauto Lúcio Cardoso

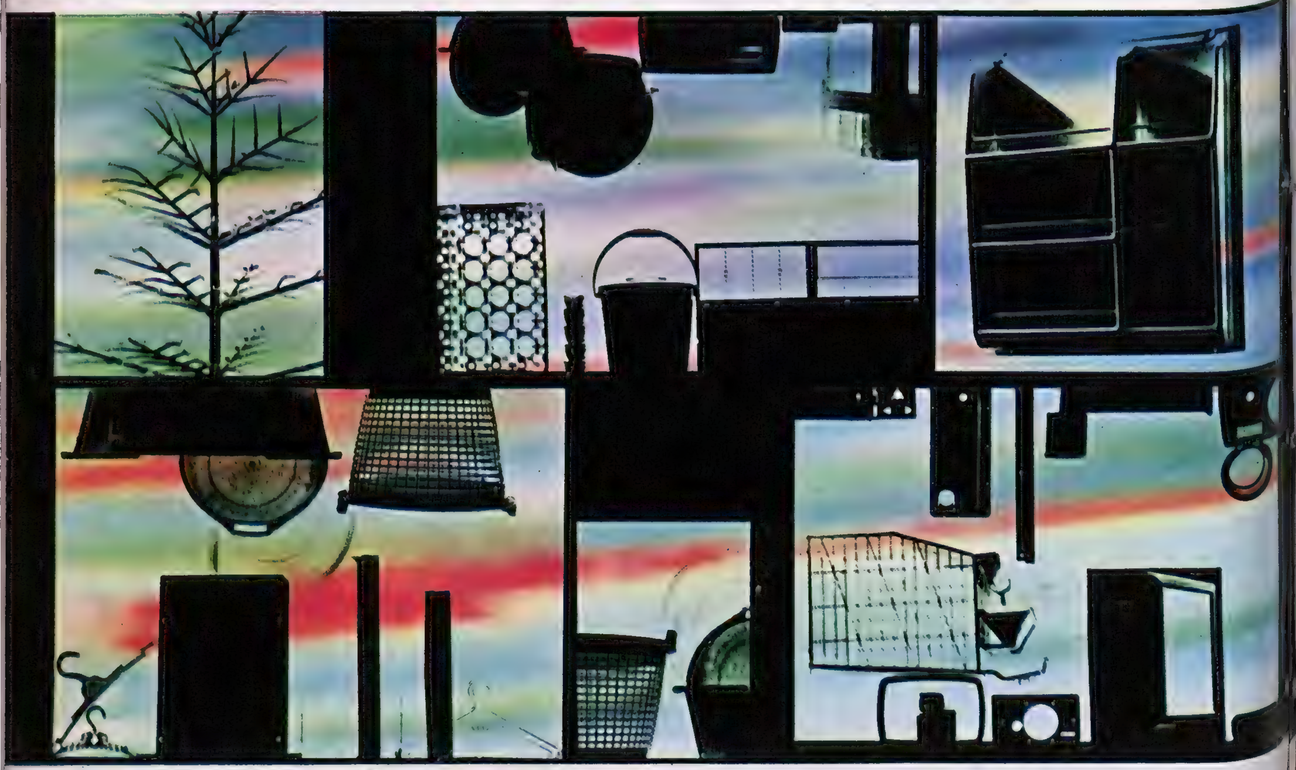
Francisco Julião

Juscelino Kubitschek

Carlos Lacerda

hevea

hevea?...



Como sofremos para fazer
um anúncio que conseguisse
ilustrar todos
os produtos Hevea.
Isso foi impossível!
Porque, em plásticos,
Hevea faz simplesmente
tudo! Desde utilidades
domésticas para seu lar,
até resoluções de
problemas industriais.

Pense em qualquer coisa
de plástico, e a Hevea
fará para V.
Mas isso não é tudo...
Apostamos que neste
momento êles estão criando
alguma coisa nova para
revolucionar o mundo
amanhã. Pois é...
a Hevea não pára!

plásticos
hevea
r. Bixira, 234
tels. 93-8108 e 93-8109
São Paulo - SP

Desde o começo defende os outros de graça

Quem não gostava muito era a sogra. Uma vez, ao chegar depois de várias partidas de bilhar, encontrou-a à sua espera:

— A Maria confia em você, eu também confio, nós duas sabemos que você estava jogando, mas você não pode repetir isso tantas vêzes, nem deve chegar tão tarde.

— Mas por quê? — perguntou Sobral.

— É que os vizinhos já andam falando. Êles ficam pensando coisas. É muito desagradável.

— Minha sogra — sentenciou Sobral. Com todo o respeito: os vizinhos que se danem.

E continuou jogando.

— Gostava muito de bilhar — explica. É o único jôgo que dá para jogar e conversar ao mesmo tempo...

Os primeiros anos de sua carreira o encaminharam para o apostolado dentro da profissão. Quando ia ao Tribunal, era rara a tarde em que um juiz não tivesse um réu sem recursos e lhe oferecesse a defesa. Sobral aceitava sempre e com grande seriedade: levava o processo para casa, varava a noite estudando e no dia seguinte se apresentava para a defesa. Conseguiu mais absolvições que qualquer outro advogado da época. Recusava-se, porém, a receber pelo seu trabalho e não era raro que, em pagamento, a gente humilde que êle defendia lhe mandasse uma cesta de laranjas ou um quarto de cabrito.

Antes de 1930 teve dois cargos públicos: procurador criminal da República e, depois, procurador geral do Distrito Federal. Questões de consciência e escrúpulos levaram-no a abandonar êsses cargos. Tinha alma de defensor, não de procurador.

Depois, no Estado Nôvo, foi o mais valente defensor dos presos políticos da ditadura. Chegou a telegrafar para a Sociedade Internacional Protetora dos Animais e pedir que fizesse valer o seu código em favor dos prisioneiros políticos.

Em 1937, a Ordem dos Advogados designou-o para defender Luís Carlos Prestes e Harry Berger — líderes comunistas — diante do Tribunal de Segurança Nacional.

Ao receber a designação, Sobral, então dirigente de organizações católicas, respondeu:

— Eu a acato como dever indeclinável da nossa nobre profissão.

A carta em que aceitou a defesa de Prestes e Berger diz: "Espero que Deus me ampare nesta hora grave da minha vida profissional, dando fôrças ao meu espírito conturbado para mostrar aos juízes do Tribunal de Segurança Nacional que Luís Carlos Prestes e Harry Berger são membros, também, desta vasta e tão atribulada família humana. Alimento a fundada esperança de que encontrarei, nesse reservatório imenso que é a caridade cristã, recursos dignos e apropriados para, sem renegar os princípios básicos da civilização brasileira, demonstrar que os acusados, ora indicados ao meu modesto patrocínio, a par de erros funestíssimos, alimentam-se também de verdades generosas, para a difusão das quais são capazes de grandes e respeitáveis renúncias. Adotando na defesa que irei fazer essa orientação, penso trabalhar para a manutenção, entre nós, das "tradições de desinterêsse e amor às liberdades públicas", hoje em dia tão esquecidas no nosso meio".

Prestes, mais tarde, chamou-o de reacionário. Sobral magoou-se, mas ainda assim disse que se fôsse preciso assumiria sua defesa outra vez. Foi preciso. E Sobral já voltou a defendê-lo, agora no inquérito do Partido Comunista, instaurado após a queda de Goulart.

Um cidadão magro, de meia altura, rosto enérgico, boca forte, olhos terrìvelmente agudos — assim pareceu Sobral Pinto aos olhos também agudos do escritor Graciliano Ramos quando êste, na cadeia, durante a ditadura recebeu a primeira visita do advogado que os amigos lhe impuseram. Graciliano conta êsse encontro em um dos capítulos do quarto volume das suas **Memórias do Cárcere:**

"Inquietou-me vê-lo perder tempo em visita a um prêso vagabundo, refugo da colônia correcional: imaginara que apenas redigisse ou mandasse redigir uma petição de habeas corpus. Estragava a manhã vindo falar-me. O advogado sentou-se, afastou essas lamúrias com um gesto sêco, abriu a pasta e começou a interrogar-me. Era o primeiro interrogatório a que me submetiam... No cipoal das questões enrasquei-me:

— Ora, doutor, para que tantas minúcias? Como é que o senhor vai preparar a defesa se não existe acusação?

O advogado estranhou a minha impertinência. Em que país vivíamos? Era preciso não sermos crianças.

— Não há processo.

— Dê graças a Deus, replicou o homem sagaz espetando-me com o olhar duro de gavião. Por que é que o senhor está prêso?

— Sei lá! Nunca disseram nada.

— São uns idiotas. Dê graças a Deus. Se eu fôsse chefe de Polícia, o senhor estaria aqui regularmente, com processo.

— Muito bem. Onde é que o senhor ia achar matéria para isso, doutor?

— Nos seus romances, homem. Com as leis que fizeram por aí, os seus romances dariam para condená-lo.

Não me ocorrera tal coisa. Os meus romances eram observações frágeis e honestas, valiam pouco.

SEGUE

Suas cartas devem entrar para a História.

Instalar fábricas no Nordeste?

Já estamos produzindo no Recife desde 1949.

Encontramos um povo trabalhador, desejoso de progresso, amigo, um mercado em constante desenvolvimento.

Hoje, êsse mercado é de 25 milhões de consumidores, e as atuais facilidades financeiras e fiscais para os investidores são excepcionais.

É por isso que mais de 350 projetos de indústrias foram aprovados e estão em execução.

Centenas de bilhões de cruzeiros estão sendo aplicados em aumento de de energia elétrica, estradas, rêdes de água e esgôto, escolas etc.

Tudo isso é muito animador Tão animador que já fomos mais adiante: até Belém, onde inauguramos uma nova fábrica há poucos meses. Temos ainda novos projetos para a região. E tudo isso é a evidência do quanto conhecemos - do quanto confiamos nessa área do território nacional.

Para amplos detalhes sôbre o assunto venha consultar-nos. Temos considerável experiência em material de construção - a maior em todo o Brasil, no campo de cimento-amianto.

DE NORTE A SUL, PIONEIRA NA INSTALAÇÃO DE INDÚSTRIAS DE CIMENTO-AMIANTO

FÁBRICAS:-	São Paulo	–	Fundada em 1937
	Pôrto Alegre	–	Instalada em 1947
	Recife	–	Instalada em 1949
	Belo Horizonte	–	Instalada em 1959
	Rio de Janeiro	–	Instalada em 1961
	Belém	–	Instalada em 1966

BRASILIT

Lugar mais certo de encontrá-lo é igreja

Absurdo julgar que histórias simples, produtos de mãos débeis e inteligência débil, constituíssem arma. Não me sentia culpado. Que diabo! O estudo razoável dos meus sertanejos mudava-se em dinamite. O duro juízo do legista esfriou-me:

— Está bem. Não tinha pensado nisso.

Realmente pensava no prejuízo que me forçavam a causar ao paradoxo vivo ali sentado em frente de mim. Não havia dinheiro nem para os selos. Por que tirar da cadeia um pobre como eu? Sobral Pinto me fêz outras visitas. Palavra aqui, palavra ali — notei que êle era pobre também. E por isso queria libertar-me. As nossas idéias discrepavam. Coisa sem importância. Sobral Pinto, homem de caridade perfeita, queria tirar da cadeia um bicho inútil, na minha opinião, um filho de Deus, na opinião dêle".

Em 1964, o Supremo Tribunal Federal ia julgar um pedido de habeas corpus de alta repercussão política. A medida era solicitada a favor do governador Mauro Borges, de Goiás, e o impetrante era o incansável Sobral Pinto. Em Brasília, os jornalistas procuravam o advogado desde os primeiros instantes da manhã. Êle já não estava porém no hotel, nem em casa de amigos, nem em nenhum escritório. Os repórteres foram encontrá-lo numa igreja: Sobral, o advogado cujo nome brilhava nas manchetes do dia, ajudava reverente à missa e se preparava para receber a comunhão. Êle faz isso todos os dias.

— E faço porque gosto — explica. Porque acredito e porque gosto.

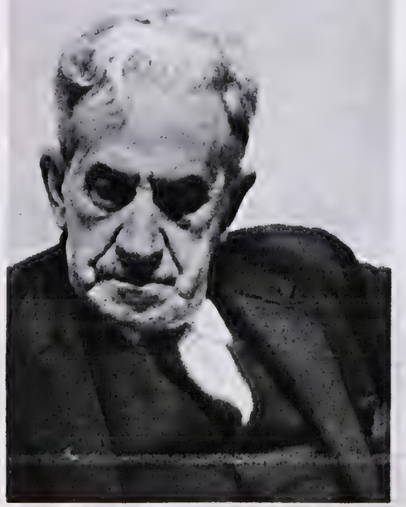
Católico desde o berço, Sobral participou intensamente do apostolado leigo: foi secretário do Centro dom Vital em 1930 e 1931. Foi um dos fundadores, em 1932, do Instituto Católico de Estudos Superiores, onde deu aulas. E foi, de 1934 a 1943, secretário da Ação Católica. Durante muitos anos lecionou na Pontifícia Universidade Católica e também na Universidade do Brasil.

Sua fé cristã aparece quase a cada palavra e a cada gesto. Para êle, Deus é palpável em todos os lances da vida e viver cristãmente é simples conseqüência de acreditar. Quando se dobra à mesa da comunhão, ou quando trata carinhosamente um homem humilde que o procura com aflições, êle está apenas dando o seu testemunho cristão.

O crucifixo e as bênçãos papais, de Pio XII e de João XXIII, afixados na parede branca de seu escritório, são certamente símbolos menos eloqüentes que a sua ação.

— Eu apenas concretizo minha fé em atos cotidianos — afirma.

— Êle é justo a cada instante — dizem seus companheiros de escritório.



Para êle, Deus é palpável a cada instante.

Há pouco, sua casa estava caindo aos pedaços. Uma cliente e amiga, a poder de muita insistência, conseguiu transferi-lo com sua família para um apartamento, mandando reformar a casa. Sobral ficou encabuladíssimo. Mas a disposição da amiga o venceu.

Essa mesma casa, o vasto sobrado onde êle mora — sua única propriedade — foi comprada graças à ação de um amigo, e seu vizinho, Afonso Penna Júnior. Êsse amigo, preocupado com o abandono material em que vivia o advogado, um dia mandou chamá-lo e lhe apresentou um fato consumado:

— Vagou aqui a casa ao lado da minha e eu a comprei em **seu** nome. Para isso, consegui em **seu** nome um empréstimo num banco, dinheiro que **você** vai pagar em parcelas pequenas e em prazo longo.

Era um fato. E Sobral o aceitou.

— O senhor pagou tudo direitinho, doutor Sobral?

— Pagar eu paguei — diz o advogado sorrindo.

E com um piscar de olhos:

— Mas atrasei várias prestações. Quase fui à falência...

Se nunca chegou à falência, está contìnuamente beirando a insolvência. Tem, desde sempre, uma imensa incapacidade de fazer dinheiro com o seu trabalho. Recusa-se a receber — a título de honorários — dos seus clientes políticos. E tem mais de 300 dêles.

— Não posso receber dinheiro de quem já está sofrendo uma perseguição política. Não vou lhes aumentar as aflições. E não vou misturar dinheiro com causas que julgo de Justiça.

Mas, se o caso não fôr político, Sobral, se insistirem, fixará os seus honorários.

— Êle fica vermelho e gagueja quando vai pedir 200 mil cruzeiros por uma causa pela qual outro advogado de muito menos nome cobraria cinco milhões. E às vêzes pede 100 mil, pois se sente acanhado em dizer 200 — revela um advogado seu amigo.

Sobral Pinto nunca fêz política partidária nem jamais foi candidato a coisa alguma. Mas é político, na medida em que sua atividade profissional tem repercussão, e na razão em que divulga suas posições em face dos governos e dos momentos políticos.

Em 1955, quando se negava a Juscelino primeiro o direito de ser candidato à presidência e, depois, de tomar posse, Sobral fundou a Liga de Defesa da Legalidade, movimento que se estendeu por todo o país. Em 1961, após a renúncia de Jânio, ao se esboçar o movimento para impedir a posse de Goulart, voltou a se pronunciar. SEGUE

quando lhe disserem que
tôdas as gasolinas são iguais,
lembre-se que só nos postos shell
você encontra
gasolina contendo **I.C.A.**
e não paga um centavo
a mais por isso.

(isto é ou não é algo mais?)

...e saiba também que Shell Super é mais que um nôvo óleo: é superquilometragem com supermargem de segurança. É, positivamente, o óleo que excede as especificações da indústria automotiva.

ESPECIFICAÇÕES DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA
EXCEDE

Isto é ou não é algo mais?

Nos postos Shell algo mais para seu carro e você.

Standard Propaganda

Intimado a um IPM respondeu: "Não vou"

— Como antigo presidente da Liga de Defesa da Legalidade, cabe-me afirmar, perante a Nação e as Fôrças Armadas, que o presidente da República, pela vontade do povo brasileiro e determinação da Constituição Federal, é o sr. João Goulart, a quem não conheço sequer de vista e de quem fui, sou e serei intransigente adversário.

Anos depois, ainda durante o govêrno de Goulart, ao lado de Lacerda, enfrentou as baionetas diante da Faculdade Nacional de Filosofia, porque julgava que o então governador da Guanabara tinha o direito de ali ingressar pois era o paraninfo de uma turma.

Juscelino, durante seu govêrno, dirigiu-lhe um convite:

"Enviando-lhe cordiais cumprimentos, tenho a satisfação de convidar o ilustre patrício para o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal, na vaga que há pouco se verificou. É meu desejo prover êsse elevado pôsto com um nome à altura das responsabilidades que êle impõe, procurando, por essa forma, manifestar o aprêço que, como cidadão e chefe do govêrno, dedico ao Supremo Tribunal e à sua admirável tradição de cultura, isenção e independência. Pelos seus predicados intelectuais e morais, pela sua extraordinária conduta pública e privada, como advogado e homem de pensamento, estou certo de que o ilustre patrício irá prestar, com sua aquiescência ao convite que ora formulo, relevantes serviços ao Supremo Tribunal Federal e à nossa Pátria".

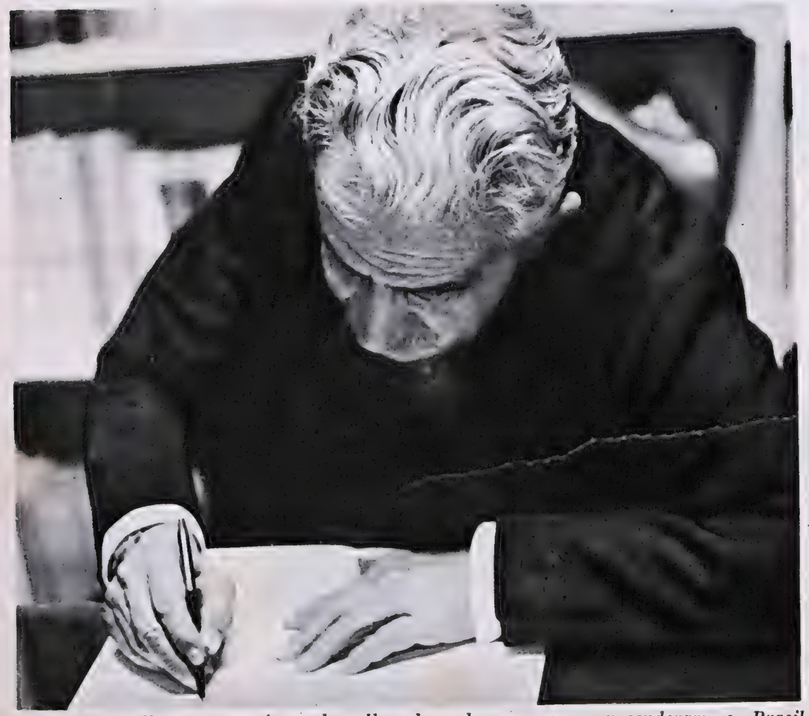
Para Juscelino e para um Brasil desacostumados a ouvir recusas a convites dêsse gênero, a resposta de Sobral foi uma surprêsa:

"Lamento, pesaroso, não poder aquiescer, como de seu desejo, ao honroso convite que formulou. A posição cívica que assumi em defesa do regime democrático instituído pela Constituição de 1946, no decurso da apaixonada campanha presidencial de 1955 e nos dias conturbados de novembro do mesmo ano, da qual resultou, à minha revelia, algum proveito para a candidatura de Vossa Excelência, à qual fui adverso, impede-me, em sã consciência, de aceitar a alta dignidade com que, superior às sugestões subalternas do partidarismo estéril, pretendeu elevar, descabidamente, o meu modesto nome à alta consideração dos nossos concidadãos".

Êste espírito independente prossegue vivo: ao receber um ofício que o intimava a comparecer a interrogatório de um IPM, Sobral respondeu em carta ao encarregado, Coronel Gérson de Pinna:

"Cabe-me responder a V.S. que não devo, não posso e nem quero comparecer ao local e hora indicados em seu ofício".

E não foi.



As respostas diretas e corajosas do velho advogado sempre surpreenderam o Brasil.

Não é um homem comum. O chapelão prêto, o terno escuro, o colete engolindo a gravata negra lhe emprestam um ar de sacerdote. O luto êle usa há muitos anos, desde que perdeu uma filha. Há algum tempo, perdeu também um filho. Restaram-lhe, porém, cinco filhos e sete netos. Uma filha é advogada e trabalha em seu próprio escritório.

— Dos netos, algum certamente será advogado — diz, com esperança.

Não vai ao cinema, nem ao teatro, nem ao futebol, nem a lugar nenhum. Apenas trabalha e reza. Ou está pedindo alguma coisa a Deus ou advogando, seja no Supremo, no Tribunal Federal de Recursos, na Justiça Militar, na Justiça do Trabalho ou na Justiça do Estado da Guanabara.

É muito desorganizado. E distraído.

O advogado Tito Lívio, um de seus vinte companheiros de escritório, diz que Sobral Pinto "é o papa da desordem". Mas garante que é o seu único defeito.

O grande escritório da rua Debret é um condomínio de advogados. Cada um trabalha por si e cada um se desdobra por todos. Tudo isso em tôrno do chefe: Heráclito Fontoura Sobral Pinto.

Num dos últimos natais, Sobral deu a cada companheiro de escritório um presente em dinheiro: cinco mil cruzeiros... Junto, uma carta explicava que êle apenas repetia o gesto de uma operária que, não podendo pagá-lo, lhe deu uma nota de pequeno valor dizendo que era um pagamento simbólico.

— Êstes cinco mil cruzeiros — afirmava Sobral — são também um presente simbólico de fim de ano.

Essa alegria e êsse estado de ânimo se repetem a cada instante. Quando pronuncia suas defesas diante de juízes que ainda não o viram deixa-os impressionados. Fala e gesticula com tal entusiasmo que, vez ou outra, o juiz novato o interrompe:

— O senhor está muito exaltado. Isso pode lhe fazer mal para a saúde.

Então, êle explode. E, vermelho, desata:

— Eu sou assim mesmo! O senhor não me conhece?

Um dia, há meses, êle estava no aeroporto, pronto para embarcar para Brasília. Carregava um pacote enorme, aparentemente muito pesado para a sua idade.

— O que é isso doutor Sobral?

— São velas.

— Velas?

— Sim, velas de cêra. Então você não sabe? Desde que fui defender uma causa do Carlito Rocha, do Botafogo, no Supremo, êle me obriga a levar pacotes de velas para Brasília cada vez que eu tenho de ir lá. É uma promessa dêle, mas quem carrega sou eu. São velas para Nossa Senhora. Hoje mesmo vou acendê-las. Êsse Carlito tem cada uma...

FIM

Veja seu nôvo carro na Linha Willys 67

Aero Willys 2.600 '67

O carro que sempre conta a história de homens bem sucedidos.

No Aero-Willys 67, direção mais macia, mais obediente, para manobras rápidas e cômodas.

Nova lanterna traseira e nôvo pára-choque, reestilizados para dar maior segurança e maior harmonia.

Nôvo estofamento que pode ser de couro legítimo (opcional).

Gordini III '67

O carro que vive ganhando corridas agora é muito mais seguro — tem freio a disco!

Gordini III, desempenho esportivo.
Tão fácil de dirigir.
Detentor de 133 recordes locais, nacionais e internacionais de velocidade e resistência.

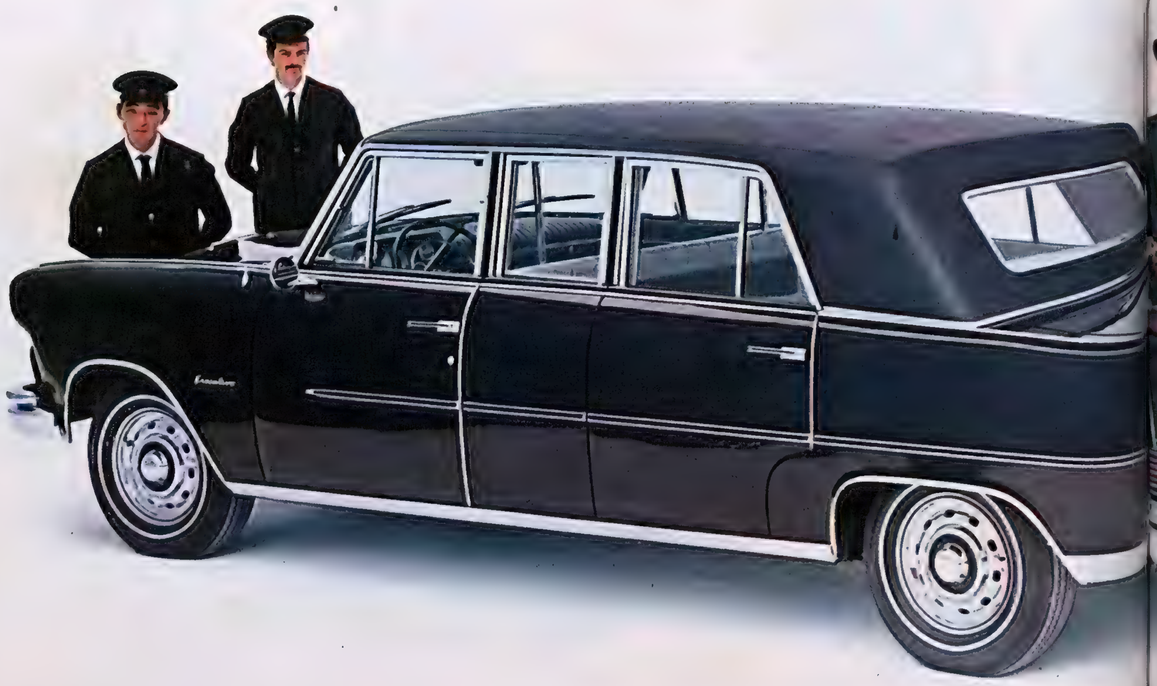
Nova lanterna traseira.
Luz de placa embutida no pára-choque.
Luz interna acoplada no espêlho retrovisor, uma bossa muito européia.

Freio a disco nas rodas dianteiras (*).
Maior estabilidade, maior segurança, menor distância na freagem.
Resistência ao cansaço e ao superaquecimento.
Não patina, mesmo molhado.
(*) opcional

Itamaraty Executivo

Volta o tempo das limousines

A primeira limousine brasileira tem a beleza e a distinção das carruagens históricas, o luxo e o confôrto das mais famosas limousines. Carro de gente muito importante, feito sob encomenda. Mais um lançamento pioneiro da Willys.



Itamaraty'67

O primeiro carro brasileiro classe "A" é o único que possui ar condicionado*

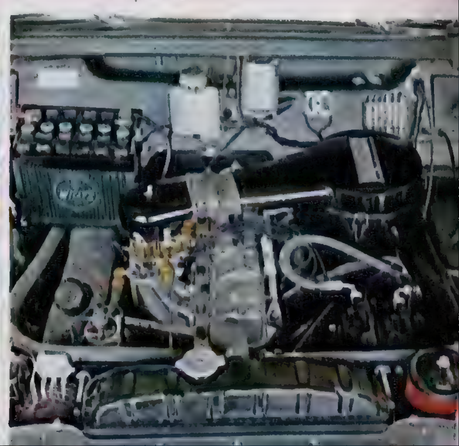
Itamaraty

O mais elegante, feito especialmente para quem sabe escolher e exige sempre o melhor, exige perfeição nos mínimos detalhes. E como é muito difícil contentar as pessoas de bom gôsto, o Itamaraty 67 traz inúmeras inovações em luxo, beleza, confôrto e apuro técnico.

Exclusivo: clima a seu gôsto.
O Itamaraty tem ar condicionado (*) para você escolher a temperatura mais agradável.
* opcional

Nova grade, novas lanternas, compondo um belíssimo conjunto para dar ainda mais beleza ao Itamaraty.
Nôvo painel. Direção mais macia e obediente.

Nôvo motor de 3.000 cm³ de cilindrada — maior potência, mais velocidade, melhor desempenho.



Jeep '67

O carro para quem precisa de um
bom companheiro,
sempre pronto para trabalhar.

Jovem "Jeep"

Um companheirão
para quem quer
um carro todo diferente.

O "Jeep" 67 tem duas lanternas traseiras
e nôvo pára-choque.

Novos bancos, realmente confortáveis,
muito macios.

Nova capota conversivel de fácil manêjo.
Desmontada, ocupa mínimo espaço.
(opcional)

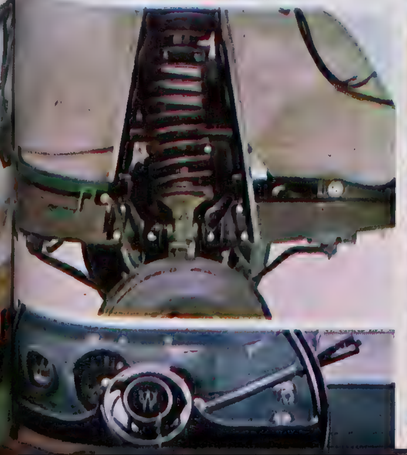
Pick-up Jeep '67

O "Carro de Utilidade Pública".
Tração em duas ou quatro rodas.

Rural '67

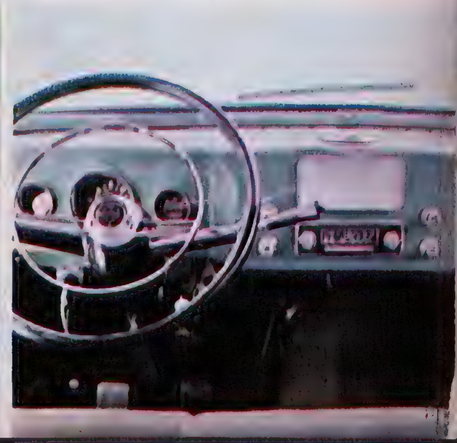
Um carro para tôdas as ocasiões.
Agora com 4 marchas.

Pick-up "Jeep" 67 tem suspensão dianteira
independente. Painel reestilizado.



Veja a beleza da nova grade
e das novas calotas da Rural 67.

Rádio original,
painel e volantes novos na Rural 67.



Inovações, confôrto, luxo e segurança, desempenho e confiança na Linha Willys 67

Todos os anos, o lançamento das novas linhas Willys sempre vem com grandes novidades. São inovações projetadas e testadas pelo Departamento de Estilo

Saidas do ar condicionado

e pelo Departamento de Engenharia Experimental da Willys, que estão sempre à procura de aperfeiçoamentos para dar mais beleza e melhor desempenho aos carros, mais confôrto aos seus passageiros.

A Willys sempre tem iniciativas pioneiras. Itamaraty é o primeiro carro brasileiro classe "A", e tambem o primeiro com ar condicionado (opcional na limousine e no sedan).

Nem calor, nem frio, nem poeira ou vento incomodam os passageiros do Itamaraty. Janelas fechadas e internamente a temperatura que você escolhe, clima a seu gôsto, e silêncio.

Nossos pilotos de competição achavam que no Gordini II só faltava o freio a disco. O Gordini III já o possui (opcional). O freio a disco representa muito em segurança. Mesmo com uso freqüente em alta velocidade, o freio a disco mantém o mesmo desempenho uniforme, sem superaquecimento. Reduz a distância de freagem. Não patina, mesmo molhado. Um carro com o desempenho esportivo que o Gordini tem, exige freio a disco, um item a mais de segurança.

Freio a disco do Gordini III.

Uma recomendação muito importante: no seu carro Willys, só use peças Willys genuínas, testadas, garantidas por 6 meses ou 12.000 km. As peças Willys genuínas têm qualidade assegurada por um sério contrôle que garante a sua tranqüilidade. Os testes de qualidade feitos pelos inspetores técnicos da Willys não permitem nem pequenos defeitos sem maior importância, que você jamais perceberia. O

teste da peça comum quem faz é você, por sua conta e risco, com a familia no carro, no trânsito da cidade ou em alta velocidade na estrada. E você acha que segurança é bobagem?

Você nem imagina como é difícil uma oficina ter êste luminoso que identifica os Serviços Autorizados Willys. A Willys não empresta a sua marca a qualquer oficina. Faz muitas exigências. Tem de ser uma oficina organizada, com mecânicos experientes e treinados na própria Willys.

Tem de ter ferramentas especiais e só trabalhar com peças Willys genuínas. Precisa ter gente que saiba receber com cortesia todos os fregueses. Tudo isso por causa do respeito que a Willys tem por você. Não confie seu carro a curiosos. Procure sempre uma Oficina Autorizada ou Revendedor Willys.

Seu nôvo carro 67 está à sua espera nos Revendedores Willys

WILLYS-OVERLAND - Fabricante de veículos de alta qualidade.

© Willys Overland - 66.1344 - DIV.

GOODYEAR

Vá ao encontro da alegria... rodando com pneus G8 Goodyear

Seu carro terá total segurança nas curvas,

porque o G8 tem ombros realmente arredondados.

Você dirige com maior firmeza, em qualquer estrada,

porque G8 é construído com os exclusivos cordonéis 3T Goodyear, mais fortes que o aço,

e com a nova borracha Tufsyn, que proporciona muitos km extras.

Vá onde quiser. Vá ao encontro da alegria com a segurança e o confôrto G8.

Sinta o melhor contrôle do carro e como fica mais fácil e seguro dirigir, rodando com pneus **G8** Goodyear. Visite logo um revendedor Goodyear e aproveite tôdas as vantagens que só o nôvo pneu **G8** Goodyear pode proporcionar.

G8
GOODYEAR

A beleza feminina existiria mesmo sem poetas. Mas o que seria dos poetas se não existissem mulheres? Nestas páginas, um ensaio fotográfico de David Drew Zingg e alguns dos maiores poetas brasileiros mostram por que

POESIA É MULHER

Duas Marias: Cristina
e sua Gêmea Isabel.
A ambas saúda e se assina
servo e admirador Manuel.
Pincel que pintar Cristina
tem que pintar Isabel.

MANUEL BANDEIRA

Procuro uma noiva
loura morena
preta ou azul
uma noiva verde
uma noiva no ar
como um passarinho.

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena
que os olhos da mulher morena estão me envolvendo
e estão me despertando de noite.

VINÍCIUS DE MORAES

É impossível que, na furtiva claridade,
que te visita sem estrêla nem luz
não percebas o reflexo da lâmpada
com que te procuro pelas ruas da noite.

É impossível que, quando choras, não vejas
que uma das tuas lágrimas é minha.
É impossível que com o teu corpo de água jovem
não adivinhes tôda a minha sêde.

CASSIANO RICARDO

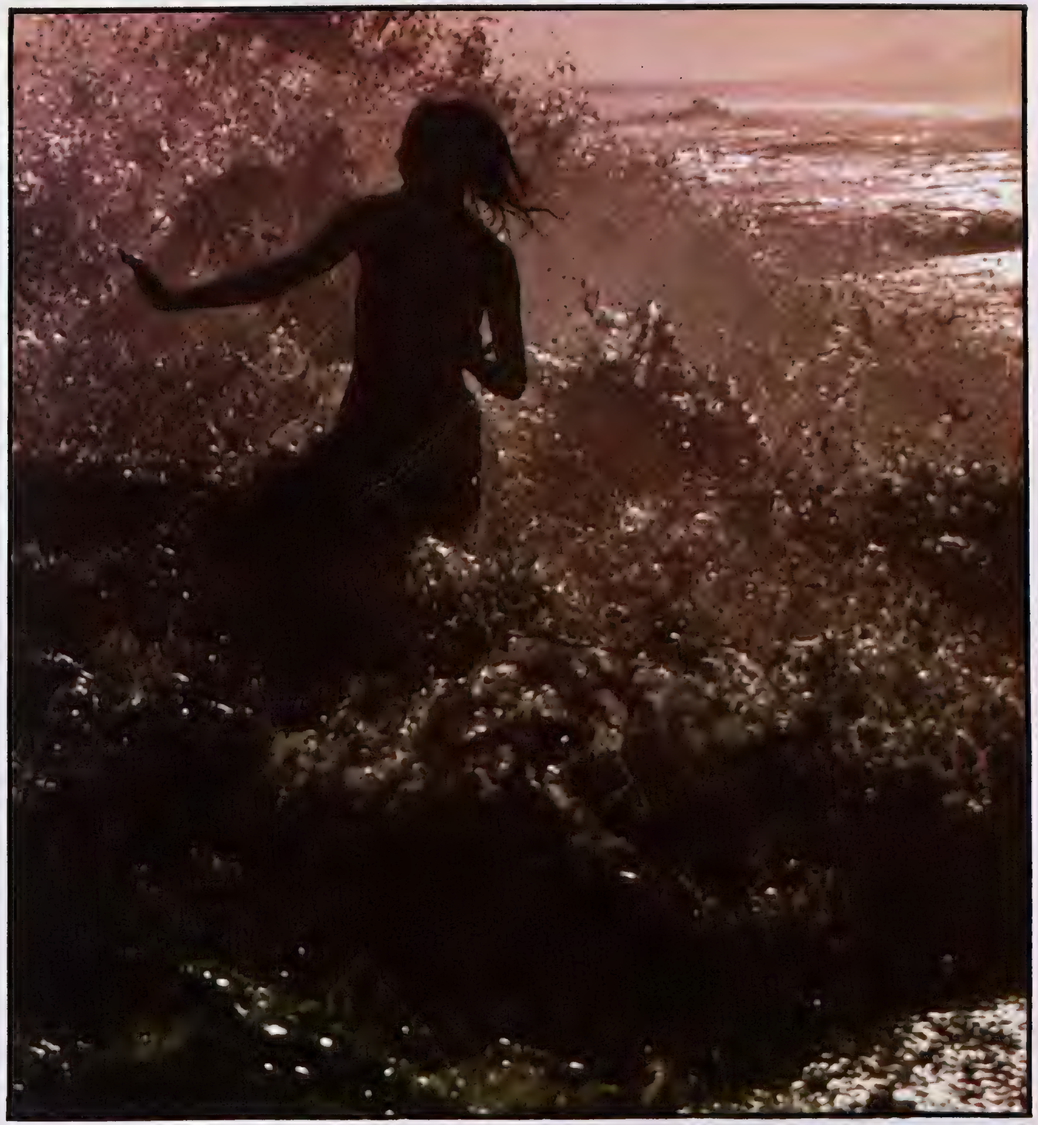
Ó minha amada
que olhos os teus
são cais noturnos
cheios de adeus
são docas mansas
trilhando luzes
que brilham longe
longe nos breus...
Ó minha amada
que olhos os teus
quanto mistério
nos olhos teus
quantos saveiros
quantos navios
quantos naufrágios
nos olhos teus...
Ó minha amada
que olhos os teus

se Deus houvera
fizera-os Deus
pois não os fizera
quem não soubera
que há muitas eras
nos olhos teus.
Ah minha amada
de olhos ateus
cria a esperança
nos olhos meus
de verem um dia
o olhar mendigo
da poesia
nos olhos teus.

VINÍCIUS DE MORAIS

para jovens de todas as idades

elaborado com malt-whisky levíssimo,
destilado e envelhecido na Escócia.
um produto Drury's



Mas havia,
no País das Palmeiras,
que era todo um rumor
de água clara
e de alegria matinal,
uma estranha mulher,
muito rara,
como ainda não houve
no mundo
outra igual.

CASSIANO RICARDO

Pensamento de mãe é como o incenso
que os anjos do Senhor beijam passando.

ÁLVARES DE AZEVEDO

Ao pé das nossas mães — todos nós somos crentes.
um filho que tem mãe tem todos os parentes...

HERMES FONTES

FIM

Um nôvo prazer em fotografia!

(As mais belas fotos, num instante!)

V. retira o cartucho...
(já vem pronto na embalagem)

carrega a câmara...
(nada de enrolar o filme)

fecha...

e fotografa!
(mais fácil do que nunca!)

Novas câmaras Kodak Instamatic
(carregamento instantâneo)

A novidade é o que V. não faz! Nada de enrolar, prender e ajustar o filme. Com as nova câmaras Kodak Instamatic, é só colocar o cartucho na máquina (mesmo à luz do sol!) ... começar a tirar as melhores fotografias de sua vida!

A câmara Kodak Instamatic utiliza os seguintes filmes: Kodak Verichrome Pan (prêto e branco), Kodacolor-X (ampliações em côres) ou Kodak Ektachrome-X ("slides" coloridos). Estoque permanente em todos os Revendedores Kodak.

KODAK INSTAMATIC 100

Inteiramente automática. L e elegante. "Flash" fácilme embutido, para fotos inter

KODAK INSTAMATIC HAWKEYE

Simplicidade absoluta. Nã por onde errar! "Flash" adapt

PREÇOS A PARTIR DE CR$ 39.900

câmaras

Kodak

FOI DADA A PARTIDA

Texto de Milton Coelho - Fotos de Roger Bester e Peter Foulk

A campainha insistente anuncia que falta apenas um minuto. Filas impacientes se esticam diante dos guichês e nas tribunas sopra uma brisa de suspense. Se João Goulart não estivesse no Uruguai e se o marechal Costa e Silva não estivesse se preparando para assumir a Presidência da República, seria perfeitamente normal a presença dêles aqui, trocando informações de última hora com o senador Daniel Krieger, ou o futuro governador da Bahia, Luis Viana Filho, ou o cômico Walter d'Ávila, ou mesmo o seresteiro Sílvio Caldas. Porque todos êles, como centenas de milhares de outras pessoas no Brasil, são devotos do mesmo mistério.

De repente, um grito em côro: todos se voltam para o mesmo ponto. O locutor informa com voz horizontal: "Foi dada a partida". Lá, onde todos os olhos estão grudados, um bando de cavalos — montados por pequenos homens de roupas coloridas — dispara num galope frenético. Sob os gritos da multidão, êles disputam a vitória metro a metro, até cruzar um pequeno disco vermelho. A voz da massa tem um último orgasmo e silencia.

Ganhou o cavalo número 5, no terceiro páreo disputado no Hipódromo da Gávea, no Rio. À mesma hora, o número 8 está ganhando em Cidade Jardim, São Paulo, e o número 1 no Cristal, Pôrto Alegre. Outros estão ganhando nos hipódromos de 30 outras cidades, mexendo com os nervos dos entusiastas de uma das mais antigas diversões do homem. Êsse mundo de emoções movimenta perto de 250 bilhões de cruzeiros por ano, em apostas, o que representa, pelo menos, 40 mil empregos e tem um prestígio que perde apenas para o do futebol. É o mundo do puro-sangue de corridas, que vive na excitação de uma antiga pergunta: quem vai ganhar?

A pergunta já era feita 1.500 anos antes de Cristo. Pelo menos, nessa época, existia um homem chamado **Kikkuli do país de Mitani,** que escreveu um longo tratado sôbre criação e treinamento de cavalos, desenterrado pelos arqueólogos, há poucos anos, na Ásia Menor.

Homero, na **Ilíada,** faz a mais antiga crônica de corridas que se conhece, falando de uma disputa de carros cujo prêmio era "uma mulher especializada em todos os serviços femininos". E na XXXIII Olimpíada, realizada no ano 624 A.C., uma das provas mais emocionantes foi a dos cavaleiros.

A procura da **barbada** é, portanto, um dos mais antigos mistérios a desafiar o homem. E tem inspirado romancistas, cineastas e compositores, havendo até um samba de Jorge Veiga, que fêz muito sucesso e cuja letra era assim: "Todo fim de mês o Edgar faz isso/ se mete nas corridas/ e lá se vai o aluguel/. Quando êle chega, vem encabulado/ sorri e diz: neguinha,/ estou arruinado/ recebi o pagamento/ e fui até o prado./ Chegando lá,/ vi o programa e fiz a acumulada/ é, o Rubens disse que era uma barbada/ que o cavalo Bacharel não podia perder./ A partida foi boa/ um corpo na frente/ foi muito aplaudida por tôda gente/ mas a chegada é que foi de amargar/ fui ver o meu cavalo/ estava em último lugar.

Isto não acontece só ao Edgar. Os entendidos sempre são traídos pelo cavalo de corridas. O caso do cavalo Alvitre, no Rio, ficou na história. Durante a semana, nos treinos, êle percorria 1.400 metros em 88 segundos. Tratador e jóquei pulavam de alegria e o indicavam aos amigos como a maior barbada. No dia da corrida era um fracasso, mesmo quando o ganhador percorria os mesmos 1.400 metros em 93 segundos.

SEGUE

Pai de nossos craques era inglês de nome feio

O grande mistério só foi descoberto numa manhã de domingo — dia de corridas — quando Alvitre fêz um exercício: no cronômetro marcou 95 segundos para os 1.400 metros. O tratador fêz investigações para saber porque o cavalo estava tão ruim e descobriu que só ocorrera um fato anormal: o cavalariço, pensando que Alvitre ia competir à tarde, lhe dera só meia ração, como se faz com todos os animais. O tratador esfregou as mãos de alegria, mas não disse nada a ninguém. Na corrida seguinte, Alvitre recebeu ração completa antes do páreo: ganhou disparado. E venceu ainda mais seis corridas seguidas, sempre de barriga cheia.

Há dezenas de motivos para que um cavalo corra menos do que pode. Uma ferradura mal colocada, um pequeno distúrbio digestivo ou respiratório, um simples aborrecimento ou excitação podem diminuir sua capacidade locomotora ou a disposição de competir. Há ainda os inúmeros imprevistos de uma carreira — um tropeção, um choque com outro cavalo, um atraso na saída — sem se falar na mão criminosa do homem.

O jóquei, por exemplo, tem várias maneiras de eliminar a chance de seu cavalo. No Rio, o caso mais escandaloso — e ao mesmo tempo cômico — foi o de Ataualpa Brito. Êle montava Remember, um grande favorito. Ataualpa tinha feito um **arranjo** para não se colocar, mas ficou com mêdo de que o cavalo não obedecesse à sua direção maliciosa e preferiu garantir-se: diante de tôda a platéia da Gávea, em plena corrida, jogou-se ao chão.

Há, todavia, formas mais sutis de evitar que o cavalo ganhe: um atraso proposital na partida, ou o simples fato de contrariar o jeito do cavalo correr podem tirá-lo da competição.

Mas os imprevistos são tantos, em corridas, que nem a fraude pode garantir um resultado. Certa ocasião, no Hipódromo de Correias, Petrópolis, corriam apenas três cavalos em um páreo: Mustafá, Irish Star e Tocantins. O primeiro era favorito destacado e Tocantins era o maior azar. O jóquei de Mustafá resolveu dar um golpe: tirar seu cavalo do páreo e jogar na dupla dos outros dois. Enquanto isso, os responsáveis por Irish Star sabiam que seu cavalo não estava bem e jogaram na dupla dos outros dois. Finalmente, o treinador de Tocantins escondia o fato de que êste havia melhorado muito e, conseguindo a informação de que Mustafá não ia disputar, jogou fortíssimo em seu cavalo. Dada a partida, Mustafá atrasou-se uns cem metros, enquanto Tocantins ia para a frente; o jóquei de Irish Star olhava para trás, desesperado, torcendo por Mustafá. Nos últimos 200 metros, entretanto, veio o imprevisto: Tocantins, com um problema de respiração, parou na raia. O resultado foi Irish Star em primeiro, dupla com Mustafá. Nenhum dos três golpes planejados deu certo. O castigo, uma vez mais, veio a cavalo.

A certeza de que nada pode ser previsto com segurança é provàvelmente a grande razão do prestígio das corridas em todo o mundo. Nem mesmo o comunismo resolveu extingui-las: há corridas na URSS, Polônia e Hungria, com um público tão entusiasmado como nos Estados Unidos ou na França.

Mas na certa ninguém gostará tanto de corridas como os inglêses e os árabes. Na verdade, só três raças de cavalo são consideradas puro-sangue: a inglêsa (ou **thoroughbred**), a árabe e a anglo-árabe. No mundo inteiro, os cavalos de corrida são **thoroughbred,** embora em alguns países da Europa (como Polônia, França e Alemanha) também se realizem competições de cavalos árabes.

Os árabes foram os primeiros a sistematizar a criação eqüina. E de tal forma se dedicaram a isso que o próprio Alcorão concede indulgência àqueles que plantem determinada quantidade de aveia, alimento básico do animal. Graças à sua excelente cavalaria, os árabes conquistaram todo o norte da África e invadiram a peninsula Ibérica. Mas, com a decadência árabe, coube aos turcos a dominação de seus rebanhos e foi aos turcos que os inglêses foram buscar, direta ou indiretamente, os três garanhões, que são hoje ascendentes de todos os cavalos de corrida que há no mundo: Bierley Turk, Darley Arabian e Dogolphin

Em 1174, no tempo de Henrique II, realizavam-se corridas fora dos muros de Londres, tôdas as sextas-feiras. Mas foi com Henrique VIII e mais tarde com os Stuarts, a partir de 1603, que o esporte ganhou maior estímulo. No século 18, a criação já estava tão desenvolvida que se decidiu editar um almanaque anual para controlar os animais de puro-sangue: o **General Stud Book.** Sua primeira edição foi lançada em 1781, e em 1808, após diversas revisões, apareceu a edição que prevalece até hoje. O **Stud Book** estabeleceu que só eram de puro-sangue os cavalos descendentes daqueles três garanhões e 90 éguas inglêsas selecionadas.

Graças a êsse contrôle, pode-se afirmar que pelo menos 70% dos cavalos nascidos no Brasil têm um ascendente de nome nada aristocrático. O criador dêsse cavalo fôra oficial das tropas de Wellington na campanha da Península Ibérica contra Napoleão. Durante a campanha, se não conseguira assimilar bem o português e o espanhol, pelo menos aprendera todos os palavrões das duas línguas. A melhor égua em seu haras tinha o nome de sua mulher — mrs. Barnett — e com ela decidiu cruzar o melhor garanhão, Haphazard. Acontece que, quase ao mesmo tempo do nascimento do potrinho, mrs. Barnett fugiu com um amante, e o oficial, vendo no potro a maldição da mulher ingrata, não teve dúvidas: deulhe o nome de "Filho da P...", no mais puro vernáculo lusitano. Quando o **Stud Book** descobriu que se tratava de uma expressão de baixo calão, o registro estava feito e a tradição inglêsa impede que se mude o nome original dos cavalos. E foi com êle que o filho de Haphazard e Mrs. Barnett venceu uma das mais famosas provas do turfe inglês — o St. Leger Stakes, de 1815 — e acabou se tornando ascendente da grande maioria dos cavalos brasileiros. O que também resultou em lucrativo negócio para as gráficas britânicas: até hoje, a gravura mais exportada para o Brasil e Portugal é exatamente a do ganhador do St. Leger de 1815. Com o nome escrito com todas as letras, em caligrafia caprichada.

O Haras São José, em Rio Claro, São Paulo, é de propriedade dos irmãos Paula Machado, os maiores criadores de cavalos puro-sangues do país, seguindo a tradição de seu pai, Linneu de Paula Machado. Há aqui, além de 80 éguas, quatro garanhões de estirpe principesca: Fort Napoleon (filho de Tourbillon, um dos maiores campeões franceses), Quebec (filho de Formasteurs, famoso craque inglês), Alípio (filho do italiano Verso II, vencedor da maior prova da França, o grande prêmio Arc du Triomphe) e Hazeltine (irmão de Ribot e vencedor do G.P. Roma de 1964). SEGUE

Os treinos começam de madrugada, durante a semana. Então tudo é anotado e observado.

O resultado virá no dia da corrida: jóquei e treinador terão a recompensa da vitória ou a desilusão da derrota. É do que vive o turfe.

A criação de cavalos de corrida tem mil mistérios e muitas histórias. A de Jean-Jean é a mais triste

Jean-Jean, o rufião, não tem direito de amar

Mas muito importante no haras, embora menos invejável, é a função de um humilde cavalinho árabe: Jean-Jean. Êle é o **rufião,** isto é, o encarregado de verificar se as éguas estão ou não no cio e, portanto, aptas a merecer os favores dos garanhões, que não podem perder tempo com namôro.

Os períodos de cio das éguas duram de quatro a cinco dias e são espaçados por intervalos de 18 dias. Mas muitas éguas escondem-no como um segrêdo e, como é melhor que elas sejam cobertas o mais ràpidamente possível, êsse segrêdo é prejudicial.

É então que Jean-Jean entra em ação. Diàriamente êle é levado para cortejar dezenas de éguas e executa sua tarefa como um perfeito e experimentado Casanova. Uma égua de cada vez é por êle acariciada. Se ela não está no cio, responde imediatamente ao namôro com coices e dentadas. Jean-Jean precisa ser muito arisco para não ser atingido pela fúria do desprêzo. O drama, entretanto, ocorre quando ela se mostra disposta ao amor. Porque aí os dois são prontamente separados: Jean-Jean, embora não seja pròpriamente um plebeu, não tem o direito de tomar certas liberdades com uma nobre descendente dos campeões inglêses. E Jean-Jean vive, assim, tristemente solitário, apesar de permanentemente aguilhoado pelo desejo. Ocasionalmente, êle tem seu dia de festa. Quando uma das poucas éguas pangarés, feinhas e proletárias, aparece no cio, Jean-Jean pode materializar seus sonhos de amor. Sem qualquer preconceito.

Cinco ou seis dias antes do parto, as éguas do Haras São José vão para a **maternidade,** um pequeno pavilhão separado, dispondo de todos os modernos recursos da veterinária. Em 95 por cento dos casos, a égua só dá à luz entre oito horas da noite e duas da madrugada, "quando a natureza é mais calma", conforme afirma Jozef Soltysinsky, o administrador do haras. Há um vigia permanente na **maternidade** que, tão logo surjam os primeiros sintomas do parto, toca o sino do alarma. Jozef atende ràpidamente. Se a égua já teve sua assistência anteriormente, vem logo para perto dêle, beijando-lhe o rosto e as mãos. Jozef jura que elas falam com os olhos: "Ajuda-me a ter meu potrinho, sim?"

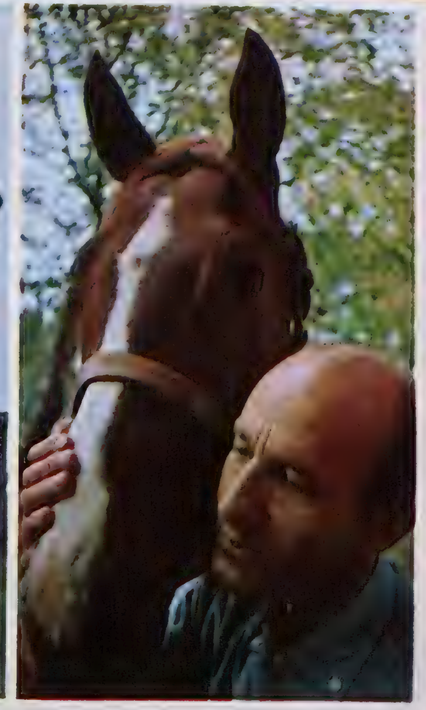
Tomados os cuidados de higiene, é só esperar. De repente, surge uma cabecinha linda e irrequieta, sendo muito comum que o potro comece a relinchar alegremente antes mesmo de sair por completo do ventre da mãe. Ela está deitada e a primeira medida, após o corte do umbigo, é levar o filho para perto de sua cabeça, de modo que ela não precise levantar-se para acariciá-lo e admirá-lo, enquanto um auxiliar esfrega o **menino** vigorosamente com panos, a fim de limpá-lo e estimular a circulação do sangue. Dez a 15 minutos depois, o potrinho ensaia os primeiros passos.

Da **maternidade,** ambos vão para uma cocheira especial, onde ficam cinco ou seis dias. Se tudo está correndo normalmente, os dois podem ir depois passear nos pastos. Entre égua e potro existe uma relação muito íntima. E também muita obediência por parte do filho. Se êle se afasta alguns metros, ela manifesta seu desagrado com um breve grunhido. Imediatamente êle responde com um relincho e volta.

O amor de mãe e filho é um dos espetáculos mais bonitos do haras, mas pode também se transformar num problema. Como no caso de Guarulhos, que é hoje um dos melhores potros das pistas cariocas. Quando êle nasceu, sua mãe, Ukrania, teve um colapso e morreu. Jozef mandou buscar imediatamente uma égua pangaré que também estava para dar à luz e provocou-lhe o parto. Assim que o segundo potrinho nasceu, transportaram-no para longe, enquanto Jozef banhava Guarulhos com a própria água da placenta da pangaré e levava-o para junto dela. Por um estranho fenômeno que ninguém consegue explicar, ela parecia **saber** que aquêle não era seu filho e tentou mordê-lo. Sòmente depois de três dias de paciente insistência é que ela resolveu adotar o Guarulhos.

Com um mês, o potro começa a ir ao pedicuro — de 20 em 20 dias — a fim de corrigir eventuais defeitos nos cascos. E também passa a ter alimentação suplementar, além do leite materno: seis litros de aveia com meio quilo de leite em pó, por dia.

Mãe e filho vivem felizes no pasto até os seis meses, quando chega o momento mais difícil para ambos. Geralmente mamãe está grávida outra vez e é necessário desmamar e separar o **menino.** Eles são postos em cocheiras bem distantes uma da outra, para que se esqueçam. Durante quatro ou cinco dias, se debatem desesperadamente. Mamãe é então levada para junto das outras éguas prenhes, enquanto o potrinho vai com os companheiros de sua idade para outro pasto. E só quando êle se torna adolescente e ela novamente mamãe, apaga-se a memória dos bons tempos.



Soltos no pasto, potros e potrancas brincam com ingenuidade, mas não durante muito tempo. Aos oito ou nove meses, começam a aparecer os salientes e torna-se necessário separar os sexos. As potrancas podem ficar juntas indefinidamente. Entre os potros, porém, os mais fortes começam logo a agredir os mais fracos, durante as brincadeiras. Aí são distribuídos em grupos de quatro a seis, tendo-se o cuidado de juntar os valentões no mesmo grupo, porque êles se respeitam entre si. Quando as brigas recomeçam, nova separação, de dois em dois, e finalmente têm de ser isolados, porque cavalo, ao sentir a virilidade, não pode ver rival por perto: briga até matar ou morrer.

Nos prados, é preciso colocar-lhes um aparelho na parte inferior do ventre, que desestimula o sexo. Alguns, entretanto, têm certos hábitos e fazem verdadeiros atos de acrobacia para se livrar do aparelho. Há um cavalo argentino na Gávea — Kamel — que, apesar de ser considerado craque por seu treinador, fracassa sistemàticamente por se esgotar na prática da masturbação.

Entre as éguas, surgem também casos estranhos, embora mais raros. Evergreen, por exemplo, escondia o cio até para o rufião do seu haras. Depois, no pasto com as outras éguas, logo o manifestava, acariciando as companheiras.

Cada criador escolhe a melhor fórmula genética a seu alcance para produzir campeões. Considera-se geralmente que o cavalo, para dar filhos craques, precisa ter boa ascendência, bom físico, boa campanha e boa saúde. O mais famoso reprodutor do nosso século é Ribot, um cavalo italiano que venceu todos os grandes prêmios que disputou na Itália, França e Inglaterra. Hoje está alugado por cinco anos a um sindicato. SEGUE

Aos dois anos, uma pergunta: será campeão?

O sindicato, norte-americano, pagou por êsse prazo um milhão de dólares e agora cobra até 100 mil dólares por uma cobertura.

Frederico Tézio, em cujo haras nasceu Ribot, é considerado o maior criador de todos os tempos. Êle afirmou que é o amor natural que produz o grande craque, pois apenas nessa condição "há como que uma carga elétrica no ato sexual". A teoria é discutidíssima, mas o próprio Ribot se encarregou de demonstrá-la. Seu melhor filho foi o campeão Molvedo, cuja mãe, Maggiolina, era uma égua medíocre. Mas dizem que quando Ribot e Maggiolina se encontraram, assistiu-se a uma das maiores demonstrações de amor à primeira vista.

No Brasil, há casos muito conhecidos de paixão entre cavalos. Hunter's Moon, famoso reprodutor do Haras Guanabara, manifestava um afeto todo especial pela égua Palm Beach. Nenhuma outra o fazia relinchar e saltar como quando via a sua amada.

Certas vêzes, o amor é tão impossível entre cavalos como em filme mexicano. Ortille, vencedor do Grande Prêmio Brasil de 1962, tinha atração especial pelas éguas tordilhas. Na semana que antecedeu à disputa do Grande Prêmio, foi levada para as cocheiras de seu tratador a égua Tersina. Assim que ela passou diante de Ortille, com sua pelagem branca, o cavalo ficou alucinado. O tratador teve de levar a tordilhinha embora. E afirma que, se não fôsse isso, Ortille jamais estaria entre os vencedores do **Brasil:** a proximidade da amada teria perturbado sua forma atlética.

Normalmente, entretanto, o criador não pode esperar que o amor floresça. O Stud Book Brasileiro determina que todos os cavalos aniversariem no dia 1.º de julho, seja qual fôr o verdadeiro dia de nascimento. Como a gravidez das éguas dura 11 meses, as coberturas devem ser iniciadas nos primeiros dias de agôsto. A razão é simples: se o potrinho nascer às 10 horas da noite do dia 30 de junho, duas horas depois já terá um ano de idade e isso o obrigará a correr sempre contra outros mais velhos, uma vez que a maioria dos páreos é realizada entre animais da mesma idade. Por isso, quanto mais ràpidamente uma égua fôr coberta depois do parto, melhor.

O contrôle de nascimento de um potro puro-sangue é muito mais complexo do que o de uma criança. Para começar, tão logo é feita a cobertura, deve ser enviado um aviso ao Stud Book Brasileiro, que é uma repartição do Ministério da Agricultura. Um animal só é considerado puro-sangue se o Stud Book aceitar seu registro e, para isso, é preciso que o pai e a mãe já estejam cadastrados lá. Mais tarde, o criador tem de confirmar se a égua ficou realmente grávida, pois geralmente apenas de 40 a 50 por cento das coberturas têm desfecho feliz. Finalmente, o nascimento do potro tem de ser comunicado dentro de 120 dias, juntamente com a especificação de todos os dados que o individualizem (pelagem, um sinal branco na testa, uma pequena cicatriz no dianteiro direito e outros). Um veterinário vai posteriormente ao haras para confirmar as informações recebidas, e só então é expedida a **certidão de nascimento.** Tôdas as transações com o animal devem ser também comunicadas, bem como a sua morte.

Quando o potro faz dois anos, chega o momento de dizer adeus ao lugar que o viu nascer e crescer (e ele vai para as pistas, onde poderá correr até os oito anos). Chega também a hora de o criador decidir se vende ou fica com o animal. O objetivo é ficar com os melhores e vender os outros. A seleção é feita com o máximo cuidado mas não existe certeza no mundo do turfe. Os Paula Machado, por exemplo, têm longa tradição de acertos. Isso não impediu, entretanto, que vendessem seus dois melhores potros de 1963: Good Will e Good Night, que são hoje os melhores de suas turmas em São Paulo.

Há alguns anos, os Rocha Faria — donos do Haras Santa Anita — venderam a preço baixíssimo o potro L'Inconnu, guardando os que consideravam os melhores do lote. SEGUE

Os garanhões têm vida de rei. As éguas não ficam longe. E cada filho é uma promessa.

dê discos de presente

Este ano, dê discos! O presente de Natal que valoriza o seu bom gôsto, útil o ano inteiro. E para quem? Para você mesmo. Para sua própria família. E, também, para os amigos. Coleções de discos são o presente ideal porque tôdos gostam de música. As Coleções da Abril são novas, atuais e esmeradamente escolhidas: as melhores composições com os melhores intérpretes.
E com uma vantagem extraordinária: os discos saem pela metade do preço!
E são entregues na sua casa. E, nêste fim de ano, com uma vantagem adicional. Veja:

GRÁTIS! Um disco com lindas gravações de músicas tradicionais de Natal, inteiramente grátis, acompanhará cada coleção vendida durante Novembro e Dezembro. E mais: a capa deste disco é, ao mesmo tempo, um Cartão de Natal que você pode preencher se quiser presentear a coleção a alguém. Agora pense: haverá melhor presente do que êste?

RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

Um estôjo luxuoso contendo 6 Lps de alta qualidade com 80 composições de sucesso popular, de hoje e de sempre, no Brasil e no mundo. GRÁTIS! Um disco com músicas de Natal.

1 MÚSICA MODERNA POPULAR BRASILEIRA □ Nanã - Primavera - Reza - Chegança - Ela é Carioca - A Minha Namorada e outros seis sucessos □ Intérpretes: Tamba Trio - Sérgio Mendes - Walter Wanderley e outros.

2 MÚSICA DA VELHA GUARDA □ Se Você Jurar - Luar do Sertão - Chão de Estrêlas - Gavião Calçudo - De Papo Pro Ar - Atire a Primeira Pedra e outros seis sucessos □ Intérpretes: Lamartine Babo - Ataulfo Alves - Almirante - Aurora Miranda e outros.

3 MÚSICA DA JUVENTUDE □ Quero Que Vá Tudo Pro Inferno - Se Piangi Se Ridi - Io Che Non Vivo (Senza Te) - Ma Vie - Canto de Ossanha - Escândalo em Família e outros seis sucessos □ Intérpretes: Mina - Bob Smart - Cock Mazzetti - Os Balanceiros e outros.

4 DISCOTÉCA DANÇANTE □ Around The World - Love Is A Many Splendored Thing - Tornerai Suzie Wong - The Green Leaves Of Summer - Tender Is The Night/Exodus e outros onze sucessos □ Intérpretes: Sandoval Dias - Sexteto Plazza - Gerson-Plinckas e outros.

5 MELODIAS POPULARES INTERNACIONAIS □ Al Di La - Gigi - I Hear A Rhapsody - Stella By Starlight - Tonight e outros sete sucessos □ Intérprete: Caesar Giovanini.

6 RÍTMOS E ROMANCE □ My Yiddische Mamme - Clair de Lune - Toselli Serenade - Parlez - Moi D'Amour - With A Little Bit Of Luck e outros sete sucessos □ Intérpretes: Jankowsky, Sua Orquestra e Côro.

CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

Os grandes mestres e os seus mais categorizados intérpretes. 10 Lps com 47 obras primas da música clássica. Um libreto com gravuras e biografias dos autores acompanha a coleção acondicionada em lindo estôjo. GRÁTIS! Um disco com músicas de Natal.

1 Vivaldi, AS QUATRO ESTAÇÕES. Intérpretes: I Musici.

2 Rimsky - Korsakov, SCHEHERAZADE: Orquestra Sinfônica de Minneapolis. Borodin, DANÇAS POLOVETZIANAS: Orquestra Sinfônica de Londres e Côro.

3 W.A. Mozart, SINFONIA JUPITER. Beethoven, Aberturas de: EGMONT, ZUR NAMENSFEIER e CORIOLANO: Orquestra de Concertgebouw de Amsterdã.

4 Tchaikowsky, CONCÊRTO PARA PIANO N.º 1: Orquestra Filarmônica de Haya. Liszt, CONCÊRTO PARA PIANO N.º 1: Orquestra Filarmônica da Rádio de Hilversum.

5 Dvorak, SINFONIA DO NÔVO MUNDO. Smetana, O MOLDAU: Orquestra Sinfônica de Viena.

6 Haydn, CONCÊRTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA DE CORDAS N.º 1. W.A. Mozart, DIVERTIMENTOS K 137 e K 138. T. Giordani, CONCÊRTO PARA CRAVO E ORQUESTRA DE CORDAS. Intérpretes: I. Musici.

7 CONCÊRTO DE SEIS NAÇÕES. Autores: A.Vivaldi, J.P. Sweelinck, George Philipp Telemann, A.E.M. Grétry, Henry Purcell e Francóis Francoeur: Orquestra de Cordas. Solistas: Maurice André e Jean-Pierre Rampal.

8 Rossini, ABERTURAS das Óperas: "O Barbeiro de Sevilha", "A Escada de Sêda" e "Guilherme Tell". Paganini, CONCÊRTO PARA VIOLINO N.º 4. Orquestra dos Concertos Lamoureux.

9 F. CHOPIN, AS 14 VALSAS: Alexander Uninsky, piano.

10 FAMOSAS ÁRIAS DE ÓPERAS: VERDI, Caro Nome Se Quel Guerrier lo Fossi - Celeste Aida - La Donna É Mobile. PONCHIELLI, Cielo e Mar. ROSSINI, Una Voce Poco Fa - Largo Al Factotum - Bel Raggio Lusinghier. DONIZETTI, Regnava Nel Silenzio - Una Furtiva Lacrima. Intérpretes: Gianna D'Angelo, soprano; Renato Capecchi, baritono; Gianni Poggi, tenor; Maria Morales, soprano; Richard Tucker, tenor, e outros.

AGORA VEJA NA PÁGINA SEGUINTE AS VANTAGENS QUE VOCÊ TERÁ AO ADQUIRIR ESTAS COLEÇÕES PARA SI OU PARA PRESENTEAR

11-27

Abril Cultural

Se o CARTÃO DE RESPOSTA COMERCIAL que acompanha êste anúncio já tiver sido utilizado, recorte e envie, hoje mesmo, êste cupom.

À ABRIL CULTURAL LTDA.
Cx. Postal 30.777
São Paulo - SP

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas, juntamente com 1 disco-GRÁTIS-com músicas de natal:

☐ Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"
☐ À VISTA = Cr$ 45.000 ou ☐ Cr$ 23.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"
☐ À VISTA = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr$ 13.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ As duas Maravilhosas Coleções
☐ À VISTA = Cr$ 68.000 ou ☐ Cr$ 33.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

ATENÇÃO: Entregamos a domicílio. Escreva o endereço para entrega e cobrança. Sòmente Caixa Postal não é suficiente.

NOME: .....
RUA .....
..... N.º .....
FONE: ..... BAIRRO: .....
CIDADE: ..... ESTADO: .....

PREENCHA COM CLAREZA E ENVIE O CARTÃO ANEXO. A ABRIL CULTURAL PAGARÁ A SELAGEM.

NÃO ENVIE DINHEIRO AGORA. A ABRIL CULTURAL VAI ENTREGAR OS DISCOS EM SUA CASA. DEIXE PARA PAGAR - O TOTAL OU A PRIMEIRA PRESTAÇÃO - QUANDO RECEBER OS DISCOS.

GRÁTIS! Aproveite, também, esta oferta especial para os meses de novembro e dezembro: 1 disco com músicas de Natal em gravação especial para os compradores das Coleções da Abril Cultural!

APENAS

4.500

POR LP

Escôlha a Coleção de sua preferência e obtenha esta extraordinária redução de preço — a metade do preço normal!

Comprando as duas Coleções você receberá, ainda, um desconto adicional no valor de 1 Lp, além de 2 discos GRÁTIS, com músicas para o Natal!

COLEÇÃO RITMOS E MELODIAS NA MÚSICA POPULAR

6 Lps
Preço Normal: **Cr$ 48.000**
NOSSA OFERTA ESPECIAL DE NATAL: **Cr$ 27.000**
À VISTA ou Cr$ 13.000 iniciais e duas mensalidades de Cr$ 9.000.

COLEÇÃO CLÁSSICOS DE TODOS OS TEMPOS

10 Lps
Preço Normal: **Cr$ 80.000**
NOSSA OFERTA ESPECIAL DE NATAL: **Cr$ 45.000**
À VISTA ou Cr$ 23.000 iniciais e três mensalidades de Cr$ 10.000.

dê discos de presente

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA

CORTE AQUI

A
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO - SP

Queiram enviar-me as "Coleções" abaixo assinaladas, juntamente com 1 disco - GRÁTIS - com músicas de natal:

☐ **Coleção "Clássicos de Todos os Tempos"**
☐ À VISTA = Cr$ 45.000 ou ☐ Cr$ 23.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 10.000 cada uma.

☐ **Coleção "Ritmos e Melodias na Música Popular"**
☐ À VISTA = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr $13.000 na entrega e duas mensalidades de Cr$ 9.000 cada uma.

☐ **As duas Maravilhosas Coleções**
☐ À VISTA = Cr$ 68.000 ou ☐ Cr$ 33.000 na entrega e três mensalidades de Cr$ 15.000 cada uma.

ATENÇÃO: Entregamos a domicilio. Escreva o endereço para entrega e cobrança. Sòmente Cx. Postal não é suficiente

Nome .....
Rua .....
..... N.º .....
Fone ..... Bairro .....
Cidade ..... Estado .....

27

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE CARTÃO
O SÊLO SERÁ PAGO POR
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30777
SÃO PAULO - SP.
Cartão Resposta
Autorização N.o 727
Portaria N.o 75
De 21 de Junho de 1966
SÃO PAULO
dê discos de presente

Para entendido, escolher vencedor é ciência

L'Inconnu chegou a ser o número um de sua geração no Rio e nunca perdeu para qualquer de seus companheiros de haras.

Assim, os leilões anuais de potros têm o sabor de loteria, pois há sempre a possibilidade de se adquirir um campeão pelo menor preço, que vai de 3 a 30 milhões de cruzeiros.

Para cuidar dos 1.300 cavalos em atividade na Gávea e os 1.700 de Cidade Jardim, há 210 tratadores (130 no Rio e 80 em São Paulo), 200 jóqueis (130 e 70, respectivamente) e 1.400 cavalariços (700 em cada). Tanto o tratador como o jóquei vivem das percentagens que recebem sôbre os prêmios obtidos — 10 por cento para cada um.

O proprietário paga ao tratador 131.000 cruzeiros por mês, fora os medicamentos e as inscrições (estas custam dois por cento do prêmio do páreo). Êsse dinheiro destina-se a pagar o cavalariço e a alimentação do animal: mensalmente êle devora dois sacos de aveia (a 220 cruzeiros o quilo), outro tanto de alfafa (que custa 260 cruzeiros o quilo) e uns cem quilos de milho, fora cenoura ralada, açúcar, sal, chicória e, quando o proprietário é rico, dois ou três litros de leite por dia.

O tratador apura o estado atlético do animal, segundo a programação do Jóquei Clube, que inclui páreos de 1.000 a 4.000 metros, embora a grande maioria seja entre 1.000 a 1.600 metros. Os páreos comuns dão ao vencedor de um a dois milhões de cruzeiros, mas os clássicos vão até 50 milhões, como no caso dos Grandes Prêmios Brasil e São Paulo.

Um cavalariço cuida geralmente de dois cavalos, que diàriamente são lavados, escovados e conduzidos a passear. Entre cavalariço e cavalo é comum haver forte amizade. O craque chileno Quilmen, por exemplo, veio correr o Grande Prêmio Brasil dêste ano, mas desembarcou do avião com pleurisia. Estêve à morte durante várias semanas e só se salvou graças à competência do veterinário e à dedicação de seu cavalariço, que passou 50 dias na cocheira, sem ceder à tentação de conhecer o Rio.

Se o cavalo fica doente, há hospitais especializados tanto no Rio como em São Paulo. Quando, no entanto, falham todos os recursos da veterinária, os tratadores cariocas apelam para José Cordeiro do Nascimento Filho, mais conhecido como Juca Pato.

Durante 32 anos, desde 1918, Juca Pato trabalhou como cavalariço e tratador. Em 1960, cansou-se da profissão e passou a tomar conta de um pequeno boteco na entrada da Vila Hípica da Gávea, que lhe foi oferecido pelo Jóquei Clube, em reconhecimento aos muitos anos de serviço sem qualquer punição.

Mas Juca Pato não ganhou fama como tratador nem como botiquineiro e sim como curandeiro de cavalos. Em sua geladeira, há sempre algumas garrafas de uma misteriosa poção. O próprio dr. Otávio Dupont, a maior autoridade em veterinária de cavalos no país, limita-se a fazer "uh, uh", quando se fala no assunto. Porque Juca Pato já curou muitos cavalos considerados casos perdidos. Cordial, foi um dêles: estava quase morto na cocheira, quando Juca começou a dar-lhe um litro da poção de manhã e outro litro à tarde. Em algumas semanas, Cordial levantou, treinou, voltou e ganhou 14 corridas. Até João Goulart chegou a confiar-lhe uma égua de sua propriedade — Las Piedras — que também se recuperou e ainda ganhou duas corridas.

A poção de Juca Pato não serve apenas para cavalos. Quando um amigo se queixa de cólica ou fraqueza, êle puxa a garrafa da geladeira e põe dois dedos do líquido em um copo: "Pode tomar que vai lhe fazer bem". Não cobra nada pelo tratamento e tem dezenas de curas para contar — mas ninguém pode levar um pouquinho da poção para casa. Tem de beber na hora, para não descobrir a fórmula que muita gente já quis comprar mas Juca só vende por 35 milhões, à vista.

O trabalho no hipódromo começa às cinco da manhã. Os tratadores levam seus cavalos para os exercícios e escolhem os jóqueis para montá-los. Enquanto o cavalo se exercita, vários pares de olhos o acompanham, além do tratador. São os **corujas:** jornalistas especializados e alguns turfistas que não se conformam em saber as condições dos animais apenas pelos jornais e revistas. Todos têm cronômetros na mão.

Os cavalos entram e saem da raia até as 8h30. A partir dessa hora, a raia é fechada e todos vão embora. Mas sempre há algum tratador que espera exatamente êsse momento para exercitar o seu animal — longe dos olhares curiosos, na chamada raia pequena, que fica permanentemente aberta.

É dia de corrida. Duas horas antes do páreo, os tratadores levam seus cavalos para um local especial, onde ficam à disposição da Comissão de Corridas. Um veterinário examina-os para verificar se não apresentam qualquer anormalidade. Tão logo termina o páreo imediatamente anterior, são levados à raia para o galope de apresentação — o **canter,** como é chamado. Ao mesmo tempo são abertas as apostas para o páreo.

Para os entendidos, o canter é o dado final de um longo estudo, que começa com a leitura das seções turfísticas dos jornais e publicações especializadas (há três no Rio e outras tantas em São Paulo). O estudo abrange os tempos assinalados nos exercícios, as atuações anteriores, a filiação, o pêso do animal, o tipo de ferradura que êle levará, a pista (areia ou grama, molhada ou sêca). O programa oficial indica o jóquei, o tratador, a farda do proprietário e o pêso que o cavalo carregará. Êste último dado é importante porque uma pequena diferença de 2 ou 4 quilos pode modificar o confronto entre dois animais.

A freqüência aos hipódromos do Rio e São Paulo é, em média, de 8 a 10 mil pessoas. Em dias de grandes prêmios, entretanto, êsse número se duplica e aí aparecem os apostadores que seguem critérios de apostas mais simplistas. As mulheres e os principiantes geralmente escolhem seu preferido segundo a pelagem e a côr da farda. E muitas vêzes acertam mais do que os **catedráticos** e **corujas.**

Os jóqueis ou tratadores, segundo o regulamento do Jóquei Clube, não podem jogar, mas essa proibição fica sòmente no papel. Muitos dêles, quando acham que têm uma barbada, jogam diretamente ou então procuram pessoas que jogam forte e, em troca da **informação,** recebem uma parte do lucro caso dê tudo certo. Para garantir uma vitória, o jóquei também tem uma série de recursos, mas o caso mais curioso foi o de Iedo Amaral, no Hipódromo de Correias, Petrópolis. Iedo montava um cavalo chamado Tio Belinho, que ia disputar o último páreo, quase à noite, na distância de 1.000 metros. A pista de Correias tinha pouco mais de 500 metros em círculo e a partida dos 1.000 metros era dada em um prolongamento da reta de chegada. Assim, os cavalos tinham de passar duas vêzes pelas tribunas. Dada a partida, Iedo recolheu seu cavalo para o último lugar. Pouco antes da entrada da reta, havia um espesso bambuzal e, aproveitando a quase escuridão, ao invés de acompanhar os outros, Iedo parou seu Tio Belinho no bambuzal e ali ficou enquanto os outros faziam tôda a volta da pista. Quando êles já se aproximavam, saiu do esconderijo e partiu, descansado, rumo ao disco. Quis o azar, porém, que nem assim êle ganhasse.

O movimento de apostas em cada reunião no Rio atinge em média 300 milhões de cruzeiros e, em São Paulo, quase meio bilhão. Mas, ao lado das apostas no Jóquei Clube, há os **bookmakers** que bancam jôgo clandestinamente, como no jôgo do bicho. Alguns oferecem a vantagem de aceitar o jôgo pelo telefone. Se o freguês ganha o bookmaker aparece na segunda-feira para pagar. Se perde, êle só vai cobrar na quarta ou quinta. Outros funcionam em esquinas dos bairros. E há também lojas, havendo um **ponto** em Madureira, no Rio, que tem arquibancada, alto-falante, cafèzinho, e 40 funcionários recebendo o jôgo. Todos os **pontos** do Rio estão ligados a apenas quatro banqueiros, com um movimento de apostas talvez igual ao do jôgo legal. Dizem que um só dos banqueiros cariocas paga à Polícia, para não ser incomodado, 36 milhões de cruzeiros por mês. E, da mesma forma que os bicheiros, os **bookmakers** têm assistência social perfeita. Além de inscritos no IAPC ou IAPI através de firmas fictícias ou através de acôrdo de banqueiros com firmas legais (há uma fábrica de tecidos que inclui em suas fôlhas de pagamento todos os empregados de um banqueiro) os **bookmakers** recebem, quando são presos, 200 mil mensais para a família e excelentes advogados durante o processo.

Todo êsse mundo está nos bastidores, quando os cavalos se alinham na largada.

A partir do momento em que a fita é levantada, tudo pode acontecer. Os acidentes de raia são freqüentes e sete jóqueis morreram nos últimos 20 anos no Rio e em São Paulo.

Quem está nas tribunas, torce de acôrdo com seu temperamento. Há os tipos supercalmos, que mal mexem os lábios. E há os exaltados, que gritam apaixonadamente. Alguns tentam colaborar na vitória:

— Dá-lhe Rigoni.

— Leva no colo, Dendico.

E, se o cavalo se destaca deixando entrever a vitória, a alegria chega ao auge:

— Segura pelo rabo. É a maior barbada.

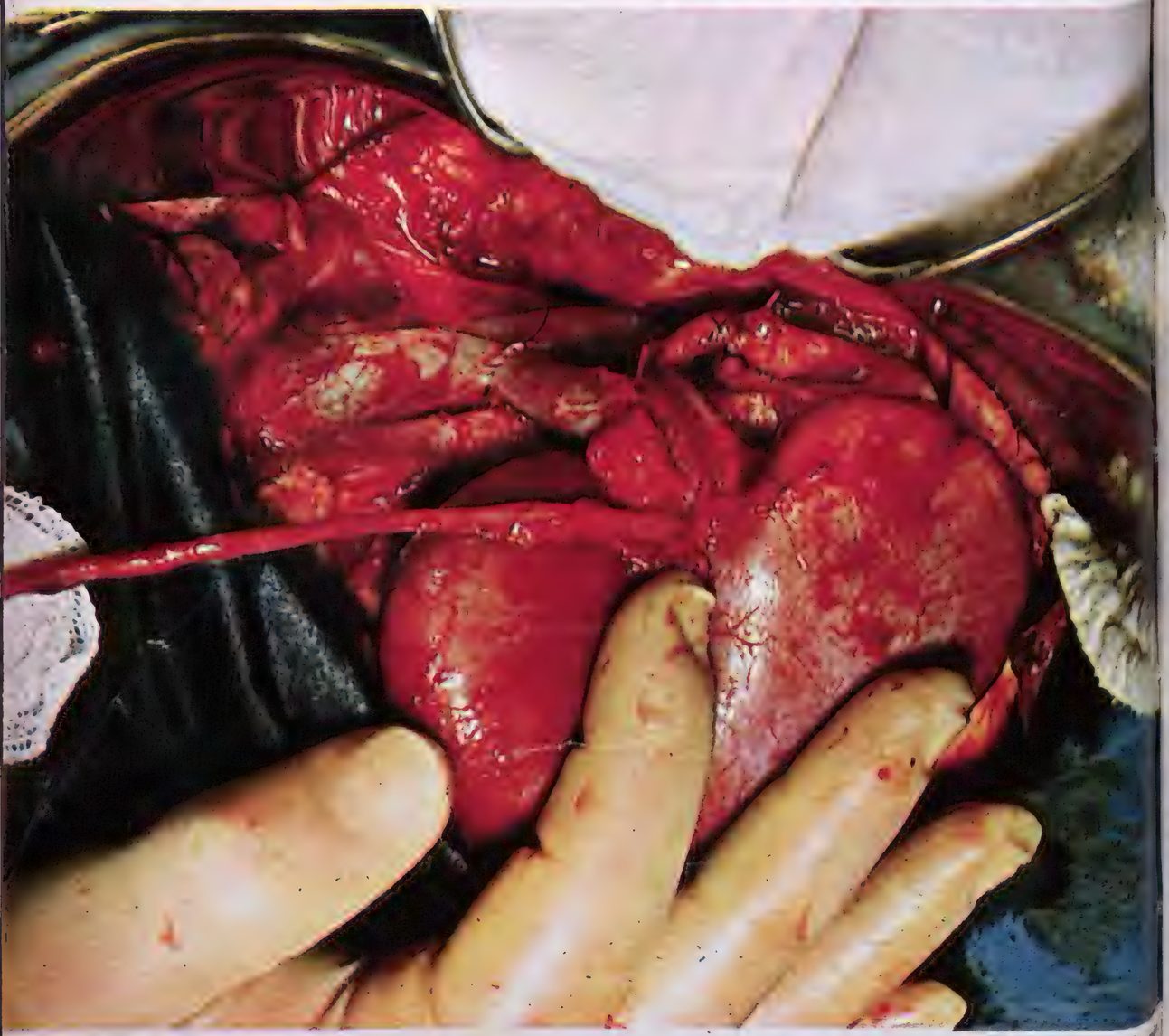
A alegria ou tristeza duram apenas o intervalo para o próximo galope de apresentação, trazendo a promessa de novas emoções. E a grande pergunta que sempre continuará a desafiar a argúcia e o sistema nervoso: quem vai ganhar?

FIM

Válter Mendes de Oliveira ia morrer: seus rins não funcionavam mais. Médicos do Hospital das Clínicas, de São Paulo, o submeteram então — era a primeira vez no Brasil — a uma das mais difíceis operações que cirurgiões do mundo inteiro vêm tentando

UMA VIDA POR UM RIM

Texto de Hamilton Ribeiro



Este rim era de Orlando e agora está implantado na cavidade abdominal de Válter. Veia e artéria foram ligadas mas o ureter ainda

Válter Mendes de Oliveira, 41 anos, três filhos, sócio de uma torrefação em São Paulo, é bastante cuidadoso com a saúde. Êle já andou bem ruim e agora tem suas cautelas. Logo cedo, na hora do café, toma a sua pílula diária. É um remédio caro que vem do exterior e que só seis pessoas no Brasil usam.

— Quando me levanto já pago três contos por minha vida.

Se acontece de furar um pneu quando êle está sòzinho no carro, não troca; pede ajuda. Muita gente estranha aquêle homem com quase 70 quilos, **cheio de saúde,** pedir que lhe troquem o pneu. Porém, todos ajudam de boa vontade quando êle explica a razão: tem um rim só. Mas não é por isso que Válter não troca pneu.

— É por causa dos 98 pontos que eu tenho na barriga. Evito qualquer esfôrço para impedir uma hérnia. Só pelo rim eu arrastava até um caminhão.

Válter é católico, mas dêsses católicos que acham que Deus não deve ser incomodado com pedidos pessoais. Por isso, quando foi para o hospital receber os 98 pontos, e — na opinião de sua família — morrer durante aquela operação que nunca tinha sido feita antes na América Latina, não fêz nenhuma promessa. Mas não pôde impedir que outros fizessem por êle. E teve que pagá-las, depois. A primeira, feita por um amigo baiano, era subir a escadaria da igreja do Bonfim, em Salvador. Outra, acompanhar descalço a procissão de São Benedito, em Parati. Velas do seu tamanho, já mandou mais de cem para Aparecida do Norte. Só falta uma promessa, idéia de um parente lusitano: beijar a imagem da Virgem, em Fátima, Portugal.

Em novembro de 1964, um ano após ter-se certificado de que tinha uma insuficiência renal irreversível causada por nefrite mal curada, Válter era um homem condenado à morte. Entrara no período final da doença. Não havia, no Brasil, tratamento para o seu caso. Mas, no fundo, alguma coisa lhe dizia que dessa êle ainda ia escapar. Um dia chegou ao consultório do seu médico com um recorte de jornal na mão:

— O negócio está aí, doutor. A bruxa não vai me engolir assim tão fácil, não.

O recorte trazia a notícia do transplante de rins feito em cachorros, na União Soviética.

— Transplante em cães não é nada, Válter. Em cinco países do mundo já se faz transplante em gente. Mas, infelizmente, essa possibilidade não existe no Brasil, hoje. O médico era um conhecido nefrologista de São Paulo. E Válter sabia que êle era de uma franqueza até rude. Não conseguia mentir, enganar ou esconder. Mas nesse dia, escondeu. Não contou ao seu cliente que havia um plano em andamento no Hospital das Clínicas, justamente para transplante de rim humano. Era um plano ainda — não se previa data para ser executado e nem era coisa para se resolver de uma hora para outra. Mas existia.

O professor Campos Freire, responsável pelo Departamento de Urologia do HC, já tinha feito várias viagens para o exterior cuidando disso e estava agora na Europa. O próprio nefrologista já tinha estagiado num hospital americano que fazia transplante. O plano previa uma primeira experiência. E não poderia ser ela tentada com Válter que ia, mesmo, morrer? De volta da Europa, o prof. Campos Freire aceitou a idéia e assumiu a responsabilidade do caso. Reunindo especialistas de três clínicas do HC, montou-se uma equipe de alta categoria. E, finalmente, no dia 21 de janeiro de 1965, Válter Mendes saiu da mesa de operação com três rins: os dois dêle que depois seriam extraídos e mais um, novinho, tirado de seu irmão Orlando.

— Eu até mudei meu aniversário. Agora, todo dia 21 de janeiro, tem festa lá em casa, com bôlo, cerveja e velinha.

Na sua condição de primeiro **transplantado de rim** do Brasil, Válter impôs-se uma tarefa: a de ajudar, em tudo que puder, os seus futuros colegas de rim alheio. Por isso, naquele dia de outubro último, andava nervoso e preocupado. Numa de suas visitas ao sétimo andar do Hospital das Clínicas, onde todos agora — do professor ao empurrador de carrinho — são seus amigos, contaram-lhe que um japonesinho de 19 anos estava sendo preparado para o transplante. Válter sabia que essa preparação era longa, dolorosa, dramática. E a pergunta não o largou:

— Será que êle vai agüentar? SEGUE

Válter, hoje, leva uma vida quase normal.

Um jovem vai morrer se não encontrar um doador

Emílio Sakotashi, japonesinho de Curitiba, está servindo o Exército. Em julho de 1966 baixa à enfermaria, e é logo dispensado do Serviço Militar: está com uma grave doença dos rins. A família consulta vários médicos da cidade até que um especialista indica a única e remota possibilidade de que êle se recupere: o transplante renal. E só o Hospital das Clínicas, em São Paulo, pode tentar uma coisa dessas — se no caso de Emílio ainda fôr possível tentá-la.

A família Sakotashi vai para São Paulo. Emílio é internado no Hospital das Clínicas com função renal quase nula; está no período final da doença. A partir do momento em que êle dá entrada na enfermaria do sétimo andar do HC, um longo caminho começa a ser trilhado. Através dêsse caminho, os médicos chegarão a duas informações básicas: a) os dois rins de Emílio não funcionam mais e vão levá-lo à morte ràpidamente; b) dependendo de uma série de circunstâncias, o transplante de rins, no seu caso, pode ou não ser tentado.

Emílio tem muitos irmãos. Um dêles é Tadaro, simpático, alegre, quartanista de Engenharia e, como todos os outros, disposto a tudo para salvar a vida de Emílio. Tadaro já andou se informando sôbre transplante e tem uma grande esperança, pois sabe que a operação tem quase total garantia de êxito quando o doente tem um irmão gêmeo. Na primeira oportunidade, pergunta a um dos especialistas que estão cuidando de Emílio:

— O sr. sabe, doutor, que êle é gêmeo? Isso torna o transplante garantido, não é?

O médico faz cara alegre, diz que sim com a cabeça e quer detalhes:

— E você o irmão gêmeo? Isso é fabuloso...

— Não doutor, não sou eu não. Eu sou mais velho quatro anos. O gêmeo dêle é minha irmã. Ioko...

A alegria desaparece do rosto do médico. Êle explica então que o gêmeo que garante a assimilação sem problema no transplante de órgãos é o gêmeo univitelino, de constituição genética idêntica à do irmão. Ioko é tão distante genèticamente de Emílio como qualquer outro de seus irmãos:

— Além disso, ninguém sabe ainda se Emílio vai ser transplantado. Há algumas grandes batalhas que êle tem de vencer antes de enfrentar a guerra na mesa de operação. E cada uma dessas batalhas é eliminatória; não se sabe se as vencerá. O fato de ter uma irmã gêmea não deixa de ser uma esperança a mais, mas é só isso.

Tadaro engole em sêco.

Tadaro e Emílio, um rim para 2.

Desde que chegou ao hospital, o doente está sendo submetido à uma infinidade de exames visando saber se a sua insuficiência renal é uma doença primária do rim, ou se é apenas reflexo de moléstia mais ampla. Se a função renal fôr deficiente em conseqüência de doença de outra origem, de nada adiantará colocar-lhe um rim nôvo, pois a causa não seria removida, e tudo voltaria outra vez.

Emílio vai para uma série de exames clínicos, radiológicos, de laboratório e vence a primeira parada: sua doença é só do rim mesmo. Confirma-se o diagnóstico que o especialista de Curitiba havia feito logo no começo: insuficiência renal causada por glomérulo-nefrite crônica, possìvelmente agravando uma má formação congênita dos rins. Ao lado disso, é constatado que todo aparêlho urinário (bexiga principalmente) está em boas condições.

Tadaro quer saber o que é exatamente glomérulo-nefrite crônica e para isso procura um dos **internos** do sétimo andar. Os internos são estudantes do último ano de medicina que prestam serviço nas várias clínicas do HC. O estudante dá-lhe então uma **aula** sôbre o rim. Explica que a missão principal do órgão é filtrar o sangue, livrá-lo de todos os excessos de sais e água que tenham-se infiltrado em sua massa. Cada unidade funcional do rim chama-se **nefron** (nefros em grego quer dizer rim). E há cêrca de um milhão de nefrons em cada rim. Numa imagem bastante livre — diz o estudante — um nefron pode ser comparado a um bichinho de cabeça grande e corpo em forma de cauda, tortuoso e comprido. A cabeça seria o glomérulo; o corpo-cauda os túbulos. Há mais de 100 quilômetros de túbulos em cada rim. A ôlho nu, a cabeça do bichinho — o glomérulo — se assemelharia a um grão de areia; no microscópio parece um intrincado novêlo de pequeníssimos vasos. Êsse novêlo é o filtro, que o sangue tem de atravessar. As partes sólidas do sangue — glóbulos sanguíneos, proteína — são aí retidas, para pronto reaproveitamento. O excesso de água, com todo tipo de impurezas que possa conter, passa para os túbulos, onde sofre uma revisão final. Os elementos de que o organismo tem necessidade — ácidos aminados, glicose, sais minerais — são então reassimilados na dose certa para o sangue, e a chamada escória (uréia, ácido úrico, sais e água em excesso) é encaminhada, através dos túbulos, a um receptor. Êsse receptor, que tem comunicação com todos os nefrons, vai dar, na saída do rim, no ureter — canal em que é transportada a escória (agora urina) para a bexiga, onde ela é armazenada para ser expelida oportunamente.

Num dia, passam pelo rim perto de 180 litros de sangue, em contínuo processo de purificação e equilíbrio. E se produz, em média, um litro e meio de urina.

O que estava acontecendo com o japonesinho era isso: os glomérulos dos dois rins não funcionavam mais. O sangue, que chegava desequilibrado ao rim, saía igualmente desequilibrado, pois não havia filtro e purificação. Êle não urinava quase nada. Com isso, seu organismo ia pouco a pouco se envenenando, e o resultado seria a morte. A única solução médica para o caso era colocar no organismo de Emílio um rim nôvo, de glomérulos e túbulos ativos e eficazes. É o que se estudava se era possível fazer.

A preparação de Emílio continua: a próxima batalha é a do seu estado geral. Para submeter-se a uma operação de tamanha importância — extração de seus dois rins, colocação de um nôvo em outro local, além das intervenções preparatórias (uma delas grave) — êle precisa ter um mínimo de resistência cardíaca. O risco cirúrgico, natural em tôda operação, nesse caso está aumentado. Emílio vence mais êsse obstáculo: o nefrologista chefe da Unidade de Transplante, pesando tôdas as informações clínicas e os resultados dos exames, chega à conclusão de que o môço de Curitiba é, potencialmente, um bom candidato ao transplante. Isto é, êle tem condições para suportar o tratamento e a operação. A decisão do nefrologista, porém, não é definitiva. Fica dependendo de que todos os outros médicos da Unidade de Transplante, discutindo o caso sob os ângulos de cada especialidade, a endossem. A Unidade se reúne às quintas-feiras, à noite, numa sala do sétimo andar do HC.

Tadaro fica sabendo que o caso de Emílio vai ser tratado e pede para assistir à reunião. Não deixam, é só para médicos. Na reunião, a última chance de Emílio continuar vivendo vai estar em jôgo, mas em nenhum momento seu nome aparece. Todos se referem ao caso n.º 7: uma pasta, em mãos do nefrologista, contém as informações do 7. E tôda sua história clínica, ilustrada com gráficos e radiografias, é passada em revista. Lá estão os urologistas, médicos que cuidam da cirurgia renal. Lá estão os cirurgiões vasculares, os que se encarregarão de fazer com que veias e artérias do rim estranho sejam ligadas em outras veias e artérias do doente. Lá estão os imunologistas, médicos que estudam a chave-mestra do transplante de órgãos: os fenômenos da rejeição. Afinal, o organismo, que ataca e repele até uma única cécula estranha que nêle se instale, vai ter de engolir, com o transplante, um rim inteiro. Lá estão, também, os outros nefrologistas da Unidade de Transplante, o médico-chefe e os demais membros do setor experimental (transplante em cães), os anestesistas, e até um psiquiatra, para os problemas de ordem psicológica, comuns a êsses casos. A reunião dura quase três horas. Na saída, o nefrologista-chefe comenta com um de seus assistentes:

— Se não houver nenhuma novidade, o 7 vai mesmo para transplante. Amanhã começamos as medidas preparatórias.

Tadaro exulta com a notícia de que Emílio passou por mais um obstáculo, o terceiro, na sua corrida pela vida. Afinal, no mundo só há doze grupos de transplante de rim, e ter oportunidade num dêles já é motivo de esperança. Tadaro lembra-se de mais um detalhe: quando, no início, buscou informações sôbre a possibilidade de seu irmão tratar-se no exterior, soube que um transplante de rim, nos Estados Unidos, custa em média 25 mil dólares — mais de 50 milhões de cruzeiros. Sua família não teria condições para isso.

De 20 em 20 dias, Válter Mendes, o primeiro transplantado, tem de passar no ambulatório do Hospital das Clínicas para exames e controle do funcionamento de seu rim enxertado. Depois que saiu do hospital, e já vão quase dois anos, nunca mais teve nada — nem gripe — mas é seu comparecimento ao laboratório é religioso. Êle acha que quanto mais informações sôbre seu caso os médicos obtiverem, melhores condições terão para salvar futuros transplantados, e isso para êle é uma questão de honra. Além do que, manter o rim controlado dá-lhe uma grande tranqüilidade. Conversando com seus velhos amigos da Unidade de Transplante, êle quer saber se o japonesinho de Curitiba já tem doador. Não tem ainda. Válter fica preocupado. A existência do doador é, talvez, a mais dramática das batalhas que um candidato a transplante tem de vencer. E é decisiva; tudo que se fêz, ou se pensa fazer para salvar um doente, pode anular-se nessa hora. O doador tem de ser pessoa sadia, parente próximo do doente — irmão, pai ou mãe — que se disponha a submeter-se à extração de um rim para doá-lo. Precisa ter muito boa saúde para, depois, tocar normalmente a sua vida com um rim só, o que é perfeitamente possível uma vez que os rins humanos têm uma capacidade ociosa muito superior à de seu trabalho normal, de tal maneira que, tirando-se um, o outro se desdobra e aumenta de tamanho para dar conta sòzinho do recado. O doador tem de ser, também, pessoa mentalmente sã para não criar, artificialmente, a idéia de que é um mutilado, um imprestável, apesar de ter de viver com certas precauções. Para completar, o ato de doação do rim é um documento jurídico, firmado com testemunhas, no qual o doador afirma ter conhecimento dos riscos a que vai submeter-se e afirma saber também que o seu sacrifício pode ser inútil pois o doente talvez morra durante a operação ou logo depois.

Válter lembra-se de alguns fatos passados naquele mesmo sétimo andar. Uma menina de 14 anos, que só seria salva com o transplante, morreu porque nem o pai, nem a mãe puderam doar-lhe um rim; eram também doentes. Um rapaz de 20 anos, no estágio final da doença, não chegou nem a ser candidato a transplante: tinha mãe, pai e sete irmãos, mas nenhum se dispôs a doar-lhe o rim que ia dar-lhe oportunidade de continuar vivendo. Um engenheiro carioca estava sendo preparado para o transplante, com dois irmãos dispostos à doação. Nenhum dêles, entretanto, foi aprovado nos testes preliminares; tinham problemas com a saúde. A noiva do doente fêz uma última tentativa: trouxe para o Hospital a irmã caçula do engenheiro, também disposta a doar o rim. Mas a môça era menor, e então havia necessidade de autorização do juiz de Menores da Guanabara. Enquanto isso a situação do rapaz se agravou e êle morreu antes que tudo ficasse pronto. Outro caso foi o de uma jovem para a qual havia três candidatos a doador: o pai e duas irmãs. Uma das meninas, por ser muito pequena, foi logo posta de lado. O pai não passou nos testes: era epilético. Restava a outra irmã, que estava com o casamento marcado para daí a um mês. Ela adiou o casamento e internou-se no hospital. O teste de sangue, porém, mostrou incompatibilidade com o grupo sanguíneo da irmã e impossibilidade do transplante. A doente morreu.

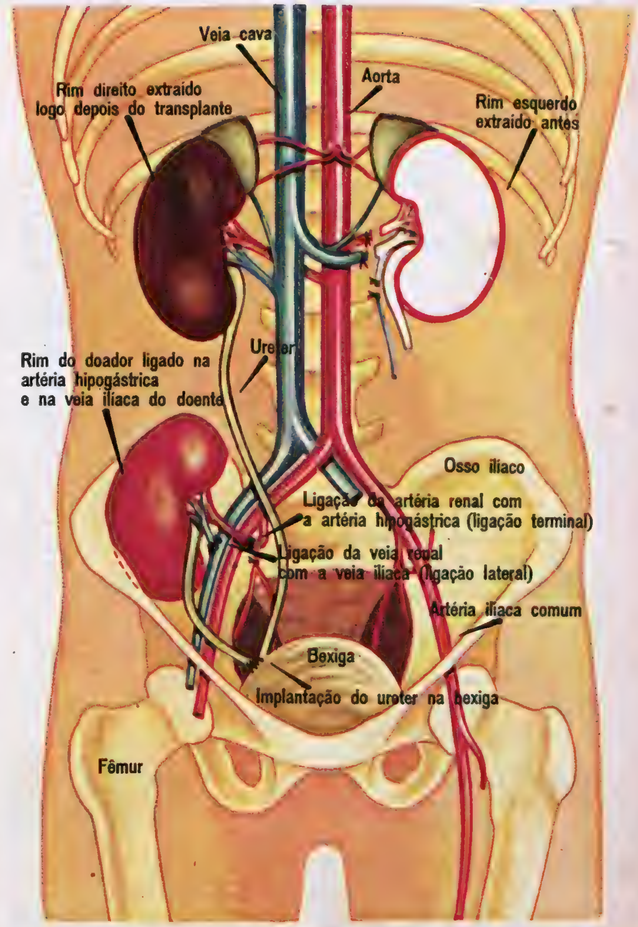
Pensando nisso tudo, Válter conversa com Tadaro e fica sabendo que, além dêle, seu pai, sua mãe e seus irmãos estão dispostos a doar o rim a Emílio. Os médicos é que vão escolher o doador, tarefa que até parece facilitada pela existência de Ioko, a irmã gêmea.

— Só o fato de haver seis pessoas querendo doar-lhe um rim — diz Válter — já é uma vitória para o seu irmão.

A escolha do doador é feita levando-se em conta vários fatôres. Começa com os de ordem pessoal — idade, sexo, estado civil, responsabilidade pessoal, profissão, estado geral de saúde, função renal, estado psicológico — e passa depois para um estudo comparativo com o doente. No caso de Emílio há seis doadores em potencial, um preferencial: a irmã gêmea. Apesar de não ser gêmea idêntica, tudo indica — a começar pela idade — que os dois podem ter uma boa aproximação constitucional, e isso facilita bastante a perspectiva de aceitação do enxêrto. Além disso, Ioko é solteira, e está disposta. É então encaminhada aos testes imunológicos e, logo na primeira prova, vem a decisão. Seu grupo sanguíneo (A positivo) é incompatível com o de Emílio (B positivo), e isso a elimina como doadora. Grande parte das esperanças desaparece nesse momento. Mas ainda há os outros candidatos. Convoca-se o resto da família, menos a irmã casada que fica logo de início fora de cogitação: ela já tem um rim só. (o outro foi-lhe extraído algum tempo atrás por causa de uma grave lesão). A mãe do japonesinho também é posta de lado, por más condições de saúde. Sobram, na primeira peneirada, três pessoas: o sr. Takai, pai do rapaz, o dr. Hachiro, médico, seu irmão mais velho, e Tadaro, o estudante de Engenharia.

Os três serão submetidos a cinco testes imunológicos, cujos resultados indicarão qual dêles tem a constituição genética mais próxima à do doente. Êstes testes poderão dizer que nenhum dos três serve para doar o rim, se houver entre êles e o doente alguma incompatibilidade absoluta. A duração total dos testes é de mais ou menos duas semanas. O primeiro é o de determinação dos grupos sanguíneos, como ocorre nas transfusões de sangue. Faz-se o contrôle dos grupos sanguíneos para evitar fenômenos de aglutinação de hemáceas (que podem causar espasmos e tromboses) nos vasos internos do rim. Três dos outros testes são pesquisas do comportamento dos linfócitos do doente e dos três possíveis doadores. Os linfócitos são o elemento mais importante do organismo na luta contra os corpos estranhos; êles é que transportam os anticorpos para atacar e destruir tôda substância alheia que tenta alojar-se no corpo. Isto é, o comportamento dos linfócitos é que vai determinar a sorte do rim transplantado, atacando-o ou permitindo que êle sobreviva pacificamente no organismo do doente. O resultado dos três testes vai mostrar em qual dos três doadores a atuação dos linfócitos mais se assemelha ou se aproxima do comportamento dos linfócitos do doente. O quinto teste é o do **terceiro homem** — enxêrto de pele. É assim chamado porque nêle intervém um estranho, um voluntário que nada tem a ver com a história do transplante. Retira-se do antebraço do doente um pedaço de pele, que é enxertada em qualquer parte do corpo do terceiro homem. Êsse enxêrto vai ser rejeitado, em alguns dias. Marca-se o tempo da rejeição. A partir dêsse momento, o organismo do terceiro homem está munido de sua fôrça de defesa — os anticorpos — contra as células do tecido de que foi feito o primeiro enxêrto. Todo nôvo enxêrto que nêle se fizer será repelido tão mais ràpidamente quanto mais se aproxime, genèticamente, o tecido do nôvo enxêrto com o tecido do doente. Na prática, enxertando-se no terceiro homem pedaços de pele dos três possíveis doadores, a pele daquele que fôr rejeitada primeiro é a mais parecida com a do doente.

Feitos todos os testes, vem o resultado: Emílio tem, potencialmente, um **bom** doador. É Tadaro, o estudante de Engenharia. SEGUE



O esquema do transplante: no momento da operação, o doente está com um só rim; após receber o nôvo órgão, o outro é eliminado.

Tudo pronto, mas há uma dúvida: êle resistirá?

Mas a batalha para a escolha do doador ainda não está vencida. Até agora só se sabe que Tadaro Sakotashi tem alguma compatibilidade imunológica com seu irmão doente. Porém, Tadaro, êle próprio, terá condições físicas e mentais para responder por aquêle encargo? Isso é o que se vai ver, agora. A primeira coisa é um exame clínico geral que vai indicar se Tadaro goza, realmente, de boa saúde. Êle passa bem por êsse exame. O segundo passo é uma série exaustiva de provas da função renal; é preciso que seus dois rins funcionem perfeitamente, tanto para que êle possa viver com o que lhe sobrar, quanto para impulsionar a vida do irmão, que vai contar com o seu outro rim. Atravessa também êsse exame, com o que é dado fisicamente apto para a operação.

Vem, agora, a parte psíquica. Tadaro vai ser submetido a um exame psicanalítico e passar por um julgamento, em que êle será réu e advogado de defesa, o nefrologista funcionará como **advogado do diabo** e o psiquiatra atuará de juiz. O nefrologista atua no processo como se tivesse intenção de **não** encontrar um doador, para o transplante **não** ser feito. A verdade, entretanto, está no outro lado; o médico quer o doador, mas é preciso que o candidato demonstre ter consciência do problema sem nenhum complexo de herói, e que demonstre também possuir uma boa armadura psicológica para tocar a sua vida depois, mesmo que, ao sair da anestesia, fique sabendo que seu irmão não vive mais. O **advogado do diabo** é frio:

— Você sabe o que significa viver com um rim só? Sabe que o menor acidente a que você se exponha depois, que afete o seu rim restante, significa a sua morte? Você tem idéia do risco cirúrgico que envolve uma operação dessas? Você sabe que, após êsse sacrifício todo, seu irmão pode morrer? Você sabe que o transplante pode não **pegar?**

Tadaro não é de muito falar. E já tinha pensado naquilo tudo, desde Curitiba. O psiquiatra completa:

— Já foram feitos perto de mil transplantes no mundo, Tadaro. Os resultados não são definitivos, nem muito animadores. Mas, até hoje, nenhum doador morreu por causa da operação. É uma bela atitude a sua, mas que dói, dói. A extração do rim é uma senhora operação. Você continua querendo?

Tadaro responde firme, sorrindo:

— Eu topo. Tenho certeza de que viverei muito bem com um rim só, como dezenas de milhares de pessoas no mundo. E mesmo que fôsse para ficar aleijado, eu toparia assim mesmo.

Encerra-se a sessão do **tribunal.** O psiquiatra já tem elementos para compor o seu laudo técnico, que será um documento a mais na pasta do **caso n.º 7.** Sòzinho com o nefrologista, antecipa-lhe a sentença:

— Pode mandar preparar o têrmo de doação.

Os testes imunológicos e o psicológico em Tadaro indicaram que êle é, realmente, um bom doador em potencial para o seu irmão. O fantasma da rejeição, porém, continua presente. O estágio atual dos conhecimentos nesse setor só tem como certa a não-ocorrência de repulsa nos casos de transplante entre gêmeos idênticos. Mas há vários recursos de que os médicos podem lançar mão, hoje, para prevenir e combater êsse fantasma.

Tadaro é convocado para um último servicinho. Os médicos precisam saber, antes da operação, qual dos seus dois rins oferecem facilidade de remoção. E precisam saber, também, se o doador tem, como a maioria das pessoas, uma só artéria renal, ou se tem mais de uma, o que não é raro. Para saber tudo isso, Tadaro é submetido a um exame chamado aortografia. Numa de suas artérias femurais — na altura da virilha — é injetada uma dose de contraste (um corante) que vai possibilitar estabelecer, através de radiografias, situação exata das suas artérias renais. Se Tadaro tiver os dois rins segundo os padrões normais, e tiver uma artéria só, será retirado o seu rim esquerdo, por ter a veia renal mais longa, o que facilita a anastomose — isto é, a ligação com a veia do receptor. O resultado das radiografias não permite saber com precisão se o rim esquerdo de Tadaro tem uma só artéria ou se tem duas — às vêzes uma pode estar sobreposta à outra e isso confunde a leitura das chapas. O rim direito, por outro lado, é normalíssimo e tem, com certeza, uma só artéria renal.

— A aortografia não incomoda — diz Tadaro quando se recupera da anestesia — só que a gente fica urinando ardido o dia inteiro.

Com êsse exame, não há mais nada a fazer em Tadaro até o dia do transplante. Então êle é dispensado, para voltar sòmente na véspera da operação. Tadaro aproveita a folga e dá um pulo a Curitiba para ver como anda o Centro Acadêmico de Engenharia, onde é um dos diretores. Avisa lá que vai ter de faltar uma porção de dias e anuncia na família que Emílio tem meio caminho andado em direção a um rim novinho em fôlha.

Escolhido o doador, a equipe de Unidade de Transplante revê todo o caso. Com o resultado da aortografia, escolhe-se qual dos rins do doador vai ser retirado — é o direito, por causa da artéria única. Então é traçado o plano de ação para a arrancada final. A primeira das providências, marcada para dentro de uma semana, é a extração do rim direito de Emílio — vão ser extraído seus dois rins velhos, mas o esquerdo só no próprio dia do transplante, aproveitando-se a incisão grande feita na ocasião.

A preparação do doente é acelerada. Êle vem sendo mantido vivo através de um processo que se chama diálise peritonial. A diálise consiste na introdução na cavidade peritonial do doente de uma composição de água e sais minerais, semelhante à do plasma. Dois litros de cada vez. Por mecanismo de osmose, as escórias acumuladas no sangue pelo não funcionamento do rim passam, em boa parte, para a solução da diálise. Uma hora depois de estar na barriga do doente, o líquido é extraído, e é repetida a operação durante 24 a 48 horas ou mais, na medida da necessidade. A diálise peritonial substitui — como o aparelho de rim artificial que às vêzes é também usado — algumas das funções do rim, o suficiente para manter viva por certo tempo uma pessoa com grave insuficiência renal. Há dois meses Emílio vem sendo mantido com as diálises; é um processo incômodo, quase sempre doloroso, mas o rapaz é valente e resiste bem.

Desde o momento em que foi definitivamente escolhido o doador, Emílio vem sendo submetido também às chamadas **medidas imunossupressivas** que antecedem a operação. Elas se destinam a minar, em Emílio, a sua reserva contra a rejeição de corpos estranhos, isto é, visam diminuir e aplacar a ira dos linfócitos, sempre dispostos a atacar e destruir as proteínas alheias que pretendam morar no organismo. A primeira dessas medidas é a **drenagem do duto torácico.**

Há três grandes encanamentos de líquidos no corpo humano — um leva o sangue arterial, são as artérias; outro leva o sangue venoso, são as veias; o terceiro transporta a linfa, são os vasos linfáticos. O duto torácico é o maior vaso linfático do organismo; corresponde, no sistema linfático, à aorta e à veia cava, que são as duas maiores artérias e veias do corpo. Na drenagem, o duto torácico é seccionado na altura do pescoço, e tôda a linfa que êle transporta é colhida através do dreno. Saem de dois e meio a três litros de linfa por dia, e a drenagem vai durar 10 dias. Nesse período, com medicação adequada, o organismo é compensado de perda tão grande de água e eletrólitos (os sais do sangue) para evitar distúrbios e enfraquecimento. A linfa é constituída de mais de 90% de linfócitos, e aí está a razão da drenagem. Como os linfócitos são os transportadores dos agentes (anticorpos) que atacam e repelem o corpo estranho, diminuindo-se no organismo a sua reserva está-se aumentando a tolerância do enxêrto, ao mesmo tempo em que se facilita a ação das drogas destinadas a combater a rejeição.

A drenagem do duto torácico é uma operação melindrosa, feita sob anestesia geral. No caso de Emílio, foi a batalha mais difícil de ser vencida. No meio dos trabalhos seu coração parou. Houve grande suspense enquanto os médicos tratavam de fazer-lhe massagens cardíacas. Depois de cinco minutos elas deram resultado: os batimentos se reiniciaram. O resto, depois, correu bem. Agora, até quatro dias antes do transplante, Emílio vai ficar com aquêle tubinho no pescoço. E passará por mais duas diálises, pelo menos.

O japonesinho caminha para a reta final em direção ao transplante.

A equipe, que discutiu amplamente o **caso n.º 7** nas sucessivas reuniões das quintas-feiras, está em ponto de bala. O dreno do tubo torácico já foi retirado. Dois dias antes da operação, Emílio começa a receber uma boa dosagem de drogas para minar ainda mais a sua resistência à rejeição. Numa têrça-feira, dia 24 de outubro, êle passa pela última diálise. Um dos internos do HC vai visitá-lo:

— Emílio, eu nunca mais quero vê-lo nesta sala, tá?

O mesmo interno, minutos antes, dizia para os colegas, todos condicionados à emoção que a dupla operação do dia seguinte despertava naquele serviço do Hospital das Clínicas:

— Estou muito preocupado com a situação de Emílio. Será que êle resiste à operação? Afinal, por muito menos, o seu coração já parou uma vez.

Nessa mesma têrça-feira, de manhã, um rapaz de ótima saúde passava a ocupar um dos tão disputados leitos do HC. Era Tadaro, o doador. Estava seguro como sempre, só que nesse dia sorria demais. Um sorriso nervoso, meio forçado. E quanto conversava com um interno na sacada da enfermaria, aceitou dois cigarros, um atrás do outro. E êle não fuma.

O enfermeiro-chefe do sétimo andar sobe ao nono — onde está o centro cirúrgico — tôda hora. O mínimo detalhe deve estar previsto, para não haver nenhum aborrecimento ou desencontro no dia seguinte. Entre uma subida e outra, êle atende a mãe dos dois rapazes que vai ficar com um rim a menos. Entre as duas salas, como elemento de ligação, controlando o desenvolvimento das duas operações, caminha o nefrologista.

O urulogista que opera Tadaro, assistido por dois outros cirurgiões, já venceu a pele e os tecidos gordurosos — o bisturi elétrico trabalha depressa. O operador já tem, no seu campo visual, o rim direito do doador — é o que vai sair. Todo o trabalho agora — um trabalho delicado e sensível, mas seguro e firme — é dissecar (limpar) o rim, a veia e a artéria renal, e o ureter, que será cortado quase junto da bexiga.

Momento dramático: o rim vivo *é levado de um corpo para o outro.*

Em redor de Emílio o trabalho é duplo: primeiro ajeitar na sua cavidade abdominal, na altura da virilha, uma **cama** para o nôvo órgão, e depois extrair o rim velho. O rim transplantado não vai ocupar o mesmo lugar dos antigos, mas vai para uma **cama** ilíaca preparada sob medida para êle. Vencida a primeira parte do trabalho (abertura do campo), a equipe começa a cuidar do alojamento para o nôvo hóspede, ao mesmo tempo em que localiza e prepara a artéria hipogástrica (um ramo da artéria ilíaca, que sai da aorta) e a veia ilíaca, pois a elas serão ligadas respectivamente a artéria e a veia do rim que virá. O ureter vai ser implantado diretamente na bexiga, mas isso é o que se faz por último.

A partir de certo momento, as duas operações correm paralelas. O nefrologista vai levando as notícias de uma equipe à outra. Chega então o grande momento: a artéria renal e a veia do doador já estão dissecadas, limpinhas, na altura do local em que vão ser cortadas; o rim está pronto, livre dos tecidos que o rodeiam; o ureter já foi desligado da bexiga. Na cavidade abdominal de Emílio, a cama para o nôvo rim já está feita, a artéria hipogástrica em que será engatada a artéria renal já foi cortada e pinçada, a veia também. Tudo pronto; uma voz de comando é ouvida na equipe que opera o doador:

— Tempo de isquemia!

Começa a nervosa corrida contra o relógio. Cada minuto é decisivo. Pinças especiais, que não traumatizam os vasos, bloqueiam em dois lugares artéria e veia do rim direito de Tadaro. Entre as pinças, em cada um dos vasos, faz-se o corte, com uma tesoura. E o rim, ainda vivo, é retirado de Tadaro e levado por um dos médicos para o corpo de Emílio. O cirurgião vascular inicia o seu trabalho minucioso, de que tudo agora está dependendo. Êle vai fazer a ligação da veia do nôvo rim com a veia ilíaca de Emílio através de uma janelinha prèviamente ajeitada no vaso. A costura tem de ser perfeita para que o sangue possa correr, depois, normalmente por ali. Terminada a ligação das veias, o cirurgião passa, com o mesmo cuidado, para a ligação das artérias. Aqui surge uma dificuldade a mais: a artéria hipogástrica de Emílio é de calibre maior que artéria renal de Tadaro e então, antes de serem dados os pontos, é necessário promover uma dilatação artificial da artéria do rim nôvo. O trabalho segue, meticuloso e cronometrado. A cada minuto, o rim — que está em isquemia, isto é, não está recebendo irrigação sanguínea — vai perdendo a sua côr vermelho-vibrante, e vai murchando. A ligação da artéria está chegando ao fim e, na aparência, está perfeita. O grande teste, entretanto, é o momento em que se retiram as pinças e o sangue começa novamente a fluir, entrando no rim nôvo pela artéria e saindo pela veia. A ligação, quando mal feita, é denunciada por bloqueio no local onde foram dados os pontos ou por vazamento de sangue. Se isso acontecer, é preciso refazer a ligação, e geralmente essa segunda costura demora mais que a primeira. E o rim só resiste durante um dado tempo (aproximadamente 50 minutos) sem irrigação sanguínea, após o que começa a lesionar-se.

O momento de soltarem-se as pinças está chegando, sob expectativa geral. O cirurgião termina a sutura da artéria, manipula ligeiramente o rim para testar a sua posição, e anuncia novamente:

— Tempo de isquemia!

As quatro pinças que bloqueiam artérias e veias são retiradas no mesmo instante. E dá-se o primeiro acontecimento: não há vazamento, nem bloqueio. O sangue caminha livremente e, como por encanto, o rim reenche-se, recupera a sua côr normal e os batimentos da artéria renal ficam visíveis. Do ponto de vista técnico, a operação teve o maior êxito; resta saber se o rim vai começar a funcionar, isto é, se umas gôtas de urina vão surgir no ureter, o que geralmente acontece antes de a operação ser concluída. Êsse momento é aguardado com tôda ansiedade; é o clímax do ato do transplante. A angústia fica no ar, enquanto a operação continua: extração do rim antigo, implantação do ureter, colocação das sondas, fechamento do campo operatório.

O cirurgião vascular, que terminou a sua parte, comenta com um dos membros da equipe que operou o doador (ela também já terminou o seu trabalho e está agora em tôrno da mesa de Emílio):

— No primeiro transplante o nosso tempo de anastomose (ligação dos vasos) foi de 41 minutos. Hoje gastamos só 17, e ainda vamos chegar ao recorde mundial, que é 14. Mas o diabo é se a urina não vier...

Cada minuto daquela espera parece uma hora. Finalmente, acontece: umas gotas de urina pingam na sonda implantada no ureter do doente. Cada médico reprime em si um grito de alegria; o máximo que se permitem é uma troca de sorrisos transmitidos no olhar.

Ao meio-dia, Tadaro desce para o sétimo andar, já acordado, depois da passagem pela sala de recuperação. Sua mãe está esperando no corredor, a aflição no rosto marcado pela noite indormida. Dois filhos subiram para a mesa de operação, e só um aparece. Vê o enfermeiro e pergunta ansiosa pelo outro:

— Êle já vai descer. Foi tudo bem, tudo ótimo. Não se preocupe.

Logo depois, surge a maca de Emílio, mas a mãe só pode vê-lo de longe. E daí por diante, durante vários dias, o japonesinho vai ficar isolado, sob constante e escolhida vigilância. Seu nôvo rim ficará recebendo aplicação de raios X e será submetido, várias vêzes ao dia, a uma série de exames. Ninguém, que não seja médico ou enfermeiro vestido como se fôsse para uma operação, entrará em seu quarto. SEGUE

Um mês sem visitas: a morte também pode entra

Êsse cuidado se deve a um fato: para preveni-lo contra a rejeição do rim, as reservas de Emílio contra infecções foram levadas pràticamente a zero. O transplante é capaz de salvá-lo de uma doença terrível mas uma gripe pode levá-lo à morte. De outro lado, a vigilância sôbre Emílio é total para que a menor manifestação de rejeição do enxêrto seja descoberta e atacada com a máxima rapidez.

Ao cair da noite, nessa quarta-feira, Válter Mendes não resistiu à tentação de dar uma **espiada** no sétimo andar do HC, para saber da situação do seu futuro companheiro na **Associação Brasileira dos Transplantados de Rim,** que êle pretende fundar tão logo haja número suficiente de sócios. Ouve de um e de outro informações isoladas, e explode num **bravo** quando um dos médicos lhe diz que Emílio já tinha eliminado mais de três litros de urina com o nôvo rim.

— Isso é realmente bom, Válter, mas ainda não quer dizer nada. Emílio corre riscos seríssimos. Você sabe que só nos é permitido um pouco de otimismo a partir do vigésimo dia do transplante...

Válter reconhece na equipe do transplante duas coisas principais: capacidade profissional e ausência de fantasia. Por isso vai embora para casa disposto a não pensar, durante vinte dias, no japonesinho. Só voltará a vê-lo depois disso e então, se tudo estiver bem, terá razão para festejar e ser otimista.

Passado o prazo, Válter está lá. Não pode falar com Emílio, que ainda permanece em regime de isolamento. Mas conversa com médicos, enfermeiros, secretárias. E vai bater um papo com Tadaro, a quem já voltou a côr de saúde e sorriso despreocupado e fácil. Falam bastante, sôbre tudo e sôbre todos.

No fim, Tadaro quer saber duas coisas. A primeira, quanto havia custado a operação de Válter.

— Nenhum tostão, aqui no HC não se paga nada. Eu apenas dei 400 mil cruzeiros para a caixinha da enfermaria porque, às vêzes, quando falta algum remédio, os médicos compram-no com seu próprio dinheiro.

Depois Tadaro quer saber se é verdade que os transplantados, como seu irmão, têm de tomar, todo dia, uma porção de remédios para evitar a rejeição. Sim, é verdade.

— E não é cacete isso?

— No comêço é — responde o Válter — mas a gente se habitua. E tem outra coisa: é para tomar o remédio até certa idade só. Depois dos 80 anos o organismo se acostuma com o nôvo rim...

Futuros doadores: macacos e cadáveres

O transplante feito em Emílio Sakatoshi foi o sétimo caso da equipe do Hospital das Clínicas de São Paulo. Seis dos operados vivem normalmente, sob contrôle; e um morreu — o rim transplantado não funcionou em nenhum momento. Cinco transplantes foram feitos de irmão para irmão; e dois de pais para filhos.

Em 1955, na Universidade de Harvard, EUA, foi feito o primeiro transplante com êxito, no mundo, entre gêmeos idênticos, com o que se estabeleceu que a operação era possível pelo menos nesses casos. E em 1959, em Boston, fêz-se o primeiro transplante entre irmãos não-gêmeos. O organismo do doente, para ser aumentada sua resistência à rejeição, foi submetido à aplicação global de raios X o que hoje não se usa mais.

Também em Boston, em 1962, teve êxito a primeira operação que utilizou rim de cadáver: estava aberto nos Estados Unidos o grande caminho para o enxêrto de rins. Em 1963, em Nova Orleans, transplantou-se pela primeira vez rim de animal: um homem e uma mulher receberam rins de macaco. O homem viveu 12 dias; a mulher, 60. E um terceiro caso manteve-se por nove meses. Estas experiências continuam.

Em Londres, após o transplante do rim de uma pessoa que havia morrido de câncer, verificou-se que, junto com o rim, tinha sido transplantada a doença; isso determina hoje o excessivo cuidado na escolha dos doadores. Atualmente, 12 grupos médicos realizam a operação no mundo. A maioria nos EUA, os outros na França, Inglaterra, Canadá, Suécia, Alemanha e Brasil. A Itália está prestes a iniciar transplantes renais.

A equipe do Hospital das Clínicas começou a pensar no transplante renal em 1952, após uma série de viagens do prof. Campos Freire aos EUA e à Europa. Quando voltou, durante uma aula, dois cachorrinhos foram operados e tiveram seus rins transplantados. Um grupo de alunos se entusiasmou e passou a fazer a experiência semanalmente, dois dêsses alunos, hoje médicos, fazem parte da equipe.

A Unidade de Transplante Renal do HC — constituída após o terceiro caso bem sucedido — tem, ao lado dos especialistas que a compõem, um departamento de Cirurgia Experimental, que opera cachorros para estudar a ação de novas drogas e para resolver problemas do transplante entre indivíduos não-parentes, como um passo para o transplante de rins de cadáver.

O CAMINHO PARA O BANCO DE RINS

O prof. J. Geraldo de Campos Freire, catedrático de Urologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e chefe do Serviço de Urologia do Hospital das Clínicas, escreveu para REALIDADE, sôbre o transplante de rins:

"Realizamos no HC sete transplantes renais, depois de minucioso preparo de três anos e da organização de uma equipe especialmente treinada. Continuaremos nosso programa de transplantes por várias razões:

1 — Nos Estados Unidos foram feitas num ano 25 transplantes entre gêmeos univitelinos (nos quais a **pega** é pràticamente segura); isto significa que, numa população de 200 milhões, há 25 pares de gêmeos idênticos em que um dos irmãos é perfeito e o outro sofre de insuficiência renal crônica incurável. No Brasil, com uma população de quase 100 milhões de habitantes, deve haver pelo menos 10 ou 12 casos nessas condições por ano. Só isso já explica a nossa preocupação com o assunto.

2 — Nos países mais adiantados que o nosso, é muito grande a incidência de glomérulo nefrite crônica com insuficiência renal irredutível (uma das hipóteses em que o transplante pode ser feito). Por exemplo, em 1960, na Inglaterra e País de Gales, numa população de 45 milhões a uremia foi responsável por cêrca de 5 mil em 500 mil mortes (1%). No Brasil, êsse número deve ser pelo menos de mais de 10 mil por ano.

3 — Os transplantes renais entre indivíduos não-gêmeos já não são uma aventura. Perto de 400 transplantes foram relatados cientificamente até fins de 1963, com cêrca de 40% de sobrevida por um ano ou mais. Isto se deve aos progressos no terreno da imunobiologia, com testes cada vez melhores para selecionar doadores compatíveis, e com o uso de drogas cada vez mais efetivas e menos tóxicas no combate à rejeição. Graças a êsses progressos, as estatísticas melhoram de ano para ano.

4 — Não se trata apenas de salvar vidas, mas de realizar experiências cujo estudo e investigação trazem um progresso enorme não só para os estudos imunobiológicos de histocompatibilidade, como para a descoberta de novas drogas e também a aquisição de novos conhecimentos de fisiopatologia do rim transplantado, de incalculável valor para o avanço da nefrologia e da medicina. Daí a razão de ser necessária uma infra-estrutura capaz de colhêr êstes dados; é um terreno que não comporta improvisações.

Prof. J. G. de Campos Freire

5 — O transplante não é ainda um método de rotina no tratamento da insuficiência renal crônica, mas deverá sê-lo. O prof. Amos, considerado um dos maiores imunopatologistas do mundo, prevê para dentro de cinco anos a possibilidade de tipagem de linfócitos dos eventuais doadores, o que abriria caminho para os bancos de rim. Assim, o estudo das drogas imunossupressoras e dos problemas imunológicos só poderão ser realizados se se fizerem transplantes. O problema não é de se fazer um transplante e esperar que êle funcione, mas de estudá-lo e trazer uma contribuição ao problema.

6 — Os transplantes renais entre não-gêmeos univitelinos abriram caminho para a realização de transplantes utilizando-se rins de cadáver. Aliás, é essa a orientação atual nos diferentes centros que estudam o problema. As implicações técnicas, éticas, morais e médico-legais que envolvem a utilização do rim dêste tipo de doador voluntário são numerosas, e muitas vêzes impedem a sua efetivação. Apesar de haver problemas também com a utilização de rins de cadáver, a tendência atual é a de passarmos a utilizá-los. As clínicas americanas (Los Angeles e Cleveland) e inglêses (Londres e Cambridge) estão utilizando rins de cadáver. É evidente que é necessária, entre nós, uma legislação adequada para êste fim. O principal problema é o da autorização (do indivíduo, quando vivo, e, em falta dêsse, da família) para o rim ser aproveitado. A utilização do rim de cadáver tem uma dupla vantagem: não se mutila um indivíduo sadio, ainda que de boa vontade; e do cadáver são aproveitados os dois rins, que podem vir a salvar duas vidas.

Fazemos os transplantes sem nenhum fim lucrativo e êles demandam um enorme trabalho e grandes gastos para o poder público. É bom que o público conheça o assunto e é bom também que entidades ou pessoas com recursos se disponham a auxiliar programa de tal envergadura e alcance. O trabalho que vimos realizando vem sendo conduzido com grande dose de heroísmo e desprendimento. E contamos aprimorá-lo ainda mais. A Universidade de Duke, North Carolina (EUA), acaba de conceder a um dos membros do nosso grupo — um jovem doutorando da turma de 66 — uma bôlsa de cinco mil dólares para que êle vá aperfeiçoar-se no estudo dos problemas de imunopatologia e rejeição. Esperamos que a compreensão que nos tem vindo do exterior seja sobrepujada aqui, pela dos nossos governantes.

Para os iniciados em licores Regnier, êste anúncio é dispensável

Para os que costumam tomar outros licores, êste anúncio será bastante proveitoso

Regnier são seis sabores. Se êle fôsse apenas um, seríamos possivelmente menos exigentes. Isto é, não iríamos sugerir aos que costumam tomar outros licores que procurassem conhecê-lo.

Acontece que além da variedade, temos muitos e muitos motivos para isso. Um dêles, importantíssimo, por sinal: Regnier é criação Cointreau. Outro: Regnier é o ponto alto do bom licor em tôda a sua gama de sabores.

O Cherry Brandy, de produção restrita, é elaborado com cerejas importadas. O Majestic Curaçau Licor ao Whisky é a combinação "raffinée" do "maltwhisky" escocês com o tradicional licor francês. O Framboesa Raspberry Brandy tem o agradável aroma das frutas que lhe emprestam o seu inconfundível buquê. Os Cremes conservam integralmente o gôsto característico do Café, do Cacau e da Menta que entram no seu preparo.

Evidentemente que V. pode ter em sua casa os seis Licores Regnier. Mas cada um tem sua hora, seu lugar, sua companhia. Por falar nisso, em boa companhia Regnier é um aliado. Nos momentos de solidão também.

Aí êle é a companhia.

Para os que desejam iniciar-se em licores...
(Veja o texto ao lado)

REGNIER
— um produto
COINTREAU

p. e. nascimento-acar

Nesta sala escura de um prédio antigo no centro de São Paulo, há um desfile de gente que não pára nunca. Aqui, a figura principal é o delegado, que perdoa ou castiga os que ficam do lado de cá da cerca. Por esta sala passam a miséria, o vício, a violência e o amor. Este é um

PLANTÃO POLICIAL

Texto de Marcelo Katsuki
Fotos de Jorge Butsuem

"EU QUERO MESMO É SECURIT...

...não faz mal que elas digam que tenho mania de grandeza!"

Vá ver a super-cozinha SECURIT
ao lado das outras cozinhas... compare-a!
A verdade, você mesma vai descobrir!

– a senhora das cozinhas de aço!

SUPER-COZINHA SECURIT

8202

Mercedes, a bêbada, tinha sido uma bela mulher

— Cala a bôca, cachorro! Se falar mais alguma coisa entra no pau!

O sargento da Guarda Civil acompanhou os gritos com um olhar feroz e o prêso parou de falar, enquanto o enfermeiro passava metiolato nas feridas do seu rosto. A sala ficou silenciosa e alguns minutos depois o policial puxou Eduardo, o repórter, pelo braço e tentou explicar:

— Se a gente facilitar, êles montam em cima.

O policial e o repórter deixaram o Pronto-Socorro e se encaminharam para a sala de imprensa. Chovia e o vento gelado entrava pela porta sempre aberta da Central de Polícia. A rua, vista dos fundos, parecia um quadro imóvel e nublado, com algumas luzes refletidas nos carros estacionados no Pátio do Colégio. Os dois passaram pela escada que leva à sede da 1.ª Delegacia Auxiliar e dobraram à esquerda, afundando pelo corredor escuro. Cumprimentaram as duas mulheres fardadas de azul que, sonolentas, mantinham o plantão da Polícia Feminina, e não deram atenção à mulher e ao velho deitados nos bancos defronte à sala das môças. Eduardo falava sôbre o trabalho que o chefe de reportagens lhe dera:

— Pois é, vou ficar 24 horas sem dormir para registrar tudo o que acontece por aqui.

— Vê se me bota nessa então, Eduardo. Dá uma colher de chá aqui pro papai.

Continuaram juntos até a sala de imprensa, no fundo do corredor, depois da sala de chefia dos guardas-civis de plantão. No caminho ouviram um grito de mulher que vinha do xadrez e o sargento disse a Eduardo:

— É a Mercedes. Entrou hoje de tarde, bêbada como um gambá. Já foi um pedaço de mulher. Agora não ganha nem para comprar sapatos. Está no osso.

Entraram na sala de imprensa.

Cascolac, fotógrafo do **Diário da Noite,** acabava de falar com seu jornal; virou-se para os colegas:

— O chefe está querendo o caso do menino que morreu debaixo da marquise do grupo escolar em Sapopemba. A turma da noite fêz só o registro e vou ter de fotografar e cobrir para a primeira edição. Vocês vão fazer?

O telefone tocou antes que êle recebesse resposta e foi Helly, da **Fôlha de São Paulo,** quem atendeu. Com ar interessado, foi ouvindo e fazendo anotações numa fôlha de papel. Depois desligou, sorrindo:

— Caso legal. Uma égua louca entrou num barraco em Vila Diva e arrebentou tudo. Há quatro crianças feridas e o dono da casa está na chuva. Vou fazer dois casos: êsse e o da marquise.

Contrariados, os que descansavam sôbre as mesas levantaram-se. Os que dormiam foram acordadados. Claudemiro, fotógrafo da **Última Hora** guardou as pedras do jôgo de damas, enquanto Ribas, repórter do **Diário da Noite** e **Pula-Pula** da **Última Hora** calçavam suas botas, um comentando para o outro:

— Hoje é dia de amassar barro.

Dez minutos depois não havia mais ninguém na sala de imprensa. Eduardo e seu fotógrafo, Marcos, foram para a parte da frente do prédio, onde ficam as salas do delegado e do investigador de plantão, uma de cada lado do corredor de entrada.

A Central de Polícia está instalada num prédio antigo, feio e sujo, que pertenceu ao brigadeiro Tobias de Aguiar, marido da marquesa de Santos. O edifício, hoje, é da Companhia de Gás, e o Estado paga por sua utilização, 620 cruzeiros mensais de aluguel. Contando as instalações do Pronto-Socorro, da Delegacia Auxiliar, garagem e o pôsto da Divisão de Diversões Públicas da Guarda Civil, o prédio da Central ocupa mais de mil metros quadrados.

O lugar onde funciona o Plantão Policial tem 15 metros de frente por 20 de comprimento. Um corredor transversal divide-o em duas metades: de um lado a sala do delegado, o cartório e a sala de imprensa; do outro, o **chiqueirinho,** o pôsto da Polícia Feminina e a sala da chefia da Guarda Civil na Central.

As duas salas da frente têm o mesmo formato: são quadradas com cinco metros de lado. Quase não há móveis no chiqueirinho. Apenas uma mesa, num dos cantos e dois bancos de madeira. Nas paredes nuas, um cartaz de papelão, decorado, onde ainda se consegue ler a inscrição: "Se malandro fôsse esperto, seria honesto só de malandragem".

Eduardo chegou ao chiqueirinho quando os policiais conduziam um mulato descalço, as roupas esfarrapadas, até um dos bancos. Sentado, êle mostrou um sorriso frio na bôca sem dentes. Devia ter uns 35 anos e era forte. Mas Eduardo viu sòmente seus olhos, ou o que deveriam ser seus olhos. Duas enormes bôlsas roxas cobriam-lhe a vista. O rosto todo estava inchado e tinha um tom violáceo. Os braços e as pernas cheios de manchas. A cabeça balançava sem destino. Só o sorriso continuava imóvel em seus lábios. Falava com voz rouca, incompreensível. Sentara-se ao lado de **Coca-Cola,** o maior freqüentador da Central, antigo carcereiro e hoje bêbado de profissão. Assim que o homem ferido acabou de sentar **Coca-Cola** sacudiu a bengala com a qual ajuda sua perna de pau a firmar-se enquanto anda:

— Nunca vi prêto com cara de chinês. Chega pra lá, safado.

O riso percorreu tôda a sala e Eduardo sorriu junto com os guardas, o investigador e os outros presos que se encontravam ali. **Coca-Cola** então se inflamou e começou a maltratar o ferido, que ria sem saber porque:

— Trouxa. Entrou numa biaba brava, hem? É pra aprender.

Bellucci, o investigador de plantão, aproximou-se:

SEGUE

Coca-Cola não gostou do homem que sentou quase em cima dêle. O cego expulso de casa continuava dormindo no banco do chiqueirinho.

EM CADA SONHO DE CRIANÇA UM BRINQUEDO ESTRELA

Antônio, o cego, só queria arranjar emprêgo

— Cala a bôca **Coca-Cola.** Vê se não perturba.
E virando-se para o homem ferido:
— Como é seu nome?
— Não enche.
— Diga como é o seu nome pra poder te mandar a um hospital.
— Vocês são todos uns carrascos!
Bellucci parou, quase perdendo a paciência, enquanto **Coca-Cola** emendava:
— Não se faz de bôbo, ó cara. Fala logo antes de entrar na bordoada.
Na porta, um dos guardas-civis aconselhou:
— Vamos dar uma sessão de pau nêle que êle fica bom logo, logo.
Mais risadas e Bellucci voltou à carga. Alguns minutos depois tinha o nome do homem: Gilberto de Jesus. Não trazia documentos, nem dinheiro, nenhum objeto. Suas mãos eram de trabalhador e mencionou algumas vêzes Ferraz de Vasconcelos, subúrbio da Central do Brasil. Nada dizia, porém, sôbre seus ferimentos. Eduardo perguntou ao delegado, na outra sala, o que estava acontecendo. O dr. Olinto Dennard respondeu preocupado:
— Êsse pobre coitado chegou aqui às 10 horas e não pôde ser atendido no Pronto-Socorro, pois os médicos suspeitam de fratura no crânio. Uma ambulância levou-o ao Hospital Municipal mas êles recusaram-se a atendê-lo alegando falta de vaga. Agora estou esperando para saber o nome dêle e enviá-lo com um ofício meu ao Hospital das Clínicas. Se não o atenderem lá, lasco um processo em cima dos médicos por omissão de socorros.
— Êle já deu o nome ao investigador, doutor.
— Então vou fazer o ofício. Quer me chamar o Bellucci, por favor?
Enquanto o delegado mandava o escrivão preparar o ofício, um guarda-civil fazia um cego entrar na sala do investigador. Mal vestido, mas limpo, êle sentou-se no banco. Ficou parado alguns minutos e depois levantou-se. Um guarda interrogou-o:
— O que é que você quer, velho?
— Queria trabalhar.
— Fala ali com aquêle môço. Venha cá. Bellucci êsse cara é cego e diz que quer trabalhar.
— Leva pro delegado.

O guarda encaminhou-o à sala do delegado, que conversava com Eduardo.
O repórter estava debruçado no cercado que isola a mesa da autoridade — colocada ainda sôbre um tablado — do resto da sala.
— Doutor, êsse cego diz que quer trabalhar.
— E isso aqui é agência de empregos? De onde você vem meu filho?
— De Itapetininga.
— Qual é o seu nome?
— Antônio Vieira.
— O que você fazia lá?
— Morava com meus irmãos, mas êles se encheram e iam me internar num asilo. Então pedi pra um amigo me botar no ônibus e vim pra São Paulo procurar emprêgo.
— O que você sabe fazer?
— Sou bom de trabalhos manuais.
— O Instituto Padre Chico abre de noite, Eduardo?
— Não doutor, só durante o dia.
— Então faz uma coisa, ó Antônio. Fica lá naquela sala, dorme ali e de manhã mando levá-lo até o Padre Chico. Tá bom?
— Muito obrigado, doutor.
O cego afastou-se levado pelo guarda e o delegado comentou com Eduardo:
— Veja se tem cabimento. Isto aqui virou serviço de assistência social, manicômio, albergue, tudo. A gente tem de resolver o que aparece se não êsses coitados ficam por aí.
— Mas, doutor, o que é então a Central de Polícia?
— É um pronto-socorro policial. Aqui nós tomamos as providências de urgência. Se alguém tem uma queixa a fazer contra alguém, se sofreu algum dano, vem correndo aqui onde encontra a proteção e o amparo da lei. E o Estado traz para cá os que estiverem perturbando a ordem e o sossêgo públicos para depois resolver o que fazer com êles com mais tranqüilidade. Somos um pronto-socorro policial mas temos de resolver casos de loucura, miséria, o que aparecer.
Eduardo voltou para o chiqueirinho quando **Coca-Cola** desaprovando a atenção que os guardas estavam dando ao homem ferido, resmungava:
— Polícia que é amigo de prêso é achacador ou sem-vergonha. Nunca fui amigo de prêso, nos meus 20 anos de Polícia.
Eram duas horas da madrugada quando a atenção de todos foi despertada pelo grito de um guarda na porta da Central:
— Vem vindo um ferido no carro da **Fôlha.** Deve ser um colega seu.
Eduardo correu junto com seu fotógrafo para o Pronto-Socorro. Não era ninguém do jornal e o motorista da **Fôlha** explicava aos guardas enquanto o enfermeiro retirava o ferido do carro:
— Um ônibus bateu no carro dêle e êle desmaiou. Iamos passando. Foi na praça João Mendes.
Enquanto era retirado do carro, o ferido protestou:
— Ei, mais devagar. Vocês estão me machucando. Deixa que eu vou a pé. Me solta!
Foi andando amparado pelo enfermeiro e, meio atordoado, recebeu um conselho de um guarda:
— Esconde êsse revólver senão dá bronca. Quer que eu guarde? Não? Então fecha o paletó. Isso. Agora vem me dizer seu nome.
— Espera aí. Onde é que eu estou? O que aconteceu?
— Um ônibus bateu no seu carro e você está no Pronto-Socorro da Central. Dói alguma coisa?
— Não. O meu carro, estragou muito?
— Não. Como é seu nome?
— Mauro Ramos. Não estragou o carro?
— Não. A sua idade?
— Não sei. Esqueci. Deixa ver. Estragou muito o carro?
— Não. Qual é sua idade?
— Hum... 27 anos. E o carro, onde está? Estragou muito?
— Está parado lá na praça. Só amassou o pára-lama. Onde você mora?
— O carro não é meu. Sou empregado. Não estragou muito não? Moro na rua Edgard de Souza... Esqueci o número. Deixa lembrar. Já sei: 865.
— Está bem. Entra lá pra ser examinado, descansar, depois você vai prestar depoimentos na sindicância. Tá legal?
Eduardo voltou à sala do delegado. Encontrou um grupo colado à cêrca do delegado e outras pessoas mais atrás, escoltadas por guardas-civis. Quem falava era um motorista de praça, Odacir Arantes. Êle apontava para um jovem, moreno e magro, cabelo comprido e rosto cínico, ao lado de outro rapaz de camisa vermelha, cabelos oxigenados e a perna engessada. O motorista era veemente:
— Êsse môço vinha na minha frente com seu Volks, doutor, e não queria me deixar passar. Quando consegui passar, parei para tomar café na Conselheiro Furtado, êle veio e parou atrás de mim no bar. Eu desci e quando encostei no balcão um amigo dêle quebrou um copo e avançou em cima de mim.

SEGUE

A sala de imprensa. Na hora do cansaço, a mesa vira cama. Mas há sempre um acordado.

Feliz Natal
e feliz dia seguinte
também...

Ora, é festa...
Vale a pena gastar
um pouco mais.
O dia seguinte
compensa a diferença.

OLD EIGHT
produzido e engarrafado
por Drury's s.a. para
Fabrizio Fasano Ltda.
Rua Maestro Elias Lôbo, 987
Fone: 8-7521 - São Paulo

Nélson, o amante, era um grande vigarista

Então eu fui para o carro e peguei minha chave de roda. Aí êle me pegou por trás e me arrancou a chave das mãos. Correu atrás de mim quase 200 metros. Graças a Deus que chegou o guarda.

— E você rapaz, o que diz?

— Com licença doutor. Meu nome é Carlos Luís Bernardes e sou repórter da revista **O Corujão.** Sou uma pessoa responsável.

— Você é jornalista?

— Não, doutor. Repórter.

— Está certo. Conte sua história.

— Eu parei no bar da Conselheiro Furtado para tomar um café. Estava com êsse meu amigo. Êle não pode nem andar com a perna quebrada. De repente vi uma briga e êsse môço com uma chave de rodas na mão. Como não gosto de brigas tirei a chave da mão dêle para não haver nada de mais grave. Aí veio o guarda e me prendeu. Eu não fiz nada doutor. Sou repórter, uma pessoa responsável.

O delegado tocou a campainha chamando um dos escrivães e deu-lhe instruções sem olhar mais para os presos:

— Faça um boletim de ocorrências do caso e depois deixe êsse moreno magro tomar um chá de banco até as oito da manhã. Os outros estão dispensados depois de prestar declarações. Venha o seguinte...

— Com licença doutor? Guarda-civil Sílvio encarregado da RP-3. O guarda aqui ao meu lado, Antônio Delgado Marques, entrou num bar da rua Nestor Pestana, pediu documentos a êste rapaz e foi destratado. Pediu auxílio à RP e nós trouxemos todo mundo pra cá.

— O que é que houve rapaz?

O rapaz, Sérgio de Almeida, 21 anos de idade, bem vestido, estava emocionado. Engoliu em sêco algumas vêzes e depois começou a falar tìmidamente:

— Bem, doutor. Eu estava sentado num bar tomando um aperitivo com minha namorada quando êsse guarda chegou e me pediu documentos. Dei-lhe os meus e depois êle pediu os de minha namorada. Até aí nada de mais. Mas ao se dirigir a ela êle disse: "Seus documentos, nenê". Ora, doutor. Eu acho que não se deve tratar uma jovem assim e foi o que disse ao guarda. Êle ficou nervoso e chamou a RP dizendo que ia me trazer até aqui.

— É assim mesmo a vida meu filho. Se você estivesse dormindo ao invés de ficar aí bancando o curiango da madrugada, não teria acontecido nada. Quem fica na rua até essa hora não está querendo terminar a noite no céu; e o inferno é aqui. Vão lá dentro falar com o escrivão e depois eu resolvo. Guarda, mande o escrivão fazer um boletim de ocorrências.

Êle era ladrão, mas se defendia: "Nunca roubei. Trabalho numa fábrica de macarrão."

Logo em seguida, entrou um rapaz gordo e alto. Falava com a voz impostada e fêz mil mesuras antes de se dirigir ao delegado:

— Perdoe-me incomodá-lo, doutor. Não quero perturbá-lo, mas eu sou Carlos Alberto, locutor da Rádio Difusora de São Paulo e vim pedir-lhe para sublevar a falta de meu amigo Sérgio de Almeida, pois êle não desejava desrespeitar ninguém. Eu o conheço e posso dar testemunho de fiança por êle. O senhor, por favor, não poderia sublevar o fato?

— Está certo. O escrivão vai apenas registrar o fato e depois você pode levá-lo. Mas para casa, entendeu?

Sem dar tempo ao delegado para respirar, uma senhora adiantou-se acompanhada por dois rapazes. Gaúcha, ela falava com desenvoltura:

— Moro com Nélson há 18 anos. Vivemos maritalmente e existe uma lei que diz: "depois de dez anos o homem é obrigado a dar uma pensão à mulher ". Êle é um vigarista, doutor. Não trabalha, vive na minha casa e agora arranjou uma amante e quer trazê-la para casa. Não quero mais viver com êle, mas uma pensão êle tem que me dar por todos os anos que agüentei. Hoje êle resolveu me botar pra fora de casa. Eu, meu filho e o amiguinho dêle aqui. Sou mulher honesta doutor, mas não posso agüentar isso. Êle tem roupa passada, comida bem feita, todo dia. É só pedir eu estou perto. Eu não agüento mais doutor. Vou me separar dêle antes que êle venda minha casa. Êle tem uma arapuca, sabe. Um negócio de imobiliária. Minha casa vale 80 milhões e não vou dar de mão beijada a ninguém.

— Está certo minha senhora. Vá lá dentro com o escrivão e nós vamos registrar a ocorrência.

Enquanto a mulher se retirava em companhia do escrivão, o delegado aproveitou para fazer um convite.

— Vamos tomar um café?

Já eram quase quatro horas quando voltaram da cantina que fica no fundo do bloco onde está instalado o Pronto-Socorro. No corredor, defronte à sala da Polícia Feminina, encontraram o cego Antônio Vieira. O delegado perguntou:

— Onde você vai?

— Eu queria ir lá fora tomar um pouco de sol, doutor. Está muito frio aqui. Onde é a saída? O senhor me mostra, por favor?

— Que sol que nada rapaz. São quatro horas da madrugada e está chovendo. Volte lá pra sala e espere até amanhã pra poder arranjar emprêgo. Vai, cara, e deixa de aborrecer.

De volta à sua sala, o delegado encontrou o encarregado da RP que fôra levar Jesus, o homem de olhos inchados e cheio de ferimentos, até o Hospital das Clínicas. Êle tinha o ofício do delegado nas mãos:

— Não aceitaram, doutor. O médico de plantão lá no HC diz que internamento só durante o dia e que êle não poderia se responsabilizar pelo ferido. Mandou voltar amanhã cedo com o ofício.

— Está bem. Deixa o Jesus descansando lá na sala, que êle já foi muitas vêzes de Herodes a Pilatos.

Eduardo foi olhar como estava Jesus e encontrou-o sem a camisa, andando às cegas pela sala, enquanto os guardas, o investigador e os presos riam sem parar. Bellucci, o investigador, chamou Eduardo:

— Veja isso. Êles deram uma receita para êsse coitado. Leia e veja se não é pra achar graça.

E Eduardo leu: "Compressas de água fria três vêzes ao dia, durante 15 minutos; colírio de clorefenicol, três gôtas, seis vêzes ao dia".

Bellucci riu:

SEGUE

a moda neste Natal é a SINGER 660

Ponto de Ouro

E como é gostoso e fácil criar moda com Singer!

Não pretendemos que V. faça concorrência a Pierre Cardin, ou a Courréges.

Mas, já se imaginou fazendo vestidos num mundo maravilhoso, só seu, de côres, beleza, "op-art", Mondrian e outros estilos? Quem sabe num estilo também só seu? Revelando sua personalidade.

Com a Singer Ponto de Ouro isso é mais fácil. E gostoso.

O ponto da Singer é firme, perfeito. A tensão da linha regula-se automàticamente para o tecido que você quer costurar (não é formidável?).

E V. pode escolher a sua Singer nas côres branco-pérola, prêto-ônix, bege-topázio. E ainda em 10 lindos móveis. Percebeu agora por que dizemos que a moda neste Natal é a Singer 660 Ponto de Ouro?

GABINETE COPENHAGUE

GABINETE-456

MEIO-GABINETE-404

GABINETE DE LUXO-371

GABINETE-451

MODÊLO PORTÁTIL-297

Aristóteles, o louco, queria matar a irmã

— No mínimo êles estavam querendo que eu comprasse o colírio e fizesse as compressas. Muito engraçados êsses médicos.

Eduardo ia saindo do Chiqueirinho quando Helly, **Cascolac** e Ribas vinham entrando:

— Se você visse o lugar onde fomos parar, na tal de Vila Diva. Atravessamos um córrego, andamos no barro uns 15 minutos a pé e depois, para voltar, tivemos que tomar um ônibus. No fim, o guarda-civil já tinha matado a égua, mas deu pra fazer fotos da casa do operário e de seus filhos feridos.

Helly falava enquanto se dirigia à sala de imprensa, seguido de Ribas **Cascolac** e **Pula-Pula** que iam batendo os pés para tirar o barro das botas. Logo a seguir quase todos perguntaram ao mesmo tempo:

— Deu alguma coisa aqui, Eduardo?

— Não. Nada importante. Só uns casinhos.

Eduardo voltou ao chiqueirinho. A sala estava silenciosa. O cego, Jesus e o rapaz moreno, repórter do **Corujão,** estavam dormindo ao lado de **Coca-Cola.** Bellucci tinha saído com dois guardas-civis para tomar café. Na outra sala, o delegado conversava com alguns escrivães. Eduardo aproveitou a tranqüilidade:

— Doutor, como o senhor virou delegado?

— A entrevista é comigo agora? Vamos lá, então. Sou do interior e vim estudar Direito em São Paulo, na Faculdade de São Francisco. Formado, precisava arranjar emprêgo e fiz o primeiro concurso que apareceu. Era de delegado. Fui aprovado, gostei da profissão e estou aqui até agora.

— É bom ser delegado, doutor?

— Não me queixo. Estou na profissão há 11 anos, oito dos quais passei no interior do Estado. Apesar das promoções serem feitas na base de política, com a reestruturação que saiu recentemente a coisa vai melhorar. Acho que minha promoção vem agora. Mas o salário, 500 mil cruzeiros — sou da 5.ª classe — é pouco.

Eduardo começava a sentir cansaço nas pernas. Sentou numa das duas poltronas da sala do delegado e fechou os olhos. Quando acordou não havia mais ninguém. Saiu e informaram-no que o delegado havia ido tirar uma soneca na sala dos escrivães. Eram seis horas quando uma senhora magrinha, nervosa e tresnoitada entrou no Plantão pedindo para falar com o delegado. Um guarda foi acordá-lo, embora sabendo que o caso era insolúvel. Mas a mulher insistia para falar ao delegado e pouco depois o dr. Olintho Dennard aparecia, esfregando os olhos e arrumando a gravata:

— O que é que há?

— É meu irmão Aristóteles, doutor. Êle é louco e precisa ser internado no hospício do IAPI em Itapira. O carro veio buscá-lo, hoje, mas êle fugiu e só voltou quando êles já tinham ido embora. Quebrou tudo lá em casa. Pedi a êsse guarda para me ajudar, êles o amarraram e agora êle está lá fora. Eu queria pedir ao senhor para deixá-lo prêso aqui, enquanto eu vou buscar meu outro irmão e alugar um táxi para levá-lo a Itapira.

— Mas aqui não tenho xadrez para loucos, dona. Se eu colocá-lo lá embaixo e êle ficar se batendo e se machucar, quem responde a processo sou eu. A senhora já foi ao Instituto dos Psicopatas?

— Já, mas êles sòmente atendem às oito horas. Meu irmão descobriu que eu é que ia internã-lo e está com raiva de mim agora. Não posso levá-lo para casa. O que eu faço, doutor?

— Não sei, dona. Eu não posso dar nenhuma solução.

O guarda-civil que ajudara a mulher interveio:

— Escuta, dona. Nós podemos ir com a senhora acordar seu outro irmão e enquanto vocês arranjam um táxi nós tomamos conta dêle. Depois a senhora combina com o motorista. Se êle quiser levar o louco para Itapira, está tudo resolvido. Vamos experimentar?

A mulher concordou e os dois saíram. Às sete horas o dr. Dennard estava pronto para abandonar o plantão. Os guardas, o investigador, os escrivães e todo o pessoal que trabalhava de madrugada também. Às 7h10 chegou o nôvo delegado, dr. Afonso Fontes. Bellucci já fôra substituído por Police, o novo investigador de plantão. Com êle entraram novos guardas, escrivães e controlador. A Central estava de roupa nova.

Normalmente, trabalham na Central de Polícia um delegado, dois escrivães, um investigador, um controlador (trabalha no telex); sete guarda-civis, um classe distinta, um subinspetor, um motorista, um carcereiro e um servente. Conforme o movimento, podem ser requisitados mais escrivães, guardas e carcereiros. Funcionam cinco equipes, em rodízio: uma começa a trabalhar às sete horas, vai até as 13, depois descansa 24 horas. Volta às 13 e vai até as 20, descansando mais 24 horas. Volta às 20 e vai até às sete do dia seguinte, descansando depois 48 horas.

Um investigador ganha, em média, 250 mil cruzeiros por mês, um escrivão 350 e o delegado de 5.ª classe, 500. O subinspetor da Guarda Civil 380 mil, um Classe Distinta 250, um guarda de 1.ª Classe 230. O controlador e o carcereiro ganham como um investigador (250 mil) e o motorista 110 mil cruzeiros.

SEGUE

O motorista foi levado ao pronto-socorro. E só pensava no carro: "O que aconteceu com êle? Preciso muito saber. O carro não é meu.

nesse vai-e-vem o transporte é

VIAÇÃO COMETA

Belo Horizonte
Rio de Janeiro
Curitiba
Águas da Prata
Aparecida
Araraquara
Campinas
Catanduva
Franca
Guaratinguetá
Itapetininga
Juiz de Fora
Lorena
Mogi Guaçú
Mogi Mirim
Piraçununga
Poços de Caldas
Pôrto Ferreira
Ribeirão Prêto
São Carlos
Jundiaí
Leme
Araras
Batatais
Santos
S. J. da Boa Vista
S. J. do Rio Prêto
São Roque
São Vicente
Sorocaba
Três Rios

Ricardo, o farrista, acabou batendo na mulher

Das 7h10 até as 8h30, o delegado Fontes e o investigador Police ficaram lendo os jornais e conversando. A Central de Polícia parecia ainda não ter acordado. Às 8h30 apareceu um grupo de cinco homens presos no bilhar-barbearia Maravilhoso, na esquina das avenidas São João com Ipiranga. Em poucas palavras, o encarregado da RP que os prendeu descreveu o caso:

— Arranjaram um bate-fundo lá no bilhar. Alguns estão bêbados e trouxemos todos para cá. Posso ir?

Police, o investigador, tomou nota do número do guarda, da RP e dispensou-o. Depois começou a interrogar os recém-chegados. Estavam todos sentados no banco. De lápis e papel em punho, foi anotando: Benedito Ventura da Cruz, cozinheiro; Mário Novais, escrevente de cartório em Sorocaba; Sebastião Cruz, pedreiro aposentado; José Oliveira, biscateiro; Mário Silva, egresso da Penitenciária, onde cumpriu pena por apropriação indébita.

O que mais protestava era Benedito Ventura, o cozinheiro. Eduardo, que acabara de despedir-se dos colegas de plantão na sala de imprensa, entrou na sala quando êle dizia:

— Eu não fiz nada. Não sei de nada. Passei a noite tôda trabalhando na cozinha e agora vocês vêm com uma onda dessas? Me deixa ir embora.

— Fica quietinho rapaz, senão você acaba entrando bem. Não me deixa perder a paciência.

Police cumprimentou Eduardo com seu jeitão italianado e chamou o escrevente de Sorocaba:

— Como foi isso, rapaz?

— Não sei como aconteceu. Saí cedo do hotel e fui fazer a barba lá no salão de bilhar. Estava esperando minha vez quando me agarraram e trouxeram aqui.

Mostrou os documentos, respondeu algumas perguntas de Police, enquanto o cozinheiro continuava a reclamar. O investigador mandou o escrevente sentar enquanto chamava Mário Silva. Com cara de chôro, êle foi logo dizendo:

— Saí ontem da prisão. Estava fazendo hora porque estou sem dinheiro para ir até em casa e hoje é dia de começar a trabalhar no consultório de um médico como atendente. Se eu entrar vai começar tudo de nôvo. Por favor, eu não estava fazendo nada. Me solta!

— Não dá meu caro. Você fica lá embaixo até uma hora e depois sai. Se eu te soltar os outros vão reclamar. Você tem alguma coisa nos bolsos? Dá tudo aqui.

— Só tenho o relógio.

— Senta lá e espera. O seguinte.! Você aí, negrão!

Um prêto velho, alto, forte, de chapéu, levantou-se:

— Você trabalha?

— Sou pedreiro.

— Mostra a mão.

— Pedreiro com a mão lisa dêsse jeito? Há quanto tempo você não trabalha?

— Estou aposentado agora. Mas faço alguns biscates de vez em quando.

— Está bem. Bota tudo o que tiver no bôlso aí em cima. O seguinte!

Era o cozinheiro:

— Eu não fiz nada. O senhor vai ou não vai me soltar?

— Vem cá. Deixa tudo o que tiver no bôlso. Isso. Guarda! Desce com êsse cara. Já está enchendo aqui. Espera. Leva os outros também.

Alguns minutos depois, Eduardo — que estava na sala do delegado — viu passar os cinco homens da desordem do bilhar. Na volta, o guarda veio com outros cinco presos, que haviam passado a noite na prisão. Foram colocados em fila na frente do investigador Police que retirou várias sacolas numeradas de sua mesa. Cada uma correspondia a um dos presos e dentro estavam os valôres e dinheiro deixados na noite anterior. Foi devolvendo as coisas e fazendo cada um assinar um recibo. E êles iam saindo apressadamente da Central. Os que tinham ficado na sala, tomando o que os policiais chamam de chá de banco já haviam sido soltos às sete da manhã, quando a equipe fôra substituída.

Neste corredor acontece o mais estranho desfile, que dura, todos os dias, 24 horas.

Às 9,30 entraram na Central, brigando, Ricardo Ribeiro da Silva e Odete Batista dos Santos. Ela xingava e se lamentava:

— Prêto sarará. Vagabundo. Não dou sorte com patrício. Você tem é de morrer, desgraçado.

Ricardo, baiano, 28 anos, casado, disse ao investigador de plantão, enquanto se protegia com o braço de um possível ataque de Odete, que voltara de Santos no dia anterior, onde fôra trabalhar como pedreiro.

— O senhor vê, doutor. Estava com um dinheirinho no bôlso e resolvi fazer uma farra. No Bom Retiro encontrei essa mulher e saí com ela. A primeira vez dei mil cruzeiros e na segunda, além de mil ela ainda me roubou quinhentos. Depois começou a fazer onda, xingando as mocinhas que passavam para ir trabalhar. Aí eu me bronqueei, briguei com ela e a Polícia chegou.

— Não é nada disso, Êsse cara é um vigarista, doutor. Tenho de ir ao médico. Vocês não podem me prender.

Os dois, bêbados, estavam sujos e maltrapilhos. Police mandou levá-los para o xadrez. Enquanto êles iam saindo, acompanhados por um guarda-civil, entrou o dono do bar Tangará, um português jovem e forte, de avental e em mangas de camisa, ao lado de um senhor bem vestido, terno e gravata, o rosto assustado. O guarda pediu ao português que fizesse sua queixa ao investigador.

— Êsse cara aí disse que era fiscal da Fazenda e tentou me levar 60 mil cruzeiros. Até assinou um dos meus talões e garantiu que iria examinar os livros. Se fôsse um mais trouxa que eu caía no conto. É um vigarista.

— O que você tem a dizer?

— Meu nome é Geraldo Mogelin Durant e fui oficial de gabinete da Reitoria. Sou débil mental, aqui estão os documentos. É mentira dêle. Eu apenas pedi-lhe seis mil cruzeiros emprestados e êle veio com essa história de extorquir. Essa assinatura aí não é minha não.

— Seu atestado é de 1964 e aqui diz que você foi oficial de gabinete em 1965. Então não era mais louco. Vai todo mundo falar com o delegado.

Eduardo foi com Police, o português e o vigarista para a outra sala. O delegado fêz só uma pergunta:

— O senhor conhecia o dono do bar?

— Não.

— Então como foi pedir dinheiro emprestado? Escrivão! Faça um boletim de ocorrência e depois dê um chá de banco nesse cara.

Pouco depois do meio-dia, um homem de meia idade acompanhado de um rapaz era levado por um guarda à presença do delegado, que conversava com Eduardo sôbre a situação política:

— Com licença, doutor? Êste homem quer dar queixa contra êste rapaz.

— Pode falar.

— O môço aqui namora minha filha há dois anos. Ontem êle tirou ela de casa e sumiu. Hoje fui buscá-lo no emprêgo. SEGUE

Herman, o suíço, atirou-se do quinto andar

— Quantos anos tem sua filha?
— Treze, doutor.
— Como é que foi isso rapaz ? Como é seu nome?
— Vicente da Silva. Namoro com a filha dêste senhor há dois anos. Êle não diz nada, mas a mãe dela, tôda noite, depois que eu saía, batia nela. Por isso nós combinamos fugir e ontem ela dormiu lá em casa.
— Você mexeu com ela?
— Sim, mas quero casar.
— Eu não quero mais essa filha desonrada lá em casa.
— Esperem aí. Vamos com calma. Ela não pode casar. Ainda é menor. Mas quem resolve isso é o juiz. Por enquanto vamos fazer um boletim de ocorrência e o senhor, se o rapaz não quiser casar, pode processá-lo.
— Eu gosto dêle, doutor. É bom rapaz, trabalhador. Eu estava só esperando a menina crescer mais um pouco para êles poderem casar. Agora estragou tudo.
— Entrem lá e contem essa história ao escrivão. Depois, guarda, leve os dois até o Juizado de Menores e apresente o caso lá, para eles irem buscar a menina na casa do môço.

Eduardo saiu com os dois, assistiu ao depoimento e depois foi tomar um café e comer um sanduíche. Quando voltou, o plantão já havia mudado novamente. O investigador agora era **Gaguinho** e o delegado Raul Novaes Souza Campos. O primeiro caso, às 13h30, foi o de Nélson Lucas Soares. Tinha agredido a sogra e a mulher com um martelo, porque a espôsa resolvera separar-se dêle. A sogra, uma velha gorda, com uma trança caindo às costas, sentou-se defronte ao escrivão e contou o caso:

— Pois é, doutor. Eu moro no Brás e todo mundo me conhece. Meu genro não presta mesmo. Há muitos anos que inferniza a vida de minha filha. Ontem eu falei pra ela vir morar comigo e largar dêle. Ela fêz isso e hoje de manhã, umas 11 e meia, êle entrou em casa não sei como. Quando percebemos êle tinha ido ao banheiro buscar um martelo e começou a dar martelada em mim e nela. Era só estrêla que eu via quando recebi a primeira martelada. Comecei a gritar e quando acordei êle já tinha fugido. Minha filha foi parar no Hospital das Clínicas.

Agora eram dois homens que estavam diante do delegado.

— Embriaguez e desordem — disse o guarda.
— Manda descer e ficar em cana até amanhã — sentenciou o delegado sem levantar os olhos do jornal que estava lendo.

Os dois foram levados para a sala do investigador de plantão para a arrecadação de valôres. Enquanto esperavam a chegada do carcereiro, o mais môço começou a chorar. De repente teve um ataque de histeria e se debatia:

— Eu nunca fui prêso. Pelo amor de Deus, me deixa ir embora.

O outro, mais bêbado, procurava consolá-lo.

— Fica bonzinho, bichinho. É só uma noite lá embaixo e amanhã nós estamos prontos pra outra. Pára de chorar que isso é negócio de mulher.

Quando Eduardo perguntou ao senhor bem vestido que acabava de entrar — seguido por dois homens nervosos — qual era o seu nome, recebeu uma resposta irritada:

— É pra jornal. Não quero isso não.

O caso, que êle contou ao delegado em poucas palavras, era o seguinte:

— Moro numa rua em que tôda sexta-feira tem feira. Hoje, quando ia chegando em casa, êsses senhores, que recolhem as barracas dos feirantes que não têm caminhão, estavam retirando os caixotes do meio da rua. Eu queria passar com meu carro, os caixotes não deixavam. Buzinei e êles tiraram tudo da frente, mas quando passei me xingaram e ainda por cima atiraram um caixote no pára-lama do carro.

— Amassou muito?
— Não, só um pouco.
— Guarda, manda descer êsses dois.
— Mas doutor...
— Não tem nem mais nem menos. Desce.

Eduardo foi ouvir a história dos dois e suas queixas. Quem falou foi Ademar Rodrigues dos Santos:

— Êle forçou a passagem e derrubou uns caixotes que caíram no carro e riscaram o pára-lama. Agora como é que vai ser? As barracas de todos os nossos fregueses vão ficar ali na rua. E minha família que não sabe de nada? O que é que nós vamos fazer?

Jarbas Barros Galvão, o senhor bem vestido, satisfeito com a solução dada ao caso, agradeceu ao delegado, disse que era funcionário público e foi-se embora. Os dois desceram para o xadrez. Nem bem êles saíam, entravam um guarda, um motorista de praça, um pracista e uma môça. O guarda foi o primeiro a falar:

— Êsse môço estava no táxi dêsse outro aqui, dirigindo palavras de baixo calão àquela môça.
— Pode falar môça — interrompeu o delegado.
— É isso mesmo doutor. Eu sou repórter da revista **São Paulo na TV** e dirigia o meu carro na rua 24 de Maio. Êsse cafajeste começou a me fazer gracinhas e convites imorais. E o motorista não tomou nenhuma providência: Então eu chamei a Polícia:
— E você, cara! O que é que você faz na vida?
— Hoje é sexta-feira, doutor. Eu vendo extintores de incêndio. Tomei umas e outras a mais e, o senhor sabe, desandei.
— Está muito bem. Hoje você vai apagar o fogo sem extintor. Bota em cana até amanhã, seu guarda.

Depois que êles saíram, o delegado comentou com Eduardo:

— Ainda se a mulher fôsse bonita...

Eduardo deu um pulo até a sala do investigador de plantão e lá encontrou um môço moreno, magrinho, roupas justas e muito coloridas, rebolando enquanto falava:

— Eu trabalho numa fábrica de macarrão. Não tenho nada a ver com isso não. O senhor tenente aí não viu nada. Vieram dizer pra êle que roubei a bôlsa dessa senhora. Mas eu estava calminho, calminho, no meu canto. É intriga daquela turma da praça. Me deixa sair, por favor.
— Baixa a calça rapaz. Tá aí. Já vem de calção por baixo. Tá acostumado a puxar cana, né? Fica quieto enquanto mando perguntar no DI se não estão te querendo.

O investigador foi até a sala do controlador e pediu que localizasse o prontuário do môço — Reinaldo Gonçalves, 28 anos, solteiro e procurasse saber se alguma das delegacias especializadas do Departamento de Investigações estava à sua procura. Meia hora depois chegou a resposta:

— Procurado pela Delegacia de Roubos.

Reinaldo foi autuado em flagrante e enviado para o DI.

O plantão do dr. Raul Novaes Souza Campos estava até calmo naquêle dia. Pequenos acidentes de trânsito, muita bebedeira, arruaça, mas nada de mais importante. De repente, um telefonema e o guarda chama o delegado:

— Doutor, é o delegado Lacase da Delegacia de Costumes. Quer falar com o senhor.

Depois de desligar o telefone, o delegado virase para Eduardo:

— Tem um suicídio no Paraíso. Um homem se atirou do quinto andar. Quer vir? Eu vou até o local.
— Quero sim, doutor. Só que estou sem condução. Posso ir com vocês?
— Infelizmente não dá.
— Então arranjo um táxi. Vou chamar meu fotógrafo e já vamos.

Chegaram ao local do suicídio às dezenove horas. Lá encontraram quatro investigadores da Delegacia de Costumes. No fundo de um prédio de sete andares, o corpo de Herman Walter, um suíço. O dr. Raul Novaes não permitiu a entrada de ninguém no apartamento do suicida antes da chegada do delegado do DOPS. Enquanto isso, Marcos, fotógrafo de Eduardo, emprestava seu **flash** eletrônico para os peritos da Polícia Técnica fazerem fotografias do cadáver. Quando chegou o delegado do DOPS, todos subiram até o quinto andar, onde vivia o suíço. Mas foi impedida a entrada da imprensa. Pela porta entreaberta, Eduardo viu os peritos da Polícia Técnica examinando filmes, livros, gravadores. Um dos investigadores da Delegacia de Costumes achou uma lata cheia de maconha. Logo em seguida foi encontrado um estojo contendo agulhas hipodérmicas e barbitúricos. Estava tudo muito confuso para os repórteres até que um dos investigadores esclareceu alguma coisa:

— Estavamos aqui fazendo diligências para arrecadar material que comprovasse que êsse homem estava envolvido em corrupção de menores. E, sem querer, descobrimos vários livros, filmes e documentos sôbre economia e política brasileiras. Resolvemos chamar o delegado do DOPS. Êle chegou, interrogou o suíço e apreendeu alguns documentos. Quando já íamos saindo, o suíço pediu para fazer a barba. Deixamos. Dois minutos depois ouvimos um baque surdo. Êle se atirara pela janela.

Depois de se lacrar a porta do apartamento e pedir ao delegado do DOPS que assinasse um inquérito junto com êle, o delegado Raul Novaes Souza Campos voltou à Central e dessa vez deu carona a Eduardo e seu fotógrafo. No carro, comentou:

— Não entro nessa, não. Cinco investigadores, um escrivão e o homem acaba se matando? Você viu como êles acharam a maconha e os barbitúricos logo que entramos no apartamento? Não tinham achado nada antes? Não entro nessa não.
— Mas doutor, quem é êsse Herman Walter?
— Era diretor de um colégio e os pais o acusaram de corromper os alunos. Agora nada ficará esclarecido. Morreu e a morte acaba com tudo.

Na Central de Polícia encontraram tudo calmo. Às 20 horas mudou novamente o plantão. O delegado agora era o doutor Reinaldo Pereira, conhecido por todos os repórteres de plantão na Central de Polícia como conhecedor profundo de criminosos e processos. Eduardo também o conhecia.

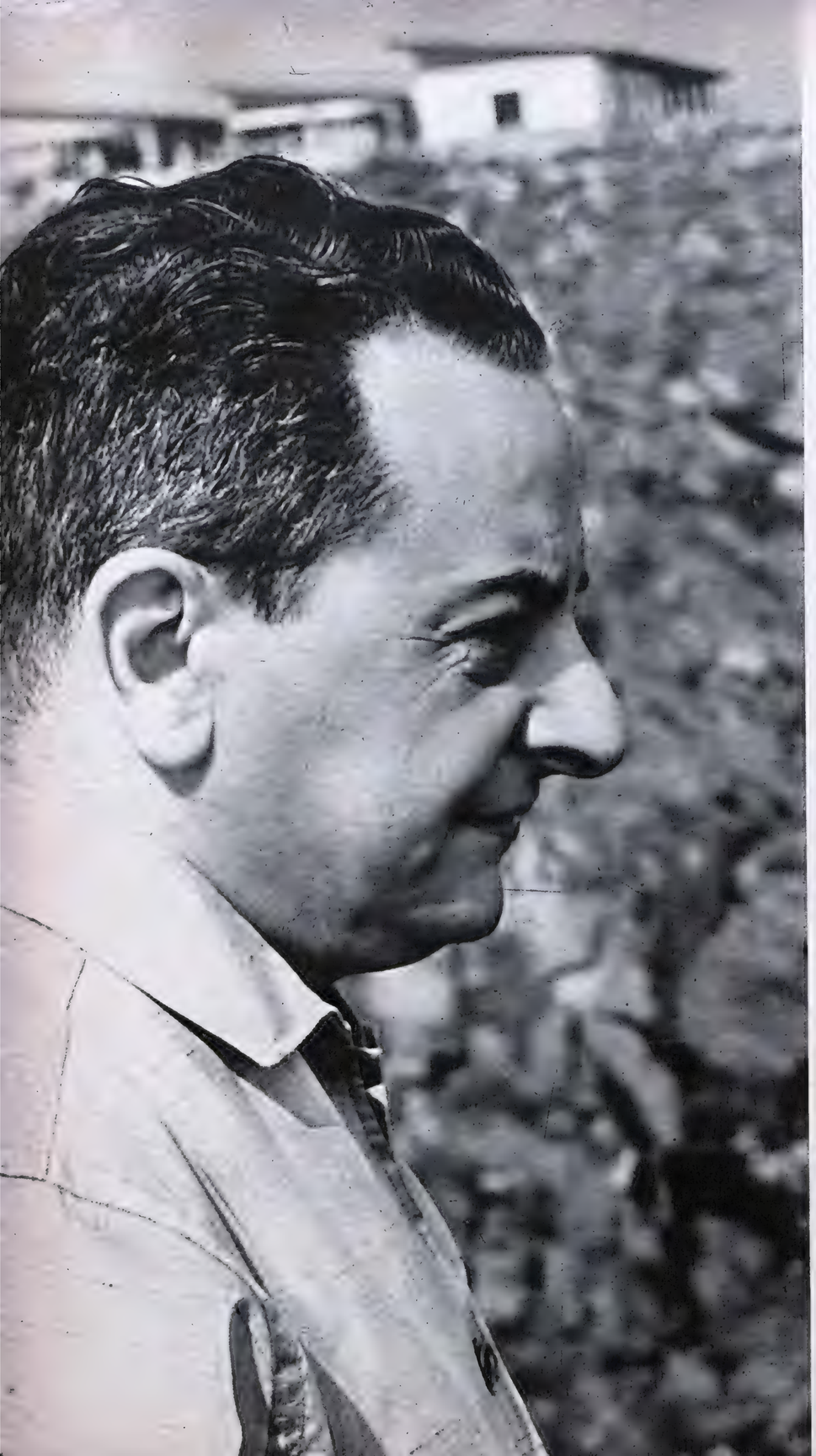
Sòmente às 21h30 apareceu o primeiro caso: briga de um casal. Depois foi um roubo numa pensão. O trabalho de Eduardo estava chegando ao fim. Pouco antes da meia-noite, êle e o fotógrafo Marcos se preparavam para ir embora — já haviam chegado **Cascolac, Helly** e **Pula-Pula** para o plantão da madrugada — quando um guarda veio correndo à sala de imprensa:

— Um crime misterioso, no centro da cidade. O delegado vai sair.

Eduardo segurou o braço de Marcos quando o fotógrafo ia pegando um filme nôvo para pôr na máquina:

— Prá nós chega, rapaz. Pra que um crime de morte? Aqui neste caderninho já estão anotadas muitas misérias humanas.

Ajeitou a gravata, bocejou e pegou o caderno de cima da mesa. Ainda estava aberto na página que tinha a última anotação: "23h45 — um sargento do corpo de bombeiros traz o corpo de sua noiva, atropelada e morta no largo da Concórdia. Êle está ferido, e depois de socorrido no PS prestará declarações. O motorista fugiu". FIM



Êle é o presidente de um banco diferente, que não aceita depósitos e cujo lucro é o progresso de todos.

O HOMEM SÉRIO QUE EMPRESTA DINHEIRO

Reportagem de Mílton Coelho

O papagaio cantou o Hino Nacional, repetiu duas ou três frases de propaganda radiofônica e emendou alguns palavrões. O homem sisudo riu a valer, mas logo recompôs a fisionomia que é quase marca registrada. Naqueles rápidos segundos, lembrou-se do filho José Roberto, de 13 anos, e imaginou como êle e o papagaio fariam uma dupla terrível. Voltou-se para o vice-presidente do Banco amazonense que lhe ofertara a ave:

— O senhor não poderia me arranjar um outro, falador mas educado?.

Assim é o prudente José Garrido Tôrres, o homem que tem a tarefa excitante e delicada de gastar um cruzeiro de cada cinco que são pagos como Impôsto de Renda por todos os brasileiros. Qualquer **beatnik** o chamaria de **quadrado**. Corta os cabelos quinzenalmente sempre com o mesmo barbeiro, há 10 anos. Só usa roupas discretas e escuras, feitas sempre pelo mesmo alfaiate. Não fuma, não joga, quase não bebe, raramente vai a um cinema ou teatro. Anda tão arrumado em casa como se estivesse em seu gabinete de trabalho, e, quando muito, troca os sapatos por um par de mocassins. Seus **hobbies** favoritos são os passarinhos e os livros, quase sempre maçudos tratados de economia e política, ou então, ensaios de Gilberto Freyre, Alberto Tôrres ou Oliveira Viana.

Mas mesmo o mais radical dos **beatniks** teria de admitir que o banco que êle dirige é o menos **quadrado** dos bancos brasileiros. E que, graças a isso, tem sido nos últimos 14 anos o principal instrumento financeiro do progresso do país. Com pouco mais de 600 funcionários, o BNDE — Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico — pode ser apontado como modêlo de instituição pública que não se deixou contaminar pelo bacilo da burocracia. É capaz de aprovar empréstimos em menos de 24 horas e Garrido Tôrres costuma dizer que ali todos recebem uma **renda psíquica,** além do salário: a satisfação e a certeza de estarem ajudando a construir um Brasil forte e próspero.

Da mesma forma como ocorre com as famílias, as nações só podem investir o que economizam ou, então, os empréstimos que conseguirem de outras nações. Quanto mais pobre uma nação, menor é a poupança e mais rígidos devem ser os critérios de prioridade para os investimentos. Assim, o dinheiro pode ser canalizado para os projetos mais necessários, mais urgentes e que melhor contribuam para o aumento da produção.

Os bancos de desenvolvimento fazem êsse trabalho, que o banco comum não tem condições de realizar. Êstes, ao fazer um empréstimo, levam em conta apenas o juro que vão ganhar e a segurança de receber o dinheiro de volta. Como operam com dinheiro de depositantes — que, a qualquer momento, podem querer recebê-lo — só emprestam a prazos curtos. Mas a construção de uma usina de energia elétrica, por exemplo, exige muitos anos e o retôrno do capital empregado só se dará a longo prazo. Para tal financiamento é preciso um banco de tipo especial, com recursos próprios, paciente, que se preocupe fundamentalmente com os benefícios que a usina trará para a economia do país.

Até o fim da segunda guerra mundial, os governantes brasileiros investiam apenas na base da intuição. Em 1950, entretanto, deu-se o primeiro passo para racionalizar a fixação de prioridades: criou-se uma comissão mista de técnicos brasileiros e norte-americanos a fim de estabalecer um programa de recuperação e desenvolvimento dos setores básicos da nossa economia.

No ano seguinte, o govêrno Getúlio Vargas criou um adicional restituível do Impôsto de Renda, com a finalidade de financiar êsse programa, ao mesmo tempo em que eram negociados empréstimos no exterior para a compra de equipamentos importados. Êsses recursos passaram a constituir o Fundo de Reaparelhamento Econômico e, com o objetivo de administrá-lo foi criado em 1952 o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico.

Eficiência vai junto

Ao longo de seus 14 anos de existência, o BNDE teve de constituir uma equipe técnica capaz de avaliar tôdas as particularidades das milhares de solicitações de financiamento que recebe. Graças a isso, o banco vai além da mera ação de financiador — desempenha também um papel educativo. Qualquer projeto só é aprovado depois que uma comissão de técnicos vasculha todos os setores da firma solicitante. O engenheiro muitas vêzes sugere a compra de uma nova máquina ou a reorganização do seu parque industrial, o que permitirá a redução dos custos ou o aumento da capacidade produtiva. O contador pode propor um nôvo sistema de contrôle das despesas ou a simplificação da papelada da emprêsa. O economista pode apontar novos mercados ou até sugerir a reformulação total da emprêsa. E o advogado eventualmente encontra erros na estrutura legal da firma, que a impedem de receber determinados incentivos fiscais.

Um empréstimo do BNDE inclui, assim, uma benéfica avaliação das potencialidades da emprêsa, garantindo-lhe condições de tirar maior proveito do dinheiro que irá receber.

A Cooperativa Agrícola de Cotia é a maior organização agropecuária do país e tem uma estrutura modelar. Fábio Yassuda, seu administrador, ao receber a visita dos técnicos do BNDE, não pôde conter o espanto e afirmou que "jamais pensara ser possível que funcionários do Estado, no Brasil, se dispusessem a trabalhar no interior, longe das vistas dos superiores, até as duas da madrugada". E aceitou tôdas as sugestões que lhe foram feitas.

Eugênio Lorenzetti, fabricante de aparelhos elétricos, costuma dizer que "o pessoal do BNDE é diferente de tudo quanto já viu em repartições públicas do país".

Quando o BNDE começou a funcionar, dedicou-se quase inteiramente a três setores fundamentais: siderurgia, energia elétrica e ferrovias. Dos quase três trilhões de cruzeiros que emprestou até outubro dêste ano (além de quase um bilhão de dólares em avais de empréstimos externos) mais de dois terços foram canalizados para êsse tripé, e hoje o banco é proprietário de duas usinas siderúrgicas — COSIPA E USIMINAS e acionista majoritário da MAFERSA, emprêsa de material ferroviário.

No entanto, à medida em que êsses setores demonstravam capacidade de atender às necessidades do país, o banco foi voltando suas vistas para outros pontos de estrangulamento da economia e procurou ampliar as possiblidades de acesso que oferecia. Agora, o BNDE considera prioritários mais de 15 setores, aos quais atende através de vários fundos especializados.

O FINAME — Fundo de Financiamento de Máquinas e Equipamentos — em menos de dois anos de atividade já realizou mais de cinco mil operações, algumas delas ultrapassando um bilhão de cruzeiros. A flexibilidade dos métodos de operação permite também atender a pequenos financiamentos, havendo até operações de 500 mil cruzeiros.

Tanto o FINAME como o FIPEME (para financiamentos à pequena e média indústria) e outros fundos especializados, surgiram na administração Garrido Tôrres, que assumiu o pôsto após a revolução de 1964. Garrido foi para o BNDE, sacrificando o lugar no Conselho Nacional de Economia e a consultoria de emprêsas, que lhe propiciavam menos trabalho e uma renda muito maior. Êle explica porquê:

— Desde muito cedo, tenho pautado minha vida por um sentido de missão. Sempre aspirei galgar posições no govêrno do meu país que me proporcionassem a oportunidade de influir na formulação e execução da política econômica que entendo ser conveniente e há de levar o país a uma situação de grandeza.

No BNDE, tem tido ampla oportunidade de fazer o que sempre almejou. E, particularmente, de pôr em ação o seu pensamento sôbre a livre iniciativa, que vinha sendo por êle defendida através do Departamento de Estudos Econômicos e Sociais do IPES — um órgão que combateu vigorosamente a orientação do govêrno João Goulart.

Garrido acha que a livre iniciativa oferece vantagens indiscutíveis sôbre a iniciativa pública, já que o empresário se sente mais compelido a ser eficiente.

— Sua ineficiência é punida com a falência — explica — enquanto o Estado sempre pode recorrer às emissões. Eu poderia ainda acrescentar que considero não haver possibilidade de liberdade política sem propriedade privada. Quando o Estado é o grande patrão, o grande consumidor, o grande produtor, o grande financiador, êle tudo possui, inclusive os cidadãos do país e acaba tendo totalitàriamente o poder de vida ou morte sôbre êles. SEGUE

Para brindar com Martini Branco Doce, V. não precisa de uma taça especial: a de champanhe mesmo serve

p. a. nascimento-ecar

Saúde! Martini Branco Doce é brinde. Achamos que esta informação diz tudo sôbre a sua categoria. Elaborado com vinhos brancos das mais finas castas e aromatizado com raras ervas importadas, Martini Doce é vermouth branco de renome internacional. Consagrado em todo mundo. Que mais V. poderia desejar para completar a alegria de suas festas de fim de ano?

MARTINI
A MARCA MUNDIAL

"Unidade política só com unidade econômica"

— Mas, acrescenta Garrido, não se pode deixar de reconhecer que, no Brasil de hoje, a iniciativa pública tem um papel importante a desempenhar, de caráter pioneiro e supletivo, e deve dar as mãos à iniciativa privada, porque elas se complementam e essa união permitirá um progresso mais rápido. O melhor exemplo que se poderia dar disso é o BNDE, que é um instrumento do Estado abrindo horizontes para a iniciativa privada e apoiando em tudo que ela deve e pode ser apoiada.

No Amapá, a ação de BNDE ajudou a rasgar a floresta, para levar ao mar o precioso manganês.

Banqueiro letra I

A ficha funcional de Garrido Tôrres o classifica como oficial administrativo letra I, mas desde 1946, quando assumiu a chefia do Escritório Comercial Brasileiro em Nova Iorque, nada se fêz neste país em matéria de economia ou finanças, sem sua direta participação — contra ou a favor.

Por essa época, já havia curado a amargura que lhe causara a experiência do integralismo. Quando jovem, fôra influenciado pelas idéias de Plínio Salgado e chegou a ser chefe do Departamento Estudantil da Ação Integralista no Rio. Quando o movimento se transformou em partido político, Garrido começou a ter as primeiras divergências e o golpe malogrado de 1938 acabou de vez com suas ilusões. "Plínio mostrou não ser o líder que eu pensava, mas, quando muito, o conselheiro do príncipe" — afirma hoje, com a mesma entonação com que conta a segunda grande amargura política, 20 anos depois: "Fui um dos seis milhões de loucos que acreditaram em Jânio". A decepção não o impede de reconhecer que o integralismo, enquanto apenas movimento de arregimentação cívica — que êle considerava nascido das melhores fontes do pensamento brasileiro e sem qualquer ligação com o fascismo internacional, a despeito das exteriorizações — muito contribuiu para a formação de seu caráter e da visão que hoje tem dos problemas nacionais.

Aos 25 anos — em 1940 — a obtenção de um lugar de auxiliar no Escritório Comercial em Nova Iorque não só o ajudou a esquecer a decepção de sua aventura política como ainda permitiu que êle iniciasse um curso de Economia na Universidade de Nova Iorque. Antes, tratou de mandar buscar no Brasil a pessoa que não o deixaria desistir do curso noturno, mesmo nas épocas mais difíceis: d. Lucília, então sua noiva, com quem casou em Nova Iorque em cerimônia simplíssima e que terminou com uma **farra** à base de chocolate e sorvete.

— Fui o primeiro brasileiro a importar a mulher — comenta hoje Garrido, num dos seus raros momentos de irreverência.

Um missionário obstinado

Certa vez, Garrido entrou numa livraria da Quarta Avenida e escolheu vários livros. Na hora de pagar, verificou que estava sem dinheiro e desculpou-se com o dono da loja, pedindo que guardasse os livros até êle voltar para buscá-los. O livreiro, entretanto, lhe disse que levasse os livros e pagasse depois. Diante do espanto de Garrido, que nunca antes estivera ali, limitou-se a explicar:

— You have an honest face.

Atrás dessa cara honesta, há um missionário obstinado e pragmático, exigente até o mínimo detalhe. Durante anos, Garrido brigou com o alfaiate Wilson, porque a manga direita dos casacos apresentava um defeito quase imperceptível junto ao ombro; uma secretária sueca no Escritório Comercial chorou a tarde inteira no seu primeiro dia de trabalho, "porque êle me ditou correspondência durante três horas, sempre com a cara amarrada".

Mesmo os seus amigos mais íntimos, como o ex-prefeito João Carlos Vital, padrinho de seu casamento, ou Manuel Caetano, que com êle estudou no Liceu de Artes e Ofício há mais de 30 anos e hoje é seu secretário particular, afirmam que Garrido usualmente esconde tristezas e alegrias sob a mesma fisionomia.

Êsses amigos e outras poucas pessoas que privam da intimidade de Garrido sabem que nem sempre êle é tão sisudo como parece. Nesse círculo muito restrito, está pronto a ouvir uma anedota apimentada e, eventualmente, conta a sua também. No Piauí, há algumas semanas, emocionou-se quando foi comprar um xexéu e, no decorrer da conversa com o vendedor de passarinhos, soube que o homem tinha 31 filhos e enfrentava grandes dificuldades para sustentar a família. Imediatamente interessou-se em arranjar um emprêgo para o nôvo amigo — com êle identificado no amor aos pássaros e com quem continua a manter correspondência regularmente.

A teoria dos quatro pontos

Sua **honest face** revela-se também na hora de expressar idéias. Poucos homens públicos no Brasil defendem corajosamente como êle pontos de vista tidos como **entreguistas.** Êle os sustenta, entretanto, com a convicção de que é mais nacionalista do que seus acusadores e de que essas teses constituem as melhores soluções para o nosso país.

Tôda a vida pública de Garrido — em Nova Iorque, na SUMOC

SEGUE

lintas publicidade internacional

Lifebuoy
é sabonete-desodorante
e sabonete se usa
no corpo inteiro.

Movimente-se à vontade
e conte com Lifebuoy.
Lifebuoy é o único sabonete
que tem Puralin Concentrado.
Sua espuma gostosa e perfumada
desodoriza o corpo todo
por horas e horas.
Em vez de resolver o problema
pela metade, use Lifebuoy.

"Não podemos raciocinar como país insignificante"

a partir de 1952, no Conselho Nacional de Economia, nas muitas missões no exterior, na direção do IPES durante o govêrno João Goulart ou agora no BNDE — tem sido norteada, segundo êle, por quatro idéias capitais: unidade nacional, desenvolvimento democrático, integração da América Latina e comunidade lusíada.

A primeira dessas idéias já estava consubstanciada na tese com que obteve o doutorado na Universidade de Nova Iorque. Nessa tese, sustentava que só a industrialização permitiria o acesso ao grande mercado interno brasileiro, que seria a garantia da unidade do país.

— Não existe unidade política sem unidade econômica — sustenta Garrido.

E fêz questão de celebrar com uma taça de champanha, quando, em setembro passado, um congresso de agências financeiras e organizações empresariais realizado em Salvador aprovou por unanimidade a **Declaração da Bahia,** dando especial destaque a essa idéia e dando ao BNDE o apelido de **Banco da Integração Nacional.**

A idéia de desenvolvimento democrático é explicada assim por êle: "Repugna-me que a indústrialização possa ser conduzida em têrmos de um Estado totalitário, em favor de uma raça ou de uma classe. Ela só faz sentido quando é conduzida de maneira eminentemente democrática, tendo o homem como meta e não apenas como fator da economia. Êste objetivo, entretanto, só será atingido se formos capazes de desenvolver um mercado interno de capitais que atenda às nossas necessidades. Como diz o marechal Castelo Branco, nós brasileiros não podemos nos comportar como cidadãos de um país pequeno e insignificante. A escala de investimentos necessária já exige um volume de dinheiro que nem o Banco do Brasil, nem o BNDE ou qualquer outro banco podem financiar com recursos próprios. Assim, o único reservatório adequado de recursos com que podemos contar é a poupança do povo. Esta poupança tem de ser captada, mobilizada, através do mercado de capitais, criando-se as atrações que levem o homem comum a comprar ações de emprêsas. Isto só será possível com moeda estável, pois sem moeda estável o povo não se motiva a poupar."

A terceira idéia — a integração latino-americana — talvez seja aquela a que Garrido tem dedicado mais longo e mais persistente trabalho. Foi êle quem primeiro a formulou em 1956 e, até o início do govêrno João Goulart, presidiu pràticamente tôdas as comissões, grupos e conferências que trataram do assunto. Mas, quando o presidente Jânio Quadros convidou-o para ser o candidato brasileiro ao pôsto de secretário executivo da ALALC, recusou o convite, preferindo continuar no Conselho Nacional de Economia. A razão é simples: a ALALC, para Garrido, é um instrumento exclusivamente comercial, de horizontes curtos, inadequado, muito distante da integração que êle defende.

Reunião de família acontece nos fins de semana. Nos outros dias, o banco absorve Garrido das 9 às 9.

Argumenta que o Brasil tem dois fortes motivos para ser o campeão dessa integração, "que virá fatalmente, porque a América Latina não tem outra alternativa". O primeiro dêles é o paradoxo de ainda não têrmos transformado todos os 80 milhões de brasileiros em consumidores, e, ao mesmo tempo, têrmos capacidade ociosa em nossa indústria. O mercado latino-americano, segundo êle, oferece-nos as possibilidades de dar plena utilização a nosso potencial industrial e, em conseqüência, incorporar tôda a população brasileira na economia de mercado. O segundo motivo é o de que, por maior que o Brasil seja, "não poderá se deixar transformar em uma ilha portuguêsa no mar espanhol, porque as demais nações do continente poderiam eventualmente isolá-lo".

Finalmente, a quarta idéia central de Garrido é a da criação da comunidade lusíada. Portugal e a África portuguêsa são, para êle, a natural continuação do Brasil além-Atlântico. Costuma dizer que temos uma imagem inteiramente distorcida de Portugal e atribui essa imagem aos autores portuguêses do século 19, muito lidos entre nós — particularmente Eça de Queirós — que retratavam uma fase de decadência do país.

— Hoje — afirma Garrido — Portugal é um país bem governado, à base de autoridade, como talvez seja a única maneira possível de dirigir um país subdesenvolvido. É um país limpo, asseado, em que as coisas acontecem a tempo e hora e que já realizou conquistas na ciência e na técnica, que freqüentemente ignoramos. Portugal tem o único Prêmio Nobel de Literatura em língua portuguêsa, que é o de Egas Muniz. É também pioneiro da hidráulica e temos obras no Brasil, como a da Usina de Funil, que estão sendo feitas sôbre a base da técnica portuguêsa.

Garrido conta que quando foi recebido por Salazar, no ano passado, êste lhe disse com amargura que os brasileiros não fazem justiça ao Portugal moderno. E disse que um amigo, recém-chegado do Rio, lhe contara um fato que ilustrava essa injustiça: em um cinema carioca, ao ser exibido um documentário, tôda a platéia caíra na gargalhada, ao ouvir que o regime de marés estava sendo estudado por técnicos portuguêses.

— De outro lado — diz ainda Garrido — o que vi na África não justifica o vilipêndio que se quer fazer da obra civilizadora de Portugal. Angola e Moçambique estão entre as regiões de maior progresso no continente. Não vi nas províncias africanas nenhum indício de ação imperialista predatória ou de violação dos direitos humanos daquela gente. E Portugal não tem sòmente as províncias da África. Tem também Macau, incrustrada na costa da China; tem Timor, na Oceania; tem Cabo Verde, na costa da África. Portugal nos oferece numa salva de prata portas e janelas para o mundo, em troca ùnicamente do respaldo que o Brasil lhe pode dar em têrmos de uma organização política. Temos a possibilidade de dispor desta base para a nossa projeção em escala mundial, sem necessidade de guerra ou conquista, o que estaria fora de moda, e sem necessidade tampouco de comprar territórios.

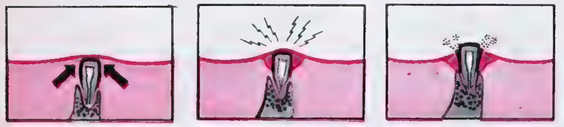
Os recentes acordos com os portuguêses, assinados pelo chanceler Juraci Magalhães são na prática, exatamente aquilo que Garrido defendeu em entrevista à imprensa, ao regressar de Portugal. Mas êle os considera apenas um passo no caminho do estabelecimento da **comunidade lusíada.**

Para Garrido Tôrres, as relações de Brasil e Portugal até então tinham sido líricas, sentimentais, sem a base material que pode e deve ser dada através de uma comunidade político-econômica.

— Temos de pensar — explica — em fazer do Atlântico Sul SEGUE

Todos os dentinhos que vão nascer precisam muito de **NENÊ-DENT**

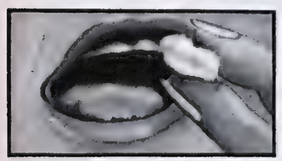
Quando o nenê chora, fica irritado... e não pára de chorar, em 80% dos casos são os dentinhos que estão querendo nascer.



Ao nascer, o dentinho força o tecido, provocando tensão na gengiva.

Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada, surgindo a dor.

Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção.



Aplique Nenê-Dent, delicadamente, com um pouco de algodão, na gengiva do Nenê.

Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dentinho nasce sem dor e sem complicações.

Com Nenê-Dent - o nenê fica tranqüilo, não perde o apetite, não tem febre e dorme satisfeito. Pais descansados, Nenê contente... com Nenê-Dent.

colabor

NENÊ-DENT

BANCO CONTINUAÇÃO

"Economia, mãe das ciências"

o **Mare Nostrum** de Brasil e Portugal. Isso é conseqüente com o papel que representou para os dois países através da História. Não podemos, por exemplo, tolerar a idéia de uma África hostil, com plataformas de foguetes ao longo de seu litoral atlântico. E a obra da comunidade atlântica ao sul deve ser naturalmente obra de portuguêses e brasileiros, com a cooperação e ajuda das nações do hemisfério norte, que estão empenhadas no fortalecimento do Ocidente. Por outro lado, é falso que a posição de apoio a Portugal na África seja uma posição retrógrada, de solidariedade colonialista. O Brasil tem condições insuperáveis para ser o grande intérprete do Ocidente na África, pode ser o penhor e fiador de Portugal, pode ser uma presença em favor da paz e do entendimento, porque o Brasil tanto é branco como prêto, além de vermelho e amarelo.

O saudável pó das estradas

Foram essas as idéias que levou para o BNDE, em momento dramático de nossa história.

Logo ao tomar posse, sustentou a necessidade de que o banco deveria dispor de maiores recursos para enfrentar o desafio de financiar o desenvolvimento nacional. Em 1965, apesar da retração do crédito e dos negócios em geral, o BNDE bateu todos os recordes anteriores, tanto em número de projetos aprovados, como de desembolsos: 357 bilhões de cruzeiros, quase 10% do total de investimentos no país. Isso se tornou possível, graças principalmente à criação dos fundos especiais e conseqüente diversificação dos financiamentos. Como o dinheiro andava curto internamente, foram negociados dois créditos no exterior para atender à pequena e média indústria: 27 milhões de dólares com o Banco Interamericano de Desenvolvimento e 27 milhões de marcos alemães com o Banco Alemão de Reconstrução, aos quais o BNDE adicionou iguais importâncias, em cruzeiros.

Os peritos estimavam que êsse dinheiro seria suficiente para três anos de operações, mas o sucesso do FIPEME superou tôdas as previsões: com apenas nove meses, o BNDE já está sendo obrigado a obter novos créditos, pois de todo o Brasil chegam diàriamente pedidos de ajuda financeira. A ajuda concedida irriga o sistema produtivo da nação pelos mais variados canais: fundos para pesquisas tecnológicas, aço e energia para a indústria, frigoríficos para aumentar a produtividade da pecuária, ou simples financiamentos de compra e venda de máquinas que estimulam o mercado de equipamentos.

Uma das críticas que mais irritam Garrido Tôrres é a de que êle viaja demais.

— Um bom administrador não pode ficar apenas no ar refrigerado dos gabinetes. Tem de comer o pó das estradas para conhecer verdadeiramente os problemas dêste país — diz êle.

Em 30 meses de administração, Garrido já percorreu mais de 20 mil quilômetros de avião, automóvel, trem e barco. Numa só viagem, em setembro e outubro passados, visitou 12 Estados e dois territórios, em cada um dos quais discutiu com os governos e classes produtoras as múltiplas possibilidades de ajuda oferecidas pelo BNDE.

Garrido não esconde que admitiria a hipótese de trocar o austero mundo das finanças pelos riscos da militância política. Mas, além do domicílio eleitoral, tem contra essa idéia quatro argumentos: D. Lucília e os três filhos — Regina Maria (16 anos) José Roberto (13) e Márcia (12), todos inimigos mortais do jôgo eleitoral.

Por isso, dificilmente trocará tôda sua carreira de economista por uma tribuna. Mesmo porque, êle tem especial devoção pela ciência econômica — "que dá ao profissional objetividade suficiente para rir de si próprio" — conforme costuma explicar em uma das poucas anedotas de seu repertório:

— Um médico, um engenheiro, um advogado e um economista discutiam qual era a profissão mais antiga. O médico lembrou que Eva saiu de uma costela de Adão, num caso típico de cirurgia. O engenheiro afirmou, entretanto, que antes de Adão e Eva, Deus construíra o mundo, uma obra de engenharia. Mas o advogado sustentou que antes da construção foi preciso estabelecer as leis do universo. O economista, sem perder a calma, falou: "Sim, meus amigos, mas o que havia antes? A matéria-prima com que nós trabalhamos — o caos."

— E nosso objetivo — arremata Garrido — é fazer com que essa matéria-prima seja a única em falta no Brasil em futuro próximo. FIM

Para V. apreciar melhor a beleza do SEIKO, os modelos aqui reproduzidos foram ampliados 2 vêzes.

na hora em que V. conhecer um SEIKO de perto muitas coisas na sua vida vão mudar!

Entre elas:
V. só vai querer presentear com SEIKO nêste Natal (e também nos aniversários, casamentos, etc.)

Simplesmente porque SEIKO é algo de nôvo em matéria de presente.

Lindo de olhar. Bom para tôda a vida. E sempre que V. oferece um SEIKO V. também ganha um presente: o sorriso de satisfação que só SEIKO faz surgir!

SEIKO – *um presente que lembra você a cada segundo!*

Todos os relógios SEIKO, são protegidos por "Termo de Garantia" que dá direito - GRÁTIS - a concertos (inclusive peças) e outras vantagens. EXIJA-O, mas V. raramente vai usá-lo!

papai! mamãe!
presente de natal "barra limpa" é

Monareta 67

mais um sucesso MONARK!

a onda máxima do ano!

Monareta 67 é o que há de genial para presentear gente jovem no Natal. Monareta tem selim e guidão ajustáveis - podem ser regulados à vontade. Tem uma sacola de cada lado, pra levar discos, roupas, livros. Tem mini-rodas, moderninhas e baixinhas, pra rodar na maciota, naquela base. O bagageiro "é o fino" pra carregar a vitrolinha ou dar uma carona legal. As côres, então, são bacanérrimas! Quem está por dentro, sabe: Monareta 67 é a onda máxima do ano, mora!

Monareta 67

Reclam

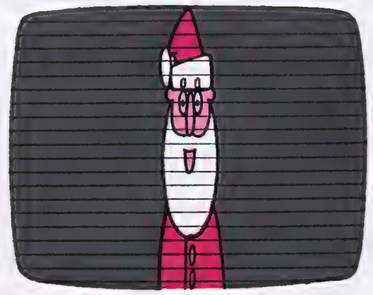
Monareta Mirim é o sonho de tôda criança feito realidade. É prática: cresce com seus filhos. Não precisa comprar outra todos os anos. Basta ajustar selim e guidão. E Monareta Mirim ajuda seus filhos a crescer. (Você sabe que pedalar é o exercício ideal pra ganhar saúde e desenvolver depressa). E o selim "Mustang" é igualzinho a uma sela de verdade, para que o garôto - ou a garôta - sinta a emoção de cavalgar um pônei. Não tem conversa: Monareta é o presente que vai deixar seus filhos felizes (não é isso que Você quer?).

Monareta Mirim

Neste Natal, o presente é Monark

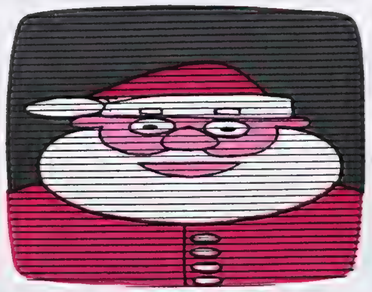
a bicicleta do Rei Pelé

SE 1966 FOI UM ANO

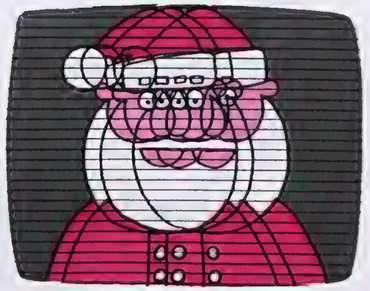


APERTADO...

CONFUSO...



"CHATO"...



E CHEIO DE SOMBRAS...

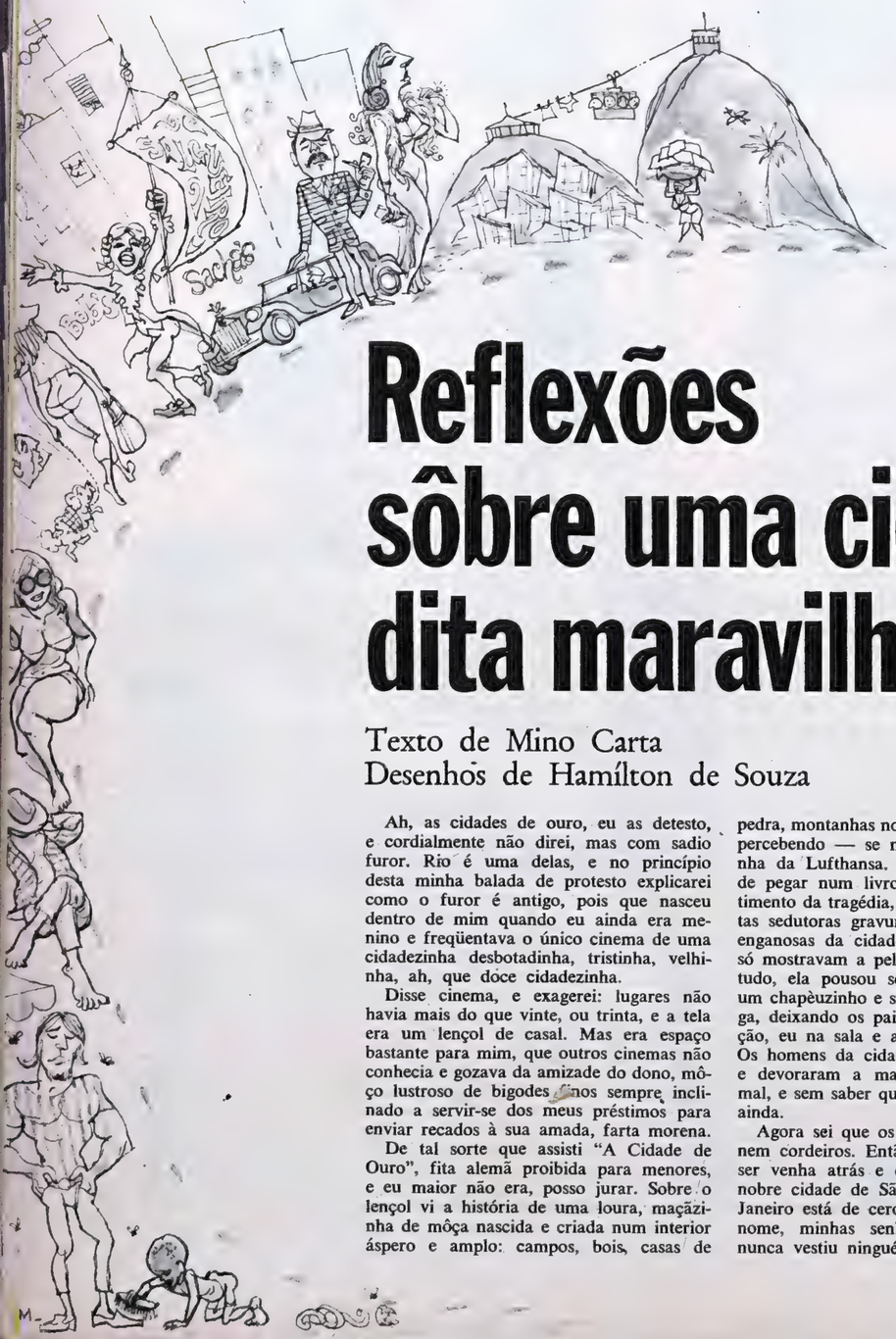
FAZEMOS VOTOS
PARA
QUE O SEU 1967
SEJA TÃO PERFEITO
QUANTO A IMAGEM
DE UM TELEVISOR COLORADO R.Q.
E FELIZ NATAL
PARA TODO MUNDO !

COLORADO RQ

O único televisor que tem Reserva de Qualidade

Rua Bueno de Andrade, 732 - tel.: 31-3141 - S.P.

Houve tempo em que paulistas e cariocas viviam trocando insultos. Depois, à medida em que as duas maiores cidades brasileiras cresciam, foi surgindo um clima de compreensão entre seus habitantes. Mesmo assim, ainda hoje muitos gostam de falar mal, quase sempre em tom de brincadeira, da cidade alheia. Nas páginas seguintes, um jornalista de São Paulo e uma jornalista do Rio fazem um desafio, dizendo porque não suportam, cada um por seu lado, a "Cidade Maravilhosa" e o "Maior Parque Industrial da América Latina".



Reflexões sôbre uma cidade dita maravilhosa

Texto de Mino Carta
Desenhos de Hamílton de Souza

Ah, as cidades de ouro, eu as detesto, e cordialmente não direi, mas com sadio furor. Rio é uma delas, e no princípio desta minha balada de protesto explicarei como o furor é antigo, pois que nasceu dentro de mim quando eu ainda era menino e freqüentava o único cinema de uma cidadezinha desbotadinha, tristinha, velhinha, ah, que doce cidadezinha.

Disse cinema, e exagerei: lugares não havia mais do que vinte, ou trinta, e a tela era um lençol de casal. Mas era espaço bastante para mim, que outros cinemas não conhecia e gozava da amizade do dono, môço lustroso de bigodes finos sempre inclinado a servir-se dos meus préstimos para enviar recados à sua amada, farta morena.

De tal sorte que assisti "A Cidade de Ouro", fita alemã proibida para menores, e eu maior não era, posso jurar. Sobre o lençol vi a história de uma loura, maçãzinha de môça nascida e criada num interior áspero e amplo: campos, bois, casas de pedra, montanhas no fundo, não sei se estão percebendo — se não, consultem a folhinha da Lufthansa. A loura, um dia, deu de pegar num livro, e eu tive o pressentimento da tragédia, pois o livro trazia muitas sedutoras gravuras de Praga, as vistas enganosas da cidade de ouro. Da cidade, só mostravam a pele, não o coração; contudo, ela pousou sobre os louros cabelos um chapèuzinho e se foi de trem para Praga, deixando os pais em lágrimas na estação, eu na sala e as montanhas ao longe. Os homens da cidade de ouro eram feras e devoraram a maçã. Ela acabou muito mal, e sem saber que eu a amava, e a amo ainda.

Agora sei que os homens não são lôbos nem cordeiros. Então eu grito, quem quiser venha atrás e empreste a sua voz: a nobre cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro está de ceroulas. A pompa de um nome, minhas senhoras, meus senhores, nunca vestiu ninguém.

SEGUE

lintas publicidade internacional

AO CRIAR AS CAMISAS CALOURO, O SR. ABBUD SABIA QUE NESTE NATAL VOCÊ TERIA CENTENAS DE PRESENTES DIFERENTES PARA ESCOLHER.

UFA!!! COMO O SR. ABBUD TEVE QUE CAPRICHAR!

O Sr. Abbud é um homem de boa visão comercial.
Êle observou que no Natal os produtos fazem muita propaganda para conquistar o público que compra presentes.
Por outro lado, o Sr. Abbud é um artista.
Êle sente o Natal de coração.
Os amigos ficam mais amigos. Os parentes mais parentes.
É um sentimental. Fica orgulhoso, quando alguém oferece uma de suas camisas como presente de Natal.
Por isso, sabe o que êle resolveu?
Fazer as mais bonitas camisas-esporte. E fêz.
Releu revistas de moda masculina dos 5 continentes.
Trocou farta correspondência com os ditadores da moda-esporte de Capri, Flórida, Saint-Tropez, Côte D'azur, Costa Brava.
Selecionou tecidos. Botões. Criou modelos de bossa brasileira e classe internacional. Fiscalizou todinha a confecção. E disse: "Ufa! ! ! Tivemos que caprichar, mas fizemos a melhor e mais bonita camisa-esporte confeccionada no Brasil."
A marca é Calouro.
Confecções Abbud S.A.– Alta Costura Masculina – rua 25 de março, 1.109

publitec 14.65

Apresentamos aqui a nova mola hidráulica Fecha-Porta La Fonte

(desculpe, mas ela é invisível)

Invisível mesmo! Fecha suave e silenciosamente. Resiste a empurrões. A nova mola hidráulica Fecha-Porta La Fonte é disponível em três modelos: embutida, semi-embutida e de sobrepor. Para portas leves, médias e pesadas. Lançamento exclusivo da

LA FONTE

A FECHADURA QUE FECHA E DURA.

Metalúrgica La Fonte S.A.

Fábrica e Escritórios:
Av. Cruzeiro do Sul, 3200 - S. Paulo
Lojas e Filiais:
S. Paulo : Rua Rêgo Freitas, 420
Santos: Rua Itororó, 158
Curitiba: Rua João Negrão, 713

Até futebol foi rebaixado: de rei a mendigo

Aqui não vim para dizer que o Rio é feio, de certo é lindo: falo dos morros, das ilhas, do mar, de verdes, de azuis, do espaço dos ventos. Mas quem fêz tudo isso foi o Criador, tão generoso. O homem fêz uma cidade que, longe do cenário que o bom Deus lhe cedeu, seria igual a muitas outras e, até um tempo, mais desorganizada e suja do que tantas. E quando veio um homem, mais firme e trabalhador do que os cariocas costumam ser, e dedicou cinco anos para limpar a cidade e dar-lhe a ordem das cidades modernas, como se diz, o Rio olhou com os olhos baços dos indiferentes e logo, no lugar do homem que trabalhava, elegeu o seu inimigo. Porque o Rio é ingrato, com Deus e os homens de boa vontade.

A imaginação do Rio é feita pelas favelas e pelo carnaval. Dizem: "Mangueira, o teu cenário é uma beleza" — por favor, não me façam rir. Que as frases feitas sejam afogadas nas águas da Guanabara, ou acondicionadas, tôdas, nas malas felizmente enormes dos enormes turistas americanos. E enquanto os turistas e as frases voam para longe, empurremos os inventores dos chavões para um **paredon** salutar.

O cenário de Mangueira, Salgueiro, favela do Pinto, de tôdas as favelas, é uma tristeza, e quem não enxerga a tristeza ou é cego, ou hipócrita, ou cronista. E eu não sei qual é a pior das três categorias.

Carlos Lacerda queria acabar com as favelas, acabou com algumas, ainda me lembro, e o fogo queimou os barracos e desinfetou as corcovas infelizes. Então disseram que Vila Esperança, Vila Kennedy e outras eram iguais às favelas. Eu vi Vila Esperança, Vila Kennedy, e não me pareceram iguais às favelas, porque uma casa de tijolos e cal, por pequena e simples que seja, não é igual a um barraco de tábuas e fôlhas de zinco.

Mas uma favela é mais pitoresca, e deveria ser mais revoltada, por isso uns a preferem para fazer turismo, outros para fazer agitação, e uns e outros são traidores do gênero mais baixo, do inferno não escapam, do meu **paredon** também. Porém na hora de apertar o gatilho serei mais brando com os segundos, e contra êles apenas usarei uma pistola d'água, pois quem sonha com agitação social descendo dos morros há de ser tão ingênuo como os turistas americanos. Da favela, amáveis senhores da esquerda, descem tão sòmente a miséria, a doença, a ignorância e o carnaval.

E do carnaval, eu imploro, não me falem com ternura, e não me contem o desabafo de um povo que sofre, e outros triviais tão mastigados. Às vêzes penso que preferiria os crioulos descendo para o asfalto armados de paus e pedras, não de cuícas e frigideiras. De homens que caçam gatos para fazer instrumentos de música, e buscam ressonâncias até num prato de cobre, e aceitam uma alegria com data marcada, grandes eventos e aventuras não se podem esperar. E a cidade se diverte, e entre aquêles que fingem divertir-se, unidos por uma conexão física feita de suor e de pulinhos ridículos, estão os doces pregadores de revoluções sociais. Todos tranqüilos, apesar da inquietação dos gestos, porque mais um carnaval está passando, e no fim o acontecido será isso apenas, um carnaval a mais. E como a alegria não vem por encomenda, todos, pulando e cantando, torcem para que um santo baixe, ou o espírito grosseiro dos lança-perfumes entre nêles, para fazê-los esquecer a estupidez dos seus gestos e gritos.

A quarta-feira de cinzas, graças a Deus, sempre generoso com os cariocas, chega depressa, vamos dormir, que bom, que bom, o carnaval acabou, procuremos ser gente de nôvo. Nada pesa tanto sôbre a consciência do carioca como o carnaval, êles o detestam, mais do que eu, talvez. Mas no apêgo às tradições, o Rio, cidade muito conservadora, bate recordes — e depois são perfeitamente capazes de rir-se da troca da guarda em Buckingham Palace. Ora, ora: como é honesta a digna a troca da guarda da rainha, que Deus a guarde, e como é insincero e ardiloso o carnaval.

Outrora a imaginação carioca era feita também pelo futebol, e o futebol carioca era imaginoso de verdade. E eis que as grandes idéias que guiam as bolas cariocas definham vertiginosamente — e a ingratidão congênita da cidade aqui também se revela. O Maracanã era o templo do futebol: os cariocas o ofenderam irreparàvelmente cobrindo-o de pastilhinhas azuis, como se fôsse um inócuo prédio de segunda classe. Mané Garrincha era, isso todos sabem, a alegria do povo: os cariocas deixaram que emigrasse tão logo êle começou a ser o palhaço que não faz mais rir, quando seria justo conservá-lo no Rio, como um glorioso **souvenir.**

A decadência do futebol carioca começa pelas pastilhinhas azuis — quem pode jogar à vontade no quintal de um prédio de segunda classe, por grande que seja?

E tão grande por quê? Rio, que pecado de orgulho. Quis que fôsse seu o maior estádio do mundo, e hoje, mesmo nos dias mais fogosos, o Maracanã não recebe mais de um quinto do povo que poderia hospedar. O estádio, pelo menos, há de ter agora um bom complexo de inferioridade — é a minha esperança a falar.

Até as pastilhinhas azuis sabem que o futebol carioca, de rei que era, foi rebaixado a mendigo — no entanto, na hora de formar a seleção brasileira e conquistar o tricampeonato mundial, que nos pertencia por obra do destino e cumplicidade dos craques paulistas, os cariocas surgiram das salas da Confederação, a inefável CBD, e vieram com fala grossa, inomináveis prepotências e, na algibeira, os nomes já sacramentados dos jogadores dos seus times. E o Brasil aceitou a prepotência e depois, naturalmente, a derrota. Pois isso até os cariocas sabem fazer, desatar os nós do destino.

Devemos continuar sofrendo calados? Uma das coisas que mais alimentam o meu furor são as mesuras, o trêmulo desvario, a entrega passiva de milhares, de milhões de brasileiros, nos braços da idéia Rio, da imagem fantástica de uma cidade que não existe, de um conceito irreal que absolutamente não coincide com aquilo que o Rio é, na verdade. Essa entrega nos condena, a nós não cariocas, no espaço curto das nossas vidas — já que mesmo a alegria autêntica do tri nos foi tirada e pela eternidade que nos espera.

Para a Meca dos enganos partem os jovens líricos, as meninas ternas, os homens cansados, as mulheres desiludidas. Pensam encontrar uma cidade de filósofos caseiros, munidos de muito humor, e o que mais desejam é ser cariocas honorários para participar de um decantado e retórico estado de espírito. Gostaria que não fôsse, mas receio que êsse estado de espírito seja o nirvana da indolência, do papinho à beira-mar.

SEGUE

há muitas vantagens em instalar indústrias no paraná

e esta facilidade:

crédito

amplo e barato, oferecido pela CODEPAR, a juros e taxas de apenas 1,8% ao mês, sem correção monetária, sôbre o saldo devedor e com 5 anos para pagar.
Estas as razões pelas quais estão sendo aplicados tantos capitais no Paraná.
É que os homens de visão estão interessados em integrar-se ao grande rush industrial paranaense.
Sabem que no Paraná há: mercado consumidor de alto poder aquisitivo e em expansão;
matérias-primas em abundância, condições excelentes de infra-estrutura;
programa gigantesco de obras em andamento.
Além disso, que o Paraná é centro da área de maior desenvolvimento econômico e social do País e o maior produtor agropecuário brasileiro per capita.

A CODEPAR financia até 60% sôbre investimentos totais para instalação ou ampliação de indústrias, mesmo nos casos de transferência.

GOVÊRNO PAULO PIMENTEL

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO PARANÁ

CODEPAR

Rua 15 de Novembro, 270 - 6.º andar - fone 4-8300 - Cx. Postal 2685 - Curitiba - Paraná
Escritório Regional de Londrina: Rua Senador Souza Naves, 9 - conj. 405 - fone 1338
Escritório Regional da Guanabara: Av. 13 de Maio, 13 - S. 416 a 419 - fone 22-9603

Copacabana, Ipanema: nunca se fale bem delas

E então peço que não me fale com amor de Copacabana: o Gonzaga, lá em Santos, é melhor do que ela; mas pior ainda seria se bem me falassem de Ipanema. O Castelinho — que pífio castelo de poetas fôfos e de meninos ricos que arrastam violões pela areia como se fôssem trenzinhos de madeira. As deusas dêsse mundo andam de biquíni, belas môças sedosas, môças ótimas, concordo, mas tão deslocadas, coitadinhas, tão **bathing becuties** e tão pouco rainhas, que ao leão da Metro as recomendaria se ainda estivessemos vivendo os dias de Esther Wiliams. Violões e corações movidos a uísque, embora exacerbados pelas injustiças sociais, cantam amores rigorosamente tradicionais e ás calmas de um verão sem fim. Não me façam rir demais, aqui nem chorar se pode.

Quando não escrevem versos, os poetas cariocas são de escrever crônicas, e a crônica é um gênero literário que permite impunemente a qualquer sentimental de falar do sabiá e do coqueiro nas páginas de jornais e revistas, apresentando o aludido sabiá e o aludido coqueiro como assuntos da mais relevante importância. Nada tenho a dizer contra o sabiá e o coqueiro, e acho que ninguém tem, mas penso que todos já conhecem sabiás e coqueiros e os estímulos poéticos que dêles se libertam, de tal maneira que talvez fôsse o caso de não mais se falar de sabiás e coqueiros até segunda ordem. Mas os cronistas falam, e a imprensa carioca, quem sabe por causa disso, se julga na vanguarda do jornalismo moderno.

Quantos desatinos, quantos equívocos, quantas descortesias são diàriamente cometidas por jornais e revistas de todo o Brasil em relação ao leitor justamente interessado em acontecimentos, e isso por causa do mau exemplo dos cronistas cariocas? Para êles peço uma pena gentil, nem proponho o **paredon,** mesmo com pistola d'água: que sejam condenados a estudar contabilidade e, confinados numa praia remota, a almoçar, ceiar e jantar sabiás fritos e salada de fôlhas de coqueiro.

E para os cronistas sociais, outra invenção carioca, sugiro também uma pena gastronômica: hão de comer, pelo resto de suas vidas, em restaurantes ou buates franceses do Rio, dêsses que periòdicamente estão na moda. E não me incomodo se o cronista classe A fôr obrigado a sentar-se ao lado do cronista classe C: ambos vão cortar o peixe com a faca, apoiar os cotovelos na mesa, assoviar um sambinha entre uma garfada e outra, falar com a bôca cheia, palitar furiosamente os dentes e sair à rua com o palito na bôca.

O Brasil aceita os cronistas porque o Rio os criou, e faz muito mal. Por que não confessar? Estamos fartos de poesia miúda, curta e fácil. Estamos fartos das listas dos dez mais. As pedrarias, as arcas e os faisões da senhora tal nos interessam tanto quanto as sensações, curtidas em álcool mais ou menos escocês, de uns velhos poetas esgotados. E além do mais, sempre e sempre as mesmas, as senhoras e as sensações. As luas navegam no céu, e os rostos não mudam, os versos também.

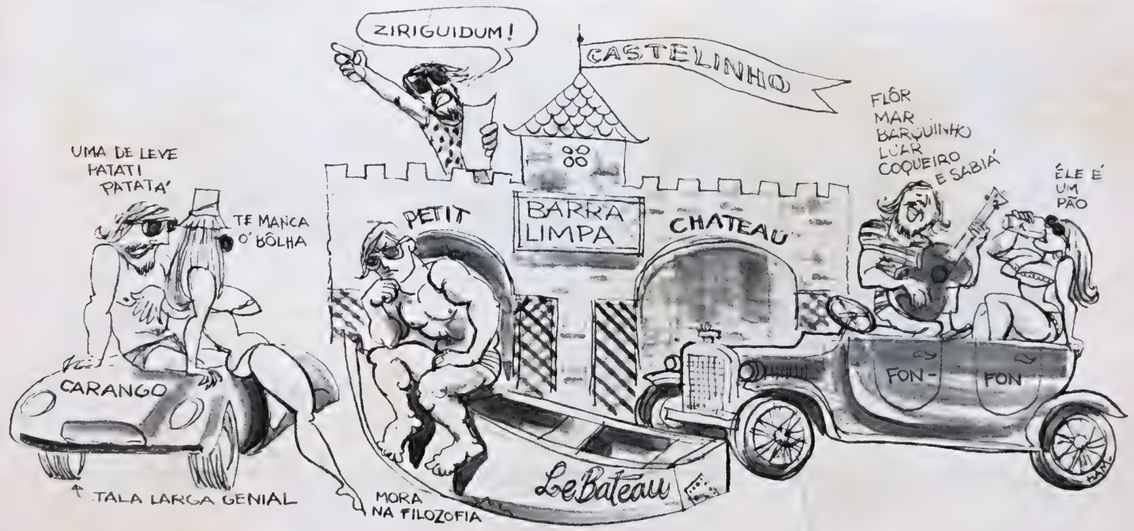
Se pelo menos vocês nos concedessem uma pouco de variedade, senhores cronistas, e a si mesmos um vago sentido das medidas, uma sobra infinitesimal de equilíbrio. Vejam os dez mais: são heróis nacionais, os seus nomes são tão familiares como os de São Jorge, Caxias, José de Alencar e Pelé. Oh, os floridos senhores, bem escanhoados, bem perfumados, bem passados. Brilham os cabelos, a testa, a ponta do nariz e dos sapatos, é um brilho que ofusca. Alguns usam bigodes, e que bigodes, não mais no gênero Clark Gable, mas bastos e às vêzes de pontas retorcidas, no mais genuíno estilo velha Inglaterra. E quando um dos dez mais tem pernas curtas, que pena, que dor. Têm as pernas curtas o estilo da velha Inglaterra?

Entre os dez há uma competição arriscada, feita por lencinhos de sêda, fivelas e lapelas, botões e botõezinhos — mas tudo isso é compensado pelos sofrimentos que têm de enfrentar: um homem é verdadeiramente elegante de **tweed** e casimiras encorpadas, tecidos válidos nos invernos nórdicos, e o Rio fica nos trópicos, o calor desceu sôbre êle como uma tampa. E os dez mais, todos cariocas, suam e se derretem nas suas roupas inoportunas. Êles já vivem condenados, e não sei se valeria a pena infligir-lhes pena maior, embora, vez por outra, me tente a idéia de um confinamento perpétuo dentro das vitrinas das lojas Garbo.

Esta cidade, Rio, um pouco conformista, um pouco provinciana, não haveria de ser detestada, se não pretendesse ser uma cidade de ouro, e se nós, não cariocas, até hoje não tivéssemos engolido tranqüilamente a pretensão — isso é muito mais grave. Afinal, a culpa maior por essa situação, que me parece insustentável, recai sôbre nós, e por dois motivos: primeiro, por que julgamos exemplo supremo tudo o que vem do Rio; segundo, por que cada um de nós insuflou antes, fortaleceu depois, os complexos de superioridade do Rio, cantando as suas maravilhas e criando a imagem falsa da cidade de ouro. No dia em que soubermos fazer alguns descontos sôbre o muito que dela chegou aos nossos olhos e ouvidos, no dia em que esquecermos o cartão postal e as frases feitas, então veremos os defeitos do Rio, e melhor saberemos apreciar as suas qualidades, que não são poucas.

Minhas senhoras, meus senhores, é hora de penitência. Eu vim dizer isso, e mais não digo. Não gosto de quem sonha demais, e as ilusões, ah, as ilusões, hoje têm de cair, elas estão tão deslocadas como uma catedral gótica na praça da Sé.

Como vêem, não esqueci a loura.



PREPARE OS COPOS E FAÇA UM BRINDE A '67!

(com St. Raphaël um ótimo aperitivo ✻)

Êste é o copo para quem gosta de tomar puro (toma-se bem gelado com uma casquinha de limão).

Como "long drink" com gêlo, soda e algumas gôtas de suco de limão (há quem prefira St. Raphaël a uísque).

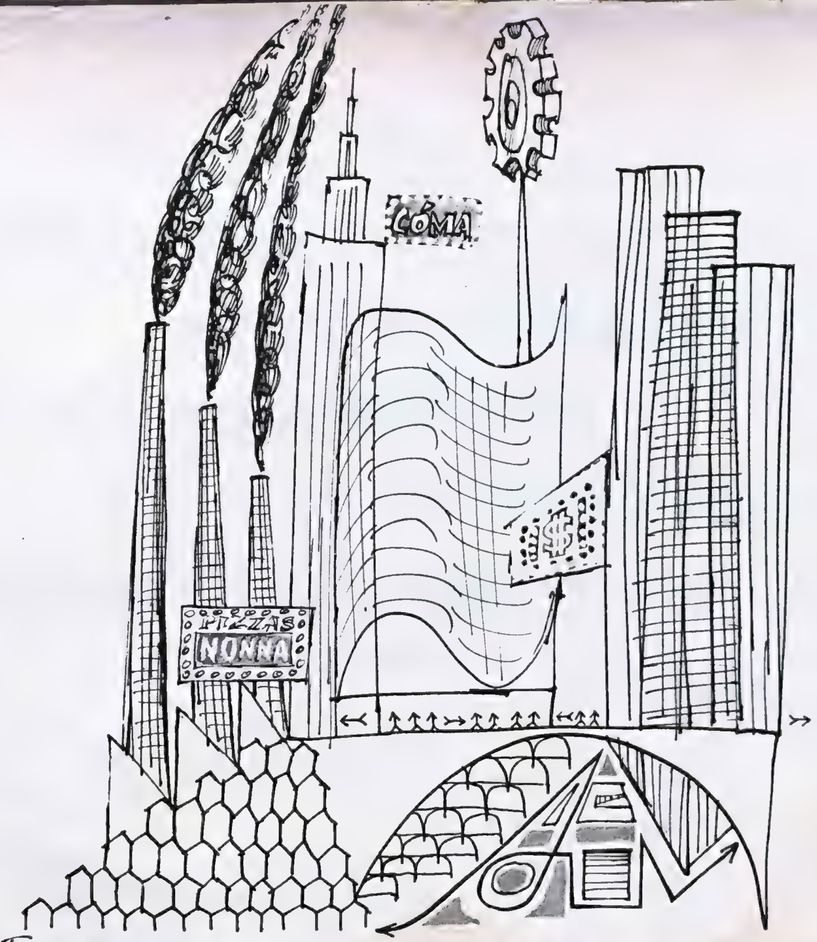
"On the Rocks" em copos médios, redondos ou não (com alguns cubos de gêlo e uma casca de limão ou laranja).

É impróprio beber da garrafa. Mas é de bom-tom tê-la sempre à mão para servir aos amigos.

St Raphaël L'APÉRITIF DE FRANCE

✻ *Aperitivo. Mas também pode ser tomado longe das refeições.*

PRODUZIDO POR MARTINI & ROSSI S.A. MEDIANTE LICENÇA E SOB SUPERVISÃO DIRETA DE SOCIETÉ ST. RAPHAËL, 8 RUE DU PARK-ROYAL – PARIS, 3.o



Fortuna

São Paulo precisa parar

Texto de Carmen da Silva Desenhos de Fortuna

São Paulo não pode parar. Se São Paulo parasse, pararia o Brasil inteiro. São Paulo é a locomotiva que arrasta sòzinha vinte vagões. E os paulistas tomam isso tão ao pé da letra que até dá pena. São bandeirantes, pioneiros, desbravadores. Só falam em progresso, desenvolvimento, produção, indústria, riqueza, riqueza, riqueza. Uf!

Pera aí, amigo paulista, vamos bater um papo. Ao nosso jeitão carioca, sabe como é, né? Na base da calma. Você **pode** parar, que diabo. Ou sofre de mania ambulatória? Tem mêdo que o bicho o vá comer? Deixe disso, meu chapa, se até o homem sério que contava dinheiro parou para ver a banda passar...

E já que parou — viu como pôde? — procure se descontrair. Tire a couraça, largue a pose, deixe êsse tom de discurso de inauguração: não tem fotógrafo nem microfone perto. E não faça essa cara de extrema gravidade ou de urgência urgentíssima: aqui não está acontecendo nada, é só um papo entre amigos. Ninguém está a fim de roubar teu negócio ou, como você diria, "assumir o contrôle acionário". Ninguém está negando que São Paulo seja o máximo, mistura aperfeiçoada de Estados Unidos com milagre alemão, feito no peito e na raça. Ninguém está querendo comparar o Maracanã com o Pacaembu: afinal, tudo é Brasil e, botando Pelé no gramado, qualquer estádio fica sendo o maior do mundo. Não estamos aqui para provar, desmentir, xingar: pode afrouxar as defesas.

É melhor tirar logo o paletó e a gravata. Aqui no Rio, Zona Sul, quando a gente vê um indivíduo todo enfarpelado, diz que êle está fantasiado de paulista. Não é por mal, não. Mas é só paulista, vendedor de apólices ou demonstrador de aparelhos eletro-domésticos a domicílio que anda de paletó e gravata neste calor. Uma bermuda, um troço folgado ajudam a relaxar a tensão. E você está precisando muito disso, meu chapa. Olhe que o enfarte não pede passagem...

Sim, eu sei: você ficaria sem jeito se não andasse de encadernação caprichada. Vocês todos aí dão uma importância louca às aparências, para saber quem é quem. Seria uma desgraça confundir o Fundador do Império Paulistano — 400 anos de tradição — com o próspero industrial que começou ontem, com o alto comerciante, os outros... Um lugar para cada pessoa e cada pessoa em seu lugar, com a devida etiquêta bem à vista. Sem essas camisas finas e estas gravatas italianas, até poderiam pensar que você é um dos "outros".

Sua mulher vai tomar chá no Fasano vestida que nem Farah Diba em dia de gala: é abrigo de vison, é mais pedraria que o tesouro da coroa e tudo assinado: vestido assinado, chapéu assinado, sapato assinado: ainda dizem que o Brasil está cheio de analfabetos... O gozado mesmo é que, mesmo assim, sua mulher fica com ar respeitável: você olha e vê a Senhora, Encarnação de Altas Virtudes, Pilar da Sociedade: do alto do meu guarda-roupa, quatro séculos de progresso contemplam o mundo. Nesse sentido, a carioca leva desvantagem.

SEGUE

Saúde (com nôvo sabor) desafia pùblicamente os outros produtos semelhantes a ganhar neste teste elementar:

Corte uma fatia daquele pão que você está acostumado a comer.
Espalhe a NOVA *Saude* em cima da fatia.
Experimente.
Agora, você sabe por que nós podemos desafiar outros produtos semelhantes.

É QUE NENHUM PODE GANHAR DE NOVA *Saude*... COM SEU NÔVO E IRRESISTÍVEL SABOR... COM SUA QUALIDADE INALTERÁVEL.

Um produto ANDERSON CLAYTON

A falta de imaginação: "Posso acompanhá-la?"

Quando a grã-fina daqui exagera a nota com seus **palazzo-pijamas** e suas perucas africanas, fica parecendo uma Cleópatra subdesenvolvida, uma Nefertite meio sôbre o suburbano, uma Chica da Silva. Agora, que dá uma badalação lá na turma dela, isso dá.

E por falar em quatro séculos, me conta direitinho como é essa história. Dizem as más linguas que são trezentos anos de África, sessenta de Itália ou Portugal e quarenta de São Paulo. Seja como fôr, vocês não parecem tão velhos assim: estão até muito bem conservados.

Mas talvez você seja um dos "outros", meu amigo. Nem herdeiro nem fundador de nada; nem quatrocentão, nem próspero. Um sujeito que levanta de madrugada, sai espremido na condução, dá um duro infernal o dia inteiro e no fim de cada mês cai na agonia das prestações. Você só pode comprar roupinhas de confecção barata e sua mulher trabalha de escôva e solvente para fazê-las durar. Nos domingos, o mais que você pode fazer é passear no centro da cidade e se deslumbrar. Enquanto os outros enchem a cara com uísque importado, você enche os olhos com os edifícios: bancos, escritórios, lojas. Pensa que está tudo fechado porque é domingo? Não, meu velho, está tudo fechado porque é **você.** E você bota o gogó pra cima e fica impressionado: ah, São Paulo, os arranha-céus, o progresso! Com muita sorte, você terá uma distração grátis: um predicador do Exército da Salvação que vai lhe prometer o céu, cumpridas certas condições. Alias, as únicas coisas que você obtém de graça na vida são sermões e promessas.

Contudo, nem você despe a couraça. Ninguém o vê desalinhado, de camisa esporte, de alpargatas. Não senhor, você se sente obrigado a manter o padrão. O padrão de quem, pergunto eu? A quem engana essa dignidade de fachada copiada do pequeno-burguês que, por sua vez, também faz imitação barata dos que estão acima dêle? Não vai servir nem para que lhe fiem um cafèzinho no bar da esquina.

Mas se você andar com uns cobres no bôlso e quiser levar a cabrocha a uma farrinha, não a deixe ir na base do à-vontade. Gafieira paulista tem tabuleta na porta: "Mulher só entra de salto".

A propósito de mulher também temos umas diferençazinhas para acertar. Você, amigo paulista, come o milho e o carioca leva a fama. O carioca tem a maior reputação de mulherengo, piadista, conquistador. Não nego que a turma da Guanabara faça sua onda, mas não é tanto assim. Para começar, os homens aqui são seletivos. **Material,** só de primeira, senão êles deixam passar. Beleza espetacular êles aplaudem, improvisando verdadeiras manifestações populares. Tem algumas que encabulam e até perdem o rebolado — o mesmo rebolado que lhes valeu a homenagem. Quando êles soltam uma piadinha, parecem mais preocupados em fazer espírito do que em tirar vantagem concreta. Se pegar, pegou. Mas tudo é meio artístico, disfarçado, leve.

Com você, amigo paulista, nada é leve. Vocês **conquistam** na base do rôlo compressor. Comem a gente com os olhos — ou melhor, **cómem** com **ó** aberto, porque vocês falam com sotaque. Ah, como levam a sério a herança mediterrânea! Mulher andando sòzinha nas ruas de São Paulo é logo devorada pelo Lôbo-Mau-de-Olhar-em-Chamas. E depois, para fazer a digestão, vocês caminham quadras e quadras... atrás dela. Cochichando coisas. Simpática, vocês dizem. Belezoca. Posso acompanhá-la?

Êsse negócio de querer acompanhar tem sua lógica. Numa cidade de traçado tão irregular e ininteligível para quem não a conhece palmo a palmo, explica-se que os cidadãos tenham vocação nata para cicerones. É até muito gentil da parte de vocês. Mas também não precisa exagerar.

E vocês exageram. Fazem da cantada uma questão de vida ou morte — ou será de auto-afirmação viril? Paulista não escolhe: lança a rêde e apanha o que vier. Mas, bandeirante que é, tem de honrar a memória dos antepassados e não voltar sem seu punhado de esmeraldas, ou mesmo de cascalho, conforme a maré. Você garimpa, transpira, insiste, sofre, se aflige, enche a paciência. Se o olhar não foi correspondido, você se aproxima e convida para um passeio. Se o convite foi ignorado, sugere um cinema. Neca? Então propõe um chá, um drinque, um jantar. E tudo isso acompanhado de um discurso meio de adulação, meio de safadeza: que ela é a tal e a qual, que você está sentindo isso e aquilo. Mulher que não está acostumada ou que já se considera em recesso, chega a se assustar. Sei de uma que parou, abriu a bôlsa e brandiu uns retratinhos: "Belezoca, eu? Belezocas são meus netos, veja!" Você respeitou? Ficou vexado, desistiu? Não: aí mesmo aproveitou para fazer a apologia da meia-idade. E casualmente você tinha em casa uns discos de valsa, se ela quisesse... Poxa, vai ser oportunista assim no inferno!

Você está orgulhoso, e com razão, da cidade imponente que contribui. Mas não se pode caminhar nela. Só um atleta treinado e na flor da idade agüenta o repuxo escada acima, ladeira abaixo, declive acima, rampa abaixo. Emergir a pé do Vale do Anhangabaú, por exemplo, é fogo. Na metade do caminho o carioca já está de coração na bôca, pensando: este é o meu fim. Se acabou. Aqui jaz.

Naturalmente, você é rico, progressista, tem os olhos postos no futuro: não ia fazer uma cidade para pedestres. Aliás, você fabrica automóveis: quem quiser se motorizar é só aparecer por aí.

Mas aí é que seus cálculos falharam. Porque dentro do seu carro o paulista sofre a suprema humilhação: tem de **parar.** Sim, meu velho, não há **slogan** otimista nem tradição desbravadora que o tire de um engarrafamento de trânsito, dêsses que vocês têm aí a granel. No Rio também tem disso, mas carioca não dá bola, êle não é locomotiva nem está salvando o país. Espera, toca buzina com a melodia da **Cidade Maravilhosa** e fica dando o maior concêrto. E, nos fins de semana, você não tem mais remédio senão parar durante cinco, seis, sete horas, esperando a balsa que o leva a Guarujá. Será que você fica todo êsse tempo de motor ligado, para não parar? O **seu** motor, digo, não o do carro. Seu negócio, meu chapa, é fabricar o helicóptero.

Se Guarujá não der pé, você fica se divertindo por aí mesmo. Vamos ver como é que você se diverte. Vou acompanhá-lo nas suas altas cavalarias de sábado a noite.

Possibilidade número um: você convida uns casais amigos e faz uma reunião chatíssima que morre de morte natural antes da meia-noite. Às vêzes, para animá-la, você chama um sapo de outro poço: o artista. Êsse sujeito diferente que dá mais importância a um achado estético do que a vencer na vida.

SEGUE

O grande programa: comer "pizzas" no sábado

Nada de escritores ou pintores, exceto aquêles que, apesar de tudo, venceram na vida, conquistando em boa lei o direito de acesso ao Seu Círculo. Você traz um músico ou um cantor para dar concêrto grátis, porque êle não foi contratado a tanto por hora, mas sim **convidado.** É, vai nessa. Drinque, salgadinho, você oferece. Música vocês ouvem. Mas êle que tente se misturar, participar de igual para igual: Seu Círculo vai lhe dar o maior gêlo.

Acha que estou exagerando, é? Pois olha: não há um carioca que não receba Clementina de Jesus de braços abertos. Nem que seja por esnobismo, porque também é esnobe cultivar a **democracia** — e isso, reconheço, é vício mais nosso que paulista. Mas e a Carolina de Jesus, que é que vocês fizeram com ela? Está outra vez apanhando papel. Se entrou em tua casa foi pela porta dos fundos para entregar a roupa lavada. Guimarães Rosa vocês recebem porque é diplomata e não por ser escritor.

Voltando aos hábitos sociais paulistanos: algum tempo depois, cada um dos **casais amigos** retribui o convite. Em casa. Você ficaria ofendidíssimo se, por razões práticas, êles o levassem ao restaurante. Afinal, você os admitiu na Intimidade da Família, no Recesso do Lar — palavras sagradas para a mentalidade pequeno-burguesa que, no fundo, é a sua. E êles estão pensando que você é o quê, um cafajeste?

Segunda possibilidade para a tua noitada de sábado: você leva a mulher (garanto que você a chama de **patroa)** e os mesmos casais amigos para jantar fora. Instalam-se em ordem, cada marido ao lado de sua respectiva. Cómem (com ó aberto) uma pizzas que, verdade seja dita, são inimitáveis. Cómem umas massas excelentes que até parecem feitas pela **nonna,** aquela grande mulher que deu um duro danado lá na sua aldeia italiana para que seu pai pudesse emigrar à América, meu quatrocentão. Cómem doces árabes. Os churrascos, desculpe a franqueza, não prestam; os do Rio também não. De todos os modos, ante um bom menu paulista, o invariável bife com fritas do carioca morre de humilhação.

Se as patroas insistirem tem esticada. Uma boatezinha, um **show** — ah, mas vai ser boêmio assim lá longe! E você, amigo paulista, prefere não dançar. O pretexto é o fato de ser hipertenso — aliás, não me admira! A verdade é que nessa história de dança começa a haver troca de pares, fica feio protestar mas fica pior ver sua mulher badalando com outro. Família que dança unida permanece unida.

Eu sei, eu sei que vocês têm ótimos teatros, excelentes galerias, grupos musicais de primeira. Isto é, vocês têm dinheiro. Meu amigo, se nós também fôssemos ricos, botávamos a Cacilda Becker no Maracanãzinho para todo o povo ver ela fazendo "Quem tem mêdo de Virgínia Woolf". Não é "vê-la", não, é "ver ela": aquela danada no palco justifica até a subversão gramatical — a mais freqüente e a única que ainda não foi denunciada nesse país.

Vocês financiam a arte mas falam é de negócios. Lêem e decoram todos os balanços de emprêsas que o **Estadão** publica, mesmo que não possuam uma única ação, um só centavo investido nelas. É o tipo da conversa construtiva: com ela vocês acham que estão participando do progresso e da grandeza nacional.

Mas se vocês forem realmente donos das ações, o balanço que vão discutir é outro, a versão para uso interno que não foi publicada. E depois começam as lamúrias: por que os impostos, as reduções creditícias, o torniquete, não podemos sobreviver.

Amigo paulista, você diz que o carioca é gozador, mas reconheça que êle não goza à toa. Está na hora de morár na malícia, meu velho. Você enche a bôca com seu parque industrial, suas fábricas, suas emprêsas. Fala em bilhões e trilhões como se falasse em bananas. Acredita-se piamente uma viga-mestra do progresso, um dínamo a impulsionar o desenvolvimento do país. Você até se comporta meio sôbre o solene, vivendo seu próprio monumento como se já sentisse o pedestal sob os pés; de vez em quando imagina os dizeres da placa: **Êle construiu esta nação.** Acha os escritores uns marginais mas já pensou em contratar um para fazer sua biografia: **O Bandeirante do Século XX.** Enfim, você se considera o tal.

Não se ofenda por eu ter mencionado o Parque Industrial assim de passagem, como se nada fôsse. Juro que êle me inspira o maior respeito. Gosto de ir a São Paulo pela via Dutra e contemplar o impressionante desfile de fábricas e usinas em ambos os lados da estrada. Leio a meia-voz o nome das emprêsas, com a maior unção: sou poliglota, como quase todo brasileiro alfabetizado. Mas o que nós não temos é o culto da máquina pela máquina em si. A gente se preocupa essencialmente de saber o que ela produz, e para quem, e em que condições e com que resultados para a nação e seus habitantes. Você deve conhecer a anedota da fábrica modernissima que trabalhava três turnos por dia fazendo cartazes: "O elevador não funciona". Pois é mais ou menos isso o que eu quero dizer.

Máquina, para o paulista, é fetiche. Bem que eu vejo você parado na rua Martins Fontes, estarrecido, vendo trabalhar as rotativas e dizendo aos garotos com voz de lição de moral: "Olha, meu filho, olha: aqui se imprime o maior jornal do Brasil". Bem que eu vejo você lotar tudo quanto é pavilhão de feira industrial, namorando escavadeiras, tornos, tratores, máquinas de fazer sorvete e fritar pipoca. Isso já é me-ufanismo demais.

Olha, vou fazer-lhe uma proposta. Nós aqui só vamos falar nas nossas praias em têrmos de experiência pessoal: fui, tomei banho, peguei jacaré, gostei; a parte de exaltação fica para a Secretaria de Turismo e os fabricantes de cartão postal. No Carnaval, brinca quem tiver vontade e os outros ficam na moita. Escola de Samba já virou indústria: se você quiser é só vir e encampar — "asumir o contrôle acionário", como você diria. Vamos acabar até com essa esnobação sôbre a beleza da mulher carioca: a gente aprecia mas não precisa fazer onda. Vamos reconhecer que Copacabana é um grande mito folcórico, com suas cabeças-de-porco, sua mistura de turistas, favelados, pleibóis subdesenvolvidos e classe média com pretensões. Tudo isso nós vamos admitir honestamente.

E você, por seu lado, muda o disco do progresso paulista, do Desenvolvimento Paulista, da seriedade paulista, do espírito empreendedor, do pioneirismo, da locomotiva e outras bossas que já estão ficando meio chatas, principalmente, você dá fim nessa mania de não poder parar, se não você acaba mas é no hospício, metido à fôrça numa banheira de água morna e tomando tranqüilizantes para não morrer de tanta trepidação à toa.

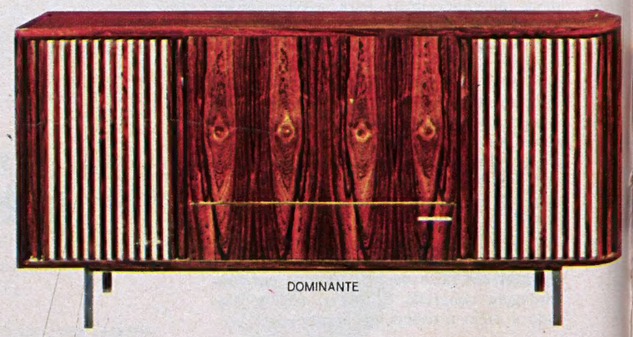
Cada um bota um pouco de boa-vontade, como no casamento. Aliás, todos somos, de certo modo, casados com êsse nosso Brasil. E daí vamos olhar as coisas como elas são e bolar um jeito de fazer juntos algum troço importante **mesmo.** Sério: sem ginga carioca nem rigidez paulista. Um troço que faça vibrar oitenta milhões de brasileiros, dizendo: "Essa foi prá valer". Morou? Topa? Então choque os cinco e desculpe alguma coisa. Sabe como é, né? FIM

A pureza do som é Telefunken
Os modelos são três
A escolha é tôda sua

O Dominante é apenas o mais completo e mais requintado estereofono fabricado no Brasil.

O Mattinata prova que um bom estereofono pode ser compacto, sensato, discreto e motivo de orgulho.

O nôvo Melodia é o estereofono que oferece o meio têrmo perfeito entre o requinte e a discrição.

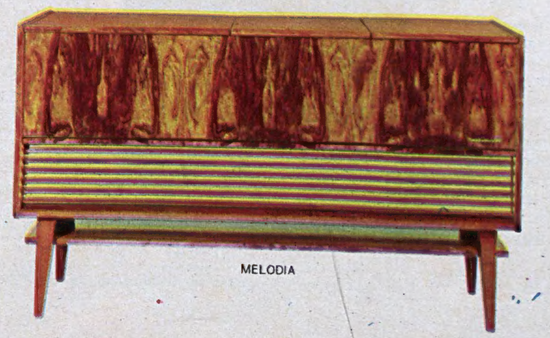


DOMINANTE

Ouça, veja um estereofono **TELEFUNKEN**

Você sente... é outra categoria.

MATTINATA



MELODIA

A IGREJA DEVE INTERVIR NOS PROBLEMAS POLÍTICOS E SOCIAIS DO BRASIL?

SIM Não tenho a menor dúvida em responder afirmativamente, desde que coloquemos essa **intervenção** nos seus devidos têrmos. As relações entre a Igreja e o Estado, em nossa história, já passaram por três fases, na base das próprias leis constitucionais que nos têm regido: a fase da **união,** entre 1824 e 1891; a fase da **separação,** de 1891 a 1934; e a fase da **colaboração,** a partir de então. Eis os textos: Constituição de 1891: "Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o govêrno da União ou dos Estados". Constituições de 1934 e 1946: "É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios... ter relação de aliança ou dependência com qualquer culto ou igreja, sem prejuízo da colaboração recíproca em prol do interêsse coletivo". Como se vê, a partir de 1934, o regime que rege, jurìdicamente, as relações da Igreja com o Estado, entre nós, é o da colaboração. Não há, pois, a menor dúvida de que a Igreja **pode** intervir nos problemas políticos e sociais que estão por sua natureza afetos ao poder público. O problema está em saber se **deve** e **em que** espécie de problemas. Há problemas reservados à soberania exclusiva do Estado, como há os reservados à plena jurisdição da Igreja. Mas há problemas de ordem cultural e social, como os da família, da educação e do trabalho, que representam um terreno misto, em que se deve exercer a **colaboração.** A Igreja, como presença de Cristo na história, tem por missão não apenas a salvação das almas, mas dos corpos, e não pode se omitir nos problemas sociais e políticos que tocam à pessoa humana. Como agora mesmo acabam de concluir os membros do Conselho Episcopal Latino Americano, reunido em Mar del Plata: "Diante de uma realidade que transformou em clamor de tantos irmãos nossos que padecem de fome, que vivem na indigência, sem teto, à margem da cultura comum e diante de uma população crescente e uma juventude, ao mesmo tempo, problema e esperança... a Igreja, consciente de sua missão, quer colaborar, oferecendo-lhe (ao desenvolvimento) a alma e o espírito... Nesta conjuntura a ânsia contemporânea é respondida com uma palavra: desenvolvimento... Porém, na América Latina, o desenvolvimento será impossível sem a integração." Não se trata de diminuir em nada sua função essencialmente religiosa de união dos homens a Deus pela prece e de Deus aos homens pela graça e pelos sacramentos, mas de realizar plenamente sua missão, que não pode separar os **meios** dos **fins.** E, para alcançar os seus fins essencialmente religiosos, não pode desprezar os caminhos da vida política e social, que representam o **meio** em que vivem os homens, e que não pode ser isolado de seu destino sobrenatural. Não há um plano natural e um plano sobrenatural **paralelos.** Há um plano só, total, pois a vida natural é apenas o **começo** da vida sobrenatural. E assim como compete à Igreja zelar pelo destino sobrenatural de cada ser humano, também lhe compete, na tarefa comum com o Estado, zelar pelo seu destino natural.

Alceu Amoroso Lima
Pensador católico

NÃO Presidente da Confederação Católica, inspirar-me-ei na palavra de Cristo e em documentos oficiais da própria Igreja. Ao sentenciar: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" e recusar o papel de juiz numa pendência entre dois herdeiros, delimitou Jesus claramente dois campos de ação: o temporal e o espiritual. Na realidade, a Igreja somos todos nós, os batizados. Todavia, num município unânimemente católico não é a Igreja que elege o prefeito. Agem os eleitores não como eclesianos, mas como cidadãos. Presumo, porém, que a pergunta se refira à Igreja docente, ao **clero** intervindo diretamente nos problemas políticos e sociais do país. Daí a minha resposta negativa. Reivindicamos, os cristãos, a glória de havermos contribuído decisivamente para a extinção da escravatura, para a defesa da criança, para a libertação da mulher, para a dignificação do trabalho e do trabalhador. Estas e outras conquistas, que se devem à influência do pensamento cristão, como, outrossim, o repouso semanal obrigatório, as caixas de pensão e aposentadoria, a fixação de um salário-mínimo, a participação dos trabalhadores nos lucros e na direção das emprêsas etc., decorrem do conceito de dignidade da pessoa humana, e êste dos nossos princípios religiosos. Trairia sua fé o cristão, e portanto a Igreja, se se desinteressasse pelos problemas sociais. Vai, todavia, uma distância bem grande entre êsse interêsse efetivo, entre a criação de determinado clima psicológico através da prédica religiosa e, sobretudo, do exemplo na aplicação dos princípios de justiça social cristã e a intervenção direta nos problemas políticos e sociais, condenada já, categórica e reiteradamente, pelas mais altas autoridades da própria Igreja. "Se pelos têrmos **laicismo estatal** se pretende proclamar a autonomia soberana do Estado em seu domínio de ordem temporal, o direito que lhe cabe de dirigir sòzinho tôda a organização política, judiciária, administrativa, fiscal e militar da sociedade temporal e, de modo geral, tudo o que se prende à técnica política e econômica, declaramos que essa doutrina está plenamente de acôrdo com a doutrina da Igreja. Se por **clericalismo** se entende a intromissão do clero no setor político do Estado, ou ainda a tendência natural a uma sociedade espiritual em se servir dos poderes públicos para satisfazer ao seu instinto de domínio, declaramos a alto e bom som que condenamos o clericalismo como contrário à verdadeira doutrina da Igreja." Não são inimigos do Cristianismo; são os cardeais e arcebispos da França que assim se manifestam oficialmente. Proibiram-se, pois, a si próprios de intervir em problemas para cuja solução se deve ter a necessária "graça de estado" e poder temporal, que também, segundo a Escritura, procede de Deus. Seus detentores, evidentemente, procederão sempre como cristãos, se de fato o forem, sem que, no entanto, se lhes tolha o direito de agir livremente conforme determinem suas luzes e a sua consciência, assumindo perante Deus e os homens inteira responsabilidade pelos atos que praticarem. "A César o que é de César, a Deus o que é de Deus."

Euripedes C. de Menezes
Deputado federal

Resposta à pergunta do leitor Leôncio Gonçalves — Campinas — SP

Homens que vencem em tôda a linha usam

pervinco

VINCO PERMANENTE LEVE — AGRADÁVEL DE VESTIR — AREJADO

Não é coincidência: o homem dinâmico exige um tecido superior. De padrões e côres personalíssimos. Atualizado.

TERGAL® LA

SANTISTA

abacaxi

guaraná

laranja

limão

framboesa

cereja

morango

geluva

Quase na bôca...
Gelatina Royal
8 deliciosos e refrescantes sabores

Produtos Alimentícios F R Fleischmann e Royal Ltda.